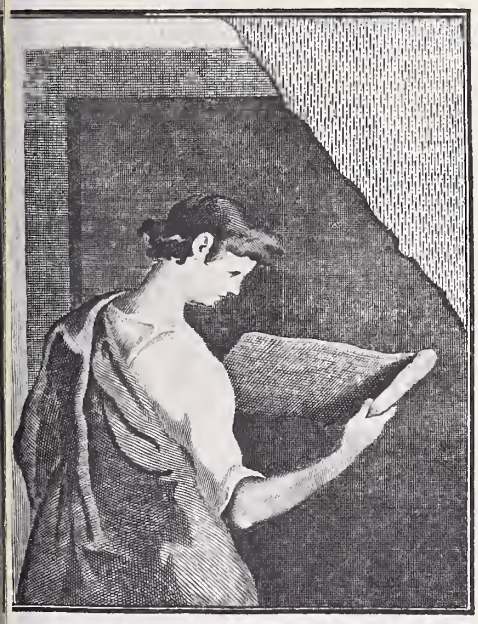
EX BIBLIOTHECA
ANTONIO CAPUCHO



HE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

ARTE

ARCHIVO DE OBRAS D'ARTE

REDACTOR-CHEFE
João Augusto Ribeiro

PROPRIETARIO, DIRECTOR e GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
ATELIERS DE PHOTOGRAVURA

AVENIDA RODRIGUES DE FREITAS, 310 (Antiga R. de S. Lazaro) — PORTO

ARTE

1.° ANNO

Digitized by the Internet Archive
in 2017 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/arte14unse

ARTE

1905

1.º ANNO

ARCHIVO DE OBRAS DE ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE S. LAZARO, 310 – PORTO

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

Summario do Primeiro Anno

N.º 1

Art. — Arte. Soares dos Reis. Convento de Santa Clara. O ensino da photographia.

Grav. — O Desterrado. Mosteiro de Santa Clara do Porto: Altar Mór. Mosteiro de Santa Clara do Porto: Pia da Agua Benta. Mosteiro de Santa Clara do Porto: Portico da Egreja e do Convento.

N.º 2

Art. — *Post Mortem.* O ensino da photographia.

Grav. — Raphael Bordallo Pinheiro. Fac-simile d'uma pagina do «Antonio Maria». Auto-caricatura de 1879 1903. Depois do Banquete de «D. Maria».

N.º 3

Art. — Velasquez. Educação do photographo e a eschola de photographia, A eschola de Vienna.

Grav. — Retrato de Innocencio X. A forja de Vulcano. Paisagem no Rio Cavado.

N.º 4

Art. — Teixeira Lopes.

Grav. — Estatua do general Bento Gonçalves. A caridade. Baixo relêvo para a «Biblia do Coração». Grupo de Leões.

N.º 5

Art. — A quinta exposição de Bellas Artes na Galeria da Misericordia. A arte na eschola. Educação do photographo e a eschola de photographia: Eschola de Vienna.

Grav. — Reviravolta, Caçada Luiz XV. Tarde d'Outomno. Mulher da Povoa de Varzim. Retrato da Ex.ma Snr.a D. Margarida G. Oliveira. Um trecho de Leça do Balio. Interior d'um aido. Effeito da neve. Lavadeiras na levada.

N.º 6

Art. — Ramalho Ortigão: Uma bella lição.

Grav. — Ramalho Ortigão. S. Vicente de Paulo. Aveiro, Convento das Carmelitas, Interior da Egreja. Aveiro, Convento das Carmelitas, Claustro.

N.º 7

Art. — Um grande artista. Aimé Perret e o seu quadro «Baptéme Bressan». Photographia com lentes naturaes.

Grav. — Retrato de J. J. Henner. Fabiola. Baptisado Bressano. Estudando.

N.º 8

Art. — William Bougereau. A capella e o tumulo da Vista Alegre.

Grav. — O Nascimento de Venus. William Bougereau. Tumulo de D. Manoel de Moura Manoel.

N.º 9.

Art. — Em Fóco.

Grav. — João Augusto Ribeiro. Estudo, Sitio da Bateria. Montebello. Redemptio. Que raio de lumes!

N.º 10

Art. — Ao presidente Loubet. Convento de Villar de Frades.

Grav. — Frontaria do Album offerecido ao Presidente Loubet, pela colonia franceza de Lisboa. Porta lateral da Egreja do Mosteiro de Villar de Frades. Paisagem no Rio Cavado.

N.º 11

Art. — Bispo-Conde. Um museu d'arte religiosa. A religião e a arte. 19 de novembro de 1905.

Grav. — D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo-Conde de Arganil, de Coimbra. Sé Velha, Coimbra. Carregosa, Quinta da Costeira, rua da Amargura. Carregosa, Interior do Santuario de N. S. de Lourdes.

N.º 12

Art. — Artistas novos. O natal.

Grav. — José d'Oliveira Ferreira. Uma mulher do povo conduzindo duas creanças cae debilitada pela fome em um banco de Praça Publica. Antonio Alves de Souza. Uma mulher do povo conduzindo duas creanças cae debilitada pela fome em um banco de Praça Publica. A adoração dos pastores. O Dictado.

ARTE

1.º ANNO — N.º 1

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — Janeiro de 1905 — Edição especial — 60 REIS

ARTE

«... a educação artistica, a qual tanto se póde cultivar n'uma escola d'arte, como n'um instituto scientifico, tanto n'uma officina, n'um laboratorio ou n'uma bibliotheca, como no lar domestico, na praça, no jardim ou na rua publica, é a educação que mais convem ministrar a um povo, não para que todos façam arte, mas para que todos se tornem susceptiveis de comprehender e de sentir a expressão artistica.»

RAMALHO ORTIGÃO.

ESTAS e outras palavras do sublime auctor d'«As Farpas» e eminente critico d'arte, proferidas no acto solemne da inauguração do expressivo monumento ao glorioso esculptor do «Desterrado», erecto em Villa Nova de Gaya, calaram de tal modo no nosso animo, que nos levaram a antecipar a publicação d'esta singela revista artistica, que não tem a pretenção de vir preencher a lacuna, que ha muito se sente no nosso meio, d'um orgão perfeito do movimento artistico portuguez — de producção e reproducção — mas sim e principalmente, a de contribuir para o desenvolvimento do culto da arte, entre nós, e de tornar conhecidas dos grandes meios artisticos extrangeiros as nossas obras primas e os nomes dos seus auctores.

A *Arte* não será, porém, exclusivamente, um archivo das melhores obras portuguezas, na Estatuaria, na Pintura, e na Architectura. Reproduzirá tambem, nos mesmos ramos, grandes producções de laureados auctores extrangeiros, que contribúam para o estudo e aperfeiçoamento dos nossos artistas, academicos e amadores.

Porá tambem em evidencia os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos, as maravilhas e aperfeiçoamentos da photographia, da composição e impressão typographica em Portugal, etc.

Iniciamos modestamente esta publicação, a que procuraremos imprimir a belleza e utilidade que idealisamos, o que depende exclusivamente da protecção com que a accolherem aquelles a quem ella principalmente interessa e os que, em geral, amam as coisas d'arte.

O DESTERRADO — Estatua de Soares dos Reis (Photographia e simile-gravura de Marques Abreu)

SOARES DOS REIS

O VERDADEIRO artista exteriorisa a sua personalidade, e assim Soares dos Reis transparece na sua feição genial em toda a sua obra como um apaixonado pelas subtilezas da fórma e do pensamento plasticivel, consciencioso na execução, algo meticulosa, mas plenamente consequente, em virtude sempre d'uma forte concepção.

Que existencia, todavia, a do grande estatuario! Quantos revezes na realisação das suas aspirações artisticas! Bem presentes estão ainda na memoria de todos aquelles que mais de perto o conheceram, os transes por que passou a sua alma amargurada, n'uma lucta com mediocridades protegidas, para conseguir legar-nos obras que sobremodo affirmam uma nacionalidade: não honrando apenas a Arte mas ainda um paiz!

Em vida quasi desconhecido, alheio á faina dos *prôneurs* de que elle rudemente se affastava—porque Soares dos Reis era o modelo da probidade em arte, partindo tacitamente da hypothese de que a eloquencia das obras é a unica origem da perpetuidade dos grandes espiritos.

Viajou; sentiu outros temperamentos... manteve-se porém individual e inconfundivel como um Mestre—porque mestre é, na memoravel phrase de Meissonier, aquelle cujas obras não fazem pensar nas dos outros.

Ha muito consagrado pelos entendidos, chegou, se bem que tardiamente, aos profanos, o momento de reverenciar a memoria do insigne estatuario portuguez, artisticamente e moralmente prototypo de inapreciaveis virtudes.

Extincto tão cêdo, deixou bem patente o seu respeito pelo culto da fórma avigorada pela assimilação d'um moderado e salutar classicismo ao serviço das mais nobres ideias.

J. A. Ribeiro.

MOSTEIRO DE SANTA CLARA DO PORTO—Altar-mór

MOSTEIRO DE SANTA CL

CONVENTO DE SANTA CLARA

VIAJANTE, se tens uma lembrança do passado, dirige-te ao convento de Santa Clara. E' o ultimo do Porto, o ultimo. Verás muros que se derruem, paredes fendidas pelo golpe certeiro e duro da hacha do Tempo — esse lenhador infatigavel da floresta da vida; côr de tristeza, côr de terra téem aquelles lanços da hospitaleira mansão das suaves *claristas;* côr de terra, sim; pois não parece mesmo, em um desalento de abandonado, querer o triste confundir-se com a terra e n'ella amortalhar-se ao morrer? E para que havia elle de alindar-se? Um moribundo não põe carmim nas faces.

Vai morrer esse convento; deixa-l'o ser já uma ruina. Deixa-l'o morrer com o desalinho dos tristes, deixa-l'o; e que finde com essa feição suggestiva de evocações saudosas.

. . . . . .

Dizer-te a historia d'este mosteiro levaria tempo. Comtudo, has-de saber, elle teve sua origem lá no Torrão, mirando as aguas do Douro e do Tamega, em terra fertil e verde, dadiva piedosa de uma dona. Chamôa Gomes era essa dona de piedade. Havia lá uma albergaria para os coitados dos pobresinhos, e uma povoação, um *burgo,* se tal nome podia ter; que não sei se a casa de Dona Chamôa Gomes era torreada. Tudo isso foi considerado *couto,* e doado ás monjas claristas que vieram de Zamora, installadoras. D'ahi a communidade; as abbadessas, umas rainhas quasi, chamavam todos os annos o povo, e este elegia o *bom* que podia ser *juiz;* escolhiam os almotacés; para ellas se appellava nas causas civeis; a ellas pertenciam todas as *coymas* e *portagens.* Mas Affonso III achou muito, e cerceou-lhes as regalias; era costume seu. Viveram lá as freiras até 1427; depois fixaram a communidade no Porto. Haviam-se temido do desamparado do lugar, em uma epoca revolta; tiveram a protecção da rainha D. Philippa, invocada pelo frade Xira, visitador da Ordem; o concelho do Porto aforara-lhes um local para fundarem a nova mansão, em uma encosta ensombrada de carvalheiras,—Carvalhos do Monte; D. João I, com brilhante sequito, em 27 de Março de 1416 lançou os fundamentos da egreja conventual.

E agora é bem occasião de fallar-te da egreja; desce ao pateo, vê-o,—lages deixando entre si tufos de hervas, um tanque com obelisco, de pedra, sem agua já, na quadra algumas portas—dão para grades de locutorio,—á direita a *porta regral,* de columnas salomonicas; defronte a entrada do templo. Repara; esbelto portico. Téem belleza esses lavores, sim; aquella janellita, ao lado, captiva, parece olhar-nos, com um olhar de ogiva, longo, que vem de seculos; mas o que impressiona mais é a *alma* d'esse portico, a tradição que o anima. A pedra dos seus fundamentos, á direita, foi aqui posta por D. João I—que bizarro *mesteiral!*—a da esquerda, tocou-a com suas mãos um menino, um infante, D. Fernando, o martyr de Tanger, o Santo. Que melhor arco de triumpho que este portico? Abre-o discretamente, e entra. E' grave, é solemne, o aspecto do templo. Revestiu-o de talha o século XVII; talha preciosa, columnas, volutas, raphaelas, frisos; tudo a ouro, tudo. E' já fosco, empanou-o o bafo amortecedor do tempo; mas assim é ainda mais apropriado ao recinto de uma adoração que se estingue. A' entrada a pia da

agua benta é curiosa, lavrou-a o artista como se fôra um calix de ouro, da epoca; no altar-mór Vieira Portuense pintou, em painel, Santa Clara detendo no impio accommettimento de Assis os soldados de Frederico II, o Imperador,—tomando, dizem, para modelo da irmã espiritual de S. Francisco, uma freira do convento, soror Dula; alli no derradeiro altar, ao fundo, em esquife, uma imagem de Christo morto reclina-se; é primorosa, e tanto — diz a lenda — que o esculptor ao termina-l'a ouviu uma voz do ceu elogiar-lhe a obra. Repara tambem, como as grades voltadas a egreja, tão estreitas, tão discretas são, e como as do côro de baixo, grossos varões de ferro, eriçados de picos,—ninguem se approxime—symbolisam os espinhos que a professanda teria a vencer para passar do bulicio do mundo á placidez do claustro. E agora, n'este meio religioso, povoada a mente dos phantasmas de tanta existencia aqui extincta, n'este silencio de isolamento, interrompido acaso, apenas, pelo gorgeiar dos passaros lá fóra na cerca, na communidade das arvores sempre vestidas pela primavera com novos habitos de folhagem, se és delicado de sentimento, aqui has-de sentir o goso do tranquillo e o espinho da saudade.

Alfredo Alves.

TO—Pia de agua-benta

MOSTEIRO DE SANTA CLARA DO PORTO—Porticos da Egreja e do Convento

O ENSINO DA PHOTOGRAPHIA

A QUESTÃO do ensino da photographia, preoccupa hoje, sobretudo no estrangeiro, muitos individuos, que vêem n'ella, não um officio ou um passa-tempo agradavel, mas um methodo scientifico do mais alto interesse. Ouvimos todos os dias e em toda a parte fallar de photographia e d'arte, quando é preciso esquecer esta questão mesquinha de rivalidade entre os photographos e os pintores ou desenhadores. A pintura, o desenho e a photographia são egualmente susceptiveis de dar resultados artisticos interessantissimos, ainda que muito differentes. O fim artistico que a photographia póde ter em vista não bastaria para realçar-lhe toda a utilidade; é preciso considerar o seu valor documental e as suas applicações scientificas ou industriaes.

O publico vulgar não comprehende d'ordinario o que é realmente a photographia. Este termo evoca ao seu espirito o photographo retrogrado d'outr'ora, ou o rapido «presseur de bouton». Não é assim que se deve conceber este processo. Primeiro que tudo, a photographia é uma sciencia, no sentido rigoroso da palavra, composta de mathematicas, de physica e de chimica: é, pois, a idêa de reproducção exacta dos objectos, de precisão, que deve evocar em nós esta palavra. E' um erro crer que se póde fazer photographia scientifica com facilidade; para attingir este fim, é indispensavel ser-se instruido, ter cultivado as sciencias, conhecer: a geometria, a algebra, a trigonometria, a physica e a chimica. Só n'estas condições, o que não é permittido a todos, se póde operar com uma precisão rigorosamente mathematica. Aliás, poderemos visar á Arte, á reproducção documental, sem todavia obter uma exactidão rigorosa, ainda que sufficiente na pratica corrente.

Nada admira pensar que a photographia não é senão uma das divisões da physica e da chimica, que está em contacto com a optica, que constitue uma sciencia, da qual, uma parte, exclusivamente mathematica, póde ser calculada e determinada antes da operação.

* * *

Tal methodo de reproducção dos objectos, d'uma precisão tão mathematica e quasi instantanea, como se sabe, não podia, evidentemente, ficar sem utilisação pratica, industrial. No momento em que a França lucta com a maior concorrencia do estrangeiro, onde se criam industrias todos os dias, seria um grande erro desconhecer o alto interesse, o grande alcance que podia ter o ensino da photographia. As suas applicações praticas, scientificas, ou industriaes, estão apenas no seu meio, e ellas são tão numerosas, que seriam precisos muitos volumes para as conter! Devemos comtudo pensar que ha vinte annos apenas que este processo se tornou pratico, que se encarou a serio e que se descobriu e comprehendeu a sua utilidade.

Graças á iniciativa particular dos fabricantes, dos sabios, dos amadores, que procuraram, cada um no seu campo e com o seu fim especial, aperfeiçoar esta sciencia, chegou-se a construir alguns instrumentos que são maravilhas de precisão e de mecanica.

A photographia póde ser a origem de numerosas industrias novas, graças ás suas innumeras applicações, e por este lado ha, com cer-

teza uma verdadeira mina por explorar. A utilidade para os engenheiros, os chimicos, os proprios industriaes, de conhecerem minuciosamente os methodos photographicos é tal, que me parece absolutameute inutil insistir no assumpto.

Ainda não me occupei senão das applicações da photographia á industria; mas, como são numerosas as suas applicações á sciencia, e principalmente á astronomia, á engenheria, á medicina, etc... As maravilhosas descobertas, ainda recentes, que se lhe devem, estão bem no espirito de todos, para que seja preciso lembral-as.

Mesmo sob o ponto de vista artistico, exclusivamente, seria interessante preoccuparmo-nos com a photographia, que muitas vezes eguala o desenho e a pintura, comquanto em nada se lhe possam comparar. Os parisienses que visitam todos os annos o «salon» do Photo-Club, têm tido o ensejo de verificar os resultados artisticos a que se tem podido chegar pela photographia.

A sciencia photographica, como a electricidade, reservanos surprezas agradaveis, e, sem fallar da photographia das côres, cuja descoberta tão anciosamente se procura, vimos ultimamente, com muito interesse, a da photographia atravez dos corpos opacos, a da palavra humana, do som, etc.

(Conclue no proximo numero)

J. A. RIBEIRO

O illustre pintor e professor de desenho do Instituto Industrial do Porto, Snr. João Augusto Ribeiro, é considerado, no nosso meio artistico, como um critico sincero e consciencioso.

A *Arte* orgulha-se com a collaboração assidua do illustre professor.

ABEL CARDOSO

O illustre pintor Snr. Abel Cardoso, acaba de ser nomeado professor de desenho da Escola Industrial Francisco de Hollanda, em Guimarães, terra da sua naturalidade.

A *Arte* congratula-se por tão justa e acertada nomeação. As superiores qualidades artisticas e o diamantino caracter do Snr. Abel Cardoso, inspiraram aos seus amigos e admiradores a ideia de lhe offerecer um banquete de homenagem, no qual o distincto artista foi alvo das mais elevadas manifestações de apreço e estima.

Ao illustre pintor, nosso presado amigo, os nossos sinceros parabens pela sua nomeação.

JULIO VAZ

Este laureado artista, que, no anno findo, concluiu o seu curso de esculptura na Academia de Bellas-Artes, do Porto, foi nomeado professor de desenho da Escola Industrial Bernardino Machado, na Figueira da Foz. Julio Vaz é um bello temperamento artistico, que tem produzido obras muito apreciaveis e um amigo dedicadissimo.

Os seus intimos, offereceram-lhe, na vespera da sua despedida, uma ceia, á qual tivemos o prazer de assistir, e durante algumas horas de bello convivio, a conversação versou sempre sobre assumptos d'arte, altamente interessantes.

A's estações de S. Bento e de Campanhã foram muitas pessoas despedir-se do distincto esculptor, que seguiu em companhia do Snr. dr. Bernardino Machado.

JOSÉ PEREIRA DIAS

O nosso distincto amigo Snr. José Pereira Dias, artista de grande valor, por todos sobejamente conhecido, foi transferido da escola Industrial de Guimarães, para a de Coimbra. Felicitamo-lo pela sua transferencia que o avisinhou mais de Leiria, terra da sua naturalidade, onde tem a sua familia.

POSTAES FABRI

Ainda não appareceu entre nós collecção de bilhetes-postaes tão perfeitamente orientada e de plano tão completo, como a collecção *Fabri*, que adquiriu fóros de verdadeira revista d'arte e que o publico intelligente acolheu carinhosamente, a ponto de terem sido reeditados muitos dos assumptos publicados, contando alguns d'elles quatro edições.

Os 15 bilhetes postaes já publicados da collecção *Fabri*, que temos á vista, são todos d'um alto valor estimativo, sob os pontos de vista artistico e educativo.

O programma d'esta distinctissima collecção, que se distribue nos locaes onde estes bilhetes estão á venda, dá-nos bem a medida da competencia do seu auctor.

Com effeito, quem elaborou um programma de tal orientação e tão completo, revela qualidades de intelligencia e competencia artistica de que é dado esperar verdadeiras maravilhas, novidades e coisas imprevistas mesmo, no seguimento de tão interessante publicação.

Aconselhando aos nossos leitores a collecção *Fabri*, contribuimos para o desenvolvimento de gosto pela arte em Portugal.

Felicitamos o Snr. Francisco Arthur de Brito pelo seu bello e educativo emprehendimento e pelo exito extraordinario que a sua collecção tão justamente e em tão pouco tempo alcançou, pois, em Portugal, é a collecção *Fabri* a que hoje tem, e com justa causa, maior circulação.

ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	360 reis
Avulso	30 „

EDIÇÃO ESPECIAL
EM CARTÃO COUCHÉ

Anno	720 réis
Avulso	60 „

O minimo praso d'assignatura é por um anno

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 20 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte litographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

GUIA DO FORASTEIRO NO PORTO E provincia do Minho. Illustrado com photogravuras dos principaes monumentos da cidade e collaborado pelos mais distinctos escriptores.

Um volume de 480 paginas, 700 reis.

Requisições á Empreza Litteraria e Typographica, R. de D. Pedro 134. Porto.

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILEGRAVURA, DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310—PORTO.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA — PORTO

ARTE

1.º ANNO — N.º 2

DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

PORTO — Fevereiro de 1905

Edição especial 60 REIS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Cliché do distincto photographo Guedes d'Oliveira

Simili-gravura de Marques Abreu

O ANTONIO MARIA

EM PARIS—ESPINHOS E ROSAS

Pour boire (traducção livre: — gorgeta.)

Fac simile d'uma pagina do "Antonio Maria"

POST MORTEM

Todos os dias, quasi que a cada instante, ora de sorrate, ora de chofre, sem nunca se cansar, vai a morte empurrando para o tumulo, e parece que de preferencia aos máos e aos inuteis, aquelles que privilegiados pela natureza concentram em si como que toda a vida psychica d'uma sociedade ou d'uma epocha.

Se ao menos para attenuar a dôr que a sua perda nos causa, ficassem ou viessem outros para continuar a sua obra de paz e d'amor, de bem e de luz, de belleza e de harmonia; se com o desapparecimento de taes vultos não se rarefizesse na alma d'um povo a sua atmosphera intellectual e vitalisante, ainda uma consolação nos restava.

Mas, quem como Anthero, o poeta-philosopho, comporá agora tão dolentos sonetos?

Quem como João de Deus, esse terno amiguinho das creanças, nos dará versos mais lyricos?

Virá um moderno Camillo com a mesma fecundidade e a mesma pureza de linguagem?

Difficil será brilhar novamente no Olympo das lettras um genio como o do auctor do *Mandarim*.

Da cathedra de lente não preleccionará com mais eloquencia nem com mais auctoridade um vindoiro Souza Martins.

Já bastavam esses grandes espiritos para deixar um enorme vazio, mas muitos outros, não menos illustres, teem desapparecido da scena do mundo, nestes ultimos vinte annos.

E o necrologio não finda aqui.

A's dôres d'alma que de continuo nos acabrunham o espirito, ás saudades que perennemente nos ennublam o coração, mais uma d'essas mágoas e mais uma outra d'essas delicias que doem, nos surprehenderam agora com o passamento do admiravel e extraordinario artista—Raphael Bordallo Pinheiro.

*
* *

Entrando no tumulo, Raphael Bordallo entrou na gloria, não porque á humanidade relevantes serviços tivesse prestado para que o possamos alar aos pincaros d'uma eterna fama; não porque ás sciencias tivesse dado maior impulso ou ás lettras maior brilho para que mereça universal consagração.

Não sendo um d'esses semideuses do bem, do bello e da verdade, foi Bordallo de certo um archanjo destemido que golpes terriveis vibrou nos homens e nos factos da nossa politica contemporanea.

Se com o gladio da ironia arranhou muitas consciencias, numerosas celebridades acaçapou com a moca do ridiculo e muita gente fez rir com as suas caricaturas.

Quem não se riu deante das troças grotescas e heteroclitas do *Antonio Maria* e dos *Pontos nos ii*, em que se veem ir e vir, marchar e mover-se todos os figurantes da nossa comedia constitucional: o Fontes de cavaquinho e o Avila de *cache-nez*, os barbeiros do Lopo Vaz e a longa theoria dos Basorrinhos, o pequenino Barão de Zezere e o marselhasopho Arrobas, uma galeria immensa de typos cujo desenho caricatural diz mais muitas vezes de que os commentarios d'um volume?

O genero de Bordallo Pinheiro foi pois a caricatura politica. Da psychologica, em que só Gavarni foi eximio, deixou Bordallo o *Zé Povinho* e a *Maria Rita*.

N'aquelle retrata-se perfeitamente o feitio ethologico do rude plebeu, forte apenas de membros e cara de boa pessoa, que tudo soffre desde a albarda á lei das rolhas, com tanto que haja viola e vinho para pandegar.

A *Maria Rita* é o cliché psychologico da mulher do Zé.

Com aquelle seu lenço na cabeça, alvo e engommado, a emmoldurar-lhe o rosto, e com aquelle seu capote redondo a cobrir-lhe o busto e as saias, a *Maria Rita* dá de perfil a ideia de uma d'essas boias de amarração sobre a qual se tivesse posto, á guisa de signal bonançoso, branco camaroeiro.

Assim encapotada tem

Auto-caricatura de 1879 e 1903, depois do banquete de "D. Maria"

ao mesmo tempo ares de matronaça e de bisbilhoteira; dir-se-ha que se encaminha ou para algum sermão ou para casa d'alguma mulher de *virtude*, que lhe benze a camisa do marido e lhe vaticina rica herança d'um tio do Brazil.

*
* *

Bordallo era primoroso, genial na concepção.

A ideia nelle tinha muito mais valor que o traço.

Sobrelevava ás suas caricaturas o commentario condimentado de tanto sal e tanto espirito que maior intensidade comica dava ás figuras.

A sua obra caricatural, que foi como as *Farpas* uma outra pilha de fina galhofa e boa graça, e como ellas notavel influencia exerceu no nosso meio ignaro e remisso, é a historia burlesca d'uma epocha em que as leis se sophismam e os caracteres se corrompem, ficção o suffragio, farrapo a carta constitucional.

Essa obra, a primeira e unica no genero, no nosso paiz, ha de ser para futuros historiadores abundante manancial de subsidios para melhor caracterisar os homens e os factos, reduzindo uns e outros ás suas verdadeiras proporções, porque, escrevera Sainte-Beuve, os artistas como Grandville, Daumier, Gavarni e Bordallo são mais que caricaturistas, são pintores de costumes.

Como taes, o successo das suas pinturas dependeu as mais das vezes do *glacis* de riso que as velava.

Nessa veladura alegre, nessa coisa alada que é o riso, é que estava o segredo da sua arte.

Em Portugal, ninguem como Bordallo Pinheiro cultivou com mais originalidade essa arte do riso; ninguem melhor do que elle justificou entre nós o dito de Rabelais — o riso é bom.

Bordallo talvez tivesse nascido a rir-se porque a rir se finou, e o seu ultimo riso foi a sua ultima caricatura.

Dizia Garrett: foram-se os frades e vieram os barões; antes ficassem os primeiros porque ao menos davam tom á paysagem.

Assim tambem, melhor fôra que se tivessem ido os caricaturados e ficasse o caricaturista para com o seu lapis ironico continuar desinfectando este jardim da Europa, tão devastado hoje pelas larvas da mediocridade insolente.

Luiz Lobo.

O ENSINO DA PHOTOGRAPHIA

A PHOTOGRAPHIA tem sido muito vulgarisada estes ultimos annos; toda a gente, seja qual fôr a condição a que pertença, lhe conhece as primeiras noções, pelo menos.

E' para surprehender, que, no momento em que o governo se occupa e com toda a razão, com tanto ardor, com tenacidade mesmo, das questões d'ensino, haja um desinteresse tão completo pelo ensino da photographia.

Parece, que, quando mais não fosse, se poderiam organisar cursos, com o apoio não sómente moral, mas ainda material e pecuniario do governo.

Não existe actualmente em França nenhum curso official de photographia; alguns membros de sociedades photographicas, professores da Universidade, engenheiros, chimicos, têm notado esta lacuna, e não têm tomado a iniciativa de crear cursos publicos.

Ha, com effeito, um certo numero de sociedades photographicas, umas com o fim de ajudar os amadores no seu passatempo favorito, outras, mais interessantes, sociedades d'estudos, que não contam senão homens muito competentes, mesmo eminentes, por vezes, que procuram aperfeiçoar, nos seus diversos ramos, a sciencia photographica.

Por outro lado, já que hoje quasi que unanimemente se reconhece o interesse, a utilidade da photographia, em razão das suas applicações scientificas, industriaes e artisticas; já que diariamente se diz que—«todo o mundo é photographo», —porque motivo se não criam nos lyceus e collegios cursos de photographia theorica e pratica? Como já disse, a photographia é uma *sciencia* composta de mathematicas, physica e chimica, tudo coisas que se ensinam nos estabelecimentos universitarios. Tal ensino poderia ter, para o futuro, um real interesse para aquelles que se destinam ás sciencias ou á industria. Um tal curso não constituiria, a final, senão uma applicação das mathematicas, da physica e da chimica; e não seria, parece-me, senão debaixo d'este ponto de vista que a questão valeria já a pena ser estudada.

Além d'isso, hoje, os engenheiros, chimicos, industriaes, não conhecem nos seus detalhes os methodos photographicos, de que não têm, na maior parte, senão muito vagas noções;

JARRA BEETHOVEN
Esculptura de Raphael Bordallo Pinheiro

não podem, portanto, extender as suas applicações aos seus trabalhos scientificos ou ás suas industrias.

Podemos notar que as descobertas photographicas, os aperfeiçoamentos, não vêm do nosso paiz, mas das nações extrangeiras, que animam os sabios nas suas pesquizas e auxiliam o desenvolvimento do ensino da photographia.

Se o governo francez se desinteressa d'esta questão, outro tanto não succede nos outros paizes, que fundaram cursos theoricos e praticos e mesmo escolas de photographia, como nos Estados-Unidos, na Inglaterra, na Allemanha e na Austria. N'este ultimo paiz existe mesmo uma escola imperial d'uma concepção admiravel e cujo ensino, d'um grande alcance, comprehende diversas secções destinadas aos engenheiros, chimicos, sabios ou industriaes que se dedicam aos processos photo-mechanicos.

Entre as grandes industrias a que deu logar a photographia, podemos citar as impressões photo-mechanicas a tintas gordas (phototypia, simili-gravura). A illustração das obras pela photographia é hoje quasi unica, pois até destronou a gravura, o que é talvez lamentavel sob certos pontos de vista; para as obras litterarias, por exemplo, a photographia não idealisa e os personagens são muitas vezes mal escolhidos. Mas em compensação, para as obras scientificas, que admiravel precisão! Não são já os croquis mais ou menos exactos, de que se podia duvidar; hoje, temos deante de nós um documento cujo valor é egual ao original.

Desconhecendo o interesse da photographia, a sua utilidade incontestavel, o auxilio efficaz que ella presta ao sabio e ao industrial, a fonte de industria que ella póde crear para o paiz, tornar-nos-hemos fatalmente tributarios do extrangeiro, por tudo o que com ella se relaciona.

(Da Revista «Le Photogramme».

Charles Bailly.

Nota da Redacção: Reproduzimos na integra, este artigo, traduzido do francez, por julgarmos as theorias e conselhos n'elle expendidos absolutamente approveitaveis e adaptaveis ao nosso meio escolar.

A ARTE é o orgão da mentalidade humana que tem por funcção exprimir os mais altos sentimentos da especie irreductiveis a outra fórma de argumento, e transmittil-os de geração em geração e de individuo para individuo, sugerindo a contiguidade de sentimentos analogos, e creando assim na athmosphera das almas a corrente ininterrupta, viva e palpitante da sympathia.

Ramalho Ortigão.

CONTOS DAS CREANÇAS

O novo livro intitulado «Contos das Creanças» é uma adoravel producção da ex.ma snr.a D. Maria Pinto Figueirinhas e um valioso incentivo para as creanças se desenvolverem, com interesse, na leitura.

Este trabalho, admiravelmente elaborado, foi objecto de muito apreço por parte dos snrs. Ferreira & Oliveira, editores, que logo se propuzeram edital-o, profusamente illustrado de explendidos desenhos do distincto artista snr. Guedes, que interpretou fielmente a obra da ex.ma snr.a D. Maria Pinto Figueirinhas, ficando esta intelligente senhora maravilhada pela fórma como os seus contos foram illustrados.

E, para que até final a obra resultasse irreprehensivel, foi ella impressa na Typographia Universal, d'esta cidade, que tem por director technico o snr. Castro, um artista distinctissimo, que dispensou todo o cuidado na execução d'este trabalho, cuja impressão é, na verdade, esmeradissima.

Os snrs. Ferreira & Oliveira podem orgulhar-se da sua edição, que está destinada a um largo successo, pela fórma artistica e moderna porque se apresenta.

EXPEDIENTE

TENDO-SE exgotado rapidamente a edição especial, em cartão *couché*, do nosso 1.º numero, estamos preparando 2.ª edição, nas mesmas condições materiaes, para o remettermos a todas as pessoas que assim nol'o requisitaram.

Agradecemos á illustrada Imprensa periodica do paiz o seu lisongeiro accolhimento á nossa Revista, e egual gratidão tributamos a todos os amigos que se dignaram enviar-nos listas d'assignaturas.

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

		EDIÇÃO ESPECIAL EM CARTÃO COUCHÉ	
Anno	360 reis	Anno	720 réis
Avulso	30 „	Avulso	60 „

Para as provincias accresce o porte do correio
O minimo praso d'assignatura é por um anno

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 20 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.a Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

60$000 réis mensaes todos pódem ganhal-os vendendo uma novidade formosissima e artistica. Escrever immediatamente a Pennellypes. C. Milano. (Italia).

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILI-GRAVURA, DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310—PORTO.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.° ANNO N.° 3

DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

PORTO — Março de 1905

Edição especial 60 REIS

RETRATO DE INNOCENCIO X — Por Velasquez

Simili-gravura de Marques Abreu

VELASQUEZ

A *Arte* tem hoje a honra de reproduzir dous quadros do grande pintor hespanhol: a *Forja de Vulcano* e o *retrato de Innocencio X*.

Decorrem os seculos—porque Diogo Velasquez da Silva nasceu em 1599—e a sua obra immorredoura, longe de envelhecer, rejuvenesce perpetuamente sendo objecto de culto e admiração de successivas gerações de artistas de todos os paizes, tendo concorrido poderosamente para a formação de pintores d'alto renome como, por exemplo, o genial Goya e modernamente Henri Regnault, Bonnat, Carolus Duran, Paul Laurens, Lembach, etc.

Verdadeiro discipulo da Natureza, como elle proprio affirmava—embora iniciasse a sua educação sob os auspicios do intractavel e feroz Herrera—estudou-a meticulosamente, minuciosamente em todos os seus aspectos, attingindo por esta fórma a verdade que tanto transparece nas suas obras e que fazem d'elle o maior dos pintores realistas.

Sem descurar a psychologia dos motivos, Velasquez deu vulto e cor justa aos corpos, como é frisante exemplo o famoso quadro *Las Niñas,* obra prima que o Muzeu do Prado guarda religiosamente.

Ao favor de Fillipe IV, rei artista, deveu o grande pintor o seu desenvolvimento e a sua fecundidade após a execução do retrato do monarcha a cavallo, exposto na rua principal de Madrid onde recebeu o applauso do publico intensamente impressionado pela rigorosa similhança. Para um tal exito concorreu muito a protecção do Conde Duque de Olivares que o nosso artista tambem immortalisou n'uma soberba tela.

Visitou Veneza onde estudou Ticiano, Veronez e Tintoreto; passando a Roma copiou no Vaticano uma grande parte do *Juizo Final* de Miguel Angelo e da *Escola de Athenas* de Raphael. Em Napoles visitou tambem o seu illustre compatriota Ribera.

Voltou a Madrid trazendo comsigo, como prova de aproveitamento, dous quadros magistraes sendo um d'elles o que hoje reproduzimos a *Forja de Vulcano*.

Esta ultima obra representa o deus ferreiro no exercicio da sua afanosa profissão, auxiliado pelos seus cyclopes, surprehendendo-o Apollo que, praticando o triste mister de delator, lhe vinha annunciar as infidelidades da respectiva consorte.

Scena humoristica dextramente executada. A figura do primeiro plano, um dos cyclopes, um tanto voltada, é uma magnifica academia d'um correctissimo desenho e d'uma cor eminentemente sobria, qualidade esta que muito distingue o prestigioso artista que com poucas tintas, talvez ocre, vermelho e negro, sómente, conseguiu traduzir todas as *nuances* de tons variadissimos que a natureza nos apresenta; raro condão este que só a contemplação da sua obra no-lo demonstra com exuberancia. Velasquez foi certamente, levado ao desempenho d'este trabalho pela suggestão d'uma scena real que o acaso lhe deparou em qualquer viagem.

A'cerca do *retrato de Innocencio X*, que se guarda no palacio Doria, em Roma, muito se tem dito e escripto. H. Taine considera-o uma verdadeira maravilha pela execução e evidencia psychologica d'um imbecil chegado á culminancia na hierarchia ecclesiastica.

Em conclusão:

Sem convenções de escola nem idealismo de seita, Velasquez subjectivou, com uma potente virtuosidade de pintor, tudo aquillo que a Natureza, unica fonte de inspiração, lhe offereceu de pittoresco e de profundamente caracterisco.

J. A. Ribeiro.

EDUCAÇÃO DO PHOTOGRAPHO

E A ESCHOLA DE PHOTOGRAPHIA

A ESCHOLA DE VIENNA

São magnificos os progressos realisados pela sciencia photographica n'estes ultimos annos.

Diariamente registram-se importantes descobertas com novas applicações á sciencia ou á industria. Os novos apparelhos, d'uma tão perfeita construcção, constituem, em ponto pequeno, verdadeiras maravilhas de precisão.

As objectivas apresentam-se successivamente mais luminosas e não virá longe o dia em que appareçam com a perfeição theorica. Os obturadores permittem velocidades notaveis, graças ao que é facil surprehender a poucos metros de distancia moveis animados d'um movimento muito superior a trinta metros por segundo. A semsibilidade das placas é hoje surprehendente. Que queremos mais? A photographia das cores, dirão. Pois bem, para lá caminhamos.

Os maravilhosos resultados orthochromaticos, obtidos com placas sensibilisadas pelo pinachromio ou orthochromio, incitam-nos a proseguir. Brevemente, talvez, devido á eliminação do ultra-violeta, do violeta, do violeta-extremo e do azul-violeta, e ao augmento de sensibilidade para as zonas E D e E do espectro, obteremos a sensibilidade ideal das cores, isto é, a placa dará as imagens coloridas com a maior naturalidade, como o faria um espelho.

Quanto á Arte, longe de estar banida da photographia, tende a progredir, em virtude dos processos modernos.

Ha muitos photographos que executam retratos primorosos, verdadeiramente artisticos. Não se poderá ir mais longe, será o maximo de perfeição? Supponho que não. O que falta actualmente a muitos profissionaes é a educação scientifica e artistica.

Ninguem se improvisa photographo como geralmente se pretende.

Quem se dedica á pintura, precisa de estudar a theoria, a technica operatoria e as obras dos grandes mestres; quem se dedica á photographia, para executar bellos retratos, em poses verdadeiramente artisticas, precisa de ter presentes no espirito, as poses e os jogos de luz que realisaram outr'ora na pintura, effeitos tão surprehendentes de vida.

Como praticar o claro-escuro não conhecendo a fundo as obras tão delicadas e impressionantes de Rembrandt!?

A uns faltam-lhes conhecimentos, não direi praticos, mas sim de sciencia photographica e servem-se ainda dos mesmos processos de que se fazia uso ha vinte annos, alheios á revolução completa operada n'esta sciencia desde a memoravel epocha que marca no atelier do photographo a introducção da placa ultra-rapida, e sobretudo da orthochromatica; a outros faltam-lhes os mais elementares conhecimentos dos principios e da historia da Arte,—terão, quando muito, folheado no decurso da sua existencia, alguma obra reproduzindo os quadros dos grandes mestres.

E' verdade que actualmente o bilhete postal illustrado nos apresenta copias das obras primas dos principaes museus.

Se é uma pintura, o que mais nos importa comprehender, são os contrastes de sombra e luz, e principalmente a pose, e a attitude, sendo um retrato.

Ha escholas de photographia nos Estados Unidos, na Suissa, na Austria, etc., e talvez bem cedo no... Japão; porque n'este paiz, que assimilla tão facilmente a civilisação europea, a photographia está muito em voga, varias sociedades a cultivam com esmero e altos funccionarios japonezes, amadores distinctos, possuem explendidos laboratorios providos do que ha de melhor e mais moderno.

N'este ramo de sciencia, o paiz do Sol Levante, a continuar assim, passará adiante d'outras nações que se prezam de ter a primazia em tudo: sciencias, artes, aperfeiçoamentos e descobertas.

Em Munich, ha uma eschola destinada ao estudo d'esta profissão, onde se adquire conhecimentos mais recentes e mais precisos do que os adquiridos pela aprendizagem n'uma officina; mas é pouco, porque ahi não se trata da verdadeira educação artistica, e a não ser que haja uma verdadeira vocação, não se passa da mediocridade.

Em Paris frequentando-se os cursos publicos gratuitos da Eschola do Louvre (secção de pintura) adquirem-se conhecimentos muito uteis para a photographia, ahi estudam-se as obras primas dos mestres, analysam-se e criticam-se; aprende-se o que é a Arte verdadeira, e quem concluir estes importantes estudos adquire uma solida educação que lhe permitte dar á suas ideias antiquadas, falsas ou vacillantes, um cunho actual de precisão e rigor.

(Continua).

A FORJA DE VULCANO — Por Velasquez

Simili-gravura de Marques Abreu

Paisagem no Rio Cavado — *Photographia e Simili-gravura de Marques Abreu*

ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	*360 reis*
Avulso	*30 „*

EDIÇÃO ESPECIAL
EM CARTÃO COUCHÉ

Anno	*720 réis*
Avulso	*60 „*

Para as provincias accresce o porte do correio
O minimo praso d'assignatnra é por um anno

POSTAES

MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 20 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.a Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPH CO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

60$000 réis mensaes todos pódem ganhal-os vendendo uma novidade formosissima e artistica. Escrever immediatamente a Pennellypes. C. Milano. (Italia).

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.º ANNO — N.º 4

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — Abril de 1905 — Edição especial 60 REIS

ESTATUA DO GENERAL BENTO GONÇALVES, de Teixeira Lopes
Fragmento do monumento que se hade levantar na Praça Tamandaré (Rio grande do Sul)

Simili-gravura de Marques Abreu

A CARIDADE, de Teixeira Lopes — Grupo em marmore, no Cemiterio d'Agramonte

Simili-gravura de Marques Abreu

TEIXE'RA LOPES

(Breves notas sobre a sua arte)

HA em toda a arte uma condição material que, devendo apparentemente ser a ultima, é imprescindivel.

A capacidade de lidar com a materia, tornando-a obediente e docil ao nosso capricho, para revestir a forma que a phantasia appetecer; a destreza no apropriar das cousas, uma aptidão a modelar as rochas, aproximar as côres, as linhas e os sons, são para muitos signal unicamente de sensualidade, que pela propria natureza induz ao culto da materia pura, mas afinal constituem o poder de traduzir com facilidade e eloquencia as mais elevadas emoções da nossa alma.

Póde a presumpção d'altos talentos sorrir desdenhosamente a essas virtudes. Sem embargo, serão essenciaes nos artistas, emquanto o pensamento não lograr transmittir-se, por fluidos impalpaveis, a um mundo ethereo. Emquanto a sensação fôr vehiculo do sentimento, essa preponderancia da materia na arte ha-de subsistir.

Direi mais: é a primeira que o vulgo aprecia, áliás com um instincto seguro. A faculdade de reproducção é a primeira a ser admirada, muito antes de ser comprehendido o genio creador.

Ponhamos deante d'um quadro ou d'uma estatua um homem rude, estranho a toda a preoccupação artistica. Ha-de sentir a obra d'arte sómente n'aquella parte em que ella renova os objectos, ha-de extasiar-se pelas semelhanças que lhe achar com a realidade. Para el'e, o retrato será bom «se estiver parecido»; a esculptura captival-o-á, se lhe mostrar o animal com a redondeza e flexibilidade de musculos que observou nos seres vivos.

Quando appareceu em Coimbra a *Rainha Santa*, de Teixeira Lopes, houve um momento de surpreza em quantos a viram. A multidão applaudiu, enlevada. Não quiz saber se era de bacante ou de santa a imagem que ia no andor; viu que era uma figura de mulher, tão real e viva e linda como as melhores que havia conhecido, e applaudiu.

Fazia acto de justiça. Consagrava um dos talentos d'aquelle extraordinario artista, reconhecendo-lhe a mestria no manejo das cousas materiaes.

Governa-as, absolutamente. Tira d'ellas o ser que imaginou e quiz, tal qual a natureza inconsciente tirou da semente a flôr, da larva a borboleta e do ovo a aguia.

«Falla» disse Miguel Angelo ao seu *Moysés*, definindo n'um impulso de energia o desejo mais fundo do artista. E Teixeira

Baixo Relevo de Teixeira Lopes, expressamente feito para o livro "Biblia do Coração" de Oliveira Passos

Simili-gravura de Marques Abreu

Lopes tem tido a alegria e a fortuna de ouvir fallar a pedra, o bronze e o barro em que as suas mãos inocularam o filtro mysterioso onde se forma a vibração da vida.

Animou a substancia morta: — eis a sua primeira qualidade, tão patentemente revelada que póde dizer-se palpavel.

* * *

Animou-a para que? Para o bem? Para o mal? Para o riso ou para a desgraça? Para escarnecer? Para louvar? Para chorar de dôr ou se enternecer de compaixão?

As faculdades de traducção plastica são um instrumento; não pódem ser um fim. Se o fossem, se representassem o destino ultimo da arte, estariam antecipadamente condemnadas á inferioridade. Por mais subidas que se mostrassem, ficariam áquem da natureza; a *Aurora* de Guido Reni, já — mais valeria, sujeita a esse criterio, um retalho de nuvem que perpasse pelo sol, ao despontar.

As faculdades de traducção plastica são o meio de dizer mais vigorosa e claramente o que na ordem natural nos escapa; são um processo de definição das relações das cousas, entre si e com a nossa alma. Sem esta suprema virtude, a arte será reproducção ou imitação, será uma frouxa e pallida resurreição da vida, recordará aos olhos o que elles já viram algures, mas nunca será uma creação, nunca despertará emoções, ignoradas dentro do nosso peito antes de contemplarmos a obra d'arte.

Sob este aspecto, o trabalho de Teixeira Lopes, ou o consideremos como um todo indivisivel ou lhe estudemos os fragmentos, é um monumento que principia exaltando a admiração pela difficuldade material vencida, e acaba arrebatando pelo poder de agitar a alma, inflamando-a n'um scismar da mais sublimada essencia.

As regiões a que o genio de Teixeira Lopes nos transporta não teem fim; a série de eminencias que com elle attingimos é innumeravel: — A desgraça da *Viuva* que no mesmo berço se alenta de saudade e esperança; a tortura de *Caim;* a magestade ingenua da *Rainha Santa,* que, sem haver

perdido a condição social de fidalguia, lhe acrescenta a aureóla dos anjos e dos martyres: a estranha figura da *Historia*, que é desengano da grandeza terrestre e insinua uma augusta abdicação de todo o desejo ephemero nos mundos transitorios; a *Piedade* que resgata d'esse abatimento, guiando-nos n'uma via de consolo á miseria alheia; a inspiração da harmonia da forma que captivou por encanto a organisação vibratil d'*Eça de Queiroz;* a graça d'uma *Flora* sadia que, sem languidez nem fraqueza, avigorada no labor dos campos, todavia se rendeu tambem a mágoas, quando ellas lhe bateram á porta; a uncção de piedade, a um tempo austera e doce, que incarnou no corpo emaciado de *Santo Izidoro;* a energia do *Guerreiro,* as luctas de *Leões* sanguinarios, a palpitação pujante das *Creanças,* e essa multidão de *Bustos* em que entre o vulgo passam mulheres airosas, physionomias serenas de gente modesta, a agilidade dos rapazes e o cansaço de quem se extenuou em ambições.

E' dantesca essa fecundidade e esse poder de evocação! Não é já o espelho d'uma epoca ou d'uma sociedade, o descuidado mover de figuras que veremos passar desinteressados da sua sorte; é todo o inferno, todo o purgatorio e toda a bemaventuraça da alma humana, aos quaes descemos para receber no espectaculo do destino alheio castigos e bençãos que merecemos pelos proprios pensamentos e acções.

Um artista d'esta natureza não constitue apenas a honra d'uma familia ou a alegria da mãe que nas suas entranhas o gerou e que o trouxe ao peito. Abençoado seio! Creou mais que um filho illustre; accrescentou um trophéu á gloria d'um povo.

Jayme de Magalhães Lima.

GRUPO DE LEÕES, de Teixeira Lopes — Fragmento do monumento ao General Bento Gonçalves que se hade levantar na Praça Tamandaré (Rio Grande do Sul)

Simili-gravura de Marques Abreu

ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	360 reis
Avulso	30 „

EDIÇÃO ESPECIAL
EM CARTÃO COUCHÉ

Anno	720 réis
Avulso	60 „

Para as provincias accresce o porte do correio
O minimo praso d'assignatnra é por um anno

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 10 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

60$000 réis mensaes todos pódem ganhal-os vendendo uma novidade formosissima e artistica. Escrever immediatamente a Pennellypes. C. Milano. (Italia).

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.° ANNO — N.° 5

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — Maio de 1905 — Edição especial 60 REIS

A QUINTA EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES NA GALERIA DA MISERICORDIA

Parece que a sociedade de Estudos e Conferencias, procurando com um admiravel desinteresse desenvolver a arte nacional, se inspirou n'aquella phrase de William Morris: essa belleza que se chama arte é uma necessidade da vida.

Emprehendendo uma ardente cruzada em favor do gosto artistico, do sentimento esthetico quasi apagado no nosso meio, aquella digna Sociedade, á qual os artistas deverão tributar o maior reconhecimento, tem promovido exposições de bellas-artes, que seriam de resultados mais fecundos se quem as organisa não lhes desse o ar de *Hotel Drouot*, onde um commendador Paulino introduz subrepticialmente os seus *mônos*.

Pois como considerar uma exposição de bellas-artes para a qual se convidaram artistas e não artistas, admittindo benevolamente obras qne peccam por tudo: concepção, technica e probidade?

Como considerar um certamen artistico assim, em que se defrontam verdadeiros artistas com reles pintores de taboletas?

D'este modo, como incutir o real senso esthetico n'uma grande parte do publico que ainda não sabe distinguir o bom do mau e mal destrinça o desenho da côr, ou a sombra da luz?

E' na verdade falso, erradissimo, o criterio que preside á organisação de taes exposições.

Não só se desvirtua o fim louvavel da Sociedade promotora — que era educar, mas ferindo-se a dignidade do artista com uma promiscuidade suspeita, annula-se o estimulo que esses concursos poderiam provocar.

E a prova d'este asserto está na má vontade com que os artistas se apresentam, já não expondo trabalhos de folego, e já reduzindo á expressão mais simples o numero dos seus quadros, a não ser um ou outro que se conforma com *toutes les sauces*.

Em summa, a quinta exposição de bellas-artes na galeria da Misericordia, pela sua organisação, é um completo *fiasco*, pois attendendo só ao fim mercantil, esqueceu a arte, o ideal do bello, esse perfume subtil e delicado com que se extasia a alma, e no qual como que ella se purifica.

REVIRAVOLTA — Caçada Luiz XV — de Jorge Colaço

Simili-gravura de Marques Abreu

TARDE D'OUTOMNO, depois do aguaceiro, Margem do Agueda—de Candido da Cunha

Simili-gravura de Marques Abreu

*

* *

Mas, se a organisação expositorial é peccavel e reaes prejuizos causa á verdadeira arte, que dizer dos criticos a beberem impressões e a tomarem aspectos n'esses cafés aonde se vão juntar as escorrencias todas da má lingua, das intrigas politicas e da pornographia?

Que dizer d'esses plumitivos da actual litteratura indigena que megalantropisam anões, elevando-os ás culminancias do talento, fazendo-os genios nunca vistos nem sonhados?

São esses pseudo-criticos os mais nocivos parasitas das bellas-artes, entre nós.

Não tendo educação artistica alguma, com a maior petulancia dizem e escrevem coisas sobre arte que é de pasmar. De maneira que, constituindo-se mentores da maioria ignorante e ingenua, levam esta a acceitar por bom o que na realidade é pessimo e detestavel.

A critica faz-se conforme as conveniencias. E' benevola para todos em geral, e até se póde fazer sómente á vista do catalogo, quando ha escrupulo de melindrar; é rude e descaroavel só para uns, elogiosa e meiga só para outros, segundo os odios ou as amizades que actuam no animo do escriptor.

Entre nós, a critica não é uma maneira placida e leal de analysar as obras d'arte, realçando-lhes as qualidades e apontando-lhes os defeitos.

MULHER DA POVOA DE VARZIM

de Marques d'Oliveira

A critica vulgar consiste em dizer bem ou mal do artista não se importando com a obra.

Simplesmente ataque pessoal.

N'estas condições como é que se ha de produzir, como concorrer a uma exposição independente de *coteries* ou de favores de imprensa amiga?

Dois factores, portanto, a annularem os intuitos altruistas da Sociedade de Estudos e Conferencias: errada organisação das exposições e falsa critica.

E d'este modo os *pinguins*, que não tinham pennas e uns cotos d'azas sómente, atrevem-se a voar embaraçando com o seu vôo atabalhoado os colibris da arte.

Luiz Lobo.

A ARTE NA ESCOLA

Amigos da escola primaria e publicistas são de opinião que a escola deve ser risonha e agradavel, que ella deve attrahir não só pela sciencia que dá, mas ainda pela belleza que póde offerecer.

Retrato da Ex.ma Snr.a D. Margarida Guedes d'Oliveira

de José de Brito

Porém antes de tentar qualquer coisa que encante o olhar da creança, e lhe prenda os sentidos como o queriam os antigos, convém perscrutar como é que nos tenros cerebros, e ainda em via de differenciação, surge a ideia de arte.

Um pedagogo emprehendeu esse estudo fazendo uma série de perguntas a 400 alumnos d'escolas parisienses: 200 meninos e 200 meninas.

D'este inquerito concluiu-se primeiro que a maior parte das creanças não possuem o sentimento da belleza, sendo preciso para o adquirir uma escolha, um gosto lentamente formado, um instincto diariamente aperfeiçoado; em segundo logar averiguou-se que de todas as artes a que mais enthusiasmo provoca na creança é a musica.

A pintura e a esculptura não têm admiradores; a maior parte não comprehende e a ella não reduz senão a que tem caracter anecdotico. Os meninos têm comtudo predilecção pelos quadros de batalhas, definindo as meninas a architectura uma arte para rapazes.

Tornam bem patentes estas averiguações a necessidade de educar-se com um cuidado particular a sensibilidade infantil orientando-a sempre para as grandes coisas.

A creança deve aprender a olhar, a comparar, a abstrahir o essencial do que viu; e aos paes como aos professores cabe essa delicada tarefa.

Depois de ter provocado a curiosidade apaixonada do bello, convém iniciar então as creanças na admiração das obras primas da arte, na citação dos artistas de genio, na ennumeração das escolas que se succederam no decorrer dos seculos.

Começa a espalhar-se este ensino pelas escolas primarias francezas, graças ao emprego das projecções photographicas, que já se dignam visitar as mais humildes aldeias.

Por este processo, o professor póde a seu talante evocar

UM TRECHO DE LEÇA DO BALIO—de Julio Ramos

Simili-gravura de Marques Abreu

as civilisações desapparecidas e fazer renascer os vestigios da arte antiga; os templos surgirão de repente deante do auditorio, e os deuses descerão á terra como já o faziam na Illiada.

Por outro lado a sala da aula deve perder aquelle aspecto grave do seu mobiliario desgracioso e das suas paredes nuas ou então guarnecidas de syllabarios, que só de vel-os enfadam e aborrecem.

Cubram-se essas paredes de bellas gravuras, representativas d'uma epocha, d'uma escola ou do genio d'um pintor.

Em vez d'essa fria nudez mural haja alguns quadros bem escolhidos que seduzam o olhar do alumno e lhe desenvolvam naturalmente, sem esforço, sem mesmo elle dar por isso, o sentimento do bello.

E' preciso que tudo na escola, logo que as creanças ahi penetraram, concorra para lhes fazer supportar o jugo salutar da belleza.

E' preciso que os olhos encontrem constantemente ahi os modelos da arte. Assim procedia a Grecia nos seus gymnasios, nas suas palestras, não se cançando de offerecer á adolescencia ou á idade viril obras primas a contemplar.

Rogerio de Liz.

EDUCAÇÃO DO PHOTOGRAPHO E A ESCHOLA DE PHOTOGRAPHIA

A ESCHOLA DE VIENNA

Temos fallado da educação do photographo bem como dos Institutos profissionaes onde ella se póde adquirir. Porém a parte pratica, a technica, digamos, a operatoria, é na escola de Munich ou melhor na de Vienna, que attinge o seu maximo grau de ensino, pois que as suas mais impertinentes minucias ahi se realisam, aperfeiçoam e ensinam. E' sem duvida esta escola um estabelecimento ideal.

O seu ensino comprehende tres secções differentes, que se applicam ás industrias photomechanicas, aos estudos physico-chimicos e á pratica e aperfeiçoamentos photographicos. Amadores, profissionaes e sabios muito têm que aprender alli.

De grande alcance foi e é o projecto da concepção d'esta eschola, unica no mundo.

O ensino segundo se adapta a uma ou outra cathegoria de estudos, comprehende: o desenho, a physica, a physico-chimica, os methodos photographicos, a reproducção photo-mechanica, o retoque, a arte photographica, a historia da arte e ainda a hygiene industrial.

Quem alli desejar fazer estudos scientificos ou sejam simplesmente para o *strügle-for-life* da profissão, ou sejam para profundar e embrenhar-se nos mais delicados e mysteriosos segredos sempre da arte, tudo encontra que lhe convenha.

Existe além d'isso n'esta eschola, uma secção notavel pela sua organisação e que diz respeito á reproducção industrial. Este curso é especialmente dedicado aos que praticam a industria da photogravura, da simili-gravura, etc.; n'elle adquirem uma competencia inexcedivel e ficam aptos para dirigir intelligentemente a sua industria. Esta eschola corresponde a uma verdadeira necessidade; tinha em 1900, 225 alumnos; em 1901, 232; em 1902, 265; notando-se sempre um augmento constante na frequencia d'este curso.

Regosijamo-nos de notar esta prosperidade continua e de ver os seus magnificos resultados, que elevaram a Austria, nas industrias photo-mechanicas, á primeira potencia mundial. Que belleza! que perfeição! que magnificos os bilhetes postaes editados em Vienna e que tão justamente são procurados pelos collecionadores!

São d'uma execução admiravel, que quasi se equivalem á photographia directa.

Desde a sua creação em 1888, a eschola de Vienna ensinou e vulgarisou os resultados scientificos, remodelando-os e aperfeiçoando-os; mostrou, o que devia ser a photogravura e como devia praticar-se esta industria.

Não podemos pois deixar de endereçar, a par de tantissimas outras, as nossas felicitações ao sabio doutor Eder pelo brilhantissimo resultado obtido, principalmente na ultima parte do seu curso.

A arte é o sacrario das relações mais moleculares e mais coesivas que pelo vinculo da tradição affectiva prendem a humanidade ao amor da terra e o coração de cada homem ao amor da sua patria.

Ramalho Ortigão.

INTERIOR DE UM AIDO, Vespera do dia da Feira—de Eduardo de Moura

Simili-gravura de Marques Abreu

EFFEITO DA NEVE de Henri Eduard Hugenin

LAVADEIRAS NA LEVADA — (Corgo, Villa Real) de Torquato Pinheiro

ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	360 reis
Avulso	30 „

EDIÇÃO ESPECIAL EM CARTÃO COUCHÉ

Anno	720 réis
Avulso	60 „

Para as provincias accresce o porte do correio
O minimo praso d'assignatura é por um anno

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 10 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

CANDIDO DA CUNHA. — Professor de Pintura e Desenho. — Rua da Rainha n.º 374. PORTO.

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILI-GRAVURA, DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310—PORTO.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.º ANNO — N.º 6

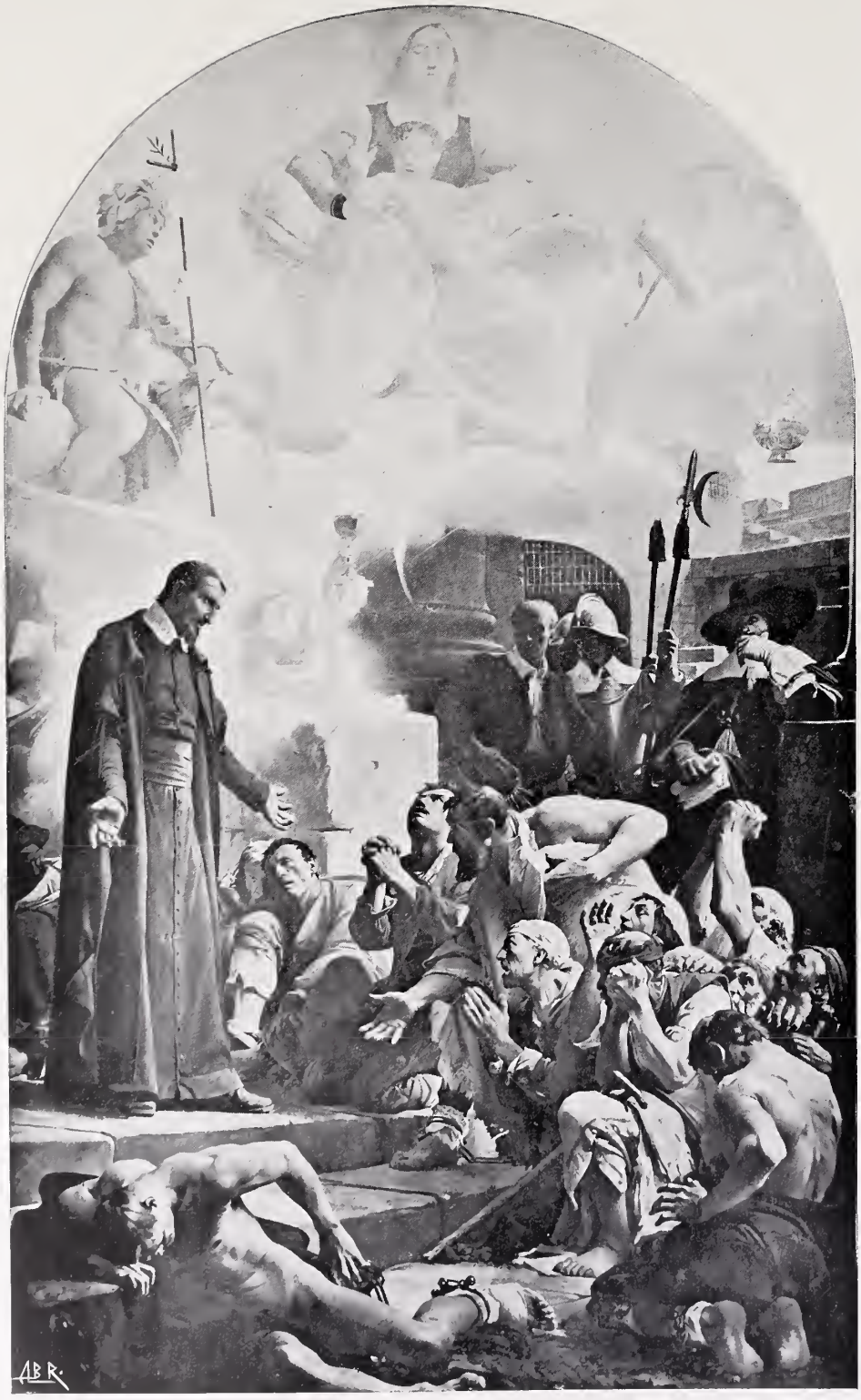
DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

PORTO — Junho de 1905 — Edição especial 60 REIS

RAMALHO ORTIGÃO

Simili-gravura de Marques Abreu



S. Vicente de Paula restituindo a fé aos condemnados ás galés

Simili-gravura de Marques Abreu

RAMALHO ORTIGÃO

UMA BELLA LIÇÃO

NÃO tendo sido até hoje nem ministro d'estado, nem governador civil, nem administrador de conselho, nem regedor, nem deputado, vereador da camara municipal ou membro da junta de parochia,—males que Deus lhe poupe! o snr. Ramalho Ortigão é um dos homens que mais tem governado em Portugal, e, por sua honra e proveito do paiz, tem governado muito bem.

N'uma epoca em que vivíamos gulosos de civilisação nas cousas materiaes, comprehendendo-a pouco e mal e tentando importal-a do norte da Europa sem criterio nem senso, o snr. Ramalho Ortigão teve arte de nos dar preceitos, felizmente mais respeitados e efficazes, para beneficio physico e moral do povo, do que os editaes da policia, d'ordinario lettra morta desde o proprio dia do seu apparecimento.

Tomavamos á conta de civilisação os costumes estranhos,—francezismos o mais das vezes, moveis arrebicados, cosinhados de muita mistura, plumas nos chapeus das damas e outra quinquilharia de varia especie, pechisbeque na quasi totalidade. E o snr. Ramalho Ortigão, sem palmatoria nem cadeia, apenas pela eloquencia persuasiva da palavra e pela mordedura caustica da ironia, ensinou-nos que essa civilisação tão appetecida consistia em ordem, methodo, simplicidade, aceio e arte, cousas ao nosso alcance, para chegar ás quaes não careciamos d'importar objectos novos. Demonstrou-nos até que, pelo contrario, o mais bello e mais salutar seria acceitar e guardar zelosamente o antigo e o producto do nosso torrão, reformando não as cousas materiaes mas os costumes, banindo de casa a porcaria, o desmazelo e a vidade sensualidade desregrada, signaes authenticos de barberie e atrazo.

Foi n'este campo e n'este sentido um propagandista activo que, juntando o exemplo á exortação, imprimiu na gente moça uma tendencia de renovação em breve prazo manifesta, adoptando usos melhores do que aquelles de máu quilate para os quaes estavamos inclinados.

Tem sido e é uma verdadeira auctoridade, aliás legitima, authentica da origem, que é uma captivante lucidez d'espirito alliada a uma intuição moral superior. Governou porque deveria governar. Embora peze á soberba e estulticia dos pavões d'uma sociedade — e são de tantos e de tanto genero, em todo o mundo e em todo o gráu de cultura! embora magôe orgulhos e ambições, quem sempre regeu e ha-de reger os

AVEIRO — CONVENTO DAS CARMELITAS (Interior da Igreja)

Simili-gravura de Marques Abreu

homens serão aquelles que se deixaram dominar por aspirações de pureza, harmonia e amor.

D'esses elevados intuitos deu-nos ha pouco o snr. Ramalho Ortigão um testemunho brilhante.

Pensa o governo em mutilar o convento das carmelitas d'Aveiro, antigo paço ducal n'esta cidade e uma das poucas reliquias das suas grandezas. A commissão dos monumentos nacionaes, tendo conhecimento do facto, encarregou o snr. Ramalho Ortigão de examinar o assumpto e apresentar o seu parecer. E esse parecer, que está approvado por aquella corporação e anda impresso, constitue não só a defeza do convento ameaçado, mas uma soberba lição sobre as obrigações da administração publica, emquanto lhe cumpre educar o sentimento civico pelo respeito do passado e continuidade da tradição.

Não representa caprichos d'artista ou extravagancia de homem de lettras; é a repercussão, aliás magnifica, de correntes modernas que dominam n'este momento entre as primeiras civilisações do mundo.

Quando em Portugal se dava este incidente, discutia-se em Inglaterra, com um applauso caloroso, o relatorio do notavel professor de Edimburgo Patrick Geddes apresentado ao *Carnegie Dufermline Trust* e a que elle, publicando-o em livro, deu o titulo elucidativo de *City Development*.

O auctor d'essa obra não é um antiquario, não se prende com velharias, quer uma arte nova e uma renovação da humanidade; mas não crê que o problema da habitação se reduza a uma questão de ar e luz e hygiene. Reclama como indispensavel, educar e crear o sentimento da cidade, levando-a a apreciar e guardar os vestigios do passado como signaes do seu desenvolvimento e como caminho e promessa d'um desenvolvimento futuro ainda maior.

Quem os destróe, é réu de lesa humanidade. Em uma pequena localidade da Escossia, conta o eminente professor e artista, teve a alegria de encontrar restos do passado que iam do seculo XI ao seculo XIX. Que meios preciosos de educação em tal patrimonio, sobretudo para quem, por exiguidade de fortuna, não póde ir procural-os longe de casa! Quanto sobrevive das obras dos que nos precederam, é um valor; não póde aniquilar-se levianamente, e isto não só para os momentos de estylos que hoje estão em voga mas para todo o trabalho sincero, testemunho d'um momento da historia, o qual o futuro talvez repute em muito e em qualquer caso differentemente da nossa epoca. E' facil edificar uma cidade limpa, sadia e propria para os seus fins; a sua belleza caracteristica ha-de porém vir espontaneamente, como as flores, de qualquer cousa que o tempo produz e os homens não sabem crear.

A cidade, para sêr cidade, mostrar-se-á, não como uma aggregação fortuita ou planeada de habitações, mas animada pela subtil presença d'um espirito seu, uma voz que nos falla e vem da presença dos objectos onde estão impressas as virtudes, erros e desejos de vidas inumeraveis que precederam a nossa e a alimentaram.

Tal é a nova corrente de que o snr. Ramalho Ortigão tem sido e é em Portugal um interprete, admiravel pelo poder de comprehensão e pela genuidade da applicação ao nosso paiz e ao nosso estado d'espirito.

Jayme de Magalhães Lima.

AVEIRO—CONVENTO DAS CARMELITAS (Claustros)

Simili-gravura de Marques Abreu

ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	360 reis
Avulso	30 „

EDIÇÃO ESPECIAL
EM CARTÃO COUCHÉ

Anno	720 réis
Avulso	60 „

Para as provincias accresce o porte do correio
O minimo praso d'assignatura é por um anno

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 10 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

CANDIDO DA CUNHA. — Professor de Pintura e Desenho. — Rua da Rainha n.º 374.
PORTO.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.° ANNO N.° 7

DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

PORTO — Julho de 1905

Edição especial 60 REIS

UM GRANDE ARTISTA

A FRANÇA como todo o mundo da arte acabam de perder um dos seus mais insignes pintores — Jean Jacques Henner. Deixa uma quantidade consideravel de obras em todos os generos. A maior parte d'ellas foram popularisadas pela gravura.

Henner era um eximio desenhador e um admiravel colorista. O seu pincel comprazia-se como que em exalçar o esplendor da carne feminina com umas tonalidades pessoaes que envolviam o motivo numa gaze de mysterio e sonho.

A *Fabiola*, de que damos a gravura, foi vendida em Nova-York por 21.500 francos, isto é, quatro contos da nossa moeda!

Retrato de J. J. Henner, pintado por elle mesmo. (Copia a carvão feita pelo pintor C. da Cunha)
Simili-gravura de Marques Abreu

AIMÉ PERRET E O SEU QUADRO «BAPTÊME BRESSAN»

No dizer de Theophilo Gautier, ha para o artista patrias especiaes que são, não o logar onde elle nasceu, mas o paiz que melhor corresponde ao seu feitio psychico, a região com a qual mais perfeitamente se lhe harmonisa o temperamento, o sitio onde elle desejaria ter nascido por só ahi lhe ser aprazivel a vida e até delicioso o morrer.

Bresse exerceu em Perret essa grande attracção.

Tendo nascido em Lyão, preferiu á cidade natal com os seus teares e as suas sedas, aquelle canto da França com os seus horizontes um pouco velados, as suas collinas vestidas de pampanos e os seus camponios pouco communicativos, mas sinceros, hospitaleiros e affectuosos.

O cidadão fizera-se aldeão.

Para os de Bresse, Perret era um dos seus. Nada se lhe escondia, tudo se lhe mostrava: e eram aquelles trajes bordados a ouro e prata, piedosamente conservados nas familias, que só serviam nas bodas da filha depois de já terem servido nas bodas da mãe; e eram aquelles estranhos chapéos que se põem sómente em dias de festa e tanto se parecem com os dos filhos do Celeste Imperio.

O artista pôde assistir de perto a todas essas procissões, cortejos e festas que na Bresse se realisam, e que dão ao espectador a impressão graciosa e encantadora do pittoresco, sublimado ainda pela poesia da tradição.

Quadro de Henner — "FABIOLA" — Simili-gravura de Marques Abreu

O *baptisado bressano,* com que a *Arte* se enaltece estampando-lhe a gravura, é pois um d'esses espectaculos.

Nelle o pintor, juntando a um raro sentimento de distincção uma grandissima sinceridade, bem mostrou que em arte não ha incompatibilidade entre a estricta exactidão e o idealismo.

Examinae essas physionomias de camponezes: como ellas parecem fallar, que naturalidade naquellas attitudes, que harmoniosa disposição naquelle scenario, que profunda verdade nesse canto d'aldeia onde cada qual acode para vêr a entrada do baptisado na egreja!

E a poesia do quadro resalta do pittoresco dos trajos, do movimento communicado a todo esse bando alegre, que parece desfilar por deante de nós, extasiados e boquiabertos.

Luiz Lobo.

PHOTOGRAPHIA COM LENTES NATURAES

A PRINCIPAL peça de todo e qualquer apparelho photographico é a lente, pois é ella que projecta a imagem na placa sensivel, e é das suas qualidades que depende em grande parte a nitidez da prova.

A descoberta de Daguerve e Niepce não foi mais do que uma cópia da natureza: o nosso orgão da vista é um perfeito apparelho de photographia tendo por placa sensivel — a retina e por lente maravilhosa — o cristallino.

Um sabio inglez, M. Watson, lembrou-se de substituir a lente de vidro ou de cristal dos apparelhos photographicos pelo cristallino d'um animal.

M. Watson serviu-se para as suas primeiras experiencias do cristallino de boi, no estado fresco ou endurecido n'um liquido conservador, mas as imagens que obteve com esta lenta natural eram d'uma suavidade pouco artistica.

Procedeu então d'outro modo. Extrahido o cristallino do olho de boi era logo collocado entre dois vidros de relogio convexos que se collavam com uma tira de papel gommado e se recobriam d'um diaphragma de papel preto.

Posta num apparelho photographico, esta lente, meio natural, meio artificial, dava provas d'uma nitidez admiravel.

Offerecia alem d'isso uma consideravel vantagem, qual a de permittir photographar com a maxima perfeição objectos demasiado pequenos para a photographia ordinaria e demasiado grandes para a micro-photographia.

Animado por estes bellos resultados, M. Watson teve ainda a ideia de utilisar pelo mesmo processo o olho de facetas dos insectos, olho cuja cornea se compõe de dez a vinte mil cristallinos juxta-postos. O successo foi tambem completo.

Rogerio de Liz.

LECOMTE DO NOUY é o auctor do quadro: «S. Vicente de Paulo restituindo á fé os condemnados ás galés», reproduzido no numero passado.

BAPTISADO BRESSANO, por Aimé Perret

Simili gravura de Marques Abreu

ESTUDANDO—Cliché do distincto photographo Carlos Evaristo Junior — *Simili-gravura de Marques Abreu*

ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno . . . . . 360 reis
Avulso . . . . . 30 „

EDIÇÃO ESPECIAL
EM CARTÃO COUCHÉ
Anno . . . . . 720 réis
Avulso . . . . 60 „

Para as provincias accresce o porte do correio
O minimo praso d'assignatura é por um anno

POSTAES

MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 10 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPH.CO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

CANDIDO DA CUNHA. — Professor de Pintura e Desenho. — Rua da Rainha n.º 374.
PORTO.

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILI-GRAVURA, DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310—PORTO.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.° ANNO — N.° 8

DIRECTOR E GRAVADOR

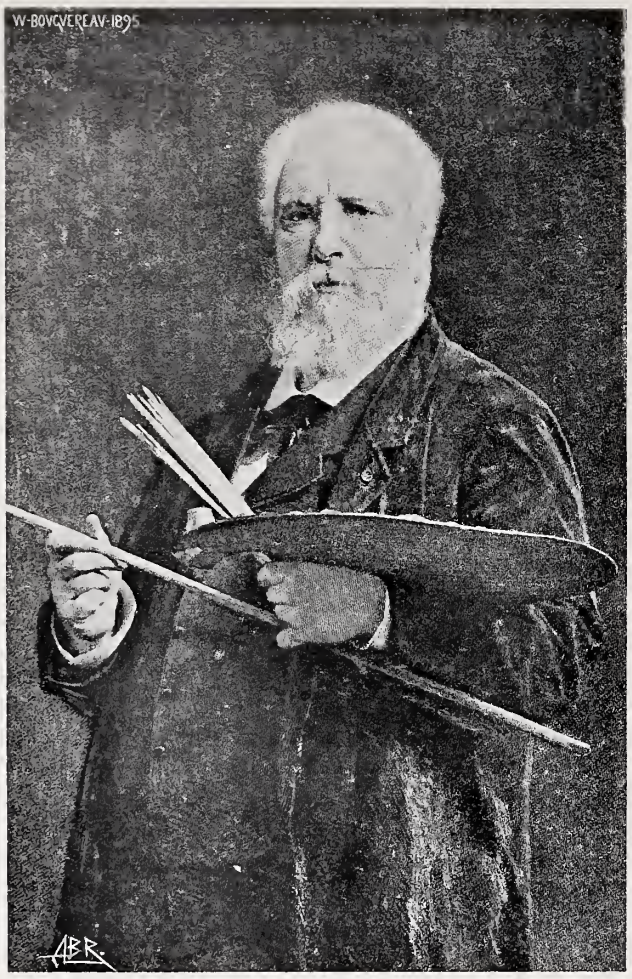
MARQUES ABREU

PORTO — Agosto de 1905

Edição especial 60 REIS

O NASCIMENTO DE VENUS—Quadro de William Bouguereau

PHOTOGRAVURA EM COBRE de Marques Abreu



WILLIAM BOUGUEREAU

WILLIAM BOUGUEREAU

MAIS um d'essa pleiade illustre d'artistas, que a Escola franceza produziu no seculo XIX, acaba de sumir-se no occaso da vida para entrar glorioso no infinito da eternidade.

E gloria é a do eminente artista legando á humanidade um sem numero de obras, as quaes seduzem todas pela impeccabilidade do desenho, a arte da composição e uma technica cuidadosa para dar tudo isso a impressão final de graça, encanto e elegancia.

São de Bouguereau: a «Egualdade perante a Morte», quadro com que fez a sua entrada inaugural no Salão de 1849, o «Triumpho do Martyrio», que figurou na primeira exposição universal de Paris em 1855, «Flora e Zephiro», o «Regresso dos Campos», «Caim e Abel», a «Edade de Oiro», «Nascimento de Venus», que a «Arte» hoje reproduz, e muitos outros não menos notaveis assim como varias pinturas moraes que se admiram nalgumas egrejas parisienses.

Se o homem não vai todo á sepultura, Bouguereau quasi que todo fica fóra d'ella ao contemplar-se-lhe a vasta superficie de tela, que o grande artista com tanto amor e tanta sciencia illustrou. Seja o nosso *æternum vale* o fumo odorante do incesso que queimamos para glorificar tão chorado mestre.

Luiz Lobo

A CAPELLA E TUMULO DA VISTA ALEGRE

ONDE um espirito verdadeiramente progressista e sabiamente pratico — José Ferreira Pinto Basto fundava ao terminar o primeiro quartel do seculo XIX um grande estabelecimento industrial, não ordenando uma empreza, mas creando uma industria como disse José Estevão, a fabrica de porcellanas da Vista Alegre, erguera um prelado faustoso e mundano, D. Manoel de Moura Manoel, ao finalisar do seculo XVIII, um templo em que a arte lhe levantou altares para sepultura. De bello aspecto, rico de marmores e de obra de talha, com as paredes interiores azulejadas e a frontaria granitica, com os curucheus das suas duas torres a avistarem-se a enorme distancia, o seu todo alegre e loução anima a paysagem meio campesina, meio maritima que lhe serve de contorno e a que bem quadra o titulo de Vista Alegre.

Tem por invocação o templo Nossa Senhora da Penha de França, mas as causas que levaram aquelle prelado a edifical-o, são desconhecidas. D. Manoel de Moura Manoel, natural de Serpa, de illustre nascimento, doutor em canones, collegial do real Collegio de S. Pedro em Coimbra, conego doutoral da Sé de Lamego e Braga, deputado da Inquisição de Evora e inquisidor em Coimbra, deputado da Junta dos Tres Estados, sumiller da cortina de el-rei D. Pedro II, reitor da Universidade e bispo de Miranda, que vinha passar largas temporadas na quinta do Paço da Ermida, pertença de seu irmão primogenito Ruy de Moura Manoel a pequena distancia da Vista Alegre, proporcionou meios ao seu amigo dr. Manoel Furtado Botelho para este adquirir os terrenos que vieram a formar a quinta d'este nome e ahi edificou a capella de Nossa Senhora da Penha de França, que destinou desde sempre para guarda das suas cinzas.

Pouco sobreviveu á conclusão do templo D. Manoel de Moura Manoel. Aquella realisou-se em 1697 e o fallecimento d'este deu-se em 7 de setembro de 1699 na povoação de Ferreiros, proximo de Vizeu, onde foi sepultado. Ouçamos agora um seu biographo, D. José Barbosa:

«Na sua quinta da *Vista Alegre* sita na freguezia da Villa de Ilhavo, junto a Aveiro havia mandado edificar o Bispo D. Manoel de Moura Manoel uma magnifica Ermida a Nossa Senhora da Penha de França, e para tumulo que na Capella-mór havia ordenado, que se lhe lavrasse, foi trasladado o seu corpo no anno de 1706. Sobre a sepultura, que não tem Epitaphio, se vê a sua effigie revestida de Pontifical, obra primorosissima do famoso Esculptor Claudio de Laplada».

A não ser a revelação do sabio theatino, (*Memorias do collegio real de S. Paulo da Universidade de Coimbra e dos seus collegiaes e pencionistas*—Lisboa 1727), o tumulo do bispo de Miranda, seria uma obra anonyma como tantas outras que existem por esse paiz em fóra. Não é uma obra anonyma em verdade, mas durante muitos annos foi o mesmo que o fosse de tal fórma cahiu no mais condemnavel esquecimento o glorioso nome do esculptor.

Passaram a atribuil-a ao proprio diabo, e, n'esta crença se estava ainda quando em 1871 Brito Aranha publicou o seu bello livro *Memorias historicas estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal*, e assim se continuou ainda até 1883, em que de novo se vulgarisa o nome do artista n'um meu opusculo hoje tão esquecido como este, intitulado *A Vista Alegre—apontamentos para a sua historia*.

Foram-nos sempre e são-nos ainda hoje desconhecidas a patria e mais circumstancias pessoaes do auctor do magnifico sarcofago. A julgar pelo appellido pode-se talvez affirmar que seja italiano e a ser assim teriamos a influencia artistica d'este paiz a assentar arraies em Portugal mais cedo do que até agora se cria, não seriam já n'este caso João Frederico Ludovici e Alexandre Giusti, os dois grandes nomes da obra de Mafra os primeiros d'essa legião de artistas italianos que tanto enriqueceram Portugal com os primores dos seus cinzeis. Seja porém qual fôr a nacionalidade do artista, o nome de Claudio de Laplada merece ser relembrado, e, a sua obra considerada como um monumento nacional.

A simili-gravura a que estas linhas tem de acompanhar é de tal fórma impeccavel, a reproducção do tumulo é tão fiel e tão nitida que a sua descripção se torna bem dispensavel, mas apezar d'isso transcreveremos aqui a que d'elle fizeram tres distinctos escriptores, são estas:

«... no lado direito ha um mausoleu ou monumento de marmore erigido á memoria do prelado fundador; o qual pelas

TUMULO DE D. MANOEL DE MOURA MANOEL

Simili-gravura de Marques Abreu

bellezas que encerra e pela sua admiravel execução não é inferior aos que temos visto na celebre e antiquissima abbadia de Westminster, em Londres. O Tempo levanta o panno murtuario que cobre o sepulchro para que os homens possam contemplar aquelle que pelas virtudes edificou o mundo durante a sua vida. Varios anjos levam as insignias das suas dignidades. A figura do prelado está cheia de nobreza e resignação christãs: o desenho é correcto, o cinzel firme e livre».

D. Jose Urculu—1837.

«E' uma grande urna funeraria, que assenta sobre tres leões de farta juba. Em cima se representa o bispo, de corpo inteiro, revestido de casula e mitra. Está deitado, mas não descança a cabeça na rica almofada, que lavraram na tampa da urna. Um dos braços é que descança n'essa almofada; e como que querendo erguer-se do tumulo, com a cabeça meia levantada e o outro braço, erguido parece estar apontando para o Tempo, que, descobrindo tudo está alli para descobrir as virtudes e os merecimentos do illustre prelado, e pedir que se lhe faça inteira justiça. O Tempo é em alto relevo, no fundo e no alto do nicho onde está o tumulo, e figura estar afastando o panno que devia cobrir o sepulchro e de certo esconderia as boas acções do prelado. Todo o trabalho esculptural está bem delienado e primorosamente executado. Era em verdade mui habil o artista que se encarregou de tal obra.»

Brito Aranha—1871

«O esquife ou urna funeraria, tendo duas carpideiras e um escudo com as armas da familia do antiste, descança sobre tres leões quasi esmagados. A figura do prelado soerguida fita com amor a imagem da Virgem designada por um anjo; o Tempo com a sua fouce levanta o panno mortuario e na volta do arco caveiras com tiaras, mitras, chapeus cardinalicios, corôas e elmos significam a fragilidade do homem perante a Morte.»

Mello Freitas—1891

Como veio a quinta e o templo a pertencer ao benemerito fundador da fabrica da Vista Alegre? Por esta fórma:

O Bispo D. Manoel de Moura Manoel, que havia edificado o templo de Nossa Senhora da Penha de França, instituiu n'elle uma capella a que vinculou differentes bens e que teve por sua morte differentes administradores, sendo afinal declarada vaga em 1799 e como tal encorporada nas proprias da coroa, que d'ella tomou posse, em 7 de novembro, d'esse anno.

Pouco depois o principe regente fazia doação da capella e respectivo patrimonio a D. Anna Thereza Luiza de Sousa, como premio dos serviços prestados por seu pae o desembargador do paço Feliciano José Alves da Costa Pinto. Foi a esta senhora que José Ferreira Pinto Basto comprou todo o direito que a mesma tinha á *capella* e bens annexos pela quantia de 800$000 réis, em 25 de outubro de 1817, e, no dia seguinte perante o juizo das capellas da coroa e pelo preço de 2:860$000 réis a mesma capella.

A quinta e a casa que foram do dr. Manoel Furtado Botelho deixou-as este em seu testamento a D. Theodora de Castro Moura Manoel, filha do fundador da capella, segundo parece, para quem mandou construir o magnifico cinerario que fica fronteiro ao tumulo do bispo, fazendo alli esculpir as armas dos Castros, a cuja familia esta pertencia, por sua mãe D. Maria de Castro, e um medalhão com um baixo relevo representando o busto d'uma freira, pois deveria ser este o seu destino. D. Theodora porém não foi freira nem casou, mas teve um filho que foi padre, abbade e pae d'uma menina, D. Josepha Caetana de Castro, que em 1748 veio a desposar o capitão Manoel Alvares Brandão de quem teve entre outros filhos Alexandre de Castro Brandão, capitão mór de Cantanhede, que em 1815 vendeu ao fundador da fabrica da Vista Alegre a casa e quinta d'este nome.

Marques Gomes.

DIRECTOR E GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310
PORTO

A "ARTE" é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de perferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	360 reis
Avulso	30 „

EDIÇÃO ESPECIAL
EM CARTÃO COUCHÉ

Anno	720 réis
Avulso	60 „

Para as provincias accresce o porte do correio
O minimo praso d'assignatura é por um anno

POSTAES MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

N'esta secção publicamos annuncios a 200 reis, até dez palavras e mais 10 reis, por palavra que exceda aquelle limite.

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

RODRIGUES & C.ª Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CANDIDO DA CUNHA. — Professor de Pintura e Desenho. — Rua da Rainha n.º 374. PORTO.

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILI-GRAVURA, DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310—PORTO.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.º ANNO — N.º 9

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — Setembro de 1905 — Edição especial 60 REIS

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

EM FÓCO

NÃO é sem madureza que procede a Egreja quando beatifica ou canoniza.

Honras tão supremas só se prestam depois de passado o tempo necessario para crystallisar a memoria d'aquelles que a lenda circumda d'uma auréola de virtudes e perfeições taes, que de Deus os approximam.

Do mesmo modo, no crisol da historia se mundificam primeiro aquelles outros, perante os quaes a humanidade se curva respeitosa, extatica e agradecida, ou pela *fama das victorias que tiveram,* ou pela musica de rimas *que o peito accendem e a côr ao gesto mudam*, quando não é outrosim pelo bem esparzido, esse manná que o coração chora e verte acalmando a dôr, attenuando a miseria e até a propria morte ousando arredar.

E' com effeito uma especie de crystallisação o passar de simples mortal a santo, a heroe, a anjo. E essa crystallisação não demanda menos tempo do que as realisadas no seio da terra como sejam para se transformar o carvão em diamante, a alumina nessas variedades de corindon, verdadeiro arco-iris de pedras preciosas: o vermelho rubi, o amarello topazio, a verde esmeralda e a azul saphira.

E toda essa pedraria seductora, que escancara a bocca e esgazeia os olhos, a chimica hodierna a produz!

Como a fecunda successora da alchimia, o jornalismo actual dispensa o tempo que a natureza emprega para as suas producções, surprehendendo-nos com celebridades lente-joiladas d'adjectivos sonoros, empolgando-nos a admiração por genios nem conhecidos nem sonhados.

E assim se exhalam do pantano constitucional em que vivemos, agitado sómente á superficie pelo fraco sopro do elogio mutuo, esses fogos fátuos, glorias inconsistentes d'um dia que apenas bruxoleiam, ou se desvanecem para sempre, ou vão esterilecer os mercantis plagios do Larousse.

A' vista d'essa phantasmagoria pasma, porém, a galeria ignara e estupida. Difficil será d'ahi distrahil-a, que não lhe espanca as trevas do espirito o fulgor ephemero dos taes genios de pechisbeque.

SITIO DA BATERIA, MONTEBELLO, de João Augusto Ribeiro

Similigravura de Marques Abreu

ESTUDO de João Augusto Ribeiro

Similigravura de Marques Abreu

Por isso aquelles que mais bem merecem, os que realmente têm valor, jazem esquecidos no fundo do charco, como que asphyxiados pelo lodo mephitico que os recobre.

Tiremos ao menos um de tal esquecimento, façamos sahir da indifferença que mata, uma alma formosa de artista, praticando a maxima salutar: *honos alit artes.*

* * *

D'entre a folhagem que lhe encobre a tenra haste, a custo mostra a violeta a sua gracil corolla; e tão subtil e delicado é o seu aroma que só cheirando-a se lhe sentem as delicias.

O mesmo se dá com o homem modesto. Só na intimidade é que se lhe podem apreciar as qualidades do seu formoso caracter e os meritos do seu elevado talento.

Fóra d'isso como que ninguem o vê, tão apagado está pela gaze de timidez que o envolve.

Tal é a silhueta ethologica de João Augusto Ribeiro.

Como o prado que de longe unichromisa a sua alcatifa polychromada de flores, como o navio que lá do horizonte longiquo não nos diz quem vai a seu bordo, assim tambem João Ribeiro, envolto na sua modestia, parece de nós distanciado e mal conhecido.

Mas, quem d'elle se approximar, com certeza fascinado fica deante d'aquelle homem extremamente affavel e infinitamente bondoso, muitissimo intelligente e em demasia timido, tão rico de conhecimentos como prodigo em transmittil-os.

De constituição athletica semelhante á da região que o viu nascer, a cabeça airosa, nos olhos espelhando-se uma alma elevada e nobre, a transparecer-lhe no semblante uma veladura de sympathia e de bondade, João Ribeiro tem bastante relevo physico, intellectual e moral para, no dizer de Garrett, se destacar da grosseria villã d'essas notabilidades improvisadas.

* * *

REDEMPTIO, estudo de João Augusto Ribeiro

Similigravura de Marques Abreu

QUE RAIO DE LUMES?

Cliché do distincto photographo amador Antonio Ramos — Similigravura de M. Abreu

Dos pintores portuguezes talvez não haja outro que como João Augusto Ribeiro tenha ao mesmo tempo mais sciencia da pintura, mais illustração e mais probidade.

Conhecedor profundo da technica dos grandes mestres, possuindo em grau eminente a sciencia do desenho, elle sabe como Corot tirar da natureza um canto profundo, virgiliano, quasi classico.

D'uma factura vigorosa e d'uma riqueza de colorido, comparaveis ás dos mais illustres pintores flamengos, os quadros de João Ribeiro são quasi que feitos d'um jacto com uma pincelada nervosa e quente, que elle proprio denomina de *cursiva*, a qual não dá sómente a côr mas desenha tambem.

Pena é que não produza mais, tendo tanto saber e tanta habilidade!

Erudição artistica mais variada, mais rica e mais pujante, com certeza não se encontra outra no nosso paiz.

E' como num livro aberto ouvil-o discorrer sobre historia d'arte, mercê de uma memoria prodigiosa e d'um senso critico profundo.

Conhece os pintores de todas as escolas, antigos e modernos; falla das obras d'elles como se todas tivesse visto, notando-lhes as qualidades e apontando-lhes os defeitos.

Mas, fóra do desenho e da pintura, em outros ramos das bellas artes e da sciencia não é João Augusto Ribeiro um profano: a litteratura sedul-o; em mathematica, não o surprehende uma questão algebrica ou um problema de geometria descriptiva; das sciencias physico-naturaes conhece os segredos que ellas tem arrancado á natureza; e em pedagogia tem modos de ver e de praticar, que fazem d'elle um professor distinctissimo.

Encyclopedia viva, com um tão grande mundo d'ideias a phosphorearem-lhe no cerebro, paralysa-lhe a penna e ronceiro lhe torna o pincel uma timidez excessiva, que o retrahe dolorido ao menor choque nas relações sociaes ou na familia.

Eis porque João Augusto Ribeiro, pairando mais no ether do ideal do que no mundo da realidade, só se sente feliz quando devaneia na companhia d'amigos sinceros ou na de livros predilectos, a sonhar constantemente o bem que consola, a idealisar a belleza que encanta, a anceiar pela verdade que illumina.

Luiz Lobo.

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

CANDIDO DA CUNHA. — Professor de Pintura e Desenho. — Rua da Rainha n.º 374. PORTO.

Shcramm'sche Lack-und Farbenfabriken offenbach—ALLEMANHA

Representante:—ANTONIO DE SOUZA PAUPERIO

R. de Bento Junior — PORTO

AS MELHORES E MAIS BARATAS TINTAS DE IMPRESSÃO

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

1.º ANNO — N.º 10

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — Outubro de 1905 — Preço 60 REIS

FRONTARIA DO ALBUM offerecido ao Presidente Loubet pela Colonia franceza de Lisboa. Modelação de Teixeira Lopes

Cliché do distincto photographo Guedes de Oliveira — Simili-gravura de Marques Abreu

AO PRESIDENTE LOUBET

Por ser uma obra d'arte, digna de menção e do mais rasgado elogio, se enriqueceu este archivo mensal estampando a gravura figurativa da capa em cobre *patiné* para o album, que a colonia franceza de Lisboa offereceu ao Presidente Loubet em commemoração da sua visita á patria de Camões.

Teixeira Lopes, o eminente esculptor que a modelou, não podia ser mais feliz na sua concepção.

Symbolisando na Torre de Belem o Portugal forte e ousado a como querer cingir de suas ameias gloriosas o busto da Republica de aspecto mavorcio mas sereno, o artista traduziu perfeitamente o sentir do povo portuguez mostrando-se cavalheiresco e gentil para com o primeiro magistrado da França.

Das palmas que d'um lado emmolduram o medalhão da gauleza republica como que brotam grupos de anjos sorridentes de graça e de candura.

Não terá querido o artista com elles significar os genios d'esse povo que proclamou os direitos do homem, d'essa nação que em todas as suas revoluções tem sido a unica a trabalhar pelas outras, d'esse paiz que quasi por si só illuminou todo o seculo XIX?

Qual outra nacionalidade nesses cem annos, a não ser a França, mais cerebro dispendeu, mais ideias semeou, mais obras produziu?

Foi Cuvier creando a anatomia comparada e a paleontologia; foi Geoffroy St. Hilaire fundando a embryologia; foi Claude Bernard demonstrando a funcção glycogenica do figado; foi Berthelot refazendo a natureza pela synthese; foi Charcot penetrando os mysterios da hysteria; foi Le Verrier descobrindo novos astros sem os quaes não se explicava bem a harmonia do universo; foi Pasteur, esse apostolo da vida e da saude, o maior bemfeitor da humanidade no Seculo das Luzes que, estudando o mundo dos infinitamente pequenos, revolucionou a medicina de modo tal a que pudesse ella triumphante arrebatar ao carbunculo, á raiva, ao garrotilho, á peste, tantas victimas, tantos seres amados e uteis.

E a par d'esse maravilhoso prodigio de sciencia os não menos portentosos das lettras e das artes.

Pois, que outra litteratura teve maior influencia nos espiritos e mais avassallou os paizes cultos do que a franceza?

Montanha de pedras preciosas, cada qual a mais bella, a mais original, a mais encantadora, a mais admiravel, essa litteratura domina o seculo inteiro.

Victor Hugo só a compendia. Diante d'esse gigante formoso, d'esse genio dos contrastes e dos paradoxos, que faz d'um monstro physico, corcunda, zarolho e surdo, um escrinio da mais delicada sensibilidade; que transforma um forçado — João Valjean — fugido das galés, na creatura de mais sublime dedicação e sacrificio; diante d'essa estrella de primeira grandeza o seculo todo se inclina estupefacto e respeitoso, como outr'ora nas florestas gaulezas o homem se curvava até ao chão perante o agarico sagrado dos Druidas!

Se nas lettras a França se encheu de immensa gloria, menor não foi tambem a que lhe veio das bellas-artes.

Na musica, é um delicioso concerto o d'esses maestros, que se chamaram Boieldieu, Auber, Halévy, Adam, Berlioz, Ambroise Thomas, Gounod, Lecocq, Bizet, Délibes e Massenet!

Na pintura, bello e riquissimo arco iris é o resultante de todas essas paletas geniaes dos Ingres, dos Delacroix, dos Meissonier, dos Millet, dos Corot, dos Delaunay, dos Courbet e de muitos outros!

Na esculptura, se os marmores e os bronzes fallassem denunciando os cinzeis que os esculpiram, cruzariam os ares em hurrahs de triumpho os nomes de Rude, Barye, Carpeaux, David d'Angers, Falguière, Frémiet, Gérôme, Dalou, Barrias, Dubois, Mercié e tantos outros!

Ora, tem sido neste manancial inexgotavel de sciencia e de arte que todos nós temos bebido a maior parte das nossas ideias, indo ou anceiando por ir lá, como em epochas de fé religiosa era o mais dourado dos sonhos peregrinar pelos Logares Santos ou vêr o Papa.

Tem sido neste crisol de ideaes de toda a natureza, onde quasi todos os nossos artistas teem desenvolvido os seus dotes originaes, de que é brilhante exemplo o distincto esculptor da capa, que deu motivo a este artigo.

E' justo, pois, confessar que Portugal deve mais á França do que á Inglaterra, apezar de fiel alliada.

E depois a *Marselheza* falla-nos mais ao coração do que o *God save the king*.

Luiz Lobo.

CONVENTO DE VILLAR DE FRADES

Fico cheio de tristeza quando visito aquellas ruinas, ás quaes o tempo, na sua irreductivel demolição, afivella a mascara sombria, esse vinco solemne que as coisas mortas revelam.

E ahi viveram aquelles que, outr'ora, se chamaram conegos regrantes de Santo Agostinho.

No evocar da imaginação, ferida pela saudade das coisas idas, reconstituo os quadros venturosos da paz monacal, e julgo ouvir, no enlevo de poderosa suggestao, o murmurio das resas compassadas, o psalmodiar triste — doce das almas alheias ás delicias terrenas.

Resôam dolorosamente os meus passos n'aquelle vazio immenso!

Das cellas, inteiramente núas em gelido abandono, como que se exhala um frio que nos mata a graça dos sonhos.

E' porque alli viveram, na piedade da sua crença, na communhão das suas dôres e dos seus desenganos, alguns espiritos a quem a vida, — quem o sabe? — estrangulou os seus mais ternos affectos, as suas mais caras ambições!

E sinto-os, vejo-os, olhos fitos n'um Christo a pedirem-lhe socego para as tribulações da sua alma, por essas horas mortas que não sabem esconder suspiros, que nunca enxugaram lagrimas.

A minha tristeza augmenta, n'este amor enorme que tenho pelas ruinas, testemunhas mudas do passado, e que, em qualquer canto, se estadiam hirtas, assombradas de existirem na sua vergonha, de viverem da sua morte!

*

* *

Demora o convento de Villar de Frades na formosissima provincia do Minho, na freguezia de Areias de Villar, a sete kilometros d'entre todas a mais linda villa de Barcellos. E' hoje magnifica e rendosa propriedade em que esmerada cultura de seu actual dono soube relevar as bellezas que lhe são naturaes. Beija-lhe o flanco o nosso bellissimo Cavado, que, no curvear aloroso de limpidas aguas, amaneira a paysagem que mais deliciosa possa presumir-se.

Como elles eram profundamente artistas na sabia disposição dos seus conventos!

Amavam-se da natureza ridente, as gallas nunca excedidas, os encantos nunca até então comprehendidos.

Quer na elevação dos montes onde o desdobrar da vista entremostra seguidas perfeições, aspectos de variedade infinita abarcados sómente por olhos de poetas e pintores, quer em uberrimos valles, sob frondosas arvores d'ameno frescôr, ahi os tenho visto, selectos monumentos, affirmativas gloriosas de supremo bom gosto.

*

* *

Chamaram-se, outr'ora, conegos regrantes de Santo Agostinho!

Depois a evolução social, os acontecimentos, marcaram-lhes a ultima «etape», a derradeira jornada.

E hoje, parece-me vêr, n'aquellas vetustas muralhas, como que o gottejar do pranto que os velhos estillam ao lembrarem-se dos dias mais felizes de sua mocidade!

24-10-905.

Arnaldo Braz.

PORTA LATERAL da Egreja do Mosteiro de Villar de Frades (Barcellos)

Photographia e Simili-gravura de Marques Abreu

PASSAGEM no rio Cavado (Villar de Frades, Barcellos)

Simili-gravura de Marques Abreu

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª. Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras. Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

CANDIDO DA CUNHA. — Professor de Pintura e Desenho. — Rua da Rainha n.º 374. PORTO

Shcramm'sche Lack-und Farbenfabriken Offenbach — ALLEMANHA

Representante: — ANTONIO DE SOUZA PAUPERIO

R. de Bento Junior — PORTO

AS MELHORES E MAIS BARATAS TINTAS DE IMPRESSÃO

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILI-GRAVURA,

DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310 — PORTO.

TYP. OCCIDENTAL — PORTO

ARTE

1.º ANNO — N.º 11

DIRECTOR E GRAVADOR: MARQUES ABREU

PORTO — Novembro de 1905 — Preço 60 REIS

D. MANOEL CORRÊA DE BASTOS PINA, Bispo de Coimbra e Conde d'Arganil

Ampliação d'uma photographia tirada ao ar livre em Carregosa por Marques Abreu

BISPO CONDE

A religião é no dominio do sentimento a mais alta expressão do ideal humano. A arte é dentro da mesma orbita a expressão parallela de um ideal analogo. A religião é a guia da alma em busca da perfeição absoluta no destino eterno. A arte é a guia do espirito na interpretação da vida, para o fim da mais perfeita unificação das consciencias perante a significação da natureza e a missão da humanidade.

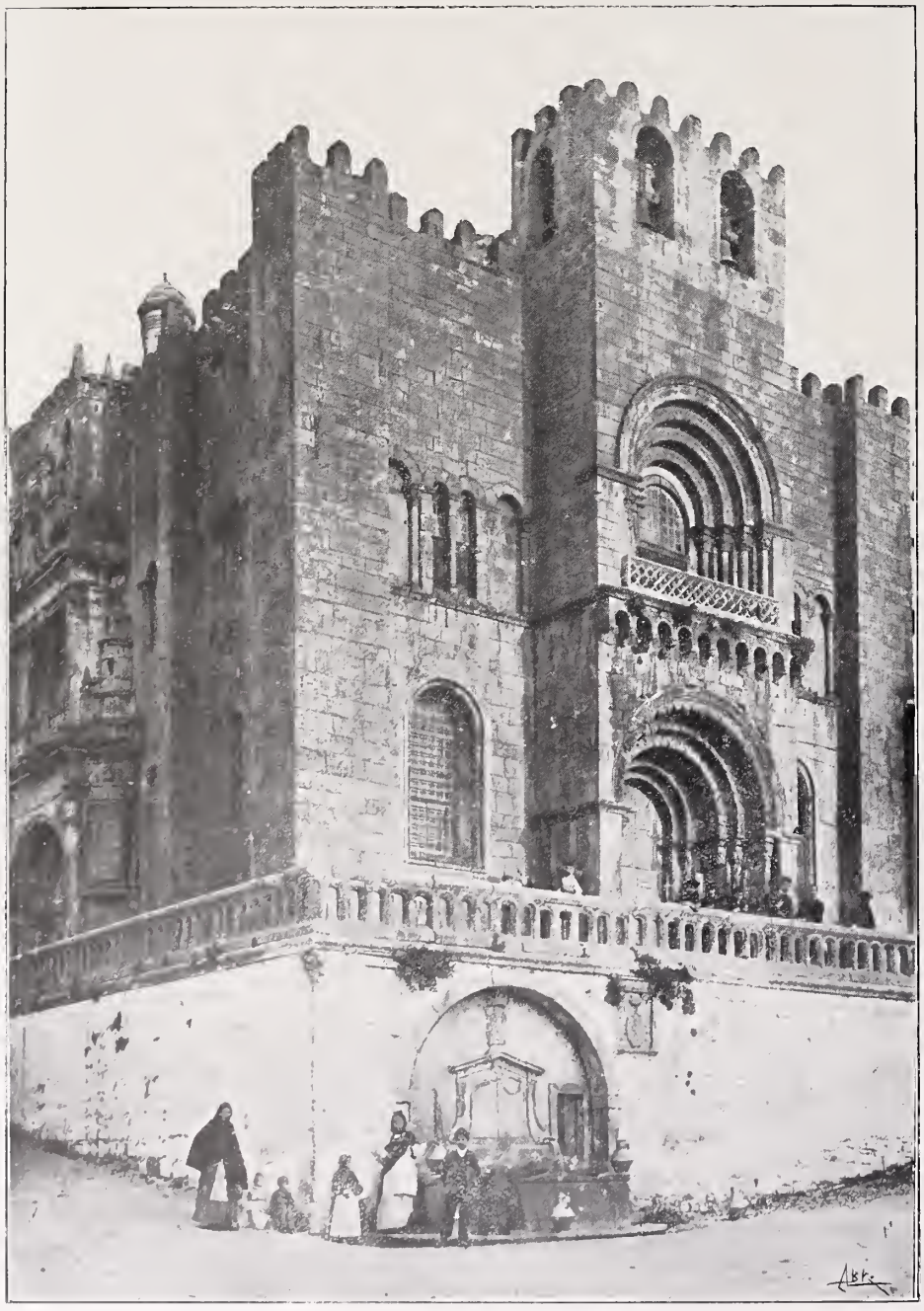
Attentar contra os direitos da religião ou contra os direitos da arte é ferir o sentimento humano no que elle tem mais sagrado, é condemnar a nossa especie á mais iniqua e brutal de todas as expropriações moraes.

Da conciliação da arte e da religião procedem os mais portentosos monumentos que em toda a superficie da terra glorificam e consagram na admiração dos seculos a intellectualidade do homem.

O Bispo Conde de Coimbra, a quem se dedica a homenagem d'estas paginas, é, por todos os grandes actos da sua vida pastoral, como restaurador da Sé Velha, como instituidor do museu diocesano de Coimbra, como conservador de todos os monumentos artisticos sugeitos ao seu baculo, a personificação mais eminente em Portugal da conciliação a que me refiro.

Nada mais grato para nós outros, filosofos, artistas, archeologos, criticos, historiadores do nosso tempo ou simples dilettantes, do que proporcionar-se-nos este ensejo de levantar por um momento os olhos para essa veneranda e agigantada figura de antigo prelado guerreiro, a cuja sagrada purpura tão marcialmente se cingiria um arnez de batalha e um gladio de combate, e dobrar respeitosamente o joelho para receber da sua mão, de sacerdote e d'artista, o ramo de oliveira que elle nos offerece, simbolo de paz universal entre os homens todos, crentes e descridos.

Ramalho Ortigão.



SÉ VELHA, Coimbra

Simili-gravura de Marques Abreu

UM MUSEU D'ARTE RELIGIOSA

É justo que em dia tão jubiloso, como este que celebramos, alguem recorde com publico agradecimento um dos maiores serviços que o Snr. Bispo-Conde de Coimbra prestou á arte e á historia do nosso paiz, fundando o precioso Museu que constitue uma das maiores riquezas artisticas da formosa cidade do Mondego.

Encerrada a Exposição de arte ornamental de 1882, onde durante alguns mezes estiveram concentrados inapreciaveis thesouros; devolvidos ás cathedraes, collegiadas e confrarias os primorosos lavores que encantaram nacionaes e estrangeiros, ficaram-nos, além das saudades, o receio bem natural de vermos desbaratados, vendidos, ou trocados por moderno ouropel os restos de uma gloriosa herança.

E o temor ainda mais se justificava perante a cobiça crescente dos colleccionadores nacionaes e dos agentes externos aos quaes se patenteára, de improviso, uma riqueza desconhecida.

Para a salvação das preciosas reliquias da arte, tudo dependia de um nobre e preclaro exemplo, de uma acção intelligente, de uma iniciativa corajosa. Tudo isso teve o Snr. Bispo-Conde em elevado grau. Conhecedor como ninguem das riquezas da sua diocese, inspirando a todos os seus parochos e parochianos a mais absoluta confiança por actos anteriores do maior desinteresse, ninguem duvidou que o prelado seria o depositario mais fiel e dedicado do thesouro commum.

D'esta sorte se fundou e enriqueceu gradualmente o Museu que está hoje installado e annexo á Sé Episcopal. Não se cuide, porém, que foi tarefa facil e menos trabalhosa. Os recursos da mitra não se podem comparar

CARREGOSA—Quinta da Costeira, rua da Amargura

Photographia e Simili-gravura de Marques Abreu

hoje, nem de longe, com os réditos dos aureos tempos dos Bispos D. Jorge d'Almeida e D. Affonso de Castello Branco. Além d'isso, o Snr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, tomando conta da diocese em 1870, emprehendera antes da fundação do Museu outras tarefas ainda mais arduas. A reorganisação do ensino ecclesiastico, a reforma do seu seminario de Coimbra, hoje um modelo, a restauração da Sé Velha, no primitivo estylo romanico, as obras de conservação do Paço, outra joia architectonica que a Renascença nos legou — reclamavam saber, energia intelligente e — muito dinheiro. A tudo soube acudir o illustre prelado, dando as mais avultadas quantias do seu bolso e reservando para si apenas uma minima parcella, indispensavel para o decôro da sua posição official.

Já dissemos que o ensino lhe deve os maiores serviços; a velha cathedral a sua resurreição, em nova e gloriosa forma artistica; o artista e o artifice conimbricense o enthusiasmo e a fé nas suas forças renascidas; o archeologo e o erudito a conservação e o salvamento dos mais preciosos documentos historicos e artisticos.

Quem subscreve estas linhas teve ensejo de visitar repetidas vezes os museus capitulares de alguns dos cabidos mais ricos da Europa; pode comparar sem prevenções e julgar do valor das obras expostas por experiencia propria e por algum estudo, adquirido durante longos annos de pacientes investigações; não hesita, comtudo, em affirmar que o Museu de Coimbra rivalisa com os mais opulentos.

Joaquim de Vasconcellos.

CARREGOSA — Interior do Sanctuario de N. S. de Lourdes

Photographia e Simili-gravura de Marques Abreu

A RELIGIÃO E A ARTE

Não tive nunca as menores relações pessoaes com o snr. Bispo Conde, mas nem por isso deixo de respeitar o seu caracter, de aquilatar o seu espirito, de reconhecer os serviços por elle prestados á civilisação portugueza numa das suas manifestações mais brilhantes e sympathicas.

Se não estou em erro, creio que é o Bispo de Coimbra o unico dos prelados portuguezes, que usofrue o titulo e as prerogativas da nobreza secular. Foi D. João Galvão quem grangeou essa honra para si e seus successores. A mercê veio-lhe das mãos de D. Affonso v, que premiou n'elle, não as virtudes do sacerdote, mas a intrepidez do soldado.

D. João transformava o baculo de pastor da egreja em espada de guerreiro e na conquista de Arzilla foi tal o seu ardor bellicoso, que el-rei o fez Conde de Santa-Comba, titulo, que, sem se saber porque, se transferiu desde logo para o de Arganil.

Hoje em dia os bispos já não commandam as hostes, embora nos paizes onde o serviço militar é obrigatorio, os seminaristas peguem em armas, como quaesquer outros filhos do povo.

A missão episcopal, apezar de não estarmos nas épocas de mais viva fé, é hoje mais evangelica, mais consentanea com a brandura dos costumes, mais em harmonia com a sciencia, que não é irreconciliavel com a religião, quando esta é bem interpretada.

O catholicismo e a arte viveram sempre consorciados, confundindo-se, equiparados na equação do Bello. O Snr. Bispo Conde abençoou essa união mystica, fazendo todos os esforços para que a arte religiosa, readquirindo o seu antigo explendor, possa levantar a crença no espirito dos tibios e dos scepticos.

Na restauração da vetusta e venusta Sé de Coimbra, na fundação do museu d'arte ornamental religiosa, tem o snr. Bispo Conde os pergaminhos da mais authentica fidalguia e os seus successores, venerando a memoria de D. João Galvão, com mais justiça se curvarão reverentes diante da obra do snr. D Manoel Corrêa de Bastos Pina.

Não é só á posteridade que incumbe laurear o nome do actual prelado conimbricense. A geração presente não adia o cumprimento dos seus deveres e eu não duvido, accedendo aos rogos de um amigo, associar o meu nome a esta respeitosa e merecida homenagem. E' insignificante o meu tributo, mas tem a valorisal-o a sinceridade.

Sousa Viterbo.

19 DE NOVEMBRO DE 1905

Em 19 de novembro de 1830 nasceu em Carregosa uma criança que tornada homem veio a ser um dos mais notaveis do nosso tempo, e elevado á dignidade episcopal, é ahi, honra e illustre da egreja e da patria portugueza, e, nos dominios da arte, para a sua diocese, o mesmo que Leão x foi para Roma. Das suas virtudes e dos seus serviços á egreja e ao paiz dissemos já em outro logar [1]; do seu amor pelo passado, do seu culto pela arte dizem hoje aqui alguns dos mais distinctos criticos que elle tem entre nós; do que é como artista elle proprio, diz a gravura que reproduz o interior do formosissimo sanctuario que á Virgem, levantou na aldeia do seu nascimento.

Marques Gomes.

(1) D. Manoel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, *Esboço biographico.* — Porto, 1898, 241 pag.

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILI-GRAVURA,

DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310 — PORTO.

TYP. OCCIDENTAL — PORTO

ARTE

1.º ANNO — N.º 12

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — Dezembro de 1905 — Preço 60 REIS

ARTISTAS NOVOS

JOSÉ D'OLIVEIRA FERREIRA — ANTONIO ALVES DE SOUSA

JOSÉ D'OLIVEIRA FERREIRA

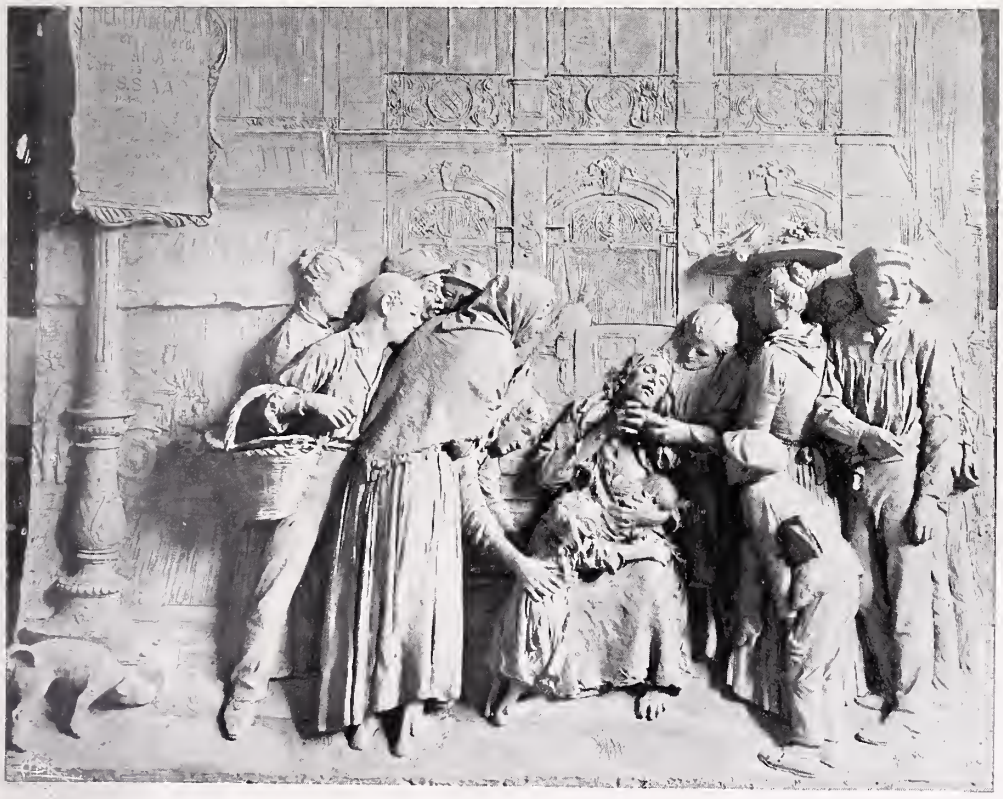
Não ha muito ainda que uma trindade de penitentes da Academia Portuense de Bellas Artes, de sacóla ao hombro e bordão a prumo, poz pés a caminho em demanda de plagas de Lisboa e ali aportou com dois ramalhudos diplomas de academico honorario para as majestades do reino.

Voltou então a falar-se na reforma da mesma Academia e assentou-se em que, d'este empuxão, ella iria a cabo, como uma restauração de velho chaveco, apesar das difficuldades a derrear e dos trabalhos a remover, porque o sr. ministro, com a sinceridade e a convicção que embandeiram no ritual, solemnemente o promettera.

Não foi preciso mais para se dormir sobre os louros de um bem suado triunfo. O que um ministro jorra dos labios solemnes assume foros de Evangelho, e o illustre titular da pasta do reino foi na conjunctura verdadeiramente um Evangelista.

Sómente, como diriam os francezes se fallassem portuguez, ha longo tempo que essa obra de misericordia é instantemente reclamada, e com penitentes ou sem penitentes, com diplomas ou sem diplomas, a pobre escola que faz da corôa portugueza académica de mérito, continúa roída do seu velho caruncho, embora justificando escrupulosa, honrada e nobremente o seu direito a mais desafogada existencia.

Dos argumentos abonatorios d'essa justificação temos nós falado muita vez: mas a nossa voz, talvez de cançada de cantar a Marselhesa, não tem sido escutada dos córneamente surdos do Poder. E porquê? Porque está provado que ás entidades que governam pouco importa que, desde que Manuel Passos illuminou essa escola do seu patriotismo, a maior porção da gloria artistica de Portugal lhe pertença. Para a corôa que pincéla quadros ou para o ministro que cozinha eleições, interessa mais saber que o sr. marquez d'Avila e de Bolama foi um estadista mediocre, do que averiguar se Soares dos Reis foi um artista de ge-



Uma mulher do povo, conduzindo duas creanças, cae debilitada pela fome em um banco de praça publica. Rodeiam-a populares procurando reconfortál-a.

Esculptura de José d'Oliveira Ferreira — Simili-gravura de Marques Abreu

ANTONIO ALVES DE SOUSA

nio. O criterio official é um só. E d'elle só póde extrahir-se que um discurso do sr. Lourenço Cayolla dá mais brilho á grandeza historica do paiz do que uma téla de Silva Porto.

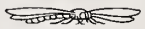
Entretanto o que succede? Simplesmente que essa Academia que o Estado abandona á poeira das estradas como a um mendicante de feira; essa filha espúria, banida das boas graças dos que mandam como de um lar maldito, quando a sua feliz irmã lisboeta dispõe de todas as delicias da terra; essa desherdada, essa precita, essa expungida, continúa como laboriosa formiga a documentar serenamente o seu direito á partilha dos beneficios, se beneficio póde chamar-se ao que só se filía n'um sagrado principio de justiça.

A exposição escolar que vem de encerrar-se, é, n'este ponto do seu direito a um rateio de equidade, absolutamente insofismavel. Pomos de parte o numero dos alumnos catalogados em provas mais ou menos comprovativas dos seus aproveitamentos; igualmente deixamos para melhor opportunidade os trabalhos de Constantino Fernandes, que não foi alumno da escola do Porto. mas é seu pensionista, e os de Acacio Lino, que a Academia viu nascer para a Arte, e que a estas horas em Paris, cheio de fé, cheio de tenacidade e cheio de talento, afincadamente procura justificar as esperanças que os mestres n'elle depositaram. Apontaremos apenas os dois alumnos de esculptura que deixando a escola por haverem terminado o curso, deixam tambem, ao dizer-lhe adeus, eloquentemente affirmado que não foi perdido o seu tempo quando á Academia confiaram o encargo da sua primeira educação artistica. Póde dizer-se que elles defenderam a sua these como dois mestres feitos; e quem entra assim armado nas contingencias da lucta, póde largamente confiar da forte musculatura do seu braço a segura conquista do triunfo. Não se trata de estabelecer aqui pelo convencionalismo de uma valorisação escolar, a exacta somma de capacidade de que cada um dispõe. O que se trata é de pôr em evidencia que quando um estabelecimento de ensino póde assim diplomar os seus alumnos, não já com o passaporte official derivado de uma secretaria, mas com o applauso incitador e leal dos proprios mestres, como no caso de Teixeira Lopes, que coroou o trabalho dos discipulos dilectos, esse estabelecimento tem o dever não só de invocar o seu direito ás regalias a outros concedidas, mas de exigir um pouco mais de decôro e um pouco mais de justiça.

Este lindo repositorio de bellas coisas que é *A Arte* incumbe-me de saudar a brilhante affirmação de talento dos dois novos artistas. Calorosamente o faço; e com tanto maior enthusiasmo quanto é certo elles terem-me offerecido ensejo para mais uma vez erguer o meu grito de revolta contra o desprezo quasi acintoso a que se tem votado a Academia!

Porto, 1905.

Guedes d'Oliveira.



O NATAL

O Natal!... Que sonorosa palavra!... E que de coisas que ella significa!... E' a noite de consoada com as suas loiras rabanadas a escorrer de mel doirado; são as *janeiras* a saudarem o novo anno que chega; e a Epiphania surprehendendo-nos com a *fava* do saboroso *bolo-rei;* é a arvore do natal de ramos luzentes offerecendo encantos mil ás creanças; é, emfim, o presepio com o seu rustico scenario e a candura dos seus figurantes a dizer nos que em berço humilde nasceu a mais sublime das creaturas.

Tudo isto é tão festivo, tão alegre, tão pinturesco, tão ideal que o mundo nos parece um paraiso e a humanidade um côro de anjos! Assim o imaginaram os prophetas an-

Uma mulher do povo, conduzindo duas creanças, cae debilitada pela fome em um banco de praça publica. Rodeiam-a populares procurando reconfortál-a

Esculptura de Antonio Alves de Sousa — Simili-gravura de Marques Abreu

A ADORAÇÃO DOS PASTORES

Quadro de Bouguereau

Simili-gravura de Marques Abreu

O DICTADO, cliché do distincto photographo Carlos Evaristo Junior

Simili-gravura de Marques Abreu

nunciando o advento d'esse menino maravilhoso que pastores e reis adoraram.

De lvrios se matizaram os valles e de relva se alcatifaram os montes, não se encheu, porém, de amor o coração humano. Aos mercadores do Templo outros mais gananciosos succederam. O sophisma, a hypocrisia e o egoismo, que Jesus confundiu e anathematizou, condemnaram Galileu, queimaram João Hüss, apunhalaram o Bearnez, massacraram Coligny, e ainda hoje escravisam consciencias, e tyrannisam povos!

Como ha 1905 annos falta o pão a muitos, pão que mata a fome e pão que espanca a ignorancia!

E, apezar de trezentos oitenta e um lustros serem já passados depois que o perseguido de Herodes veio trazer ao mundo a esperança d'um futuro melhor, o mesmo ancear perdura por esse porvir que de continuo recúa como horizonte para o qual se avance; sempre a mesma aspiração para a felicidade, sempre o mesmo sonho d'uma edade d'oiro: o finito querendo abarcar o infinito, o transitorio querendo alcançar o eterno.

E assim evolve a humanidade, saudosa das tradições que murcharam, esperançada nos ideaes novos que vão florir.

O Natal é como que a conjuncção d'esse passado que saudades deixa, e d'esse futuro que promessas traz.

Luiz Lobo.

O enthusiasmo é d'algum modo a adolescencia do verdadeiro genio e a moderação sua idade madura. Esta é o fructo das luzes, das desgraças, dos resultados d'uma vida occupada, tanto como virtuosa.

O amor do trabalho e o amor da verdade ficam sós. A consciencia já não é escrava da sensibilidade; fortificou-se, sacrificando uma depois d'outra, não as virtudes, mas as illusões.

Um som ao longe, igual ao da trombeta, fez resoar os echos. A princeza escuta; um morno silencio lhe succedeu.

«Tal é a fama, exclama ella, o som fugitivo d'um instante».

Arlincourt.

POSTAES ★ MARCA REGISTADA

São os preferidos pela belleza dos modelos, artistica execução e primoroso colorido.

Á VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS D'ESTE GENERO

LITOGRAPHIA ARTISTICA. Execução esmerada de todos os trabalhos concernentes á arte lithographica. R. do Campinho, 20 a 26, Porto.

RODRIGUES & C.ª. Deposito das melhores tintas d'impressão, de Gleitsmann e fornecedor de todo o material typographico. R. Ferreira Borges, Porto.

DEPOSITO DE PAPEL DA FABRICA d'Abelheira. Papeis assetinados e couchés, para impressão de gravuras Lindissimos papeis, proprios para capas de livros. R. Mousinho da Silveira.

BAZAR PHOTOGRAPHICO. Fornecimento completo de todos os artigos de photographia. R. de S. Antonio, 65. Porto.

CENTRO PHOTOGRAPHICO. Este estabelecimento fornece, por preços baratissimos, todos os productos e material para photographia. R. Sá da Bandeira.

CANDIDO DA CUNHA. — Professor de Pintura e Desenho. — Rua da Rainha n.º 374.

PORTO.

AS MELHORES E MAIS BARATAS TINTAS DE IMPRESSÃO

Shcamm'sche Lack-un Fabenfabiken Offenbach — ALLEMANHA

Representante: — ANTONIO DE SOUZA PAUPERIO

R. de Bento Junior — PORTO

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA E SIMILI-GRAVURA,

DE MARQUES ABREU, rua de S. Lazaro, 310 — PORTO.

TYP. OCCIDENTAL — PORTO

ARCHIVO DE OBRAS DE ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE S. LAZARO, 310 — PORTO

SUMMARIO DO SEGUNDO ANNO

N.º 13

ART.—Artes Humildes.—Maternidade.—Martyres Christãos.—Francisco Gouveia.

GRAV.—Martyres Christãos.—João d'Oliveira Ramos.—Saudade.—O Professor Injalbert.—Maternidade.

N.º 14

ART.—O Pintor Arthur Loureiro.

GRAV.—Arthur Loureiro.—Retrato de Sá d'Albergaria.—Flora.—Só no Mundo.—Um trecho do Atelier de Arthur Loureiro.

N.º 15

ART.—A Sexta Exposição de Bellas Artes na Galeria da Misericordia.—Sociedade de Bellas Artes.—Porta Lateral da Egreja do Espirito Santo, *em Alcacer do Sal.*—Paisagem do Vouga.

GRAV.—A Paschoa no Minho.—Fim de Tarde d'Outomno.—Depois da Festa.—Velho.—Praia de Pescadores.—Paisagem, *margem do Rio Vouga.*—Porta Lateral da Egreja do Espirito Santo, *em Alcacer do Sal.*

N.º 16

ART.—João Baptista Tiepolo.—Do Contorno nas Artes do Desenho.—Caminho Velho.—Candoza.

GRAV.—Tiepolo, *A Fé, Esperança e Caridade.*—Tiepolo, *A Mansidão e a Humildade.*—Tiepolo, *A Força e a Justiça.* Tiepolo, *A Prodencia, A Graça e a Innocencia.*—Caminho Velho.—Candoza.

N.os 17 e 18

ART.—Vieira Portuense.—Sociedade de Bellas-Artes.

GRAV.—Vieira Portuense.—Vieira Portuense, *Santa Margarida de Cortona em Artigo de Morte.*—Vieira Portuense, *Adoração do Sacramento.*—Vieira Portuense, *A Musica*—Vieira Portuense, *A Pintura.*—Vieira Portuense, *A Dansa.*—Direcção da Sociedade de Bellas-Artes.

N.º 19

ART.—Victoria e Marechal Saldanha.—O Bussaco.

GRAV.—Victoria, *destinada ao monumento do Marechal Saldanha.*—Bussaco, *Hotel Monumental*, um detalhe do interior.

N.º 20

ART.—Marques Gomes.—Renovação dos Votos, *quadro de Alberto Pinto.*

GRAV.—Marques Gomes.—Renovação dos Votos.—Homenagem.—Uma manhã no Rio Agueda.

N.º 21

ART.—Bacho.—Mais dois Artistas Novos.—O Cruxifixo da Egreja de Santa Cruz de Coimbra.

GRAV.—Bacho.—Um Vendedor de Jornaes.—Um Vendedor de Jornaes.—Bussaco, *Hotel Monumental.*

N.º 22

ART.—Dr. Jayme de Magalhães Lima.—Agramonte.—Hotel Monumental do Bussaco.

GRAV.—Dr. Jayme de Magalhães Lima.—Conde de Ferreira.—A Caridade.—Bussaco, *Hotel Monumental.*

N.º 23

ART.—«Flora» e «Venus Anadyomena», *Esculptura de Thomaz Costa.*—Mattoso da Silva Corte-Real.—A Admissão ás Exposições de Bellas-Artes e os premios.

GRAV.—Flora.—Conselheiro Castro Mattoso.—«Venus Anadyomena».

N.º 24

ART.—A Lição dos Anjos.—José Geraldo da Silva Sardinha.—Trechos do discurso proferidos no Theatro de S. João, na noite de 20 de Junho d'este anno em honra do grande pintor Vieira Portuense.

GRAV.—A Lição dos Anjos, de *Fritz Roebel.*—José Geraldo da Silva Sardinha.—L. Knaus, *Sagrada Familia.*

ARTE

2.º ANNO — N.º 13

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — Janeiro de 1906 — *Preço 60 REIS*

MARTYRES CHRISTÃOS

QUADRO DE CONSTANTINO SOBRAL

PHOTOGR. E SIMILI-GRAV. DE MARQUES ABREU

ARTES HUMILDES

A ARTE tem moralidade; e esse poder será um elemento valioso na nobreza ou degradação do seu caracter, embora regeitem este criterio o sensualismo d'aquelles que se habituaram a procurar na arte uma simples fonte de delicia, e a vaidade dos que a sorte destinou ao triumpho e encontram em volta das suas obras multidões de curiosos a applaudil-as e gente rica, prompta a pagar por bom preço a fama de possuir maravilhas, authenticadas com premios e medalhas.

As consequencias moraes da arte não importam, nem aos prazeres do regalão, nem á altivez e estulticia dos homens entendidos, criticos finos, hyperestheticos, nem ao interesse do pseudo-artista que combinou a destreza das proprias faculdades e as vantagens do negocio lucrativo.

Para esses, está tudo optimo e é legitimo, emquanto não soffrer prejuizo o gozo d'uns e a algibeira dos outros.

Fóra, porém, dos conciliabulos estreitos, pervertidos porque os dominam méras aspirações egoistas, a arte não poderá isentar-se de merecimento moral no louvor ou condemnação que houvermos de attribuir ás suas obras. Desde que define tendencias d'espirito, sympathias e aversões, estados d'alma, —e nunca se desprenderá d'esses laços porque basta a escolha do assumpto, independente da interpretação, para significar preferencias do artista; desde que a arte tem de exprimir, por virtude da sua natureza, modos de ser psychologicos, affectos e repugnancias, necessariamente acabará como instrumento de propaganda, benefica ou nociva, actuando nos costumes, na vida do individuo e da communidade, em toda a ordem social. Ha-de, em resumo, produzir o bem e o mal, transmittir e inspirar desejos salutares ou perniciosos.

Não se comprehende, não o admitte a logica nem o justifica a observação dos factos, que alguem contemple um Corot ou um Millet sem ficar amando mais a natureza e o trabalho, ou que alguem aprecie a representação na tela do fausto do seculo XVIII sem ao mesmo tempo deixar de cahir em indulgencia pela corrupção alli estampada e parte integrante de toda essa embriaguez de sedas, de espelhos e de braços e hombros nus, calculadamente provocantes.

O que diz, como e a quem o diz, por que processos e com que resultados para a educação da nossa alma—serão invariavelmente pontos de referencia inseparaveis no julgamento da arte.

*
* *

Vivemos n'uma epocha de democracia, n'uma epocha em que o christianismo e a justiça impozeram o reconhecimento da igualdade fundamental de todos os homens, tornando accessivel a todos, pela lei e pela organização social, não só o conforto e o pão do corpo, o que apenas deriva de necessidade e ordem economica, mas a elevação da alma, que representa a grandeza do homem e lhe marca um logar unico na creação.

Não deixou por isso de ter uma alta moralidade a grande arte, a esculptura, a pintura e a architectura monumental; continuarão a ser factores educativos poderosos, poderosissimos, ás vezes a traducção plena, evidente, do evangelho de prophetas sublimes. Mas o seu valor material, por muito subido, afastou-as da habitação ordinaria e sómente lhes permittirá chegar ao povo, no melhor caso, como propriedade do estado, em edificios publicos.

N'estes termos, convém a uma democracia, sem embargo, e ahi lhes cabe um papel superior. Sequestradas, todavia, da acção quotidiana, não poderão fomentar de continuo o enlevo de belleza que ha-de purificar o espirito, mostrando-lhe na terra qualquer cousa além d'uma baixa existencia animal e acima d'esta, dominando-a.

D'ahi a altissima missão das artes humildes, da ceramica, do vidro, do ferro e dos metaes, da photographia, dos tecidos, do livro e da imprensa, do mobiliario e da architectura domestica.

Companheiras de toda a hora e ao alcance da condição modesta, penetrando irmãmente sob o tecto esmerado do millionario e sob a rudeza dos colmos do trabalhador, são ellas, essas artes humildes, que hão-de propagar entre os humildes o culto da Harmonia e a religião da Belleza.

Honremol-as! Inspira-os uma extremada dignidade.

Jayme de Magalhães Lima.

JOÃO D'OLIVEIRA RAMOS
ESCULP. DE F. GOUVEIA

«SAUDADE»
ESCULP. DE F. GOUVEIA

O PROFESSOR INJALBERT
ESCULP. DE F. GOUVEIA

ARTE

2.º ANNO — N.º 14

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO—FEVEREIRO DE 1905

Edição especial 60 reis

ARTHUR LOUREIRO no seu atelier de pintura no Palacio de Crystal Portuense

PHOTOGRAPHIA E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

O PINTOR ARTHUR LOUREIRO

A CONVITE d'um bom amigo, muito distincto artista e professor, sômos citado a escrever nas columnas d'este benemerito archivo de coisas bellas, algumas palavras referentes ao pintor Arthur Loureiro, a proposito da exposição dos seus ultimos trabalhos, agora patente no seu *atelier* do Palacio de Crystal. D'estes trabalhos quasi nada diremos, porque nada temos que accrescentar ao que as chronicas jornalisticas d'elles disseram e, bem assim, para não cahirmos no circulo fastidioso da repetição de idêas, fazendo, d'este modo, economias a paciencia do leitor.

E' um desprazer para quem escrevinha ter de repetir considerações acerca de assumptos já tratados em criticas feitas anteriormente. Julgamos empreza sobrehumana a de dizer alguma coisa nova e util d'um artista consagrado, depois de terem sido enriquecidas as lettras patrias com as mais engenhosas philigranas da rhetorica, da maldisencia ou do louvor ácerca d'elle. E, se não fôra a obrigação grata de acquiescer a um lance de penhorante amabilidade e o agradavel ensejo de, mais uma vez, prestarmos o tributo d'uma invaiosa homenagem a um illustre filho d'esta terra portuense, desistiriamos logo do intento pedindo que nos substituissem na honrosa tarefa por alguem que, com mais competencia e melhor do que nós, a executasse.

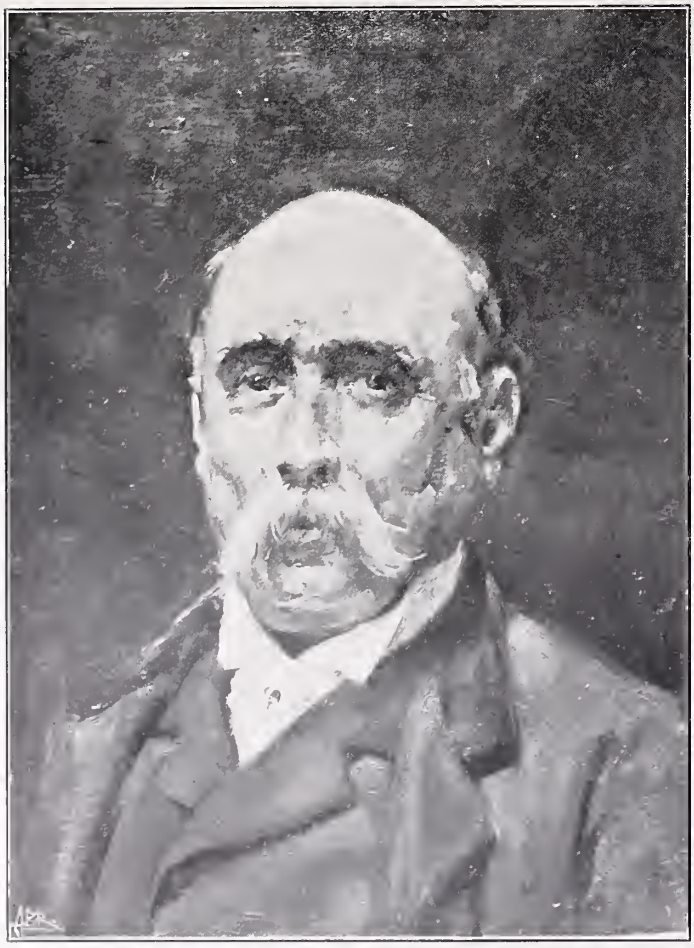
Quem não sabe que Arthur Loureiro foi um discipulo aquilatado da nossa Academia Portuense de Bellas-Artes e que em França e na Italia completou os seus estudos artisticos? Quem ignora que Arthur Loureiro viveu largos annos em Melbourne, Australia, que alli exerceu a sua arte com successo brilhante e que professou edoneamente n'uma das primeiras escolas normaes d'arte d'aquelle lado do mundo? Quem desconhece que Arthur Loureiro voltou á terra natal ha cerca de quatro annos e que, durante este lapso de tempo, tem feito seis exposições de trabalhos elaborados na terra portugueza, e que cada uma das suas exhibições tem marcado uma affirmação nova do seu talento e do merecimento do seu labor pertinaz e fecundo? Quem não conhece o que vale este artista? Que nos resta, pois, a dizer d'elle, objecto, portanto, d'estas linhas mal escriptas? Recorrer, apesar de tudo, ao expediente imprescindivel e commodo de reeditar raciocinios já feitos o qual aproveitamos, no caso presente, sem a minima repugnancia, visto ser para nós um motivo de jubilo relembrar themas dilectos que se nos quadram ao coração e á mente.

O trabalho litterario de interpretar por meio de phrases o valor exacto d'um artista e da sua obra, sempre nos pareceu muito difficil de levar a bom fim. Quando nos defrontamos com uma tela ou estatua, na intenção de explical'as a outros que não as viram, o problema antolha-se-nos embaraçôso de resolver e concluimos, por unanimidade de raciocinios, pela sua insolubilidade. Afigura-se-nos que as obras da arte do desenho, para serem devidamente julgadas, devem ser vistas pelos olhos de quem se interessa por ellas. O simples relancear d'olhos d'um espectador delicado e intelligente resolve e avalia tudo n'um instante o que horas de leitura não puderam conseguir durante muito tempo. Assim é que todas as informações litterarias que temos lido ácerca das obras dos grandes mestres são quasi todas erroneas e contradictorias. Os mais insignes escriptores que se occuparam de obras d'arte foram justamente aquelles que maiores erros e falsos juizos architectaram. Diderot, descrevendo e gratificando de intenções philosophicas as pinturas de Greuse; o grande poeta Goëth, relatando aos seus patricios de Weimar o que eram as pinturas do Vaticano e da Farnezina, os *frescos* de Raphael e os de Miguel Angelo; o philosopho, o historiador, o inapreciavel, inconfundivel litterato Henri Taine, narrando-nos os muzeus e palacios italianos n'uma linguagem vivacissima e movimentada de cenimatographo, cheia de opulencias magnificentes da rhetorica. Citando só estes de grande valia, para não citarmos o sem-numero dos banaes, concluimos que estes grandes homens, que foram tambem grandes artistas, não conseguiram bordar senão apreciações maravilhosamente chimericas do que viram nas obras dos artistas que apreciaram.

Em materia de elucidações relativas aos artistas a melhor será a de aconselhar o publico a que visite amiudadas vezes as exposições d'arte a fim de educar-se praticamente e de avalial-as com segurança atravez da retina dos seus proprios olhos. Se a obra d'arte o impressionar soberanamente, se lhe causar sensação nova e estranha, esteja certo o publico que essa obra vale alguma coisa ou mesmo muito; mas, se essa obra o deixar indifferente, quer dizer, se não apagar de repente no seu espirito as suas idêas favoritas para dar logar a outras que as substituam logo e que o impressionem, então, a obra d'arte nada vale ou vale muito pouco. Esta regra é geral e só tem a contrarial'a uma ou outra rarissima excepção, dadas certas circumstancias.

E' conveniente que se tome nota d'uma verdade que até hoje tem tido pouca voga, a qual é preciso que circule, e vem a ser: que o publico é menos incompetente para julgar obras artisticas do que elle proprio imagina. A emoção causada pela obra d'arte pode ser sentida por toda a gente e é mais expontanea do que geralmente se suppõe. Essa emoção manifesta-se immediatamente quando é superiormente sollicitada pela belleza e naturalidade da obra, sem ser precizo para isso o auxilio estranho de guias explicativos. Em todos os cerebros de funccionamento regular, mesmo até nos incultos, o senso esthetico possue um cantinho livre e allodial.

Incontestavelmente, a emoção produzida no espectador pelo objecto d'arte explica-se pela maior ou menor somma de sinceridade contida na sua expressão artistica. Esta condição é primordial, a unica até que dá o maior relevo e valorisa a obra d'arte. Se o artista fôr bem sincero no seu trabalho a obra apresenta-se como que fundida d'um jacto só, preciza, simples e com aquella unidade de pensamento que logo empolga o espectador, seduzindo-o, commovendo-o e elevando-o a um mundo superior de espiritualidade. Esta primeira qualidade do artista, *rara avis*, é a que exorna primacialmente o talento do pintor Arthur Loureiro; entre os seus trabalhos expostos, o retrato do nosso emerito confrade Sá d'Albergaria, uma obra prima de sincerissima naturalidade e criterio artistico, prova exuberantemente a nossa asserção. Esta imagem, seja-nos permittido o termo um tanto paradoxal, é mais que o retrato veridico d'uma phisiono-



RETRATO DE SÁ D'ALBERGARIA, pintado por Arthur Loureiro

PHOTOGRAPHIA E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

FLORA—Quadro de Arthur Loureiro

PHOTOGRAPHIA E SIMILI-GRAVURA DE M. ABREU

mia, é tambem um documento humano de inquerito moral, revelando-nos segredos do fôro intimo e mysterioso da alma e do espirito.

Este retrato de Sá d'Albergaria transporta-nos o pensamento aos tempos dos grandes mestres da pintura flamenga que immortalisaram os seus burgo-mestres, generaes e almirantes, retratando-os. E' talvez por isso, que o illustre escriptor, retratado por Arthur Loureiro, ao ver terminado o trabalho, exclamou: *agora já não morro!*

Estas palavras encerram em si, n'um resumo amabilissimo, todo o elogio da obra. Nós tambem estariamos persuadido que este retrato de Sá d'Albergaria evitaria que o seu nome se olvidasse se elle não valesse muito por si mesmo. N'este caso, porém, o pintor vale o litterato e o escriptor hombreia com o artista; equivalem-se e ambos entrarão na immortalidade, não pelos humbraes dantescos da eterna dôr, mas sim pela porta excepcional e paradisiaca esculpida pelo cinzel insigne de Ghiberti.

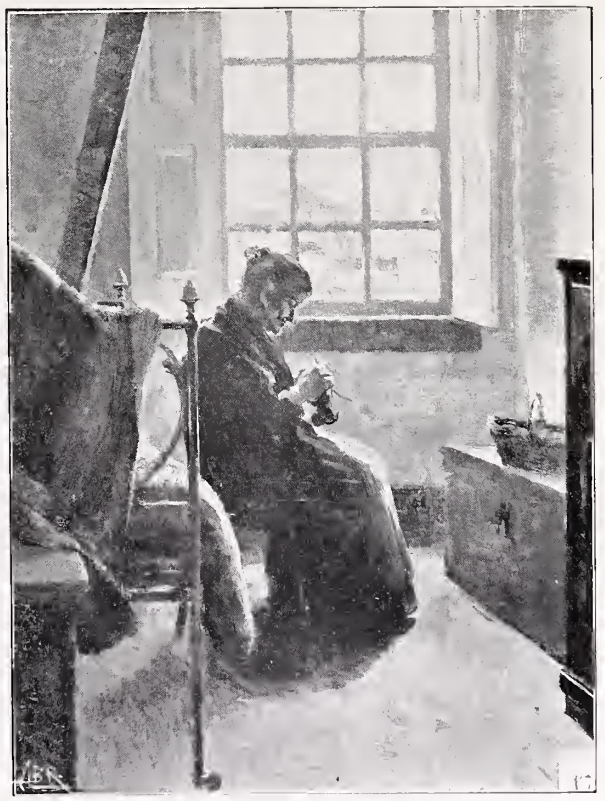
Na sua viagem de regresso de Melbourne a Portugal, Arthur Loureiro pintava, aproveitando os ocios de bordo. Duas telas da exposição, *Colombo* e *Suez, entrada do canal*, são trabalhos executados durante essa viagem. Existe um outro, uma scena de bordo, pintado n'essa epocha de que é proprietario o escriptor Ramalho Ortigão. Esta pintura foi mostrada aos reis de Portugal. Diz-se, salvo melhor informação, que a rainha se mostrara fortemente impressionada pelo aspecto verdadeiro da obra, a tal ponto que lhe pareceu que o pavimento se balouçava como se estivesse pisando o convez d'um paquete e que se lhe determinaram prenuncios de enjôo.

A rainha de Portugal passa por ser uma cultôra distincta de bellas-artes assim como seu real esposo; por isso, devemos acreditar que a funda impressão que lhe produziu aquelle quadro de Arthur Loureiro fosse genuina e alheia a perturbações histericas. Não são raros estes casos de suggestão motivada pela flagrante naturalidade das obras d'arte. Aquelle caso muito conhecido do rei Luiz XIV ficar irritado e quasi apopletico ao encarar os quadros de David Teniers que lhe haviam comprado para as suas galerias de Versailhes, e tambem veridico e muito elucidativo. O rei-sol, grandioso principe em tudo, até na qualidade e quantidade dos clisteres que os seus apothicarios empregavam na lubrificação diaria de seus regios intestinos, ficou offendido e sentiu-se adelgaçado ao defrontar-se de surpreza com as scenas plebeias e lubricas das danças e borracheiras do povo flamengo, archivadas magistralmente nas telas do famoso pintor judeu. Mandou logo que lhe tirassem da vista: *aquelles mônos!*

O nôjo majestatico de Luiz XIV não se quadra bem á natureza do enjoo sentido pela rainha D. Maria Amelia d'Orleans ao encarar a scena pintada por Arthur Loureiro, mas as duas impressões suggestivas attestam a sinceridade da technica dos dous artistas, o portuguez e o flamengo.

Os quadros de paisagem maritima pintados por Arthur Loureiro teem em cunho especial de regionalismo a recommendal'os. A sua obra, já consideravel, de panoramista do oceano que banha as nossas praias é digna de ser observada com attenção. Uma d'essas telas, pintada em tempo e que o artista intitulou *Mar piscoso*, é um trabalho de merito. Na actual exposição apreciam-se paineis novos pintados em Carreiros muito interessantes, destacando-se o denominado *Effeitos de luar* e mais tres representando rochedos da praia. Em nenhum d'estes quadros se descobrem visiumbres de banalidade ou de fatiga; ao contrario, todos os trabalhos demonstram que o artista é o primeiro interessado no que pinta, tratando com desvelos escrupulosos o que os seus pinceis e as suas tintas fazem surgir na tela.

A gente, quando fixa estes quadros azues, cujos ceus de colorisações radiosas e subtis, serenos e diaphanos, dão a impressão musical dos *adagios* que embevecem os sentidos



SÓ NO MUNDO—Quadro de Arthur Loureiro

PHOTOGRAPHIA E SIMILI-GRAVURA DE M. ABREU

UM TRECHO DO ATELIER DE ARTHUR LOUREIRO

PHOTOGRAPHIA E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

e nos conduzem á *réverie;* scenas cheias de luz e de ar puro de sanatorio; de transparencias luminosas e de espumas brancas fluctuando sobre o dôrso hyalino de vagas chrystalinas como esmeraldas desmaiadas; de areias mordidas pelo sol e de rochedos pittorescos e algas gommosas metalisadas pelo verniz salino da onda; de vida e de felicidade a brotarem de todos os pormenores, a gente, diziamos, sente-se bem. O espirito refrigera-se, desanuvia-se de tristezas com taes espectaculos consoladores e ficamos gratos ao artista pelo beneficio do seu talento, talmente como viandante, cançado e aborrecido, chegado a logar de repouso confortavel que lhe pertença.

Não remataremos estas linhas sem insistir no proposito que as determinou, isto é, o de pôr em evidencia o predicado da sinceridade que mais qualifica o talento de Arthur Loureiro, ajudada por uma paleta de colorista brilhante. Este artista tem mais a distinguil'o a vantagem de executar com familiaridade todos os generos de pintura: a figura humana, a paisagem, as marinhas, os animaes, as flores e as plantas. E' tambem um mestre decorador de recursos incontrovertiveis, como tem demonstrado em trabalhos de pintura e esculptura e pelo largo tirocinio que desta arte teve na Australia. Não é muito vulgar reunirem-se no mesmo individuo aptidões tão varias e complexas, realçadas pela virtude d'um trabalho incessante a instigal'as.

Não obstante existirem tantas provas evidentes de merecimentos incontestaveis, Arthur Loureiro nao é professor official da sua arte, nem foi ainda nomeado academico de merito, ao menos, d'uma das duas Academias de Bellas-Artes que adornam o paiz. No emtanto, essa honraria de alcance restricto tem sido conferida a individuos estranhos a labores especiaes de arte e a outros cujos merecimentos artisticos e tirocinio não soffrem parallelo com os do nosso muito modesto mas muito invulgar pintor. Como a verdade, porém, não é bifronte, seja-nos permittido, aqui, exprimir a estranheza que tal esquecimento causa, registando-o. Não queremos censurar as deliberações que motivaram os diplomas até agora concedidos e tão pouco contestar o merecimento relativo das pessoas agraciadas, mas, com franqueza diremos, não podemos deixar no silencio dos consentimentos tacitos procedimentos de manifesta injustiça ou de lastimoso olvido. A arte pela arte é e será sempre o unico lemma d'uma integral cultura e pratica sensata de artistas dentro das Academias ou fóra d'ellas.

Parece que um tal artista está indicado para exercer o cargo de professor n'uma das nossas Academias de Bellas-Artes, precizando ellas de desenvolver o seu programma de ensino, como está provado á saciedade. Infelizmente, porém, os poderes governativos não pensam em remediar o desleixo vergonhoso e o ensino das bellas-artes continua difficiente, obsoleto e desanimador para os alumnos, mormente no Porto.

Se o ensino das bellas-artes é menos improficuo do que era de esperar em virtude das circumstancias em que se encontra, deve-se esse quasi milagre ao sacrificio pessoal de meia duzia de professores distinctos que, por fortuna, entraram nas Academias n'estes ultimos annos. A Academia Portuense de Bellas-Artes, a mais abandonada das duas miseras Academias existentes no paiz, em duas brilhantes provas do quinto anno de esculptura do curso ultimo, dous baixo-relevos apresentados por dous alumnos, demonstrou o que vale o exemplo d'um professor competente e o esforço de dous môços talentosos.

Comtudo, nem o exemplo dado pela Academia Portuense, nem as provas de merecimento exhibidas por Arthur Loureiro conseguiram abalar o animo d'um ministro inspirando-lhe dous decretos urgentes: o da reforma e ampliação do ensino no Porto e o da nomeação do distincto artista portuense para o logar de professor n'uma das supracitadas Academias.

E' lamentavel.

Cyrillo Carneiro (Manlius).

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA — PORTO

ARTE

2.º ANNO — N.º 15

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO—MARÇO DE 1906 — Edição especial 60 réis

A SEXTA EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES NA GALERIA DA MISERICORDIA

UMAS quatro ou cinco nesgas de azul espalhadas num ceo nublado, farrusco, tal é a impressão que dá a sexta exposição de bellas artes realisada na galeria da Santa Casa da Misericordia do Porto, neste anno da graça de 1906.

Deante d'esse polychromo estendal de pinturas a oleo e de desenhos a pastel, a aguarella e a claro-escuro, confrange-se-nos a alma ao deparar com tanta tolerancia artistica.

Pareceu-nos que a galeria da Santa Casa se transformára numa enfermaria da arte, onde reverentemente lhe vem expôr as taras o organisador d'estas exposições, promovidas com louvavel intuito pelo Instituto Portuense de Estudos e Conferencias.

Se não fosse uma meia duzia de trabalhos de real valor artistico, a sexta exposição de bellas artes na galeria da Misericordia nada tinha que captivasse a attenção e prendesse o espirito.

Um simples mostruario de chromos e oleographias emocionar-nos-hia da mesma maneira.

Deve-se convir em que a exposição anterior foi alguma coisa melhor do que a presente, deixando de concorrer a esta grande parte dos artistas, que *précieuses ridicules* substituiram para preencherem os espaços vazios.

E' de presumir que, devido á má organisação d'estas *feiras d'arte*, os artistas não tenham enthusiasmo algum por ellas, mandando por isso para lá todo o refugo dos seus *ateliers*.

E sensivel se torna essa indifferença ou somenos importancia em Velloso Salgado, um artista tão de nome, enviando

A PASCHOA NO MINHO—Quadro de José de Brito

Photographia de Guedes d'Oliveira

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

FIM DE TARDE D'OUTOMNO, margens do rio Agueda—Quadro de Candido da Cunha (Propriedade do illustre escriptor Dr. Jayme de Magalhães Lima).

Photographia de Guedes d'Oliveira — SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

aquella desagradavel *Praia de Mallosinhos* e pondo preço ao bom retrato d'um *Japonez*, seu amigo d'outr'ora.

Os quadros de Julio Ramos não parecem dignos do pintor do bello *Effet du Couchant*, trabalho que lhe mereceu as honras do «Salon de Paris» e que mais tarde infelizmente se submergiu no Atlantico com o vapor S. André.

São falhos de sinceridade, o *Ao pôr do Sol* e a *Primavera*.

O distincto pintor Marques d'Oliveira, expõe uns quadrinhos, bons quanto á factura, mas despidos de verdadeiro interesse pictural.

*

* *

Se, em vez d'uma simples exposição de venda, a galeria da Misericordia fosse um *Salon*, caberiam sem contestação as honras d'elle a Almeida e Silva, José de Brito, Candido da Cunha, Carlos Reis, e ainda Marques de Oliveira e Fernandes de Sá.

Distingue-se Almeida e Silva pelo seu bem estudado quadro—*Depois da festa*, sendo tambem digno de menção por uma bem pintada cabeça que lá figura o intitulado—*A esmola das cinco chagas*.

Teem comtudo os trabalhos d'Almeida e Silva um senão—a demasiada minucia, que lhes cerceia uma interpretação mais pessoal.

Ora, pintar não é photographar, pois que a pincelada é filha do sentimento, é um phenomeno psychico, emquanto que o *cliché* resulta de condições physicas e chimicas, independentes do nosso sentir.

A arte não deve ser nem nunca foi a cópia fiel e servil da natureza.

A Almeida e Silva basta só interpretral-a com mais largueza para poder ser um dos nossos primeiros artistas. Tem para isso habilidade, talento e amor de trabalho, molas poderosas essas que o poderão alar até ás culminações da gloria.

E' interessante, a *Paschoa no Minho* de José de Brito. O suave colorido e a admiravel composição d'este quadro de genero dão-lhe uma belleza que encanta e seduz.

Candido da Cunha mais uma vez affirma as suas excellentes qualidades de artista eximio na sua *Tarde d'outomno nas margens do rio Agueda*.

Alem da sua predilecção pelos crepusculos, transições de luz em que a serenidade da natureza infunde na alma uma nostalgica poesia, para Candido da Cunha não ha como o Agueda outro rio em Portugal cujas margens lhe offereçam mais bellos motivos picturaes.

A *Tarde d'agosto* de Carlos Reis é um bello trabalho, de factura larga e colorido exuberante, que muito honra o illustre professor de paizagem na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa.

Quanto á esculptura merece Fernandes de Sá rasgado elogio pelo seu *Velho* em bronze, que é modelado com muita largueza.

E nada mais ha na sexta exposição de bellas artes na galeria da Misericordia, que seja digno dos nossos louvores.

Grato, porem, nos seria se

DEPOIS DA FESTA—Quadro de José d'Almeida e Silva

PHOTOGRAPHIA E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

pudessemos fazer d'esta critica delicado *bouquet* d'encomios para distribuirmos por todos os que expuseram, como flores d'inebriante aroma e mimosa côr.

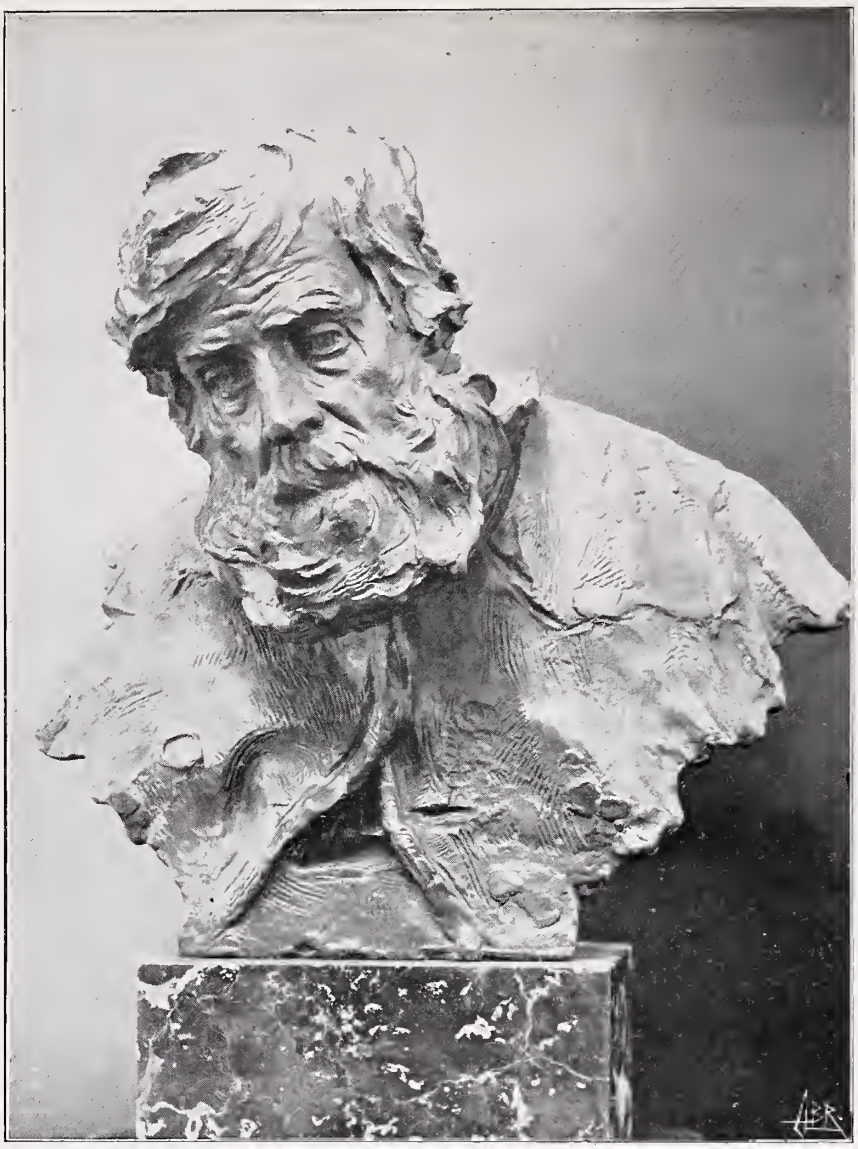
Mas isso só teria cabimento se se tivesse procedido como o illustre estatuario Augusto Rodin, que, tendo juntado vinte e tres amigos, lhes disse: Reunamos as nossas melhores obras e expunhamol-as.

E, com effeito, esse innominado agrupamento artistico, constituindo uma sociedade anonyma com o capital de muitos talentos, acaba de dar aos parisienses o espectaculo attrahente d'uma exposição de marmores e de telas em que ha arte, arte verdadeira, arte que delicia a vista, arte que distrahe a alma das coisas terrenas elevando-a como que a um ceo de ideal formosura e de encantadora graça!...

Luiz Lobo.

A Arte torna o cansaço dôce, o trabalho ridente e a virtude amavel.

Ramalho Ortigão.



VELHO (Bronze)—Esculptura de Fernandes de Sá (Propriedade do Ex.mo Snr. Honorio de Lima)

Photographia de A. Monteiro

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

PRAIA DOS PESCADORES (Povoa de Varzim) de Marques d'Oliveira

Photographia de I. Carvalho

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

Acha-se definitivamente installada esta importante agremiação que vem, indubitavelmente, prestar ao norte de Portugal os mais relevantes serviços pelos intuitos que determinaram a sua constituição.

Além do auxilio aos seus associados aos quaes tambem ministrará meios de desenvolvimento de cultura exclusiva tanto pelos cursos que vai inaugurar como pelas conferencias realisadas por artistas e escriptores de comprovado merito, que versarão sobre assumptos de caracter essencialmente esthetico, esta sociedade visa ainda a propaganda artistica por meio de exposições seleccionadas e verdadeiramente educativas do nosso publ co, parte tão alheada e parte tão mal orientada n'este ramo de actividade.

PAISAGEM, margens do Rio Vouga

Cliché da Ex.ma Snr.a D. Maria Leite

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Collectivamente, poderão os profissionaes alcançar dos governos e entidades administrativas, até hoje indifferentes a sollicitações individuaes, uma continua protecção que lhes permitta o desenvolvimento de capacidades e ao mesmo tempo o levantamento da nossa nacionalidade num campo que evidentemente muito póde concorrer para o seu brilho e renome.

Regosijamo-nos com esta iniciativa e felicitamos os artistas.

PORTA LATERAL DA EGREJA DO ESPIRITO SANTO

(EM ALCACER DO SAL)

Sem ser um Barba-Azul como Henrique VIII de Inglaterra, o nosso D. Manoel não lhe ficou muito atraz em negocio de casamentos.

Quatro vezes contrahira matrimonio o inopinado successor do Principe Perfeito, sendo as duas primeiras com as infantas D. Izabel e D. Maria, filhas dos Reis Catholicos de Castella,

Dois annos depois do fallecimento da primeira mulher, a 24 d'agosto de 1500, tres mezes depois da descoberta do Brazil, desposára D. Manoel sua cunhada na Egreja do Espirito Santo, em Alcacer do Sal.

E' pois neste antigo templo, situado a oeste da famosa *Al-kaçr Ibn Abu Danés*, que se encontra o lindo portico representado na nossa gravura.

E' de certo este portico a unica coisa que resta da primitiva Egreja, pois que na architectura da actual nada ha a condizer com elle, de gracioso estylo manuelino.

Durante muito tempo estivera este lindo portico tapado a pedra e cal, vandalismo que a ignorancia commetteu por todo o Portugal destruindo e apagando documentos e vestigios, que attestavam a nossa grandeza d'outr'ora.

Foi a instancias do Ex.mo Snr. Francisco de Mattos Galamba que resurgiu esta reliquia architectonica, para cuja presente noticia forneceu todos os elementos um outro filho d'Alcacer do Sal e não menos enthusiasta por coisas d'arte o Ex.mo Snr. Thiago da Silva.

Luiz Lobo.

PAISAGEM DO VOUGA

Honra-se a *Arte* reproduzindo a photographia da encantadora paisagem do Vouga, que a Ex.ma Snr.a D. Maria Leite teve a gentileza de nos mandar d'Aveiro.

Muito deve o nosso archivo a esta illustre senhora, cujos trabalhos photographicos accusam uma apurada intuição artistica. Mais lhe ficará devendo se continuar a merecer a collaboração de tão distincta amadora.

PORTA LATERAL DA EGREJA DO ESPIRITO SANTO, em Alcacer do Sal

Cliché de Thiago da Silva

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA — PORTO

ARTE

2.º ANNO — N.º 16

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — ABRIL DE 1906

Edição especial 60 réis

Tiepolo — A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE (Tecto)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

JOÃO BAPTISTA TIEPOLO

NASCEU este genial artista em 1693, em Veneza, nessa admiravel cidade d'aspecto bysantino, poderosamente suggestiva, sonho de intellectuaes, archivo opulento de obras immorredouras!

Tiepolo—A MANSIDÃO E A HUMANIDADE (Tecto) SIMILI-GRAVURA DE M. ABREU

O discipulo de Gregorio Lazzarini manifestou cedo, aos 16 annos, uma grande inventiva que lhe marcou de futuro um primacial logar na famosa dynastia dos pintores da escola em que foram insignes Ticiano, Veronez e Tintoreto, esse triumvirato que tanto assombrou o mundo da Arte e que formou, para assim dizer, os maiores vultos de Flandres e de Hespanha.

Os quadros d'este peregrino artista, tão cheios de luz, de vida intensa, hoje justamente admirados, obtiveram no seu tempo uma mediocre acceitação e por ultimo um criminoso desdem — circumstancia esta que muito concorreu para lhe antecipar a morte, succedida em Madrid a 27 de Março de 1770.

Arrecada o Muzeu do Prado a magnifica tela, a «Conceição», que pintou já em edade provecta, e outras destinadas ao convento de S. Paschoal de Aranjuez onde se conservaram pouco para dar logar aos quadros d'outro artista nessa epocha mais preferido...

Na obra do grande pintor descobre-se a intenção decorativa, o desejo evidente de seduzir pela côr e pelo arranjo da linha; não supportando, porém, uma analyse na parte attinente á expressão e ao desenho do nu, em consequencia do seu methodo de execução summario e repentino. Surprehende altamente por uma portentosa technica e por uma phantasia luxuriante em que o imprevisto desempenha funcção primordial.

Faltou-lhe um Vasari para o impôr á posteridade independentemente da sua obra a qual só agora conseguiu supprir essa deficiencia!

Veneza, Padua e Madrid possuem o melhor d'este genio fecundo que legou uma producção immensa!

Muitos dos seus frescos—genero em que bastante se occupou—denotam um ardor mental e uma sêde de originalidade que muito o sobrelevam entre os seus rivaes.

A *Arte* julga prestar aos seus leitores um valioso serviço reproduzindo quatro dos seus magnificos quadros que definem manifestamente uma extraordinaria individualidade, um talento superior!

J. A. Ribeiro.

DO CONTORNO NAS ARTES DO DESENHO

NINGUEM póde ignorar que na natureza o aspecto d'um corpo qualquer não apresenta traços de contornos.

Só o limite das formas, separando-as do espaço que as cerca, determina a sua realidade material.

Tiepolo—A FORÇA E A JUSTIÇA (Tecto) SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Tiepolo— A PRUDENCIA, A GRAÇA E A INNOCENCIA (Tecto)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Assignalemos tambem o surprehendente talento do celebre artista inglez Flaxman, que soube, pelo unico soccorro do contorno, ser o eloquente interprete de Homero e dos grandes tragicos gregos.

Em França, pelo fim do seculo XVIII, o abandono das altas aspirações da arte havia feito decahir notavelmente a escola franceza, quando David, pelo exemplo das suas obras, regenerou a pintura pondo em resurgimento o gosto da arte antiga. E' bastante dizer que nesta epocha a correcção, o gosto, a elevação do estylo, definiram os meritos do contorno. Entre os illustres discipulos de David distingue-se o auctor da *Apotheose de Homero*.

Desde os seus principios, Ingres manifestou um constante cuidado na perfeição do contorno; e em todas as maravilhas que produziu, admira-se sempre a mais alta expressão e a excellencia da belleza suprema do desenho. Não foi elle que disse esta phrase profundamente justa e verdadeira: «O desenho é a probidade da pintura»!

Insistimos sobre as eminentes qualidades do contorno, isto é do genio do desenho, porque vemos a arte franceza desviar-se do caminho constantemente seguido pelos mestres. Os prestigiosos effeitos de luz, a habilidade do toque, uma certa negligencia, quasi o abandono das severas licções que as maravilhas d'arte patenteiam, levam alguns artistas a preoccuparem-se com as primeiras impressões, perigosas tendencias cujos funestos effeitos são de temer.

Augusto Couder.

(Ext. das «Considérations sur le but moral des Beaux Arts»).

Para o estatuario não existem contornos; para o pintor, pelo contrario, o contorno é d'uma extrema importancia. Sendo a pintura uma ficção d'optica, é pelo prestigio das apparencias perspecticas que o desenho fixa sobre uma superficie plana a forma dos corpos.

Da determinação das linhas graciosamente onduladas, ou d'uma viril garbosidade, conforme o caracter especial do assumpto, póde resultar uma belleza attrahente do objecto representado.

Os pintores da antiguidade consideravam justamente a pureza do contorno como a base essencial das bellezas das suas maravilhas. Apelles não deixava passar um dia sequer sem traçar alguns contornos. Plinio relata, a proposito d'isto, o facto do encontro de Apelles e de Protogenes, e, na lucta do talento, admira a victoria de Apelles que, segundo elle affirma, chegára a traçar linhas d'uma tenuidade ainda mais delicada que as do seu rival. E' evidente que longe de se preoccuparem com um tão pueril concurso, estes dous grandes artistas visavam a suprema perfeição da belleza das *formas* d'uma figura, sem duvida d'alguma nympha ou outra deidade; talvez mesmo que Apelles tivesse nessa occasião desenhado de memoria a sua *Venus Anadyomena*, quadro que se via em Roma no tempo de Nero, assim como aquelle em que se encontravam os contornos traçados pelos dous illustres émulos. Os vasos pintados, vulgarmente chamados vasos etruscos, são uma prova da incontestavel habilidade d'estes pintores improvisadores, e estas pinturas, ainda que redusidas a um mero lineamento de formas, mostram a firmeza de mão, a justeza de vista e o sentimento caracteristico d'esta epocha de belleza e de grande estylo.

Esta perfeição do contorno, que os grandes mestres da arte grega claramente tentavam, encontramo-la nos seus successores das modernas epochas.

Desde Giotto, illustre fundador da grande escola italiana, até Raphael que a levou ao seu apogeu, o culto constante do contorno nota-se bastante nos esforços de muitas gerações de artistas. Na Allemanha Alberto Dureiro, estimulado pelas gravuras de Marco-Antonio, este habil traductor de Raphael, dá á escola allemã o exemplo da importancia do contorno.

CAMINHO VELHO

Cliché da Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Magalhães SIMILIGRAVURA DE M. ABREU

CANDOZA — Trecho d'uma rua

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

CAMINHO VELHO

Honra as nossas paginas um bello trabalho photographico, sob o titulo *Caminho velho*, da distinctissima amadora Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães.

Os nossos leitores apreciarão certamente este magnifico trecho de natureza cheio de rusticidade e profundamente suggestivo, recordando bastante os famosos *fusains* de Lalanne e os admiraveis quadros de Harpignies, o velho mestre da pleiade dos fundadores da moderna escola paisagista.

CANDOZA

A *Arte* publica hoje um trecho interessante d'uma região que nunca attrahiu pincel d'artista nem foi musa de poeta. E no entanto é cheia d'encantos. Apezar de a divisão administrativa a considerar do districto de Coimbra, geographicamente, Taboa e as suas circumvisinhanças, são bem caracteristicamente Beira Alta. Lá tem as suas estradas melancholicas sob tunneis de pinheiros, arrastando-nos a meditações confusas como sonhos. Lá tem os seus valles encantadores, d'uma flora variadissima, que de onde em onde a natureza nos mostra pelas frestas d'esses tunneis.

Das mais pequenas elevações desdobra-se a nossos olhos uma cobertura immensa da mais exuberante vegetação. Telas sublimes, d'uma suavidade e harmonia de côres admiraveis, perdendo-se-lhes no fundo, ligeiramente esfumadas as linhas vagas do azul delicioso das serranias.

A vista vagueia pelas caprichosas ondulações dos campos, onde poisam aqui e além, aldeias escuras, sem o brilho alvadio da cal, mas com a melancholia grave das côres escuras, que as torna adoravelmente sympathicas.

Não haverá ente, por mais embotada que tenha a sensibilidade, que, subindo a essas elevações, não sinta a alma evolar-se-lhe num pensamento vago, não leia alli uma pagina eloquentissima do livro da creação.

Parece que a mão de Deus correu um reposteiro enorme para nos mostrar o infinito.

O trecho que a *Arte* hoje publica dá bem a ideia das aldeias da Beira. As casas, na sua maioria de balcões de pedras toscas e os seus alpendresitos onde florescem galhardamente os mangericos e papagaios nas panellas e caçarollas inutilizadas para os uzos culiniarios, não teem nada de anormal.

Candoza é como todas as outras aldeias da região, tendo apenas a mais numerosas olarias, que, apezar de exploradas o mais rudimentarmente possivel, constituem a sua principal fonte de receita.

Terminaremos, fazendo votos para que a *Arte* continue nas suas paginas, mostrando as bellezas d'esta linda provincia a quem o mau gosto conferiu as honras de feia e que hoje vem pela mão do mais humilde dos seus admiradores lavrar o seu protesto.

S. Beirão

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

2.º ANNO — N.os 17 e 18

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — JUNHO DE 1906

Edição especial 200 réis

VIEIRA PORTUENSE

Desenho a carvão de João A. Ribeiro

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

VIEIRA PORTUENSE

1766 — ✠ 1806

CELEBRA-SE presentemente no Porto o Centenario da morte dum illustre filho desta terra cabendo a iniciativa desta commemoração á Sociedade de Bellas-Artes que por todos os modos e sem adhesões officiaes de qualquer ordem, procurou cumprir o dever de honrar a memoria dum dos nossos mais insignes artistas.

Francisco Vieira Portuense foi primeiramente um dos discipulos duma especie de academia fundada por seu pae Domingos Francisco Vieira, donde sahiram alguns artistas de vulto, entre os quaes Joaquim Raphael e João Baptista Ribeiro. Seguiu depois as licções de João Glama, de que se resente bastante nalgumas das obras que deixou, e, para aperfeiçoar a sua educação artistica, obteve da generosa Companhia do Alto Douro uma pensão que lhe permittiu visitar Italia e Allemanha, submettendo-se todavia em Roma á Direcção de Domingos Corvi, desenhador de primeira ordem. Estudou minuciosamente as obras expostas nas mais famosas galerias incluindo a de Dresde. Correggio e os mestres bolonhezes attrahiram sobremaneira a sua attenção e apuraram a sua personalidade!

Passando depois a Inglaterra, ahi executou o «Descimento da Cruz», composição muito notavel que lhe grangeou alto renome.

Na actual exposição, que não poude ser completa pela negligencia e até avareza dalguns possuidores de quadros seus, frisa-se o espirito reflectido, comquanto mystico em extremo, o estylista superior, comparavel aos das melhores epochas da Pintura.

Vieira não se extraviava facilmente dum puro culto esthetico. Era um idealista, um imaginativo. Não soffreu a influencia dos terrores modernos — um complexo de vacilações e de egoismos. Concebia e executava com independencia deixando transparecer porém na sua obra uma alma melancholica, uma tristeza que lhe agourava uma curta existencia — existencia de 40 annos...

Os seus quadros deixam adivinhar uma profunda ternura de sentimento; qual outro Fra Angelico pintaria de joelhos as suas virgens e os seus archanjos e derramaria lagrimas ao tocar qualquer assumpto da Paixão de Jesus, pensando, emocionado, nos soffrimentos do divino reformador das crenças.

Nos proprios assumptos mythologicos ou profanos é sempre um temperamento casto, alheio, em absoluto, a phantasias eroticas; vê tudo atravez duma gaze que não permitte avultar senão o que de mais nobre e sublime lhe offerece a natureza real.

A exhibição publica duma parte da sua obra, na sala dos concertos do Theatro de S. João, deve accentuar no espirito dos visitantes uma excellente impressão d'arte. Entre as telas apresentadas convem notar a magnifica composição «O Principe Eduardo I de Inglaterra», propriedade da Associação Britannica. Este quadro, exposto tambem em 1865, por occasião da abertura do Palacio de Crystal, demonstra sobejamente a capacidade inventiva de Vieira, o seu poder de plasticisação e o seu preito pelos bons principios num tempo em que o romanticismo invadia os espiritos e provocava puerilidades de phantasia e desatinadas convenções. Esta bellissima tela versa o facto heroico duma mulher que para salvar duma morte eminente um propagador da Fé, lhe suga o sangue defluido do golpe de hervada seta. Sublime exemplo de abnegação!

Outra tela de raro merito é a de «Santa Margarida de Cortona em artigo de morte», propriedade da Ordem de S. Francisco, desta cidade.

O animo religioso do modesto franciscano, accudindo sollicitamente á conversa creatura, é o que ha de mais commovente!

Depois d'uma vida gasta nos prazeres e rematada pelo cilicio martyrisante, a santa cae no leito e desfallece languidamente como uma verdadeira bemaventurada.

Pungente duodrama a que um artista consumado imprimiu o maior cunho de harmonia e de grandeza!

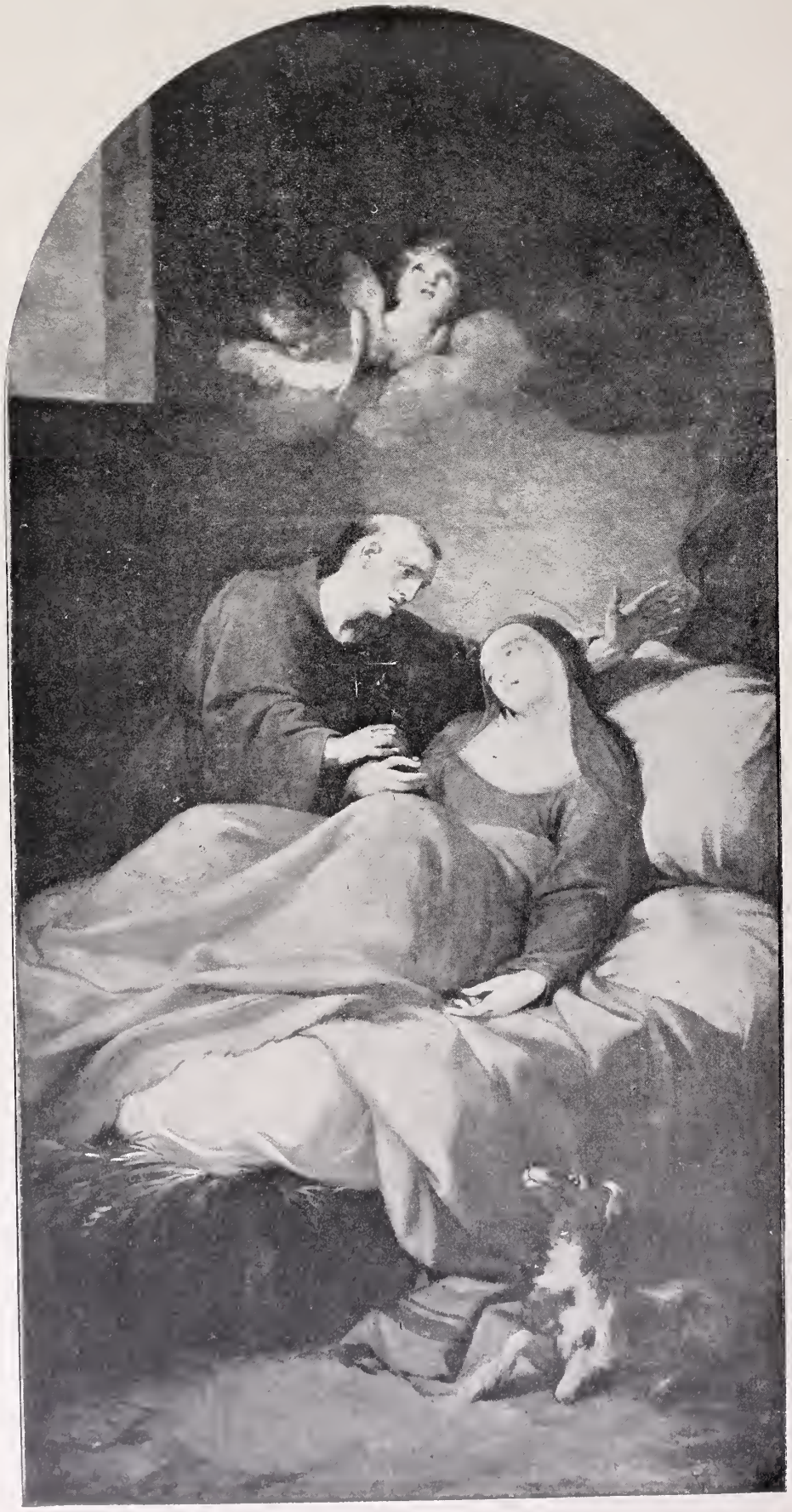
Bartolozzi, o celebre gravador italiano, parente afim do eminente pintor, gravou muitos dos trabalhos seus e a *Arte* reproduz uma «Dansa» que é um primor de concepção.

Foi Vieira Portuense tambem director da aula de desenho da Academia Polytechnica, tomando posse deste cargo em junho de 1804, dous annos antes do seu fallecimento.

Duma constituição delicada pouco durou quem, como o culminante artista, poderia realisar os maiores progressos e legar ao nosso paiz, tão pobre de producções valiosas, um thesouro de maravilhas.

Saudemos com effusão um dos mais illustres portuenses! Orgulhemo'-nos pela tentativa de levantamento da Arte nesta terra digna de compartilhar no mundo das ideias! Se officialmente nada conseguimos, reste-nos comtudo a satisfação de cumprirmos um dever sagrado qual o de não esquecer, quem pelo seu esforço e pelo seu talento, merece a maior admiração e a mais solemne homenagem!

João A. Ribeiro.



VIEIRA PORTUENSE—SANTA MARGARIDA DE CORTONA EM ARTIGO DE MORTE

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

VIEIRA PORTUENSE—ADORAÇÃO DO SACRAMENTO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

VIEIRA PORTUENSE—A MUSICA
Propriedade do Ex.mo Snr. Conselheiro J. Ignacio Xavier

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

VIEIRA PORTUENSE—A PINTURA
Propriedade do Ex.mo Snr. Conselheiro J. Ignacio Xavier.

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

ENTRA hoje na vida activa, commemorando o primeiro centenario do illustre pintor Vieira Portuense, a aggremiação por muito tempo embryonaria e quasi que de todo esquecida — a *Sociedade de Bellas-Artes*.

Não podia ser mais logico o seu introito no altar da honra, nem podia melhor inaugurar a sua missão.

Celebrando o nome e a obra d'um grande artista, não só cumpriu um dever civico, como juntou tambem mais uma gloria ás que já illustram a nossa terra.

Encetando assim a sua carreira, sem que a sombra dos grandes mortos sirva de *réclame* aos pequenos vivos, tem a *Sociedade Portuense de Bellas Artes* de proseguir na mesma elevação de ideias, já realisando exposições em que se revele verdadeiro sentimento artistico, já preenchendo as lacunas do ensino official, entre nós sempre defeituoso, já relacionando, unindo e solidarisando os artistas de modo a fazer cessar os ciumes e as invejas, que os separam e incompatibilisam.

E provavelmente não existiriam taes malquerenças, se os artistas em

VIEIRA PORTUENSE—A DANSA—Reproducção duma gravura dum discipulo de Bartolozzi

PHOTO-GRAVURA DE MARQUES ABREU

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

A. Candido da Cunha José de Brito Dr. Manoel Monterroso José Teixeira Lopes Jorge da Cunha
Augusto Gama Antonio Teixeira Lopes João Augusto Ribeiro

geral tivessem uma preparação litteraria sufficiente para não se illudirem com palavras vãs de criticos sem sciencia nem probidade, que enganam torpemente o publico e annulam para sempre o artista.

Na sua funcção educadora cabe pois á *Sociedade de Bellas-Artes* o dever de orientar os artistas no sentido da verdadeira arte, não d'aquella que visa pura e simplesmente ao lucro, mas sim d'aquella outra que aspira ao bello ideal na sua concepção mais superior e mais sublime.

Convinha portanto que a *Sociedade de Bellas Artes* promovesse conferencias ou palestras sobre assumptos d'arte, tratados com largueza de vistas, sem requintes de estylo nem opulencias de erudição, porém com toda a simplicidade de modo que na memoria bem gravadas ficassem as ideias.

Não seria, por exemplo, interessante discutir se a arte deve ser a copia fiel da natureza, como o queria Daubigny, ou se a arte deve ser uma interpretação d'aquella, como pretendia Rousseau?

Não seria util que o artista tivesse uma noção geral dos differentes typos de raças e de povos, de maneira que quando quizesse pintar um hebreu não lhe fugisse o pincel para um gallego?

E' de esperar que a Sociedade de Bellas Artes virá exercer no nosso meio artistico uma acção benefica e salutar, tornando-se um foco luminoso donde irradiará o bello ideal e em torno do qual volitarão todas as mariposas da arte.

Luiz Lobo.

ARTE

2.º ANNO — N.º 19

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — JULHO DE 1906

Edição especial 60 réis

«VICTORIA» figura destinada ao monumento do Marechal Saldanha

Esculptura de Thomaz Costa

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

MARECHAL SALDANHA

Esculptura de Thomaz Costa

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Clichè de Cunha Moraes

BUSSACO—Hotel Monumental—Um detalhe do interior

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

«VICTORIA» E «MARECHAL SALDANHA»

Esculpturas de Thomaz Costa

A arte nacional vae archivando frequentemente valiosas producções de distincto caracter e entre ellas as que hoje patenteamos ao publico da mão d'um artista de indiscutivel merito, filho da nossa Academia de Bellas-Artes.

Do grande estatuario Teixeira Lopes temos nós, em numeros anteriores, reproduzido algumas das suas melhores creações e assim tributámos a nossa homenagem ao seu extraordinario talento. Hoje offerece-se-nos o ensejo de fallarmos de Thomaz Costa outro esculptor digno de menção que vem espargindo com inabalavel fé, na religião do Bello, saborosos fructos da sua mentalidade e do seu notavel poder plastico.

Devemos accentuar que em Thomaz Costa a vibratilidade do seu espirito perante a natureza não diminue tambem perante a evolução secular do grande ideal da arte. A sua obra mostra o continuador e constitue como que um elo a mais na extensa cadeia que se prende á epocha dos maiores genios da Grecia.

O seu sentimento depurou-se na observação dos bons modelos; descobre-se o respeito pelo *canon*, pela sublimidade da fórma isenta de detalhes sem significação.

Realmente, para a concretisação dos symbolos, ainda os velhos preceitos preponderam dictames de fortes cerebrações que um bem orientado espirito nunca desdenha apesar d'um supposto progresso de ideias.

A figura de «Victoria» apresentada em frontispicio neste nosso numero merece o nosso applauso se bem que não haja uma perfeita connexão no todo; a cabeça não se colloca bem, pelo caracter um tanto trivial, num torso de tão apurado estylo.

Ha d'estes senões, e isto em consequencia do distincto artista tentar constituir com elementos extranhos uma obra una e logica. A tentativa, no caso subjeito, é louvavel, porém frustrada em parte. Com este intuito já se notaram altas creações, como, por exemplo, na escola romana da renascença. Raphael na sua pintura da formosa Galateia operou sob a influencia d'uma perfeição sonhada, reunindo, para a constituição d'uma belleza ideal unica, typos de diversa origem.

Thomaz Costa evoca, consequentemente, as sublimes tradições, os manes de Scopas e de Praxiteles, e inspira-se na «Victoria de Samothracia» d'uma attitude vivaz e amplo movimento. Não lhe basta a vulgar natureza, busca mais: a transcendencia plastica, privativa das divindades pagãs.

Da estatua do Marechal Saldanha não avançaremos muito attenta a sua evidencia pela reproducção que mostramos.

O gesto é expressivo e define o grande militar quando nos seus momentos de hostilidade.

Ha grandes qualidades, apezar d'uma modelação demasiado vincada que póde justificar-se attento o logar reservado ao trabalho qual o do alto do pedestal.

O BUSSACO

ESTOU certo de que nem o *Libano* com os seus millenarios cedros, nem o *Monte Branco* com os seus gelos eternos, offerecerão mais variados aspectos do que o nosso *Bussaco*.

Na matta que o reveste de exuberante vegetação ha sob aquelles robles frondentes uma paz tão serena, um attractivo tão singular de amenidade e de doçura, que um effluvio de religiosidade envolve a alma toda.

Naquelles tunneis de verdura não só os olhos se extasiam contemplando aquelles cambiantes de luz e de sombra, repartidos sem ordem nem gradação, modificada aqui a figura, quebrada acolá a linha, ora areas escuras, ora clareiras iriadas, mas tambem os pulmões se deliciam haurindo a custo aquelle ar tão ricamente oxygenado.

E era alli onde repercutiam outr'ora, debaixo d'aquellas altas abobadas, a voz do monge e o som do orgão, para depois se transformarem esses echos em cicios nas folhas do alamo, em suspiros nos ramos do pinheiro, em murmurios harmoniosos nas fontes musgosas.

Alli foram morrer tambem os derradeiros ais de dois mil francezes de Massena e os de mil duzentos e cincoenta anglo-lusos de Wellington.

Na *Cruz Alta do Bussaco* não puderam fazer ninho as altivas aguias napoleonicas, que parece se turbaram surprehendidas com a apparição subita do admiravel panorama que de lá se descortina: immensa planicie doirada entre o listão glauco do Atlantico e as listas prateadas do Vouga e do Mondego.

Mas no Bussaco á magestade da natureza com a sua magica triumphal de maravilhas encantadoras junta-se agora a magnificencia da arte com os seus fascinantes milagres de graça e formosura.

Da massa espessa de verdura destaca-se a massa branca de calcareo do soberbo edificio, de que o nosso archivo estampa hoje um dos seus mais bellos detalhes.

Esta heteromorpha construcção, rival da Pena de Cintra, que mais parecia destinada para residencia de reis e de principes, não passa d'um sumptuoso hotel com administração estrangeira, mercê de ainda estarmos na phase de modestissimos *gargotiers* e de nos fallecer o genio para grandes emprezas.

O palacio-hotel do Bussaco não é um typo original de architectura nem offerece unidade alguma d'estylo: lá se encontram linhas geraes da Torre de Belem, lá apparecem motivos do claustro dos Jeronymos, lá se notam tambem arabescos e florescencias do convento de Thomar.

Não é um estylo só o que caracterisa este tão extraordinario como grandioso monumento: ao lado do manuelino lá está o renascença, e a contrastar com a louçania de ambos a singeleza e austeridade do romanico.

Se mercê d'este hybridismo a impressão geral é confusa, os detalhes teem comtudo muito para admirar.

O interior com azulejos de Collaço, pinturas dos nossos melhores artistas e mobiliario Luiz XV, dá-nos a sensação deliciosa d'uma quasi etherea mansão, onde ser a gratissimo o viver sempre, onde não menos doce seria o desfazer-se-nos alli o corpo em ar, em luz, em côres.

E, raras vezes, como no Bussaco, se casa tão bem a arte com a natureza.

Se uma nos attrahe por suas lindezas, outra nos seduz, com seus encantos: mãe e filha rivalisando cada qual de magia a comporem um novo paraiso.

Em summa, alli tudo está, como dizia Garret na sua descripção do Valle de Santarem, numa harmonia suavissima e perfeita.

Luiz Lobo.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

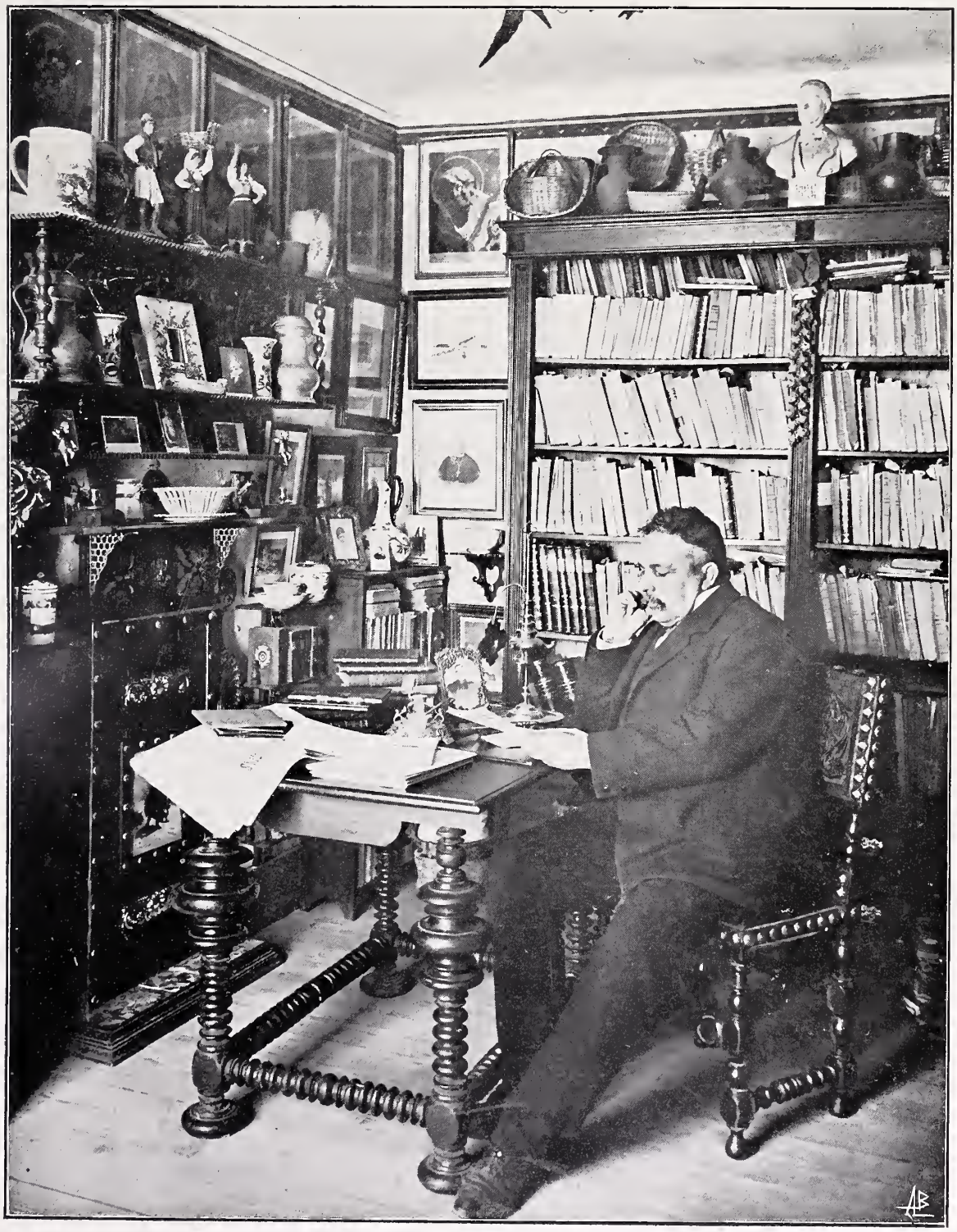
ARTE

2.º ANNO — N.º 20

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — AGOSTO DE 1906

Edição especial 60 réis



MARQUES GOMES—No seu gabinete de trabalho

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

RENOVAÇÃO DOS VOTOS—Quadro de Sousa Pinto

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

MARQUES GOMES

«Para a constituição integral da historia da arte e da tradição artistica portugueza, quantas contribuições dedicadas, quantos esforços individuaes desassociados e dispersos, na obra, tão incomprehendida e tão despremiada, dos snrs. Joaquim de Vasconcellos, Martins Sarmento, Antonio Augusto Gonçalves, Gabriel Pereira, Souza Viterbo, Luciano Cordeiro, Ferreira Caldas, Ribeiro Guimarães, Alberto Sampaio, Julio de Castilho, Theophilo Braga, Leite de Vasconcellos, Pinho Leal, Albano Belino, Teixeira Aragão, Vilhena Barbosa, Conceição Gomes, Filippe Simões, Manoel de Macedo, José Pessanha, Fonseca Benevides, Valentim, Vieira Natividade, Figueiredo Guerra, visconde de Condeixa, Borges de Figueiredo, *Marques Gomes*, Rodrigo Vicente d'Almeida, Zeferino Brandão, Possidonio da Silva, Freitas Costa, Avelino Guimarães, Freire d'Oliveira; e quantos outros, tanto ou mais sympathicos quanto mais obscuros!»

(Ramalho Ortigão, *O culto da arte em Portugal*. Lisboa, 1896.)

Com um attestado assim passado e jurado pelo pontifice maximo da nossa litteratura artistica, podia já bem Marques Gomes ter accesso n'esta explendida galeria que tem honrado já com a sua distincta collaboração.

Sim; Marques Gomes tem direito á homenagem que a *Arte* lhe presta hoje e tem-n'o pelo seu indefesso trabalho de perto de trinta annos, em que vem estudando, averiguando e resolvendo os problemas da arte, pelos seus livros de historia, pela sua apreciavel e apreciada collaboração em differentes jornaes, pela sua arrojada e benefica iniciativa nas duas soberbas exposições de arte retrospectiva que se realisaram em Aveiro em 1882 e em 1895, e pela tenacidade e desinteresse com que combateu, ultimamente, o barbaro attentado comettido aqui com a demolição d'uma parte importante do antigo convento das Carmelitas, que, a seu pedido, Ramalho Ortigão visitou, levantando em seguida em favor da sua conservação, a sua voz authorisada tanto ou mais eloquente do que a de Herculano nas columnas do *Panorama* contra os arrasadores dos nossos monumentos.

A consagração de Marques Gomes ás coisas de arte, o seu culto principalmente pela arte retrospectiva, vem desde que, em 1880, o fallecido archeologo Filippe Simões, que já o conhecia pelos seus bellos escriptos historicos, o convidou para seu auxiliar no districto de Aveiro, na commissão official de que fôra encarregado de reunir as preciosidades artisticas que deviam figurar na exposição do Muzeu Kensington, de Londres, e de que brutou a exposição de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa, em 1882. Visitando esta, estudando-a sob a direcção do mesmo archeologo e dos seus collegas Teixeira Aragão, Vilhena Barbosa, Souza Viterbo e Fernando Palha, Marques Gomes, ao voltar a Aveiro, trazia *in mente* o projecto d'uma exposição identica na sua terra, realisando-se sem os objectos que d'esta circumscripção tinham ido para a de Lisboa, para assim se conhecer melhor toda a nossa riqueza artistica.

Essa exposição inaugurou-se em 8 de maio d'esse mesmo anno e com tal brilhantismo que Eduardo Coelho ao visital-a, telegrapháva para o seu *Diario de Noticias* dizendo que esta parecia uma continuação d'aquella.

A lembrança do certamen, os primeiros passos para a sua realisação e os trabalhos de classificação dos objectos expostos, bem como a organisação do respectivo catalogo, que corre impresso, foram obra de Marques Gomes, que além d'este catalogo publicou depois com o snr. Joaquim de Vasconcellos um explendido album illustrado—*Exposição districtal de Aveiro em 1882, reliquias da arte nacional*—para o qual, além da introducção, escreveu a parte respeitante ao mobiliario e á ceramica, que rivalisam com o resto, que é devido á penna d'aquelle seu amigo e mestre.

Quando em 1895 a commissão do centenario antoniano promoveu em Lisboa a exposição d'arte sacra ornamental, foi Marques Gomes o encarregado de colligir para ella as preciosidades existentes no districto d'Aveiro, o que realisou com merecidos louvores dos entendidos, valendo-lhe as provas que deu da sua competencia, o ser escolhido por ella para organisar o catalogo geral da exposição, que concluiu após vinte e tantos dias de trabalho fatigante, mas que ficou inedito por escassez de meios como o affirmam, stigmatisando a commissão, os snrs. Ramalho Ortigão e Joaquim de Vasconcellos.

Com os objectos reunidos neste districto e com varios outros que se lhe addicionaram depois, promoveu Marques Gomes, auxiliado por differentes amigos e outros cavalheiros, uma exposição da arte sacra em Aveiro, depois do encerramento d'aquella, e d'esta fez tambem o catalogo que se publicou e que é tido como um dos melhores que no seu genero tem apparecido em Portugal.

Noticiando a sua publicação e referindo-se ao seu merito, escreveu Lino d'Assumpção no *Dia:*

«Organisado, redigido e anotado pelo notavel publicista e critico de arte, snr. Marques Gomes, constitue este catalogo um compendio-critico da arte em geral em Portugal, mas muito especialmente na região vouguense.

. . . . . .

Essas paginas nós as recommendamos como cheias de luz e de ensino a todos que entre nós se dediquem a coisas d'arte, e a Marques Gomes, o erudicto auctor das *Luctas Caseiras*, damos os parabens por mais este trabalho, d'uma incontestavel utilidade para todos quantos lêem em Portugal».

Não é pois empreza facil, esta de escrever de Marques Gomes, que não é um homem vulgar, como se vê do que fica dito, e, de quem se não pode fazer o escorço nem resumir em tres palavras as tres feições que mais o caracterisam: uma robusta organisação intelectual, servida por uma pode-

HOMENAGEM

Pagina dedicada pelo director d'esta Revista, em reconhecimento aos seus medicos assistentes Dr. Ferreira de Castro e Dr. Alberto Mendes

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

rosa força de vontade; uma grande alma formada para os mais generosos commettimentos; um temperamento, uma natureza privilegiada, em que o acanhamento do meio em que vivemos não conseguiu produzir os seus effeitos delecterios.

Nasceu escriptor, e escriptor hade morrer. Não é o auctor do romance banal para folhetim de dez reis por numero ou do volume barato de trinta reis por fasciculo. E' o historiador profundo e consciencioso, sem prisões de estylo, sem gloriosos festões rethoricos, com uma dialetica clara, logica, precisa.

A sua obra, que a cada dia augmenta de volume e de valia, é um monumento de historia e de critica d'arte, que elle vem erigindo desde os verdes annos. Colleccionam-a as bibliothecas nacionaes e estrangeiras; archivão-na os Institutos e as Academias inscrevendo-o no registo dos seus socios e associados.

De uma actividade sem limites, se algum tempo lhe sobrou das suas multiplas occupações, é no trabalho da investigação historica que o emprega.

A sua bibliotheca não a constituiu elle apenas de livros: teem-os em grande numero e de valor, é verdade; mas o que alli avulta mais são os manuscriptos, documentos preciosos para a historia politica do paiz e muito especialmente para a da minha terra.

O seu archivo e a prodigiosa memoria que possue, são uma seara inesgotavel, sempre verdejante e fecunda. Falla e escreve sobre tudo que diz respeito a cousas nossas com o mais amplo conhecimento de causa.

E' tambem jornalista distincto. O *Campeão das Provincias*, a quem elle consagra uma parte importante dos seus affectos, é, além de tantos outros, um vasto repositorio das suas mais apreciaveis lucubrações.

Homem de letras, é ainda um exemplar chefe de familia, um amigo dedicado e um prestante cidadão. Não se lhe bate á porta que ella se não abra immediatamente, recebendo a todos com aquella cortezia e generosidade que tanto distingue as finas qualidades do seu espirito e os primores da sua educação.

Ser util, ser agradavel, servir, beneficiar é a sua maior preoccupação. E, conseguindo-o, com as relações mais distinctas na sociedade portugueza, ninguem mais modesto do que elle! Dizia-me ha dias alguem, e com isto termino a honrosa tarefa que me impoz o illustre director da *Arte:*

«Como todos os homens de merito e, de convicções arreigadas, Marques Gomes tem inimigos, e sobretudo invejosos; mas seguindo sempre o seu norte sobrenada sobre uns e outros. Homens de letras e criticos d'arte como Ramalho Ortigão, Eugenio de Castro, Sousa Viterbo, Brito Aranha, Guerra Junqueiro, Simões de Castro, Bernardino Machado, Julio de Castilho, Joaquim de Vasconcellos, José de Queiroz, João Chagas, D. José Pessanha, etc., pedem-lhe conselho e honram-se com a sua camaradagem como lho pediram distinguindo-o com provas de apreço e elevada estima, Vilhena Barbosa, D. Antonio da Costa, Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Soriano, Martins de Carvalho, Alves Mendes, Visconde d'Ouguella, Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Eduardo Coelho e tantos mais como todos vimos e sabemos.»

E' uma grande verdade.

Aveiro—Agosto de 1906.

Firmino de Vilhena.

UMA MANHÃ NO RIO AGUEDA—Quadro de Candido da Cunha

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

RENOVAÇÃO DOS VOTOS

(Quadro de Alberto Pinto)

A PINTURA impressionista, iniciada pelos celebres artistas inglezes Constable e Turner, vai obtendo proselytos que, não abdicando da sua personalidade—porque, com effeito, o systhema se accommoda a todos os temperamentos—a amplificam e completam d'um modo efficaz. A lista dos artistas eminentes affectos ao impressionismo é notavel e as suas obras vão tendo assentimento no mundo da arte, depois de muitos annos de discussões apaixonadas e tambem d'uma forte reluctancia da parte do publico que, até ha pouco, se sustentou intransigente com taes innovações.

O eclectismo tambem favoreceu o progresso da arte, e o exemplo historico da escola bolonheza confirma plenamente o nosso pensamento.

Apresentamos, hoje, a gravura d'um excellente quadro do nosso conterraneo Alberto Pinto, irmão do illustre pintor Souza Pinto, figurando uma scena dos costumes da Bretanha habilmente composta, numa technica impressionista muito vibrante, muito harmonica e d'uma tonalidade quente.

O distinctissimo artista, votado d'alma e coração aos novos processos, não se impede todavia de mostrar, na parte respeitante á execução, a egualdade de factura em tudo, e d'ahi aquelle ar d'urdidura, de tapete gobelino d'uma variegada trama: este o unico inconveniente, porque revela ao mesmo tempo uma difficuldade vencida. De resto, um desenho seguro, magistral; as expressões physionomicas verdadeiramente flagrantes e em que o viço juvenil trasborda.

E' de sentir que uma obra tão valiosa e tão educativa, cáia numa galeria particular onde pouca gente concorre... é condicção nossa que nos impõe um tão condemnavel alheamento de tudo aquillo que poderia desenvolver o criterio do nosso publico.

Papelaria e Typ. Academica, P. da Batalha—PORTO

ARTE

2.º ANNO N.º 21

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — SETEMBRO DE 1906

Edição especial 60 réis

BACCHO — Esculptura de Teixeira Lopes

Cliché da Photographia Guedes

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

BACCHO

(Esculptura de Teixeira Lopes)

A RECENTE producção do illustre esculptor Teixeira Lopes é, incontestavelmente, uma das suas melhores obras.

O deus *Baccho*, do eminente artista, apresenta-se-nos diverso do typo plastico consagrado: é um mocetão proporcionado, sem excessos adiposos, mas que, pelo riso franco, se mostra compenetrado do seu papel de deus da orgia.

Como obra d'arte, nada mais bem observado, nada mais realistico. A silhueta é d'um bello effeito decorativo, justificando perfeitamente o fim a que se destina.

* * *

MAIS DOIS ARTISTAS NOVOS

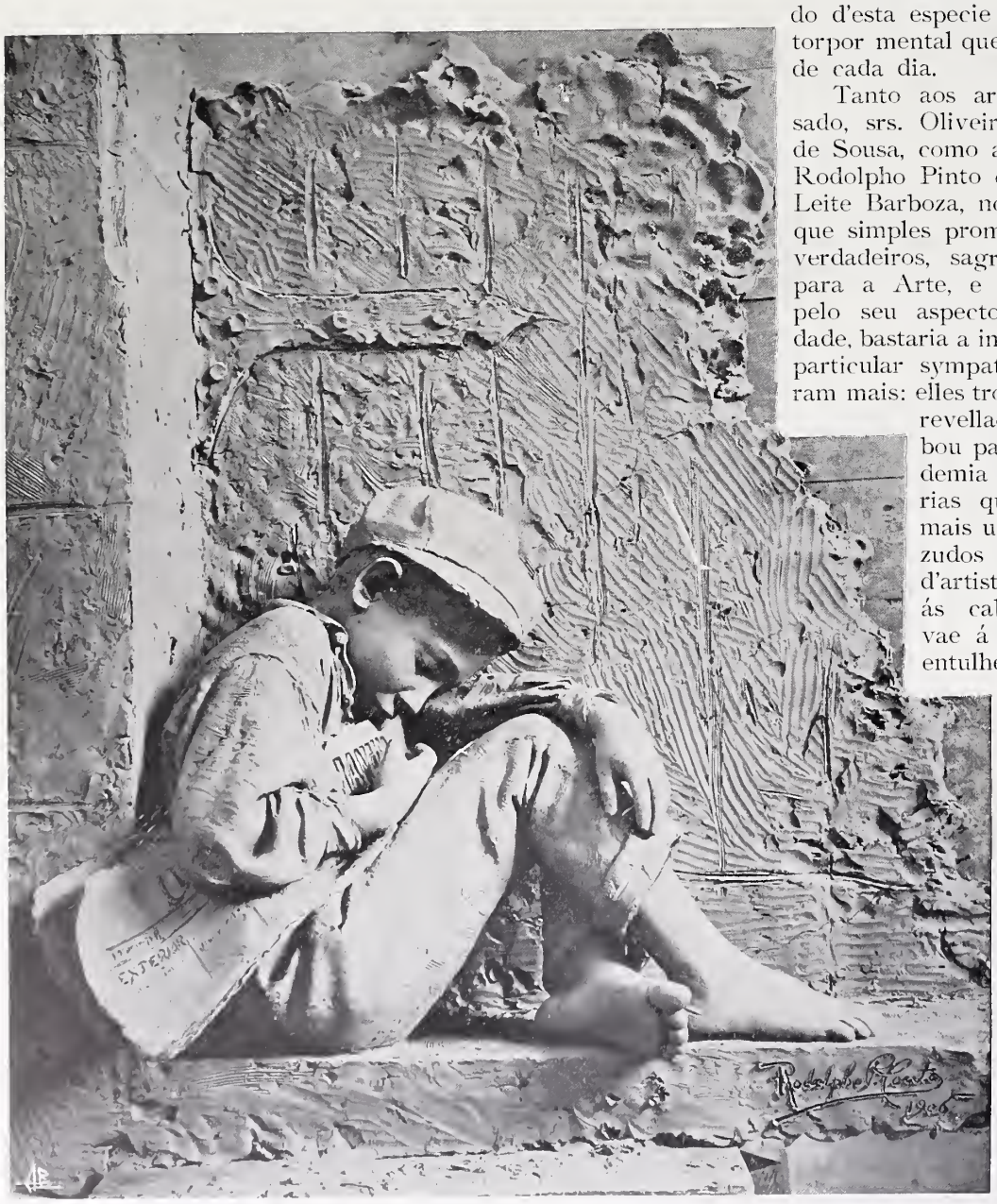
HA um anno se tanto, tive eu o grato encargo de saudar n'esta mesma revista dois novos artistas sahidos da nossa Academia de Bellas Artes com a aréola, sempre rara, de um talento real, confirmado em duas provas finaes que são tudo quanto de brilhante póde apresentar-se n'uma despedida de curso.

Rodolpho Pinto do Couto

Hoje incumbem-me de uma tarefa egual, e gostosamente a acceito, cançado de muita mediocridade triumphante, e quasi convencido de que—viva Deus!—no meio do geral descalabro do luso espirito, ainda ha esperanças de um futuro melhor, pelo menos n'este campo de Arte, unico que nos está desencalhando d'esta especie de torpor mental que é hoje o pão nosso de cada dia.

Tanto aos artistas do anno passado, srs. Oliveira Ferreira e Alves de Sousa, como aos d'este anno, srs. Rodolpho Pinto do Couto, e Alipio Leite Barboza, nós devemos mais do que simples promessas auspiciosas,—verdadeiros, sagrados compromissos para a Arte, e essa circumstancia, pelo seu aspecto de honesta seriedade, bastaria a impol-os á nossa mais particular sympathia. Mas elles fizeram mais: elles trouxeram-nos a grata revellação de que se acabou para o ensino da Academia com todas as velharias que faziam d'aquillo mais um seminario de lanzudos do que um viveiro d'artistas, e que,—graças ás cabaças!—já se não vae á Biblia, como a uma entulheira augusta, buscar elementos de educação artistica, mas á vida real, á custosa e amarga vida que todos sentimos e soffremos e ha de, quem sabe! constituir a Biblia d'outros tempos cuja distancia de nós é difficil aventar.

Esta nova orientação, que vem do bom senso do mestre, Teixeira Lopes, reflecte-se na obra dos discipulos, e elles não a atraiçoam, antes rompem denodadamente, e pela mão po-



UM VENDEDOR DE JORNAES

Esculptura de Rodolpho Pinto do Couto

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Alipio Leite Barboza

tente que lhes encaminha os passos, avançam cheios de fé e cheios de enthusiasmo na estrada rutilante que essa mão lhes aponta.

E' essa fé e esse enthusiasmo o que eu venho especialmente saudar na rapidez d'estas linhas, escriptas sobre o joelho, e emquanto um moço de recados as espera. E faço-o com tanta alegria e tanto enternecimento como são aquelles que sinto quando tiro o meu chapeu á alvorada e digo *Bons dias!* ao bello sol que desponta.

Porto, 1906.

Guedes d'Oliveira.

O CRUCIFIXO DA IGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

SANTA Cruz de Coimbra encerra, entre outras preciosidades, que dentro em breve principiarão a illuminar as paginas da *Arte*, um interessantissimo specimen de esculptura em madeira, d'uma concepção absolutamente notavel e repassado da mais ardente uncção artistica.

E' o Christo Crucificado que existe immerso em densas trevas na capella do Sacramento que, escura como é, o faz passar desapercebido até dos fanaticos pelas coisas d'arte, meia duzia dos quaes o teem contemplado a custo e admirado á luz das tochas que deficientemente o alumiam em dias raros de festa.

As péssimas condições de luz da capella e o tom denegrido que a *patine* dos seculos imprimiu á imagem mal permittem que as suas linhas se divisem no fundo escuro do altar.

E' estranho e altamente censuravel que tal imagem permaneça recondita e ignorada em vez de se encontrar exposta, como objecto d'arte, n'outro ponto do templo, onde a luz incindisse vivamente; e é uma affronta imperdoavel, sob o ponto de vista esthetico, que se continue a cingil-a com um farrapo, que procura imitar a tradicional toalha, occultando a que a propria imagem apresenta esculpida, parte da qual se deixa ver como a protestar, revoltada, contra tão ignobil falta de gosto!

Este Crucifixo é uma obra de expressão, de emoção, em que vibra sublimemente todo o mysticismo, todo o fervor ardente d'essa epocha de valentia e de fé, tanto religiosa como artistica, que se denomina idade media.

Só de olhal-o se comprehende a alma crente dos imaginarios medievaes dos seculos XIII e XIV que usavam exprimir com uma piedade dolorosa e profunda a paixão do Christo, o seu facies cadaverico, os soffrimentos da Virgem e dos Martyres, despertando fortes emoções na alma dos fieis animados d'aquelle ardor religioso do christianismo que soube attribuir á dôr, divinisando-a, um caracter augusto, sacrosanto.

O Christo sobretudo morto, chagado, ensanguentado, produziu sempre no espirito dos christãos uma extraordinaria impressão, infundindo-lhes um mystico respeito e immobilisando-os n'um intimo terror.

Seria interessante, mas não o comportaria esta revista, um desenvolvido estudo sobre a maneira como a arte das differentes epochas e dos diversos paizes tem apresentado a figura do Christo crucificado.

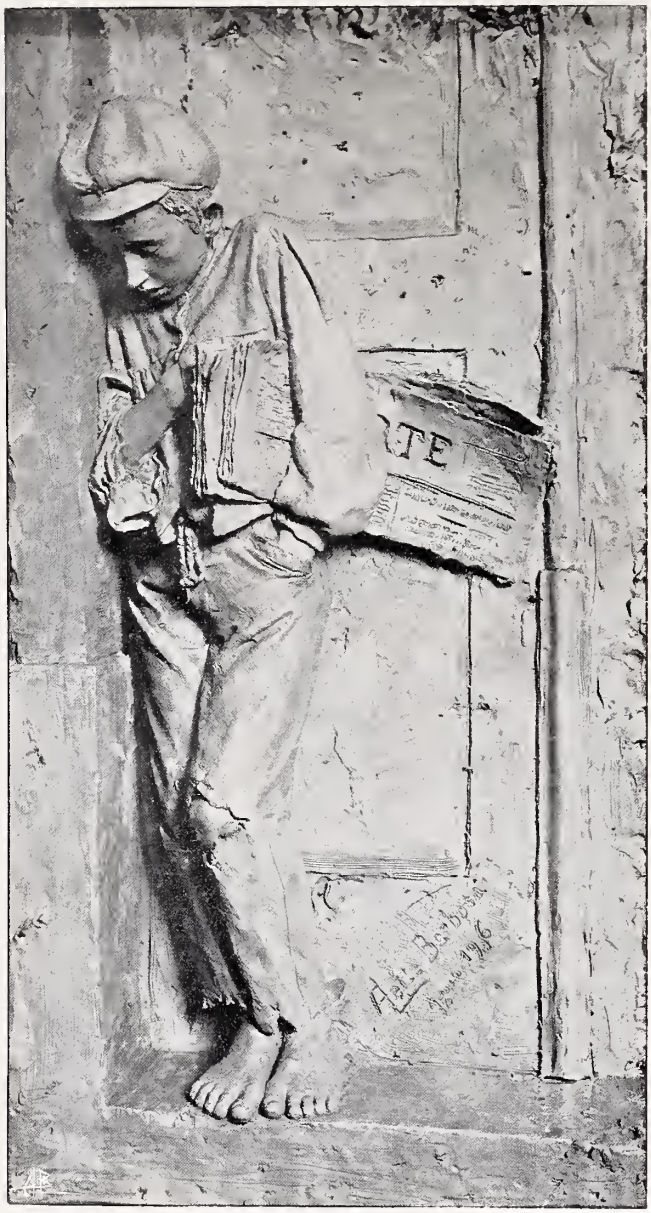
E' conhecida a aversão que a arte christã primitiva nutria pela esculptura, em virtude de serem estatuas os idolos dos templos do paganismo. Tinha extrema reluctancia em representar a Divindade e por isso preferia a pintura das fórmas allegoricas ou symbolicas com que decorava o logar que a viu nascer: as *Catacumbas*.

Os episodios do Antigo e Novo Testamento forneciam tambem motivos para essas pinturas, em que o artista visava a elevar a alma, ministrando-lhe um ensinamento moral.

«Se faz lembrar constantemente a intervenção salutar do Christo, diz Bayet, nunca recorda a sua paixão, nem tão pouco o soffrimento dos martyres».

Segundo uns, como Salomão Reinach, na sua *Histoire des Arts plastiques*, a representação de Christo na cruz principiou apenas no seculo V; segundo outros, como Émeric Dávid, na sua *Histoire de la peinture au moyen-âge* pag. 61, foi o papa João VII, grego d'origem, que subiu ao solio pontificio em 705, o primeiro que teve a idéa de fazer representar Christo crucificado, na capella que consagrou á Virgem na Igreja de S. Pedro.

No largo periodo que se estende do VIII ao XII seculo a maior parte dos artistas compraziam-se em representar o Christo crucificado com a belleza d'um jovem heroe, ainda imberbe, cheio de força muscular, levando no rosto ora a imagem d'um somno calmo e sereno ora uma expressão doce e sorridente, isenta de soffrimento como se fôra inaccessivel á dôr.



UM VENDEDOR DE JORNAES

Esculptura de Alipio Leite Barboza

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Nos seculos XIII e XIV apartam-se d'esta tradição e visam ao pathetico. Prepondera o typo do Christo, coroado de espinhos, soffredor, agonisante, horrosamente magro, deformado pelo jejum e descarnado pelo martyrio; accentua-se a tendencia para o horrivel, para um realismo atormentado, quasi doloroso, que se manifesta já na representação do cadaver sob uma fórma pungente, empolgante, já na figura esguia e emaciada do suppliciado, que agonisa na cruz, sob o dominio d'atrozes convulsões que lhe torcem os membros escorchados e produzem uma tenção formidavel de musculos.

Depois, em plena Renascença, os artistas rompem com a maneira asceta e devota dos seus predecessores e operam galhardamente uma volta ao typo primitivo, representando o Christo musculoso e herculeo como um athléta victorioso e imprimindo-lhe a belleza plastica e immortal que o genio hellenico dava aos seus deuses.

Na arte contemporanea o ideal dos artistas é crear um typo de Christo, bem humano, em que se apresente um rigoroso e profundo estudo anatomico d'um corpo que muito soffreu e a que a simplicidade e grandeza de factura deu uma expressão sobrenatural, divina, fazendo-o perder o caracter vulgar do modelo.

O Christo de Santa Cruz de Coimbra pertence ao segundo periodo, pois é evidentemente obra de artista do ultimo quartel do seculo XIV.

Esta esculptura, na magreza da figura, na expressão do rosto, na corôa d'espinhos e na maneira como estão tractados os cabellos, assemelha-se muito ao *Christo na cruz* de Benedetto da Montelupo, esculptura italiana que vem reproduzida a paginas 497 da obra do Dr. Paul Richer: *L'Art et la Médecine*.

No Crucifixo da Igreja de Santa Cruz de Coimbra o artista não nos mostra o Christo, soltando para o céo o seu grande e supremo grito: *Consommatum est;* representa-o com a cabeça pendente, depois de ter exhalado o derradeiro suspiro e quando a rigidez muscular já invadiu todos os seus membros.

A figura hirta, magra e descarnada do Crucificado, com as extremidades crispadas, causa a mais viva impressão.

O rosto exprime quão doloroso fôra o soffrimento do Redemptor e apresenta todos os estygmas do supplicio e da morte, as faces emaciadas e emmagrecidas, o nariz afilado, os olhos excavados e semi-encerrados, os labios pendentes, exangues e a bocca meia aberta pela quéda do maxillar inferior.

No peito secco abre-se a chaga supurando; as costellas são indicadas, uma por uma, n'um grande cuidado de detalhe, fazendo resaltar atravez a pelle enrugada a região thoracica, em sulcos profundos que exaggeram a magreza.

Nos braços e nas pernas esguias, hirtas, e listradas de longos traços sanguinolentos, avultam as chagas, as pisaduras e as saliencias musculares exaggeradas pela rigidez do cadaver que punge o observador e faz com que a impressão produzida não mais se desvaneça do espirito.

Essa impressão, porém, mais intensa será quando um dia a imagem fôr melhor collocada, como é de esperar que em breve se faça para honra de Coimbra e da Igreja onde existe.

Então, a luz branca do dia, descendo triumphal das amplas janellas do templo sobre o precioso Crucifixo, illuminal-o-ha, em caricias de luz e tornará visiveis as linhas e detalhes que a escuridão da capella faz escapar á nossa percepção visual.

Antonio Julio do Valle e Sousa.

BUSSACO—Hotel Monumental

Cliché de Cunha Moraes

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

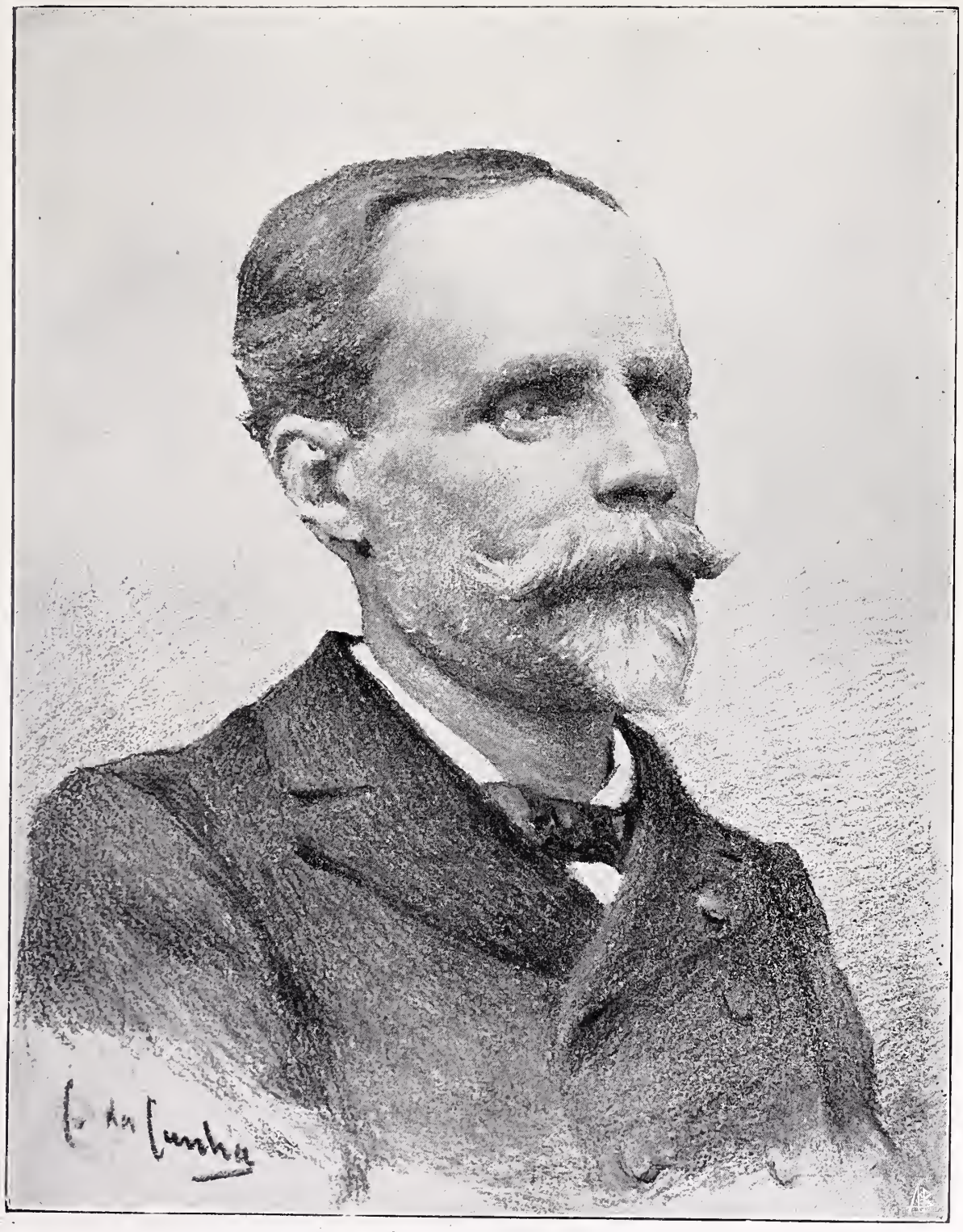
ARTE

2.º ANNO — N.º 22

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — OUTUBRO DE 1906

Edição especial 60 réis



DR. JAYME DE MAGALHÃES LIMA — Desenho a carvão de Candido da Cunha

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

DR. JAYME DE MAGALHÃES LIMA

TRIBUTA hoje a *Arte* singela homenagem a um espirito de eleição que tanto se assignala pela nobreza de caracter como pela poderosa intellectualidade de que tem dado eloquente testemunho.

E' o dr. Jayme Lima um vulto respeitado por todos quantos o conhecem quer pelo convivio intimo onde a sua conversação amenisa e instrue, quer pelos seus trabalhos litterarios em que se demonstra um talento de excepcionaes recursos e uma alma apaixonada por todas as manifestações do bello e pelos sublimes espectaculos da natureza, sublinhando com rara delicadeza e penetração o lado esthetico dos factos, quer pela cultura philosophica d'onde se desprendem ideaes redemptores.

Causa extraordinario jubilo, n'um meio como o nosso, onde o utilitarismo raso e a ambição de altos cargos absorve existencias, encontrar uma individualidade tão desviada de semilhante rotina, alargando vistas e descobrindo horisontes de vasto alcance em que o espirito transcenda sublimemente na contemplação do bello e na resolução de problemas sociaes sonhando o anniquilamento da miseria e a generalisação da felicidade humana.

A indole d'esta publicação permitte incluir nas suas paginas, honrando-as sobremodo, uma demonstração de apreço pela personalidade do dr. Jayme Lima que é incontestavelmente a d'um verdadeiro artista cheio de emoção e de sincero enthusiasmo.

A *Arte* tem tido a honra da sua collaboração e por ella é possivel presentir-se a moderna orientação do seu espirito conjurando erros mas sublimando eternas verdades.

O estylo do illustre escriptor, d'uma grande simplicidade poetica, deixa transparecer uma subtil e superior percepção, porfiado estudo e forte poder de assimilação.

O nosso intento, ao escrever estas modestissimas linhas que acompanham o retrato do dr. Jayme de Magalhães Lima, é render sincero preito ás suas admiraveis virtudes d'alma e ao seu primacial talento.

J. A. R.

CONDE DE FERREIRA—Esculptura de Soares dos Reis

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

AGRAMONTE

UMA grande parte das festas religiosas não são mais do que a expressão symbolica de certos phenomenos da natureza.

A Paschoa não significa tão sómente a resurreição de Christo; a Paschoa symbolisa tambem uma mudança d'estado, a passagem da morte apparente do inverno para o renascimento da primavera.

A commemoração dos fieis defuntos, ao mesmo tempo que revive as saudades pelos que deixaram o mundo, diz outrosim as que ennublam a alma ao vêr as arvores despirem-se da sua folhagem, ao olhar para aquelle sorriso de nostalgia com que o sol mergulha no horizonte.

A agonia da natureza traduz-se na festa dos mortos.

E em 2 de novembro todos acodem a ella trazendo um semblante confrangido, significativo d'essa delicia que dóe ou d'essa dôr que delicia — a saudade.

Pelas necropoles dispersa-se a multidão contrita, espargindo sobre as campas lagrimas e flores.

Parece que os que alli jazem, já em ricos mausoléos, já sob modestas lousas, foram todos virtuosos, bons paes, bons filhos e bons esposos, pois nem uma só inscripção se encontra que os infame e denigra.

Onde se enterrarão os maus?

Deixaram de o ser baixando á sepultura. A morte niveladora e a religiosidade, que ella inspira, apagaram-lhes a maldade com um caridoso — *Requiescat in pace!*

Em todos os tempos e em todos os povos se praticou o culto dos mortos, primeira expressão do ideal religioso, symbolo patente da crença na immortalidade, da qual derivaram certas praticas religiosas, muito usadas entre

gregos e romanos, e ainda entre os christãos até fins do seculo V.

A mumificação nos egypcios e nos azteques do Mexico obedecia egualmente á mesma crença, assim como a erecção de monumentos em homenagem aos mortos, a qual não podia deixar de externar-se traduzindo no marmore ou no granito o sentimento que a determinava.

D'ahi nasceu uma das sete maravilhas do mundo antigo—o tumulo de Mausolo; d'ahi o pretenderem escalar o céo as assombrosas pyramides de Gizeh; d'ahi o abrigarem-se nos templos sarcophagos sumptuosos; d'ahi povoarem-se os cemiterios de obras d'arte, para as quaes se dão as mãos a estatuaria e a architectura.

*

* *

Não tem o Cemiterio d'Agramonte a riqueza monumental e artistica do Père-Lachaise em Paris, ou do Campo Santo em Genova; mas para compensar tem uma luxuriante vegetação, que o faz parecer um ameno jardim com ruas bem alinhadas, separando canteiros em cujos jazigos ora se entrelaçam amorosamente roseiras, pervincas e madresilvas, ora os aperta em fraternal abraço a hera amiga. Por vezes desapparecem sob um manto de violetas as sepulturas rasas. Arvores por toda a parte onde o melro faz seu ninho, onde o rouxinol gorgeia suas melodias.

Numa promiscuidade encantadora, em que não ha monotonia de linhas, encontram-se jazigos ricos ao lado d'outros menos apparatosos; sumptuosas capellas alternam com humildes campas.

Só quatro obras d'arte se destacam nesta linda cidade dos mortos, devidas ao cinzel genial de Soares dos Reis e Teixeira Lopes.

São do primeiro as estatuas do Conde de Ferreira e da Saudade, aquella no cemiterio privativo da Ordem da Trindade e a segunda no cemiterio geral.

São de Teixeira Lopes a estatua da Caridade no cemiterio privativo da Ordem de S. Francisco e a figura symbolica da Dôr no jazigo da familia Pinto da Fonseca.

Seria ocioso dizer o que valem aquelles grandes artistas, cuja eloquencia das obras persuade mais que todos os discursos, proferidos que fossem por um Demosthenes ou por um Clemenceau.

Além d'isso, outros mais competentes do que eu já o disseram.

A respeito do saudoso auctor do *Desterrado* disse João Augusto Ribeiro que «o verdadeiro artista exteriorisa a sua personalidade e assim Soares dos Reis transparece na sua feição genial em toda a sua obra como um apaixonado pelas subtilezas da forma e do pensamento plasticivel, consciencioso na execução, algo meticulosa, mas plenamente consequente, em virtude sempre d'uma forte concepção.»

Com respeito ao distincto esculptor da *Rainha Santa* escreveu Jayme de Magalhães Lima o seguinte periodo: «O trabalho de Teixeira Lopes, ou o consideremos como um todo indivisivel ou lhe estudemos os fragmentos, é um monumento que principia exaitando a admiração pela difficuldade material vencida, e acaba arrebatando pelo poder de agitar a alma, inflamando-a num scismar da mais sublimada essencia.»

Das quatro obras d'arte citadas e que enriquecem o Cemiterio d'Agramonte, a que mais me encanta e seduz, é a *Saudade* de Soares dos Reis.

Que postura aquella de tão suave tristeza! que doce encanto d'olhos! que meiguice de bocca! Oh! formosa imagem! a pureza das tuas feições e a naturalidade do teu gesto trazem-me á lembrança aquelles versos de Anthero do Quental:

Num sonho todo feito d'incerteza,
de nocturna e indizivel anciedade,
é que eu vi teu olhar de piedade,
e mais que piedade, de tristeza.

Não era o vulgar brilho da belleza,
nem o ardor banal da mocidade,
era uma outra luz, uma outra suavidade,
que até nem sei se as ha na natureza.

Luiz Lobo.

HOTEL MONUMENTAL DO BUSSACO

Do sumptuoso *Hotel Monumental do Bussaco*, do chamado estylo manuelino, reproduzimos hoje um explendido trecho, certamente um dos melhores d'esta construcção notabilissima.

Quem não viu ainda essa encantadora obra

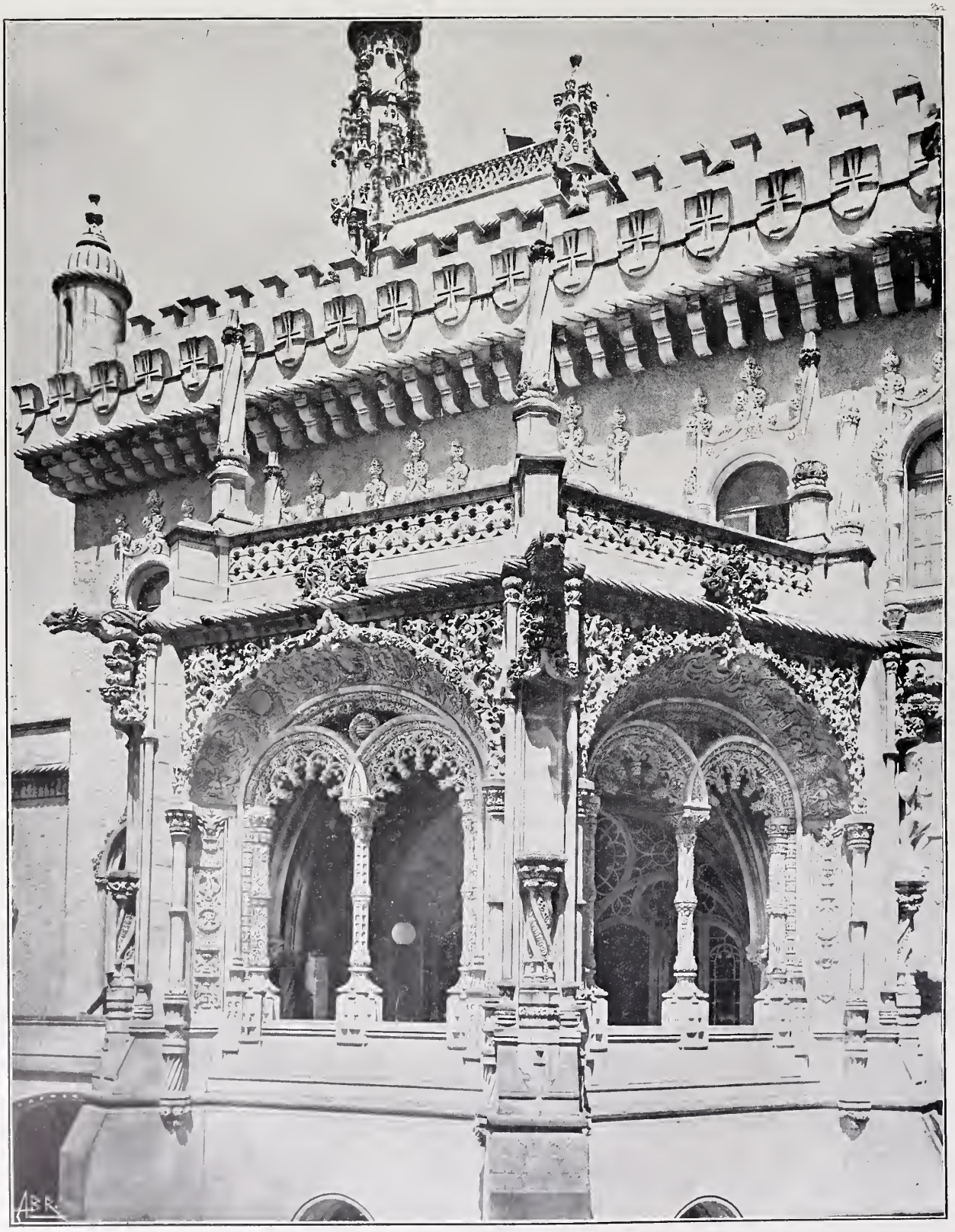
A CARIDADE — Esculptura de Teixeira Lopes

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

póde, pela simples inspecção da nossa gravura, ajuizar cabalmente do merito artistico do bello edificio e tambem da capacidade profissional dos artistas conimbricenses que o executaram, bem instruidos e bem orientados na plastica decorativa d'esta variante tão profusa do estylo gothico.

A apparente prolixidade de lavores offerece ao conjuncto, sem o desaggregar, mais calor e uma maior vibração d'aspecto, dando-lhe extraordinario vulto e grandeza.

Indubitavelmente renascem as bellas epochas da nossa architectura!



BUSSACO—Hotel Monumental

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

2.º ANNO — N.º 23

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — NOVEMBRO DE 1906

Edição especial 60 réis

Esculptura de Thomaz Costa

FLORA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

«FLORA» E «VENUS ANADYOMENA»

ESCULPTURAS DE THOMAZ COSTA

DOUS trabalhos mais do distincto estatuario Thomaz Costa sobre os quaes apenas algumas palavras, visto que as reproducções são sufficientemente elucidativas:

O busto de «Flora» muito seductor pelo typo e d'um delicado requebro feminino, lembra um pouco as gentis e espirituosas figuras do notavel estatuario belga Van der Straeten. A execução é nervosa e animada, interpretando magnificamente a materia.

Relativamente á «Venus Anadyomena», a nossa attenção frisa principalmente o effeito pittoresco da scena tractada em baixo-relevo, em que do vago surge, a toda a luz, a forma desenhada e luxuriante da mulher que uma religião de anthropomorphistas divinisou e glorificou devotamente.

CONSELHEIRO CASTRO MATTOSO

Pintura de Candido da Cunha — SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

MATTOSO DA SILVA CORTE-REAL

POUCAS terras de Portugal terão como Aveiro o culto dos seus homens illustres. Os nomes d'elles andam aqui na memoria de todos, os seus feitos, talentos e virtudes são o evangelio de cada dia. Aveiro collocou ao centro do seu cemiterio o sarcophago de marmore, que encerra as cabeças dos seus filhos, que o algoz decepou, em holocausto da liberdade; na sua praça concelhia ergueu a estatua da sua maior gloria e maior tribuno dos nossos dias — José Estevam; amanhã vae erigir no proprio logar, onde o povo e a tropa, confraternisados, levantaram em 1828 o primeiro grito, que se ouviu em terras portuguezas, contra a usurpação do principe, que rasgava o codigo que jurára, o busto do antigo e denodado voluntario academico na grande campanha, que se seguiu a este feito e que levado depois ao parlamento pelos votos dos seus concidadãos, fez desaparecer das nossas leis, a que mandava matar que despedaçou para sempre o cadafalso politico — Mendes Leite; e hoje inaugura, nos seus paços o retrato do verdadeiro homem de bem e grande benemerito que fechou o cyclo dos serviços prestados á sua terra com o derradeiro conforto dos desgraçados, um hospital — o conselheiro Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte-Real.

A' homenagem da linda cidade que as aguas do Oceano confundidas com as do Vouga, emolduram em prateado caixilho, associa-se gostosa a *Arte*, e a arte está duplamente representada no padrão de fundo e justissimo reconhecimento, que aquella consagra ao vulto por tantos titulos sympathico do conselheiro Castro Mattoso, que um talento a trasbordar de aptidões artisticas fez palpitar, viver em toda a sua pujança n'esse pedaço de tella, que só por si é um monumento.

Candido da Cunha, que é o payzagista que Portugal inteiro admira, com este novo e soberbo trabalho conquista um logar primacial entre os modernos pintores de retratos; n'elle demonstra exuberantemente todos os seus recursos, toda a sua technica. Para os que como nós co-

Esculptura de Thomaz Costa

VENUS ANADYOMENA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

nheceram e trataram de perto e por largo tempo com o conselheiro Castro Mattoso, a tella é uma evocação vivissima de um passado, que não volta, faz-nos sonhar acordados; por um momento julgâmos que ainda não perdemos o amigo de tantos annos; afigura-se-nos termos deante de nós aquella perfeita e poderosa organisação de homem d'espirito e de coração, de fidalgo pelas tradicções que herdára dos avós, de democrata pela educação, pela austeridade do seu proceder e pelo desejo inato de praticar o bem, que a morte tão cruamente nos roubou ha pouco mais d'um anno. Parece-nos estar a vêl-o nos tribunaes superiores sabio e bom, julgando com verdadeira comprehensão da humanidade e da justiça; no parlamento, escutado por todos, impondo-se pelo seu desinteresse e saber, a pugnar pelo bem do paiz, a defender os interesses da sua terra; na sua hospitaleira casa da capital, emfim ou no seu velho solar da Oliveirinha, refugio de perseguidos no tempo do terror e absolutismo, tecto amigo, campo neutro, onde agora, homens de todas as classes e convicções iam receber favor e conselho.

Como Filippe II, quando deparando absorto deante da estatua de S. Roque, nos Jeronymos, exclamou para os que o rodeavam: «Se fallasse, diria que estava vivo», diremos se o retrato se movesse o conselheiro Castro Mattoso como que não havia morrido!

Aveiro, 23.

Marques Gomes.

A ADMISSÃO ÁS EXPOSIÇÕES DE BELLAS-ARTES E OS PREMIOS

EM todas as carreiras liberaes se obtem por uma série de provas diplomas que conferem o direito de exercicio.

E' assim que os medicos, os advogados, os engenheiros exigem sómente clientela, uma vez conquistados os seus gráus, e não vêm annualmente sujeitar o seu valor á balança d'um jury.

Creou-se apenas aos artistas esta situação: um pintor, um esculptor, um gravador estão sob a ameaça permanente d'uma exclusão do *Salon*, embora elles tenham de traz de si vinte annos de trabalhos valiosos e até de exitos relativos.

Sem insistir sobre estes casos extremos, que não são tão excepcionaes como poderiam parecer, não é lamentavel que um homem que envelheceu na pratica do seu ideal se veja aos cincoenta ou sessenta annos galardoado com uma medalha que o cathegorise aos olhos do publico? O que será d'elle, pois, se não a recebeu?

Situação intoleravel esta de não ser assegurado ao individuo, na carreira das artes, exercer, sem inquietação, o seu modo de vida e de se vêr condemnado a um estado de perpetua menoridade!

A gestação e o parto não passam, para os artistas, do periodo menos laborioso da sua obra.

Terminada esta, começam as angustias: com os olhos anciosamente voltados para o jury, esperam, tremendo, a dicisão d'este senhor absoluto.

Soberbo e cheio de confiança, o jury classifica, cathegorisa, acceita, recusa, sem se preoccupar com as consequencias nem attender que os mais perseverantes esforços se reduzem muitas vezes a zero, compromettendo tambem os mais respeitaveis interesses.

Escusado será dizer que fallamos unicamente da massa dos artistas e não das felizes personalidades que os seus successos adquiridos collocam á parte.

Queremos que o artista tenha as mesmas immunidades que o advogado e o medico; queremos que, uma vez conquistado o seu diploma, seja authorisado para sempre a mostrar as suas obras ao publico, subjeitando-se simplesmente ás contingencias d'este arbitro. Eis a condicção *sine qua non* segurança nem dignidade!

Em nossa opinião, as coisas deveriam ser assim postas em pratica:

A exposição annual compôr-se-hia de duas cathegorias distinctas: uma, o verdadeiro *Salon*, conteria as obras dos artistas diplomados; a outra, as dos artistas que aspirassem aos mesmos diplomas.

Um jury, annualmente eleito pelos artistas já diplomados, designaria, na segunda cathegoria, aquelles que deveriam passar á primeira; e a pueril distincção da medalha seria substituida por um diploma que deferisse ao artista o direito perpetuo de expôr no *Salon*.

A exposição preparatoria que propômos, não teria nenhum dos inconvenientes do *Salon* dos recusados, dando ensejo a ridiculos e muitas vezes a fundamentados ataques.

Logo, cessariam os recusados, os protestos e as cartas-brancas.

O jury tirado á sorte fornece as melhores garantias de equidade, e a opinião soberana do publico, que julga em ultima instancia, estimula ainda o seu zelo.

Que ventura para a administração do Estado! Não teria de intrometter-se na lucta, e a sua acção limitar-se-hia a afastar as obras immoraes e a preparar os locaes para se prestarem a esta combinação, fóra da qual haverá sempre motivo para amargos protestos.

Acabaria assim esta laboriosa tarefa de recompensas graduadas, digna dos bancos da escola, e os artistas, entrando no direito commum, outhorgavam ao publico a missão de os aquilatar devidamente.

Não deixaria de ser irrisorio o effeito que, por analogia, produziria o voto d'uma medalha a um advogado ou a um medico, depois de cada pleito eloquente ou de cada cura maravilhosa.

Só os artistas supportam estas infantis e perigosas reminiscencias do tempo escolar.

Nem pouparemos mesmo as recompensas de primeira ordem, taes como as medalhas d'honra e o famoso premio de 100:000 francos, cujo annuncio causou tanto rumor.

O perigo das cathegorisações é demasiado grande e o juizo dos homens muito subjeito a erros.

Diremos á administração: Guarde os seus premios; o objectivo dos artistas deve ser superior a semelhante engodo, e o ideal sonhado basta para suscitar boas obras.

Visto que fallámos do premio de 100:000 francos, sejanos permittido, de passagem, assignalar a perplexidade em que os termos do decreto lançaram os artistas.

Com effeito, como fazer concorrer ao mesmo tempo a pintura e a architectura?

Comparemos: supponhamo'-nos em presença de trez maravilhas: a Transfiguração de Raphael, a Venus de Milo e o Parthenon de Athenas. A' qual deve o premio conferir-se?

O concurso, nestas condições, é evidentemente impossivel. Não ha espirito esclarecido que declare que uma d'estas obras exceda as outras.

E' levar muito longe, sem duvida, a inconveniencia da critica: o premio annunciou-se, o effeito foi excellente, que mais é preciso?

Exemplo flagrante dos erros aos quaes a tradicção dos premios arrasta!

(Les Beaux-Arts en 1867. Par M. Raymon)

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

ARTE

2.º ANNO — N.º 24

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

PORTO — DEZEMBRO DE 1906

Edição especial 60 réis

A LIÇÃO DOS ANJOS

ROUBÁRA Prometheu o fogo do céo para animar o homem que do limo da terra tinha creado.

Mais audacioso foi Fritz Roebel arrancando á mansão divina um pedaço, que é aquella *Lição dos Anjos*, visão encantadora das regiões celestiaes, sonho todo feito de meiguice e de ternura, quadro formosissimo que enleva e seduz, tela primorosa onde a pureza de linhas se harmonisa numa perfeição sublime com a innocencia da acção.

Fritz Roebel é sem duvida um pintor-poeta, que numa orgia suave de colorido e desenho canta a juventude, a formosura, a graça.

Bemdito o artista que se desfaz, se dilue assim em luz, em côres, em murmurios d'amor, em extasis de crente, trazendo-nos certa paz á alma, fazendo-nos esquecer as agruras da vida.

Luiz Lobo.

A LIÇÃO DOS ANJOS — Pintura de Fritz Roebel

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

JOSÉ GERALDO DA SILVA SARDINHA

A ACADEMIA Portuense de Bellas-Artes acaba de perder um dos seus mais distinctos professores, depois dos saudosos Soares dos Reis e João Antonio Corrêa.

JOSÉ GERALDO DA SILVA SARDINHA

José Geraldo da Silva Sardinha deixou bem firmada a sua capacidade de architecto em varios trabalhos da sua competencia, destacando-se sempre como constructor altamente consciencioso. Embora, na parte artistica, pouco inclinado a innovações, era todavia conveniente e simples nas suas concepções e nos seus planos.

Ha 29 annos que o extincto exercia o seu cargo de professor em successão de Almeida Ribeiro, provando muita aptidão e zelo, e desempenhando ultimamente tambem o cargo de director da mesma Academia.

Era um espirito lealissimo, por vezes rude nos seus propositos, mas merecendo o maior respeito pela sinceridade com que manifestava as suas opiniões.

A *Arte* presta hoje esta homenagem singela, mas profundamente sentida, á sua memoria.

TRECHOS DO DISCURSO PROFERIDO NO THEATRO DE S. JOÃO, NA NOITE DE 20 DE JUNHO D'ESTE ANNO, EM HONRA DO GRANDE PINTOR VIEIRA PORTUENSE.

HA pouco tempo ainda, quando se inaugurava, na villa fronteira á cidade do Porto, essa maravilha da esculptura portugueza, que é o monumento que o illustre estatuario Teixeira Lopes erigiu ao seu glorioso mestre que foi Soares dos Reis, Ramalho Ortigão, o joalheiro incomparavel da nossa litteratura, perguntou se não seria esse o momento mais propicio, para que todos os amigos do artista morto se congregassem associativamente, como defensores e como amigos da arte.

A pergunta do insigne escriptor não ficou sem resposta; e, pouco tempo depois, reorganisava-se a Sociedade de Bellas-Artes do Porto que, no curto periodo da sua existencia, tem já dado sobejas provas da sua vitalidade.

Era realmente necessario que todas as actividades artisticas dispersas, e que na nossa terra são em elevado numero, se fundissem, para levar a cabo, n'uma rude peleja contra todos os attentados á arte nacional, a obra mil vezes dignificadora de educar e morigerar o nosso povo, chamando a sua attenção para as obras d'arte, e fazendo-lhe comprehender que a vida só é verdadeiramente digna de viver-se, quando a illumina um reflexo de peregrina belleza.

Porque, assim como o meio tem sobre a alma do artista um extraordinario poder de suggestão, modificando-lhe as tendencias, e influindo de uma maneira poderosa sobre a sua producção esthetica, assim tambem um nucleo de homens, de alma e coração votados á arte, pode, pelo magnifico prestigio do seu talento e pela radiosa florescencia do seu gosto, tornar a vida mais bella, e, porventura, mais perfeita e mais digna.

E o nosso pobre povo carece, hoje mais que nunca, de uma verdadeira cultura artistica.

Mas é em vão que ella tem sido lembrada aos nossos governantes. A's altas espheras do poder não chegou ainda o brado d'essa gloriosa pleiade de artistas portuenses, pedindo a reforma dos estudos na nossa Escola de Bellas-Artes.

Essa reforma não se fez nem se fará talvez, apezar da justiça que assiste aos defensores de uma causa tão nobre e tão digna.

E se não tivesse outra significação este tributo prestado á memoria do insigne pintor Francisco Vieira, valia muito como um protesto nobre e altivo de uma corporação, consciente dos seus direitos, e—para vergonha de quem dirige os destinos do paiz, tantas vezes escarnecida nas suas justas pretensões.

Mas, acima de todas as manifestações de indifferença, por parte dos nossos governantes, que offendem o nosso amor proprio e magoam o nosso civismo, ha alguma cousa que, pela sua magnifica refulgencia e pelo seu victorioso poder, se impõe ainda ao respeito e á veneração de todos nós — são as obras dos nossos artistas.

Aqui, como boa semente em solo feracissimo, a arte floresce e prospera.

L. KNAUS — «SAGRADA FAMILIA»

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Nas mais altas affirmações do espirito, nos dominios das artes moraes e plasticas, a cidade do Porto, desde ha muito, merece o nosso maior respeito e os nossos mais ardentes applausos.

Entre os maiores artistas e escriptores portuguezes contam-se, sem duvida alguma, aquelles que ou nasceram na nossa terra ou a escolheram como patria adoptiva do seu espirito.

Foi no seio d'esta cidade gloriosa que Almeida Garrett, o poeta nunca esquecido dos «Azas brancas» e dos *olhos verdes* da Joaninha, do Valle de Santarem, abriu, pela primeira vez, os olhos para a vida e alvoreceu para a gloria.

Foi aqui que Camillo Castello Branco, o poeta do «Amor de Perdição» e o analysta do «Eusebio Macario» e da «Brazileira de Prazins», evocou algumas das mais bellas figuras da sua extraordinaria galeria, tornando-se assim o commentador e o chronista da vida portuense. Julio Diniz, o meigo e enternecido novellista, em cuja obra as suas mãos espalharam prodigamente a observação minuciosa e exacta e uma como doirada nevoa de phantasia, que tudo envolve e aquece, dando a todas as almas um clarão de bondade que, ao lêl-o, nós têmos a impressão de um sonho que sonhamos acordados; Julio Diniz, dizia eu, tambem n'esta terra teve a mais radiosa florescencia da sua arte. Guilherme Braga, que nos seus admiraveis poemas das «Heras e Violetas», e na sua formidavel elegia «Cadaveres» poz toda a sua alma torturada e scismadora, tambem soube erguer o seu brado de revolta, quando, um dia, viu em risco a liberdade d'esta terra que lhe serviu de berço. Arnaldo Gama, o escriptor admiravel que colheu na historia e na lenda os elementos principaes da sua obra, e se extremou, entre tantos talentos illustres, na arte de escrever a sua lingua, tambem teve n'esta cidade as maiores fulgurações no seu espirito. Soares de Passos, alma apaixonada e dolorosa, que entregou á tradicção sentimental do nosso povo algumas das melhores joias da sua poesia, tendo vivido bem pouco para a arte do seu paiz a que se devotára inteiramente, aqui deixou despedaçar a sua lyra, quando o sopro da morte lhe roçou nas cordas a vibração de uma derradeira elegia. E, para fallar dos vivos, basta dizer-vos que a cada passo crusa comnosco, por essas ruas, um homem que parece ter no olhar a radiação de todas as estrellas do firmamento, e no cerebro, n'uma palpitação effervescente, toda a fecunda actividade de nosso seculo agitado e doloroso: Guerra Junqueiro é tambem nosso por adopção. Esse flagellador, de sarcasmos tão fulgurantes e de satyras tão mordentes, cuja lyra descommunal, n'uma vibração continua, chora e brame como a de Victor Hugo, aqui veio procurar refugio, n'um anceio enorme da sua alma, que cada vez nos parece mais engrandecida e mais bella, pela luz espiritual que a banha.

. . . . . .

O artista insigne que escolhestes para objecto das vossas consagrações nasceu n'esta cidade a 13 de maio de 1765.

Bem cêdo lhe madrugaram no espirito as tendencias para a arte, que, a breve trecho, haviam de fazer d'elle um dos primeiros pintores da sua terra.

Depois de ter recebido as lições de seu pae, que se havia já revelado um artista distincto, foi confiada a sua orientação ao professor João Glama, e, seguidamente, a Pillement que lhe deram as primeiras lições de figura e de paysagem.

Mas o seu extraordinario talento chamava-o para um meio mais largo, onde, em presença das obras primas dos grandes mestres, a sua arte mais livremente se expandisse.

Já então o desdem pelos elevados interesses da arte dominava o espirito dos nossos governantes; e foi debalde que o moço artista solicitou do governo um subsidio para ir aperfeiçoar-se ao estrangeiro.

E se, mais tarde, a Companhia das Vinhas do Alto Douro se não offerecêsse, para o sustentar como pensionista nos grandes centros d'arte europeus, é possivel que, n'esta hora, não estivessemos aqui reunidos, a enaltecer a sua obra e o seu nome.

E se não é este o momento proprio para apontar, uma a uma, as influencias que o artista soffre constantemente, modificando e aperfeiçoando a sua obra, no seu gosto e nos seus processos, não devêmos esquecer nunca o extraordinario poder que exercem, sobre a elaboração de uma obra d'arte, a educação e o meio.

Na frequencia dos museus, na convivencia dos mestres, na admiração permanente dos grandes modelos, a alma do artista adquire, a pouco e pouco, um alto sentimento de belleza, que hade necessariamente guiál-o na realisação das suas obras.

O estudo aturado do colorido de Corregio deu a Francisco Vieira a sublime harmonia que se nota na maior parte das suas telas, e, talvez ainda, a sua predilecção pelos estudos de pintura religiosa.

N'este genero d'arte, poucos pintores terão chegado no nosso paiz á grande altura a que elle subiu.

A sua requintada sensibilidade, a doce melancolia em que sempre embebia as suas tintas, um mixto de ternura e sonho em que serenamente se enlevava; e, porventura, um certo espiritualismo que o havia familiarisado com as coisas do céo, deram á sua arte uma extraordinaria uncção religiosa. Alguns dos seus retabulos são admiraveis poemas de piedade, pela intensa fé que se revela nas suas figuras e pelo largo vôo da sua inspiração arrebatada e commovida.

. . . . . .

O olhar dos seus santos tem alguma cousa de meigo e de suave que nos faz adivinhar a patria celeste, para onde o chamavam os arroubos do seu coração e os anceios da sua alma.

Que serenidade e que poesia a das suas pinturas! Que doce e reconfortante paz a alma não sente, ao encararmos uma d'essas telas em que o pintor traduz, na harmonia das suas tintas, todo o seu sonho interior de poeta e de vidente!

. . . . . .

Hoje, mais do que nunca, a arte tem uma sublime missão a realisar: a de promover a concordia dos corações e das almas que experimentam um nobre anceio de verdade e de justiça.

A doce e ridente chimera que tem embalado serenamante a alma de tantos pensadores e a imaginação de tantos poetas hade encontrar, talvez, n'um futuro longiquo, a sua fecunda realisação.

Até lá, que a arte, como uma flôr immensa a que todos aspirem o perfume, espalhe pela terra inteira os seus encantos e a sua belleza, sob o calmo sorriso de Deus, e na presença do homem, cada vez tornado melhor.

Joaquim Costa.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PORTO

FIM DO 2.º ANNO

1906

ARTE

1907

III.º ANNO

ARCHIVO DE OBRAS DE ARTE

DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

Redacção e Administração

RUA DE S. LAZARO, 310 — PORTO

SUMMARIO DO TERCEIRO ANNO

N.os 25, 26 e 27

ART.—A Arte d'hoje.—Trez quadros de Julio Ramos. — Arthur Loureiro e Fernandes de Sá: A ultima exposição.—Manhã de inverno: Excerpto inedito da «Arte da minha terra».—A Sacra.— Cathedral do Porto.—Sagrada Familia.— José Arnaldo Nogueira Molarinho.— Imprensa Moderna. — Margens do Ave.

GRAV.—Julio Ramos. Ao fim da tarde.— Um cabula.— Entrada de Barcos.—Para a lição.—Senhora de Lourdes.— Vieira Filho.—A Sacra.—Interior d'um mosteiro dos Templarios.— Cathedral do Porto.— Cathedral do Porto, claustro.—Sagrada familia.—José Arnaldo Nogueira Molarinho. — Lua cheia ao cahir da tarde.— Margens do Ave.

N.º 28

ART.—No jardim de Flora. Dois quadros de Silva Porto. — Sociedade de Bellas-Artes. — O claustro do mosteiro de Santo Thyrso.—A Arte d'hoje.—(II).

GRAV.—No jardim de Flora.—Na fonte de Massamá.— A volta do trabalho.—Mosteiro de Santo Thyrso, claustro. — Paisagem do rio Ave.

N.º 29

ART.—Discipulo de um grande mestre.—Le baquet de bleu.— Raphael Bordallo Pinheiro.—A Arte d'hoje. — (III).

GRAV.—A prisão do mendigo, esculptura de José d'Oliveira Ferreira.—A prisão do mendigo, esculptura de Antonio Alves de Souza. — A prisão do mendigo, esculptura de Rodolpho Pinto do Couto.—Le baquet de bleu.— Sociedade de Bellas-Artes.—Um desenho a lapis.

N.os 30 e 31

ART. — Mosteiro de Leça do Balio. — Sociedade de Bellas-Artes.

GRAV. — Leça do Balio. Porta principal da egreja. — Leça do Balio. Vista do mosteiro (lado sul). — Leça do Balio. Vista do mosteiro (lado norte).—Leça do Balio. Tumulo de Freire João Coelho e porta lateral da egreja. — Leça do Balio. Detalhe da porta lateral da egreja. Desenho á penna de João A. Ribeiro.—Leça do Balio. Frente da egreja. — Leça do Balio. Cruzeiro gothico. — Leça do Balio. Pia baptismal.— Leça do Balio. Lapide gothica. — Leça do Balio. Claustro romanico.

N.º 32

ART. — Duqueza de Palmella.

GRAV.—Duqueza de Palmella. Fiat Lux.—Maquette da estatua de Diogenes. — Nossa Senhora e o menino, (marmore).— Santa Thereza.— Frontal de fogão de sala.— Um aspecto do atelier.

N.º 33

ART. — Visconde de S. João da Pesqueira.—Raul Maria. — Um artista Novo.

GRAV.— Raul Maria.—Visconde de S. João da Pesqueira. — Um trecho do Atelier, de Raul Maria, em Roma. — Raul Maria. Um retrato.—Raul Maria. Trez mulheres.

N.º 34

ART.—D. Palmyra Teixeira Bastos.—Bispo de Vizeu.— O Bispo de Vizeu D. Antonio Alves Martins.

GRAV.— D. Palmyra Teixeira Bastos.—Bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins.

N.º 35

ART. — Egreja de S. Francisco.— O Pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra. — Paisagem rustica.

GRAV. — Porto. Egreja de S. Francisco. Abside. — Egreja de S. Francisco. Porta principal. — Coimbra. Pulpito da Egreja de Santa Cruz. — Paisagem.

N.º 36

ART. — M.me Vigée-Lebrun com sua filha. — Tumulo da princeza Santa Joanna.— Commiseração.— Sociedade de Bellas-Artes.

GRAV. — M.me Vigée-Lebrun com sua filha.— Commiseração. — Aveiro. Tumulo da princeza Santa Joanna.

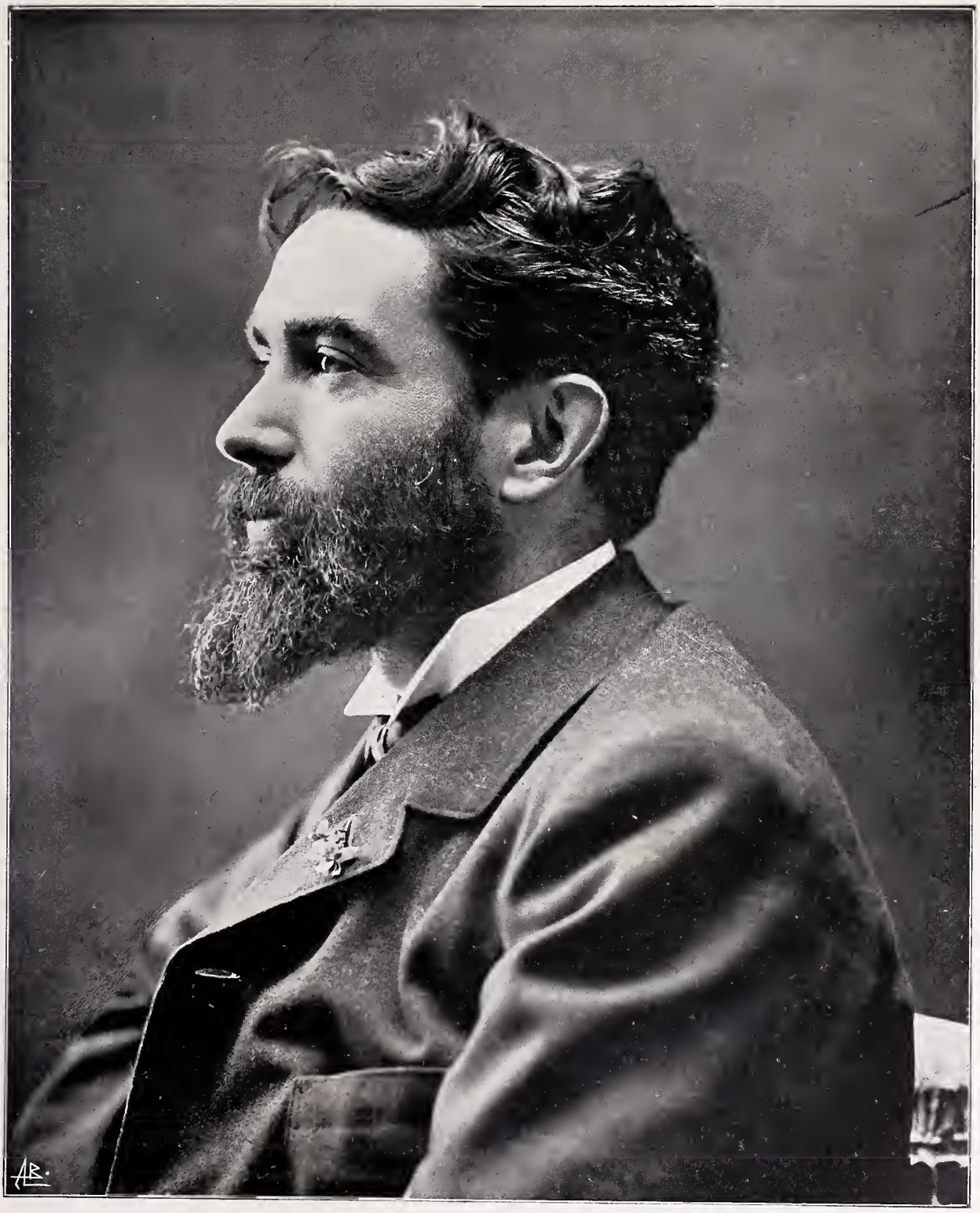
ARTE

3.º ANNO — N.os 25, 26 e 27

DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU

N.os 25, 26 e 27 correspondentes a Janeiro, Fevereiro e Março - PORTO, 1907

Edição especial 180 reis



JULIO RAMOS

CLICHÉ DA PHOTOGRAPHIA MODERNA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

"ARTE" 3.º ANNO

ENTRA hoje a *Arte* no seu 3.º anno de publicação.

Se não se apresenta já com os melhoramentos que lhe pretendemos introduzir de modo a alargar-lhe o raio d'influencia, tornando-a uma publicação sem rival no seu genero no nosso paiz, é porque desejamos fazel-a sem o minimo receio de recuar.

Não levará muito tempo que a *Arte* iniciará o processo das tres côres, essa maravilha de reproducção colorida e que tanto relevo dá ás producções artisticas.

Contamos, porém, com o favor do publico. Não nos basta o seu applauso benevolo, é-nos precisa a sua decidida protecção, que, junta á dos nossos collaboradores e amigos, nos fará levar a cabo a nossa empreza, dando-nos a satisfação do dever cumprido, proporcionando-nos os meios de realisar o horaciano verso: *utile dulci.*

A ARTE D'HOJE

I

Haja progresso ou haja decadencia, não desesperemos do futuro da arte.

Os tempos de progresso dão os exemplos a seguir, os tempos de decadencia, os exemplos a evitar.

Toda a tentativa redunda a favor da sciencia; o futuro saberá aproveital-a. Gloria entretanto áquelles que mostram o bom caminho!

Todos os nossos desejos, todos os nossos trabalhos tendem continuamente á completa satisfação da nossa vontade. Dominar o fogo, dominar a agua, dominar o ar, viajar como o relampago, fallar aos dous polos simultaneamente tudo isto nós fazemos já; a nossa vontade já ordena. Não pararemos, isto é apenas um primordio. Bem depressa diremos á vida: nós conhecemos os teus mysterios. Bem depressa diremos á morte: cessa de nos attingir. Bem depressa diremos á materia: toma esta fórma; que este corpo tome vida, que caminhe, e o corpo viverá, caminhará.

O poder attribuido a Deus, um dia será o nosso. Tudo o que vemos ou tocamos, tudo o que os nossos sentidos percebem é nosso. Terra, ceus, vós sois o nosso dominio, nós vos possuiremos um dia como senhor e vós obedecereis á nossa voz.

O lado impuro da humanidade, o lado que se oppõe incessantemente ao lado intelligente, não impedirá o progresso.

Monturo odioso! vis sapos, vis serpentes, cafila de viventes intumescidos de inveja, de ferocidade e de cobardia, multidão estupida, de que lôdo sahis vós?

Todos os dias nos assombram novas descobertas, todos os dias a sciencia revela um mundo novo, todos os dias o espirito ascende ás regiões desconhecidas, e sempre nos tornamos mais anhelantes, mais maravilhados, mais perturbados com as promessas do futuro.

O que são as nossas occupações diarias em face d'este sonho deslumbrante?

Rumor d'uma plateia antes do erguer do panno.

A' medida que a humanidade se approximar da sua epocha divina, ella dirigirá as suas vistas para as sciencias que nos iniciam nos segredos da natureza. Quando a obra da creação envelhecer, quando as grandes engrenagens forem gastas, os soes extinctos, os mundos carcomidos, quando Deus, cançado de dirigir estas machinas, disser: é tempo de deixar ao homem esta tarefa facil; a que homens se julga que Deus confia o governo dos negocios do mundo?

Será a reis, será a ministros, a diplomatos, a generaes; será a grandes financeiros; a habeis jogadores da bolsa, a argutos especuladores, a ricos particulares?

Não, Deus escolherá homens de genio, philosophos, physicos, mathematicos, mechanicos; os omnipotentes da arte e da sciencia, os senhores da ideia e da materia!

AO FIM DA TARDE—Quadro de Julio Ramos

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

UM CABULA—Quadro de Julio Ramos SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

TREZ QUADROS DE JULIO RAMOS

Entre os nossos paizagistas obteve justa reputação o distincto pintor Julio Ramos e a «Arte» com satisfação patenteia neste numero, aos seus leitores, reproducções de trez quadros seus dignos do maior elogio.

De sentir é, comtudo, o desapparecimento [1] da inolvidavel tela «*Ao fim da tarde*» em tempo adquirida pela Camara Municipal do Porto para a sua galeria, obra que, de per si, bastaria a honrar o nome do seu auctor...

Figuráram, entre outros, na primeira exposição individual de Julio Ramos, na sala da Photographia Guedes, os trez quadros de que hoje no occupamos, e bem impressos ficáram na memoria de todos os que tiveram o prazer de a visitar, pela magia do effeito, principalmente dous: o «*No Fim da tarde*» e «*Entrada de barcos.*»

Mas não só o effeito, aliáz d'uma tão flagrante verdade e d'um tão requintado prestigio; mais: a execução briosa, sincera e forte, evocadôra dos mais gloriosos genios da pintura.

Julio Ramos que hoje, para assim dizer, vegeta quasi improductivo pela força das circumstancias, bem contrariado, de certo, esvae-se no esquecimento sem, talvez, uma possivel remissão; aniquila-se lentamente para a arte, pois que assim lh'o ordena com severidade o terrivel *struggle for life*. Seria facil ainda o seu resurgimento!

Restasse ao menos uma prova das suas explendidas faculdades, ficasse ao menos aquillo que uma fatalidade imprevista lhe roubou tão inexoravelmente . . .

Em qualquer das obras preferidas, o desenho é justo e correcto sem durezas, distendendo-se num arabesco harmonioso e facil. A pincelada é vigorosa e caracteristica, accentuada nos claros e brilhantemente colorida. Os meios, pois, que poderiam ser hesitantes e inhabeis, revelam, pelo contrario, uma extraordinaria capacidade de technica sem comprometter a leveza do resultado, sem deixar transparecer a *difficuldade vencida.*

A tela «*Um cabula*» suggere tambem boas referencias. E' uma scena d'ár-livre que, embóra um tanto frouxa no modelado, não deixa de atrahir satisfatoriamente e permitte ajuizar da aptidão de Julio Ramos para a pintura de genero.

Assim, e bem modestamente, dedicamos ao apreciado artista duas palavras de preito e de estima ao archivar uma parte da sua obra tão distincta e tão pessoal mas infelizmente perdida e de que restam apenas trez pallidas photographias que pobremente rememoram um periodo brilhante da sua actividade.

* * *

(1) Como é sabido, as obras d'arte enviadas á exposição de Paris de 1900, entre as quaes se incluiam os trez quadros a que nos referimos, desappareceram, no regresso, com o naufragio do vapor Santo André.

ENTRADA DE BARCOS — Quadro de Julio Ramos SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

ARTHUR LOUREIRO E FERNANDES DE SÁ

A ULTIMA EXPOSIÇÃO

PEDEM-NOS algumas palavras sobre a recente exposição d'arte que Arthur Loureiro e Fernandes de Sá realisaram no atelier-escola d'aquelle artista, no Palacio de Crystal.

Apenas poderêmos desempenhar-nos do encargo, muito agradavel, é certo, que amavelmente nos foi imposto, dizendo, com toda a singeleza, as impressões que nos ficaram d'esse magnifico certamen.

Nenhum d'aquelles artistas é um desconhecido entre nós, muito pelo contrario, a sua obra se encontra largamente vulgarisada, em magnificas revistas d'arte, e ainda nas referencias, quasi constantes, da imprensa, onde o talento do pintor e do estatuario mereceram já a sua justa consagração.

Arthur Loureiro é bem um artista de raça. A sua obra traduz, com elevação e com verdade, todo o sonho que embala o seu enamorado coração de poeta. Este homem vibra como ninguem diante da paysagem da sua terra. E com que amor elle a traduz, na suave harmonia das suas tintas!

Vêde como elle nos falla dos luares prateados e meigos; do mar calmo e transparente e da immensa toalha das suas aguas; das ermidinhas rusticas da serra, d'onde, ao cahir da tarde, se eleva para o céo, serenamente, o pausado bater das Avé-Marias! A's vezes, extasia-o uma casita humilde, entre arvores, muito alva e muito caiada, com o seu telhado vermelho, onde o sol bate, faiscando, e o seu bello talento de pintor leva-o a reproduzir na tela, com uma verdade flagrante, o scenario rustico e simples que tão profundamente o impressionou. E' um pintor que sente como poucos a sua obra. E assim, a sinceridade é a nota predominante da sua arte.

Como paysagista, é, com certeza, dos maiores da sua geração.

A paysagem de Arthur Loureiro não é feita de linhas frias ou de coloridos bizarros e phantasiosos. Nas suas telas a natureza tambem não apparece rigorosamente reproduzida, sem que um pouco de imaginação e de ternura a espiritualise e a exalte. Este pintor é essencialmente impressionista; e os seus quadros têm alguma cousa da sua alma compadecida e boa. Mas não é só na paysagem de Arthur Loureiro que predomina esta tendencia superior, e sem a qual toda a arte ha de ser, necessariamente, convencional e fria.

Em alguns quadros de figura, o subjectivismo do pintor gera verdadeiros poemas, tal é a intensidade de emoção que elles traduzem. Vêde, por exemplo, os dois quadros, *Esperança* e *Desengano,* ultimamente expostos, onde se encontra escripto, n'um lyrismo singelo mas elevado, todo o poema de uma pobre mulher que fez a sua jornada da vida, e espera a morte salvadora junto do oratorio rustico da Senhora da Guia, onde aos vinte annos foi pedir protecção e amparo! Não se pode exprimir mais na linguagem das tintas.

Na grande tela que Arthur Loureiro denomina *Arnado,* ha um estudo de luz admiravel. Ha atmosphera dentro d'aquelle quadro; o sol anima suavemente a paysagem, e percebe-se, por toda a parte, um fremito de vida hilariante da natureza fecunda e boa.

São ainda dignos de nota o estudo *Para a lição, A feira, em Ponte do Lima,* a *Casa do ferreiro,* a *Barra de Caminha, Effeito do luar, Entrada do canal de Suez,* e outros de que agora nos não podêmos recordar.

Arthur Loureiro não é d'aquelles artistas que adormecem á sombra da gloria conquistada; e apezar do bello nome que tem já hoje como pintor, trabalha sempre, e estamos certos de que o seu talento nos ha de dar ainda novas maravilhas.

Fernandes de Sá é um artista que tem deante de si um esplendido futuro. A fé com que trabalha e o talento que esplende em todas as suas creações é garantia segura do triumpho.

Muito novo ainda, modesto até ao exaggêro, o nome que conquistou não deve nada á *reclame.*

Mal julgado pela maior parte dos criticos que o tratam, quasi sempre, com uma reserva intencionada, traçou, como artista, uma inflexivel linha de conducta em que intransigentemente se mantem. Vivendo, quasi por completo, absorvido na sua arte, repartindo as suas horas entre o seu lar e o seu *atelier,* Fernandes de Sá é um artista que vive affastado dos meios rumorosos, onde, precipitadamente, se criam as ficticias reputações.

O lugar a que conseguiu elevar-se no nosso meio artistico deve-o exclusivamente aos seus merecimentos.

E a sua obra ahi está a confirmar a nossa affirmação. Tendo sido pensionista do estado em Paris, trouxe para Portugal, ao terminar os seus estudos, entre outros trabalhos de valor authentico, o *Rapto da Ganymedes,* em gêsso, que, n'um meio artistico que não fosse este, bastaria a assegurar o nome e a gloria de um esculptor. Mas esta encantadora maravilha, que mereceu ao artista uma mensão honrosa no *Salon,* só uma vez foi trasladada para o marmore, n'uma reducção, que pertence actualmente a um benemerito da arte, o snr. visconde de S. João da Pesqueira.

O artista que iniciou a sua carreira com um documento d'esta ordem, em pouco mais de quatro annos, creou um nome e uma obra que não esquecem.

A exposição realisada agora, no Palacio de Crystal, assignala definitivos progressos na obra de Fernandes de Sá?

Eis uma pergunta que muitos poderão fazer, mas que, em rigor, não poderá obter uma satisfactoria resposta.

Entendêmos que, em arte, não são possiveis progressos absolutos, porque a perfeição plastica é feita de relatividade.

Uma obra d'arte, considerada em si mesma, pode ser perfeita, impressionar pela emoção que traduz e pelo relevo da sua forma, e não ser, comtudo, definitiva. A emoção esthetica nem sempre accusa o mesmo grau de intensidade; mas, em arte, ha mais alguma cousa digno de consideração e de analyse.

Na obra immortal de Soares dos Reis, o *Desterrado* é e será sempre uma maravilha, como manifestação de sentimento; e, comtudo, essa bella estatua foi esculpida, quando o artista recebia ainda, na Italia, a lição dos mestres e dos museus.

PARA A LIÇÃO — Quadro de Arthur Loureiro

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SENHORA DE LOURDES — Esculptura de Fernandes de Sá

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Teixeira Lopes, quasi no começo da sua gloriosa carreira, produziu as estatuas de *Caim* e da *Viuva,* que são, ainda hoje, dos seus mais admiraveis trabalhos.

O recente certamen não veio certamente lançar uma luz subita sobre um nome obscuro, fazendo-o nascer, inesperadamente, para a consagração publica: Fernandes de Sá era já um nome consagrado. E os trabalhos agora expostos, se nos fallam do esforço constante do artista consciencioso e dextro, que conseguiu um nome illustre, pelo poder do seu talento, alguma cousa representam tambem como documentação esthetica.

D'entre esses trabalhos, é justo destacar o busto em bronze, do snr. dr. Vieira Filho; a cabeça em marmore, *Desafio,* cujo gêsso foi recebido no *Salon;* a estatua em marmore, *Virgem de Lourdes,* e ainda o baixo-relêvo *Caminheiro.*

O busto do snr. dr. Vieira Filho é talvez dos trabalhos mais perfeitos de quantos o artista no genero tem produzido. O distincto clinico encontra n'esse bronze um dos seus mais bellos retratos. E' uma obra que nos parece absolutamente impeccavel.

VIEIRA FILHO — Bronze, Fernandes de Sá

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

O *Desafio* foi já justamente celebrado pela critica, quando appareceu, pela primeira vez, entre nós, em bronze, n'uma exposição que o estatuario realisou no seu atelier, ao voltar de Paris.

A Virgem de Lourdes é uma bella esculptura religiosa. Sobretudo, a parte superior da imagem é tratada com um sentimento d'arte extraordinario. O rosto tem serenidade e doçura; e o olhar, perdido na contemplação das coisas celestes, parece errar vagamente:

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indisivel anciedade

como a viu, um dia, o poeta genial, nos arroubos do seu exaltado espiritualismo.

Vista de perfil, a imagem parece ganhar movimento e caminhar, derramando bençãos, sobre as rosas cahidas a seus pés.

Esta esculptura é, sobretudo, uma obra d'arte, feita com amor e com sinceridade, apezar de entendermos tambem que o ambiente da exposição, de luz crua de mais, a prejudicava bastante.

Esta imagem foi esculpida expressamente para o oratorio do palacete do snr. Visconde de S. João da Pesqueira.

No lugar que lhe está destinado, sobre um altar, entre jarras de flôres e lumes, e, sobretudo, com a luz discreta da capella, a sua belleza hade avultar ainda mais.

No *Caminheiro,* Fernandes de Sá surprehende o peregrino que vae pelo mundo, com a dôr no coração e a fé na alma, soffrendo inclemencias e murmurando orações, cheio de resignação e de esperança.

E' um dos trabalhos em que a toda a luz se manifesta a intensa emotividade do esculptor.

Joaquim Costa.

MANHÃ D'INVERNO

EXCERPTO INEDITO DA «ARTE DA MINHA TERRA»

.....

Muito cedo, hoje, mal accordei, desci ao pomar, para vêr de perto a terra adormecida ainda sob a toalha branca dos orvalhos gelados durante a noite.

O alvorecer d'inverno é cristallino, talvez o unico que inteiramente tenha esse caracter. Em toda a estação, a essa hora, redemoinham turbilhões de fulgor e suavidade; mas, porque são suaves, excluiram a dureza, companheira e irmã da cristallisação. E' necessario que um impulso de rigor paralyse o movimento e a pulsação, para que a aurora possa reflectir-se na plenitude d'uma lucidez dardejante. Só o frio e o gelo a consentem, em instantes de immobilidade atmospherica transparente, lentos, quasi rebeldes á vaporisação que, vestindo as fórmas nos véos de neblima, tudo modera e confunde.

Lembrei-me, no deslumbramento d'essa hora, da surpreza e encanto que foi para ti aquella manhã d'inverno em que pela primeira vez viste os campos cobertos de geada, quando voltavas de Lisboa.

A tua vida, como, em regra, a das pessoas que nasceram na abastança e entre carinhos, tem sido de clausura quasi ininterrompida. Na meninice, o teu berço foi guardado do sol, da chuva, do vento, de toda a inconstancia e aspereza d'ambiente. Foste, depois, privada do contacto salutar da contigencia cosmica, sempre recatada e a cada passo condemnada a um recolhimento forçado, reprimindo as tendencias naturaes de energia e expansão do teu ser, se na rua havia humidade, se a aragem era mais viva ou o meio dia aquecêra, sob todo o pretexto, em um desvelo que afinal era um desabrigado temor. E depois ainda, soffreste os annos de collegio, summulla de todo o teu passado, aggravando-se com a seccura dos mestres, não havendo sequer a attenuante d'affectos que, embora mal entendidos, tinham em sua defeza a ternura e a sinceridade d'um coração materno.

Compara a tua sorte com a das creanças do povo, desde nascença expostas á doença e á adversidade da natureza, por ella educadas physica e moralmente, avigorando-se e aprendendo, nas séstas sob o arvoredo, ao cóllo das mães em dias inclementes, brincando a todo o tempo, pelo gelo, pelos lamaçaes e na poeira torrida do estio. Vê que adaptação d'espirito tão differente resulta d'estes dois modos de crescer; e julgarás commigo que, se por temperamento tiveste a fortuna de possuir a sensibilidade que te deu uma delicia incomparavel na contemplação da purissima alvura d'uma manhã d'inverno, conservas ainda uma virtude redemptora, capaz de compensar a atrophia dos annos de sequestro.

Pensa ainda que thesouros tens perdido!... Offereceu-t'os o Senhor, gratuitamente; sem cessar os tem a teu lado; e tu, mal conduzida por uma ignorancia funesta, desconhecial-os, trocando-os por cousas caras, fatigantes e nocivas. Disseram-te que a aldeia embrutecia, te prejudicava o entendimento e te aviltava a alma, e que só na cidade, com a febre das multidões e o delirio d'artificios, o espirito se elevava. E para isso, para que fosses uma rapariga bem educada, precipitaram-te teus paes em profundezas de frivolidade e perversão, pelos theatros, pelas modistas e pelos palacios. Esqueceram-se, infelizes cegos, de te accordar cedo para veres o gelo e escutares a cotovia; e desviaram-te, — foi quasi loucura! d'afagares os animaes e de crear a flôr, a ave e quanto podia revelar-te essa religião d'amor em que são irmãos a pedra, a arvore, o homem, a estrella e a nuvem.

Quando ouvires alguem queixar-se de que o logar em que vive lhe prejudica o desenvolvimento do espirito, por exiguidade de emoção ou falta de incitamento, é certo que essa pessoa soffre d'uma deploravel incapacidade organica. A nossa educação, crê, em qualquer parte se encontra. Melhor nos campos do que na cidade, melhor entre a vida ingenua de todos os seres do que entre os desvairamentos dos homens reduzidos a um estado de semi-demencia pelo esforço e lucta sem remissão. Mas, quando pousa nos campos a pureza do gelo, não o esqueças! veste tambem os tectos das cidades. Tudo está em termos olhos para a vêr e coração para a adorar.

Ruskin, o mestre cujo conselho invoco a cada passo, assim o reconheceu e disse, fallando dos artistas que lamentavam não terem ao seu alcance material e assumpto bastante para sua phantasia. «Porque ha o que se vê em toda a rua e em todo o caminho de toda a cidade, — o que se sente e encontra em todo o coração e attitude humana, — o que é d'amar em toda a borda da estrada, na parede coberta de musgos e hervas ruins que, na mão dos fieis, póde despertar emoções de gloria e sublimidade continua e exaltada.»

.....

Jayme de Magalhães Lima.

A SACRA—Interior d'um mosteiro dos Templarios, quadro de E. H Huguenin

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

«A SACRA»

(Interior d'um Mosteiro dos Templarios)

No atrio da Misericordia abriu o distincto artista H. E. Huguenin, ha muito residente no Porto, a sua interessante exposição de pintura constante d'uma collecção de motivos, muitos d'elles captados na nossa provincia da Beira, d'onde ha pouco regressou.

H. Huguenin é indubitavelmente uma bella organisação d'artista e um fino e delicado observador da natureza. E' novo e póde, persistindo no seu labôr, alcançar um logar eminente na sua especialidade.

Offerece-se-nos hoje o ensejo de reproduzir um dos seus mais apreciaveis trabalhos da exposição sob o titulo de «Sacra.»

Ao distincto pintor agradecemos o seu convite.

CATHEDRAL DO PORTO

QUEM ha ahi que, ao visitar as grandes cidades e estudar os seus grandes monumentos, não procure logo, como principalissimo d'entre elles, o augusto monumento das velhas crenças, — a historica, a severa, a veneranda cathedral?

Em meio das massas disformes de um casario antigo e quasi sempre confuso, anarchico, é elle que mais avulta, que mais domina. Em regra tudo se lhe varejou e varreu deante, tudo se lhe renovou ou sumiu ao redor, e então o seu aspeito é mais colossal, mais imponente, soberanamente e solemnemente imponente. Só ella está de pé, a prumo, polida, sim, pela mão do tempo, ou mal retocada, mordida, pela acção do homem, mas sempre enraizada e firme, sempre famosa e bella: *mole sua stat!*

Nenhum dos homens de outr'ora, se volvesse, lograria talvez encontrar e reconhecer, erecta, a sua casa, a sua morada; poucos, porém, deixariam de contemplar a mesmissima Sé, a mesmissima Matriz; — aquella estancia adorada, que foi o fóco da sua religião, o nucleo da sua crença. Resistente, com a verdade que symbolisa, essa fabrica divina perdura, eterna, como a propria verdade. Poderá refazer-se, poderá ainda deslocar-se, mas não se extingue. Vive da sua mesma vida; sustenta-se da sua base, da sua massa, da sua força *mole sua stat.* E não desapparece!

Semi-arabe, semi-gothica, ladeada de dous soberbos campanarios de granito, lisos, quadrangulares e fortissimos, de feição rude, austera e aspera, mas bem posta e senhorilmente grandiosa, a cathedral do Porto, levanta-se solida, macissa e gigantesca no planalto do outeiro ou penha do vento (Penaventosa), em que nascera e se creára a primitiva villa ou burgo episcopal: — burgo celeberrimo, que, desenroscando-se depressa e rompendo o cingulo de suas muralhas, veio a formar, como por encanto, um formidavel emporio de commercio e o mais laborioso, mais valente e heroico povo d'este paiz.

Entronca no berço da monarchia, ou melhor, esbate-se na bruma dos tempos a egreja cathedral portuense. Mas não lhe tracejaria o escorço historico e archeologico. Seria agora descabido. Lanço apenas ao de leve e a fugir, lanço e aponto, como simples indicação, algumas notas ao visitante.

E' uma Sé monumental: é ampla, alta e longuissima; tem tres naves magistosas, uma fachada condigna, e, sobretudo, uma esplendida capella-mór, toda de marmore, bem artesoada, magnificente, a qual, em vastidão, luz e harmonia, é unica em Portugal, e, talvez, das maiores e mais bellas da peninsula.

Ostenta um formoso côro de pau preto com elegantes cadeiras e florões de variado lavor, um esmerado altar de marmore e mosaico, um magnifico e imponentissimo retabulo de madeira dourada, ornado de quatro patriarchas esculpturaes e muitos relicarios, dous orgãos e duas tribunas, uma rica gradaria de bronze torneado, de rara belleza, e uma riquissima estante do mesmo metal.

Ao longo das duas naves lateraes patenteiam-se seis altares, em talha dourada, muito vistosos e ornados de differentes esculpturas, e, no cruzeiro, quatro de igual natureza, além de duas notaveis capellas, — uma das quaes, a do Sacramento, é singularmente primorosa, preciosissima. Existe alli o sumptuoso e opulento altar de prata lavrada; — obra esbelta e de subido valor artistico, pela invenção do desenho, pela nobreza das figuras, pela graça e mimo dos relevos e e pelo sentido symbolico de alguns d'elles: obra moderna e genuinamente portuense, de pouco mais de um seculo, e, sem duvida, a mais admiravel da cathedral. Finalmente, mostram-se, em a nave do centro, dez tribunas; junto ao portico, o batisteiro e junto ao cruzeiro, dous pulpitos de marmore, espaçosos e distinctos.

A sacristia é vasta, luminosa, alegre e airosissima; revestem-na varios *frescos,* e apresenta bons gavetões de madeira e custosos armarios, duas mezas de marmore, dous lavatorios, alguns quadros com assumptos biblicos, um lindo altar, e, em especial, por cima de um relogio apparatoso, uma pintura da Virgem, em madeira, que é maravilhosa, correctissima, e, incontestavelmente, de traço raphaelesco, — uma notabilidade.

Em summa, após a sacristia, nota-se, com os seus tres altares e duas capellas, sendo uma monumental, a interessantissima claustra, construcção sublime do seculo XIV, de harmonioso desenho e nobre simplicidade. E' em estylo ogival, gothico, d'uma perspectiva encantadora, de um effeito

gentil; e, a despeito dos accrescentamentos posteriores, classicos mas deslocados, verdadeiros enxertos, é archeologicamente e architectonicamente, a parte mais sã e mais valiosa da cathedral.

E' com certeza. Ao menos campeia a descoberto, tal qual se erigiu, na sua pureza nativa, authentica, triumphante da sorte adversa, empolgadora inexoravel da congenita musculatura do templo! — essa enorme fatalidade, esse tôrvo vandalismo, que, tirante o espelho ou rosetão da frontaria, ainda intacto, astilhou, a golpes de camartello e sepultou, sob camadas de cal e pastas de gesso, os portaes, cornijas, columnas, capiteis, plintos, arcarias e abobadas de tão eximio e antigo sanctuario, para ficar sendo depois o que agora em realidade é: um monumento insigne e grandiosissimo no seu conjuncto, mas, em todo o caso, e infelizmente, rebocado, remendado, caiado, alindado, mascarado, modernisado, estragado, á guisa de outros muitos d'este paiz!...

Alves Mendes

CATHEDRAL DO PORTO

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

CATHEDRAL
DO PORTO, CLAUSTRO

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SAGRADA FAMILIA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SAGRADA FAMILIA

QUADRO EXISTENTE NA SÉ DO PORTO

ENCONTRA-SE este quadro na sachristia da Cathedral do Porto sendo attribuido ao pincel d'um famoso artista do Renascimento.

A obra, porém, em nosso conceito, pouco tem de recommendavel, todavia a reproduzimos.

E a proposito: ha n'este genero, no paiz, muitas telas que se reputam de auctores celebres sem para isso haver provas sufficientemente justificativas. Em Rofoios do Lima, por exemplo, no respectivo mosteiro, encontra-se um grande quadro, o «Cenaculo,» propalando-se como de Raphael. Só quem não conhece a obra d'este mestre póde acceitar uma tal hypothese; pois nem pelo desenho nem pelo colorido nem pelas attitudes, unicos elementos de prova, consegue semelhante affirmação subsistir. O anonymo artista, auctor da pintura, era conscientemente ou não, um sectario de Guido sem, comtudo, lograr nomeada.

Com effeito em Portugal a pintura das brilhantes epochas escasseia porque rarissimos foram os collecionadores de verdadeiro gosto. Os pouquissimos quadros aqui existentes, de indiscutivel merito, passáram ha muito as fronteiras.

Ainda não ha muitos annos, tambem, a magnifica galeria do conde Daupias, de Lisboa, se destroncou em Paris, depois da sua morte, sem que os nossos dirigentes sentissem o exodo de tantas obras-primas!

JOSÉ ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO

O PASSAMENTO do distincto artista surprehendeu-nos n'uma conjunctura em que a agglomeração de materia nos fórça a dedicar apenas duas palavras de homenagem ao seu caracter e ao seu talento.

Nogueira Molarinho era, como homem, d'uma extrema bondade, prestimoso, sincero e lealissimo.

Como artista foi, no seu ramo, durante muitos annos, o unico. Ainda que restricto, conseguiu produzir o sufficiente para ter merecido a justiça d'uma protecção proporcional ao seu merito por parte dos governos, mas que nunca lhe foi dispensada. E' este um facto a mais digno de registo,

para ignominia dos nossos governantes. Era bem conhecido, e chegou até a sollicitar collocação como gravador em estabelecimento do Estado, collocação que lhe foi promettida, nunca, porém, levada a effeito. Criminosamente illudido!

O confronto da sua obra com a dos seus rivaes da Casa da Moeda não deixa, a quem veja um pouco, a menor duvida de que Molarinho foi simplesmente uma victima dos seus emulos... senão teria talvez obtido aquillo que o seu valor relativo impunha, sem uma sombra de hesitação.

Refreamos os impetos da nossa consciencia clamorosa sobre um tal procedimento que tem dado em resultado a má impressão que o nosso paiz ainda actualmente desperta ao mundo civilisado com a gravura da sua moeda—o que, no fim de contas, denuncia tristemente a nossa falta de cultura e de sentimento esthetico, tão preponderante sobretudo nas altas camadas.

Deprimente condicção!

Paz á sua alma. Que as nossas expressões interpretem uma grande saudade e um preito de profunda estima pela memoria do talentoso artista.

* * *

JOSÉ ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

IMPRENSA MODERNA

INAUGUROU-SE no dia 2 do corrente mez de março a nova installação d'esta imprensa de que é proprietario o nosso amigo Manoel Pinto de Souza Lello.

O pouco espaço de que dispomos não nos permitte descrever este importante estabelecimento, indubitavelmente o primeiro do paiz pelas innovações introduzidas n'este genero de industria, dispondo d'um soberbo e aperfeiçoadissimo machinismo.

A casa em que se acha installada a *Imprensa Moderna* foi construida especialmente sob a direcção do illustre engenheiro snr. Xavier Esteves.

A' cerimonia assistiram muitas pessoas de distincção, amigos do digno proprietario e redactores de todos os jornaes do Porto.

Sinceramente felicitamos o nosso amigo Manoel Pinto de Souza Lello pela sua extraordinaria iniciativa.

LUA CHEIA AO CAHIR DA TARDE—Quadro de Candido da Cunha

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

MARGENS DO AVE

Ao admirar o lindo trecho de natureza que Marques Abreu fixou, não se sabe qual mais louvar—se Deus que o scenario preparou, se o photographo que tão bem assentou a objectiva.

Isto dá-me vontade, como diz o poeta d'*A Musa em ferias*, d'ir subindo essas encostas, ajoelhando, a beijar a terra de mãos postas!

L. Lobo.

MARGENS DO AVE

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Papelaria e Typographia Academica - Porto

ARTE

3.º ANNO — N.º 28

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

PORTO — ABRIL DE 1907

Edição especial 60 reis

NO JARDIM DE FLORA—Quadro de Zatzka

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

NO JARDIM DE FLORA

INEFFAVEL delicia enleva todo o meu ser se demoro meus olhos naquelle jardim de Flora, delineado por Zatska com tão encantadora graça.

E este enlevo sobe de ponto ao notar o mimo d'aquellas figuras de uma immaculada candura e d'uma formosura taes que nem sei, na phrase do poeta, se as ha na natureza.

Onde encontrar aquella delicadeza de feições, aquella suavidade no gesto e na postura, todo aquelle primor de linhas, a não ser nos anjos que só no ceo habitam?

A mão, que taes figuras delineou, á fé que era divina.

Ha na seductora obra de Zatska uma como que veladura subtil de poesia, d'onde parece evolar-se um cantico de gloria á natureza, que renasce com a primavera e á qual sorri Flora, toda ensopada na luz d'uma manhã d'abril.

Dir-se-hia um hymno vedico feito de côres e de linhas, de sombras e de luz, em que se celebra a juventude, a formosura, a graça, todo o nectar da vida, toda a poesia do amor.

Estava em dizer que foi neste bello quadro de Zatska que se inspirou o illustre poeta dos *Simples*, quando escreveu os seguintes versos d'um tão meigo lyrismo:

A primavera opulenta,
estremecendo d'amores,
palpita, anceia, rebenta
em cataclismos de flores.

Com a estrella d'alva, Flora
abriu os olhos ideaes;
os seus pés de côr da aurora
voam nus sobre os trigaes.

Eil-a a correr e a atirar
com as roseas mãos pequeninas
borboletas para o ar,
lilazes para as campinas.

E agora, qual preferir—o desenho ou a rima?

Luiz Lobo

NA FONTE DE MASSAMÁ (arredores de Lisboa)—Quadro de Silva Porto

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

DOIS QUADROS DE SILVA PORTO

DA OBRA bastante dispersa do grande paisagista que se chamou Silva Porto, aproveitamos dous quadros mais ao nosso alcance que são propriedade do Ex.mo Snr. Dr. Jacintho de Magalhães.

Sem convenções, seguindo um caminho directo na realisação do seu fim, o grande pintor dava-nos nas suas telas a impressão da natureza palpitante com uma intelligencia tão delicada de accentuação, com indicações tão expressivas, com tintas tão justas que a nossa alma se sentia seduzida e propensa á vida remansada dos campos, com uma infinita predilecção pela singeleza das scenas rusticas das nossas aldeias tão poeticas e tão intimas.

Os dous quadros d'hoje resumem bem a força do talento de Silva Porto como animalista e como digno successor do saudoso Annunciação.

Esperamos em numero especial, consagrado ao extincto artista, gloria da arte portugueza, reproduzir alguns dos seus mais notaveis trabalhos e conjunctamente desenvolver os traços mais caracteristicos da sua inconfundivel personalidade.

A VOLTA DO TRABALHO—Quadro de Silva Porto

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

Inaugurou-se festivamente ha dias o novo edificio da *Sociedade de Bellas-Artes* que deixou bem impressionados todos os visitantes pelo brilho da sua installação.

Conseguiram, finalmente, os artistas portuenses, entre outras vantagens, esta d'uma casa appropriada para as suas exposições onde o publico, de futuro, accorrerá com verdadeiro interesse.

Saudamos a distincta Direcção pelos magnificos resultados dos seus esforços.

O CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE SANTO THYRSO

DÁ-SE com os edificios o mesmo que se dá com as pessoas.

Tanto a uns como a outros altera-lhes o tempo as feições e a physionomia, quando não lhes modifica tambem o organismo, quer pela eliminação d'orgãos, quer pelo advento de heterogeneas neoplasias. De modo que ao cabo de muitos annos foram, ás vezes, tantas e tão profundas as alterações, que pouco resta das primeiras linhas physionomicas do edificio ou da pessoa.

Tal é o caso do mosteiro de Santo Thyrso de Riba d'Ave.

Esta opulenta casa benedictina, de fundação remotissima, passou no decorrer dos seculos por diversas transformações, que lhe foram apagando os traços da fabrica primitiva, salvando-se da sua reconstrucção em 1650 a galeria inferior do claustro, de que damos aqui a gravura, como tambem sobre elle damos a palavra ao illustre escriptor Alberto Pimentel.

«Se effectivamente, como se diz, foi um monge benedictino, Frei João Torreano, quem dirigiu esta reconstrucção, não se pode negar que elle, apesar de influenciado pelo mau gosto architectonico do seu tempo, teve um relampago de intuição artistica quando acatou o claustro inferior — considerado, pelo valor artistico, o unico superior.

Os quatro lanços d'este claustro são abertos em arcos ogivaes, sustentados por columnas duplas em cujos capiteis a phantasia do esculptor desenhou graciosos ornatos, d'uma variedade infinita, de modo que não ha dois eguaes.

A factura na pedra tem o cunho da sua propria antiguidade, pois que é dos primeiros tempos da monarchia. Quero dizer que a execução deixa a desejar. Mas a intenção do desenho é galante e fecunda.

Assim, pois, merece vêr-se esta galeria inferior do claustro de Santo Thyrso, que foi o que poude escapar á reconstrucção seiscentista, feita numa epoca em que a nossa nacionalidade renascia, mas em que parecia pesar ainda sobre os espiritos a oppressão de mais de meio seculo de dominio extrangeiro.

O bello claustro thyrsense acha-se classificado como monumento nacional de segunda classe.»

Luiz Lobo.

A ARTE D'HOJE

II

Chegariamos a periodo ascendente?

Seremos d'aquelles que o futuro ha-de repudiar?

Fallámos da multidão estupida; ella comprehende tambem a multidão dos idiotas da arte. O mal faz progressos sempre crescentes. A estulticia triumpha, o ridiculo obtem successo, a loucura encontra acolhimento. Nunca seria demais levantarmo'-nos contra este estado de coisas.

Querem hoje originalidade, mas ah! é uma originalidade mal entendida, sonho phantastico da nossa epocha!

A arte é a obra de muitos, não póde ser a obra d'um só.

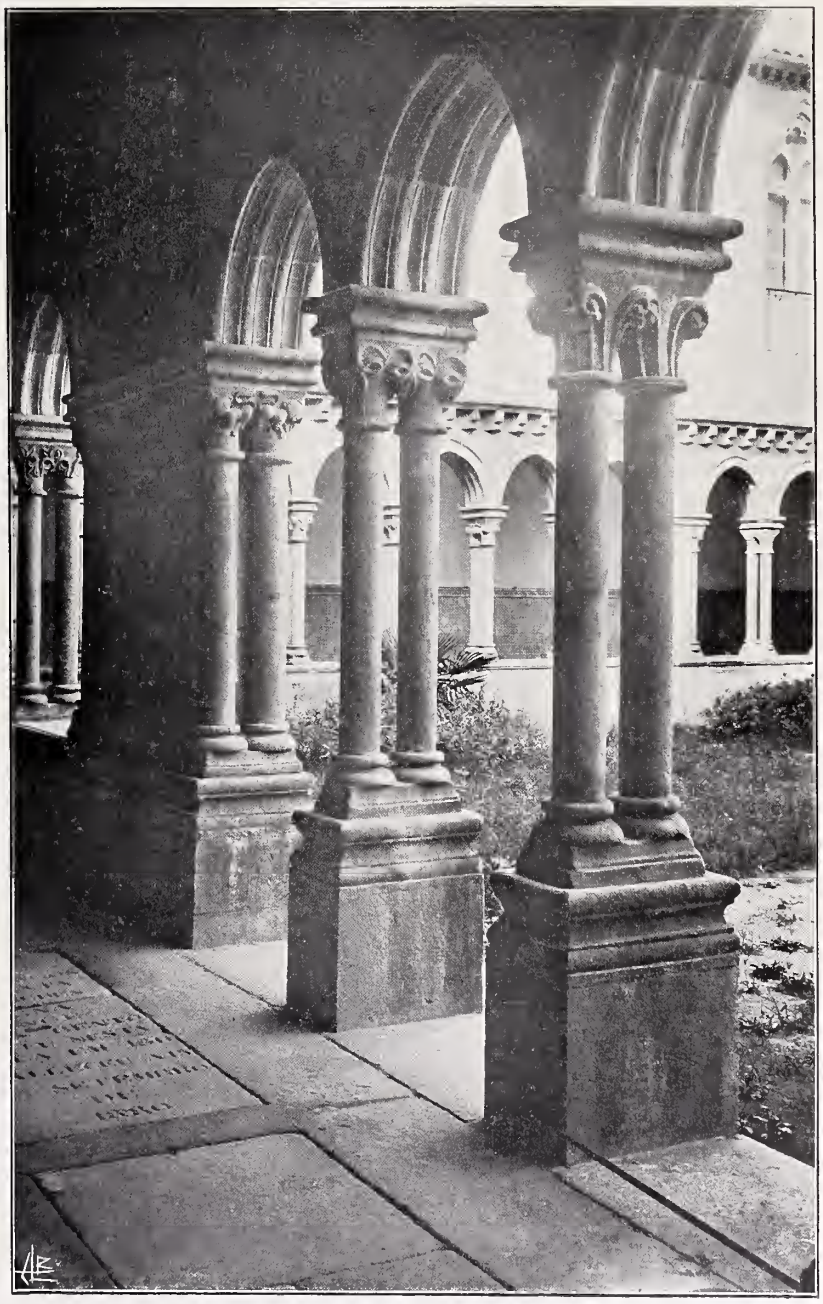
O primeiro que traçou o perfil grosseiro d'um nariz, d'uma bocca, fez tudo o que podia fazer. O segundo que corrigiu este perfil, fez tudo o que podia fazer. O terceiro que o desenhou melhor, fez tudo o que podia fazer. O genio d'um só, qualquer que elle seja, tem apenas uma pequena parte a dar, uma pequena pedra a accrescentar ao edificio da arte.

Sem o estudo das obras que nos precederam, nada podemos conseguir. Os grandes talentos são sempre o resumo da experiencia dos outros. Sem o estudo dos Gregos, de Perugino, de Bartholoméo, de Miguel-Angelo, Raphael seria um mediocre. Sem o estudo de Vinci, de Miguel-Angelo, de Veronez, de Ticiano, de Raphael, Rubens não seria Rubens.

Coisa notavel! a originalidade dos grandes talentos é a reunião de todas as originalidades, é o succo de todas as flôres, formando um mel que não se assemelha a nenhum dos succos que o compõem.

Estamos eivados hoje d'uma extranha pretensão, d'invenção moderna.

Sêde originaes, dizem os nossos mestres d'actualidade; sêde vós mesmos! Que nos importam as obras do passado? E neste proposito, ei-los a amontoar tintas sobre tintas. Uma pintura de cal e areia! não é original? Pintar com os dedos, é original. Colorir tudo d'azul, tudo de cinzento, tudo de branco, é original. Pintar nebulosamente, é original. Desenhar como os Etruscos, como os Egypcios ou como as creanças, é original. Recortar tudo como figuras de cartão, é original. Não deixava de ser conveniente tambem, para ser pessoal, crear se um genero? Já temos muitos generos d'in-



MOSTEIRO DE SANTO THYRSO — Claustro

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

venção nova. Temos o genero simples, o genero grotesco, o genero ridiculo, o genero garrido, o genero imbecil, o genero descabellado, o genero idiota. O todo se consegue á custa da verdade, á custa do bom-senso, do bom-gosto, das boas tradições.

harmonioso, o que não tem harmonia. A arte no meio d'este cahos parou. O seu carro afundou-se no meio das incertezas e das hesitações.

Imaginae que, na arte de escrever, cada qual se serve, segundo o seu capricho e phantasia, d'uma lingua, d'uma or-

PAYSAGEM DO RIO AVE — CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Ensinou-se sempre: segui os grandes modelos. Os nossos genios, mais em voga, não querem um tal conselho. Seguir! não, dizem elles! Repellir, é mais original. Logo, em vez d'estudar Rubens, estudaram-se os Etruscos; em vez d'estudar Miguel-Angelo, estudou-se Carlo Dolce; em vez de estudar Raphael, estudou-se um insignificante qualquer já esquecido.

E' um expediente caprichoso, disparatado, deploravel; seja, mas é original! Não se seguiram os mestres. Não se parece com Raphael, nem com Rubens, nem com Miguel-Angelo! Mas, oh! maldição! parece-se com tudo o que ha de ordinario, de mediocre, de mau, de lamentavel, proprio dos tempos primitivos ou de decadencia!

A originalidade mal entendida, á mercê do acaso, ignorante, é o maior flagello da arte.

A originalidade, a verdadeira originalidade, é a originalidade de qualidades bellas, grandes e sublimes. E' a originalidade de Raphael, alimentada das melhores coisas que o precederam; é a de Miguel-Angelo, alimentada das melhores coisas que o precederam; é a de Rubens, alimentada das melhores coisas que o precederam.

Dissemol-o já, cada intelligencia possue apenas uma pequena parcella d'individualidade. Isolae um homem, que este homem intente a poesia, a pintura, a musica; se esse homem não viu nada, não estudou nada, se não se lembra de nada, será certamente original, mas o que será essa originalidade? maravilhas de creança, illuminuras de chinez, imagens dignas da admiração de povos selvagens!

O abandono dos typos eternos do bello no intuito de ser original, esta deploravel deserção da arte produziu graves consequencias.

A furia do individualismo levou cada qual a interpretar o bello a seu modo; d'isto resultou, para toda a gente, uma obscuridade, uma desordem d'ideias taes, que na apreciação d'uma obra, os nossos juizos parecem advir d'um estado de delirio e de loucura.

Já não é possivel distinguir o que é bello do que é feio, o que é verdadeiro do que é falso, o que é grande, o que é pequeno, o que é gracioso, o que o não é, o que é espirito, o que é insensatez, o que é desenho, o que é côr, o que é sombra, o que é luz, o que é quente, o que é frio, o que é thographia, d'um estylo que ninguem percebe; imaginai que chamais cavallo ao que eu chamo porco; rochedo, ao que eu chamo nuvem; rio, ao que eu chamo prado; imaginai que escreveis estas palavras com caracteres hieroglyphicos, extravagantes, impossiveis; imaginai tudo isto lançado ao acaso num aggregado monstruoso de ideias sem nexo, discursos sem fórma, em que o começo seja o meio; o meio, o fim, e tereis uma ideia, bem fraca ainda, da pintura d'hoje.

O individualismo, é a confusão das linguas, a Babel da arte!

Salvo raras excepções, o artista moderno entregou-se aos systemas mais inconcebiveis, mais falsos, mais tristes que se têm visto.

Todos os cerebros se transtornaram; já nem se vê, nem se ouve, nem se comprehende. Para sahirmos deste emmaranhamento, para readquirirmos a rasão, o que seria necessario? uma revolução, um cathaclysmo, um diluvio artistico qualquer.

Gostais de rir-vos, gostais de historietas, de surprezas divertidas, d'ideias descabelladas; achareis curioso, faceto, por exemplo, vêr certos sujeitos disputarem seriamente, aggredirem-se seriamente por questões d'esta natureza: A lua terá mais brilho que o sol? O que é branco será realmente preto? ou então: o que é preto é realmente branco?

Se taes discussões vos divertem, entrai numa exposição. Mas, se amais as artes, se deplorais as epochas de desordem, não entreis ahi. Se um pensador serio ultrapassou o limiar da porta, experimentará uma funda magoa. Ver-se-ha nesta singular alternativa onde, como diz um poeta, se hesita entre o riso e o pranto.

Depois de seculos de perfeição, dizia Voltaire, venham seculos de decadencia.

Com effeito:

Vimos Leonardo de Vinci, vimos Miguel-Angelo, Raphael, Rubens: atacaram estes gigantes, tentaram attingir a sua estatura; trabalharam muito, luctaram muito. Mas... esgotados, desanimados, vencidos, abandonaram a tentativa. Foi então, que na sua impotencia os genios modernos exclamaram: Carecemos de individualismo! Os grandes modelos não têm valor!...

Sim...

Estão verdes...

Papelaria e Typographia Academica - Porto

ARTE

3.º ANNO — N.º 29

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO — MAIO DE 1907

Edição Especial 60 Reis

DISCIPULO DE UM GRANDE MESTRE

O CONCURSO DE JOSÉ DE OLIVEIRA FERREIRA, OU VARIAÇÕES SOBRE UM VELHO THEMA

QUE elle, a falar a verdade, meus amigos, não se trata já de uma promessa de artista, sympathica embora, como todas as promessas; trata-se de um artista feito, e feito tão authentica, real e inteiramente quanto n'elle se contém. Véde: não venceu simplesmente um concurso de escóla, que o destacou para um pensionato que ha de devolvel-o bacharelado; produziu uma obra d'arte para a qual esse concurso foi apenas um pretexto.

Deante d'essa obra d'arte, amigos, os vossos labios não desabrocharão sómente o amavel sorriso d'aquella grata complacencia que é a maternal animadora da vocação que póde ir longe. Alguma coisa mais vos fará deter o passo, erguer os olhos surprehendidos e meditar um pouco.—Deante d'esse baixo relevo, sentido por uma alma que se commove, e executado por uma dextra mão que não hesita, as palavras estudante, alumno, discipulo, como que emigram do nosso espirito, vasias de sentido. A' similhança de Miguel Angelo, esse rapaz revéla-se antes do tempo marcado ao commum dos homens. Quer isto dizer que esteja ali o auctor de um *Juizo Final*, de uma cupula de S. Pedro, ou sobretudo d'esses admiraveis esboços do palacio Pitti? Quem sabe até onde podemos confiar no que revéla a *buena dicha?*

Nós julgamos pelo que vemos, e pelo que vemos é-nos

A PRISÃO DO MENDIGO

ESCULPTURA DE JOSÉ D'OLIVEIRA FERREIRA

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

A PRISÃO DO MENDIGO

ESCULPTURA DE ANTONIO ALVES DE SOUSA — SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

licito affirmar que um artista que assim começa, pode conquistar o direito de entrar na immortalidade com o chapeu na cabeça. Para isso falta-lhe apenas trabalhar,—e ser malcreado.

Certo que na obra do mestre de amanhã está impressa a influencia magnifica do mestre de hoje; mas essa influencia tanto nobilita aquelle que ensinou como aquelle que aprendeu. Os mestres dizem-nos aquillo que devemos fazer e como. O resto é comnosco,—e com José de Oliveira Ferreira foi o que se vê. Enveredou-o Teixeira Lopes por caminho errado? Vejamos em primeiro lugar: o que é, em arte, o verdadeiro caminho? E em segundo: o que é arte?

N'uma boa centena de volumes que possúo, todos profundos, e todos trasbordando a verdadeira, decisiva palavra, eu encontro tantas definições d'arte que se me fosse preciso enumeral-as preferiria mil vezes contar peça por peça a biblica floresta capilar de Daudet que Deus haja. Os allemães,—diz Tolstoï no seu demolidor *Qu'est-ce-que l'art?* — definem a arte a seu modo, de mil maneiras differentes. A escola physiologica, a dos inglezes Spencer, Grant Allen e outros, igualmente a definem a seu sabor. Outrotanto succede aos ecleticos franceses, a Taine, a Guyau e aos successores,—e depois de tudo reconhecem todos estes escriptores que foram insufficientes as definições precedentemente dadas por Baumgarten, Kant, Schiller, Fichte, Lessing, Winckelmann, Hegel, Schopenhauer, Hartman e tantos outros.

Entretanto, no meio de uma tão larga contribuição de criterios, uma concordancia parece capitalisar-se: só a natureza é a grande inspiradora da arte.—A natureza dilúe a belleza; a arte concentra-a, diz Taine.—O que é a arte senão o aformoseamento da natureza? pergunta e responde Bossuet. —A arte está para a natureza como uma bella estatua está para um bello homem, affirma o barão Grimm.—Os maiores esforços da arte são sempre uma contrafacção da natureza, escreve a penna mil vezes illustre de Balzac. Desiré Nisard completa este pensamento, quando diz: O ultimo esforço da arte consiste em confundir-se com a natureza. E emfim, pela palavra divina de Queiroz, o proprio Fradique Mendes proclama por seu turno — que a arte é um resumo da natureza feito pela imaginação.

N'estes termos, e a julgar pela obra, o mestre arredando carinhosa e criteriosamente o discipulo da tradição, do logar commum, da regra e da rotina, igualmente o desviou das abstrações que conduzem á contrafacção da arte, aos rebuscamentos de uma originalidade postiça, e ao esforço esteril de um intellectualismo negativo. Apontou-lhe o immenso espectaculo da vida e disse-lhe: Obséria! Só a realidade commove.

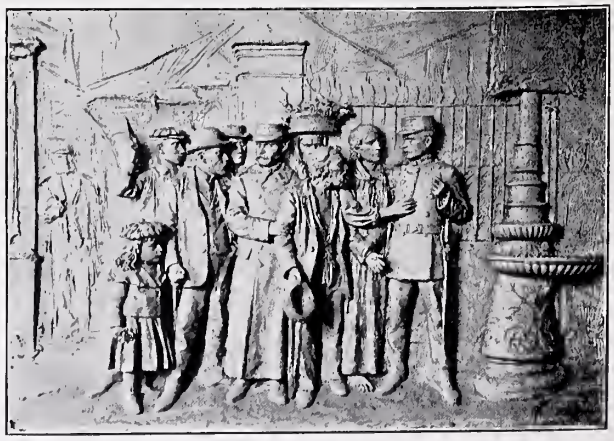
A missão de um esculptor não consiste sómente em escancarar a nudez de uma Venus profissional, de cinco francos á hora, mobilar-lhe as mãos com um espelho de cabo ou uma balança de botica, reproduzir-lhe a fórma nem sempre esculptural, e chamar no marmore ou no bronze *Verdade* ou *Justiça* ao que na carne e no osso foi muitas vezes só miseria, impudôr, lama, degradação.

Já lá vae o tempo do convencionalismo e da fórmula. A arte moderna vence porque é livre, inspirada na vida livre, que o mesmo é dizer fundada na natureza e na verdade. Reproduzir em pédra um brutamontes de cócoras, na attitude caricatural de quem devóra a propria mão com que se benze, e chamar-lhe *Pensador*, é tão profundamente ridiculo como suppôr que para retratar um homem de genio é preciso soprar-lhe o craneo até ás proporções de uma hydrocéphalia. Porque a verdade é que tão convencional é a arte que rebusca o ineditismo na mistificação das subtilezas psychicas e n'uma supposta visão inaccessivel ao entendimento do mortal commum, como o classico recurso á indigesta batelada episódica d'essa marmita immensa que é a Biblia Sagrada.

Esse errado caminho não o consentiu nunca Teixeira Lopes, a despeito dos repelões da rotina impenitente, e da insolencia petulante do charlatanismo innovador. D'ahi o exito do seu curso, documentado de um modo tão brilhante e tão alto no concurso e na obra de um rapaz que lhe sahíu da escola inteiramente habilitado — a dar-lhe agua pela barba!

Porto, 27-5-907.

Guedes d'Oliveira.



A PRISÃO DO MENDIGO

ESCULPTURA DE RODOLPHO PINTO DO COUTO

LE BAQUET DE BLEU—Quadro de Souza Pinto

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

LE BAQUET DE BLEU

Do *Salon* do corrente anno, reproduzimos um quadro do illustre pintor José Julio de Souza Pinto que vem, desde muitos annos, honrando distinctamente o nosso paiz no extrangeiro onde é bem conhecido e apreciado.

O motivo, um trecho de natureza rustica, é tratado, na fórma e na côr, com uma rara subtileza, qualidade aliaz caracteristica do nosso eminente conterraneo que já conta uma obra avultada e valiosissima.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A gloria de Raphael Bordallo está feita, e a sua biographia artistica tambem; de sorte que eu só tenho a alinhavar recordações do muito que ha escripto e pensado em louvor do egregio artista. Raphael Bordallo é n'uma familia d'intellectuaes e emotivos, peor ou melhor apreciados pelo publico, a vigorosa vergontea que faz frondejar, elle só, a arvore bordalenga, e que entre tantos Bordallos conhecidos, excede o estalão de todos, pela flexuosa belleza e relumbrante diadema com que o seu genio aureola o trabalho que tocam as suas mãos, ao mesmo tempo patricias e plebeias. A complexidade do seu temperamento artistico surprehende, pela diversidade de tentativas que lhe deva a arte nacional; elle caricaturista, decorador, esculptor de barro, louceiro...; e a graça veste elegancias novas a cada borboleta que brota do seu cerebro — mesmo ás que, parecendo animadas de vida, não passem comtudo de chinesices recortadas em papel. Cabeça linda, que as enxudias deprimentes dos cincoenta necessariamente empastaram já nas suas mais aristocraticas arestas, e que ainda ha dez annos, com a sua ardente tinta, o bigode de sombra, a trunfa ninivita e os olhos carbonosos, era a materialisação vivissima d'aquella caprichosa intelligencia, abundante, facil, original, d'um filão aurifero sem estanque...

Longos annos, lisongeando a espiritualidade frondista da sua indole batalhadora e amiga de rir dos males alheios, a caricatura absorveu-lhe a actividade, e n'este campo o seu lugar fica á direita, na historia da ironia aquem-romantica, dos mais notaveis lapistas europeus. Convem dizer que não sendo Bordallo pensador nem philosopho, como o foram um pouco Daumier, Gavarni, e como actualmente o está sendo Forain, a sua caricatura faz rir sem mais preoccupar depois que a gente riu: é o riso argentino e claro de nossos paes, do bom tempo em que viver era ainda uma successão de factos simples, e as mil preoccupações do *struggle* não tinham deformado as nervuras do caracter; de sorte que o espirito, sem meandros, reflectia ingenuamente as coisas, não quero dizer como um lago limpido, mas assim como um quieto charco, cuja superficie logra reflectir um pouco o azul do ceu. A caricatura de Bordallo tem isto: humor, chacota, panria: é o processo d'escarneo movido á baixa por um alegre tunante em trilha de folia; virtuosidade pasmosa, improvisação endiabrada, abundancia de côr e movimento, excesso ás vezes de detalhes mascarando a ausencia d'uma concepção larga e profunda, e nem sempre, infelizmente, um criterio de homem culto garantindo a escolha do assumpto, e salvando o lapis, nas abundancias do texto, do mau gosto de tratar o pueril primeiro que o resto... E', já lhes disse, na caricatura europeia, um nome raro, e no meio d'uma obra admiravel, estragada a fazer paginas de actores e cantores sem nome, politicastros sem brio, e escriptorécos sem nexo nem sexo (as exigencias tressuantes do jornalista lisboeta, vivendo do assignante e repastando a *actualidade,* como prato de resistencia), algumas dezenas d'ellas resahem, fumegantes de genio como na primeira

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES—Um trecho da Exposição Bordallo

UM DESENHO A LAPIS—Original do Dr. Monteiro

hora, elaboradas, d'instincto, certo, mas com a chancella de as ter esquissado a verve calamitosa d'um gigante.

Chega-se a termo em que, quasi todo o ridiculo esgotado, a caricatura não rende, e eis Bordallo visando as suas perceptividades plasticas para a loiça. Funda-se a fabrica das Caldas: assumpto estranho, recomeço de vida, periodo de gestação e procura tateantes, quasi ás cegas n'um caminho de responsabilidade excepcional!...

As primeiras creações do Bordallo louceiro são peniveis, entende-se, que já ninguem hoje sahe da cabeça de Minerva, armado e prestes para a liça—e como não podia deixar de ser, ou é caricatura a loiça que elle faz, ou então uma obra heterogenea, resultante da assimilação das Caldas antiga, (menos a ingenuidade), com um proposito de chic documentando ausencia de saber.

(Excerpto do livro «A' Esquina»)

Fialho d'Almeida.

Composição e Impressão da Papelaria e Typographia Academica
Praça da Batalha, 36 — Porto

UM DESENHO A LAPIS

do Dr. João Nunes d'Oliveira Monteiro

Com intima satisfação editamos hoje um desenho d'um artista admiravelmente dotado, mas apenas conhecido d'um restricto numero de amigos.

O Dr. João Nunes d'Oliveira Monteiro é um extraordinario temperamento de pintor, cheio de espontaneidade e exprimindo a natureza como muito poucos.

Sem ter recebido directamente licções dos mestres, interpreta com um fino senso pittoresco scenas e aspectos da vida. Adóra o movimento e a mimica das figuras que animam as suas paisagens repletas de emoção e de caracter.

A «Arte» compraz-se em ser a primeira publicação que se occupa d'uma tão fulgurante individualidade, esperando ainda exhibir muitos dos seus trabalhos que, certamente, merecerão os louvores da critica.

ARTE D'HOJE

III

De toda esta ignorancia, de todos estes caprichos, de todas estas aberrações, quereis conhecer a origem, a causa, a verdadeira causa; ei-la:

Ha um ponto no globo, um ponto onde se reune um milhão d'homens. Ahi agita-se uma multidão que quer viver, viver de luxo e de volupias; ahi é preciso ouro e sempre ouro; ao pobre para o pão, ao rico para os seus prazeres. Impellido pela raiva das necessidades, esse formigueiro humano vae, vem, corre, acotovela-se, remove-se, busca, chasqueia, brinca, endivida-se, bancarroteia, rouba, assassina, chora, protesta, geme, sua, fede a luxo, a crime e a fome. Nada o detem; porventura não careceis de comprar tudo? A sciencia compra-se, o talento compra-se, a reputação compra-se, a gloria compra-se. Se não comprais, estais perdidos, estais esquecidos, estais mortos. Fôsseis genio, fôsseis Deus, é necessario comprar o successo, comprar o proprio successo que vos é devido, a reputação que vos é devida, a gloria merecida.

Ouro! ouro! clama continuamente a Necessidade; ouro! E todos os dias, todas as horas, urge uma ideia, uma ideia nova, uma coisa nova, um espectaculo novo. Não importa que esta coisa seja má, que esta ideia seja falsa, que este espectaculo seja immoral. E' novo, consequentemente é bom! A novidade alcançou o seu fim, deu um almoço ao seu auctor.

As obras ephemeras sahidas do logar que descrevemos, inspiradas pelo amor do lucro, pelos caprichos da moda, espalham-se por todos os recantos da Europa. São expedidas para ahi no mesmo fardo com os atavios da ultima moda. Immediatamente desembrulhada, a mercadoria invade os *ateliers* dos nossos mestres, e, semelhante ao contagio que nada respeita, leva comsigo os vestigios dos seus venenos até ás obras dos mais conscienciosos artistas.

Sabios, artistas, homens de letras, não queimeis ahi o vosso genio: concentrai-vos, como fez Miguel-Angelo, como fez Milton, como fez Tasso, como fizeram tantos outros. E' possivel ser grande, muito grande, sem passar por ahi. Não vos approximeis do abysmo! Concentrando-vos, conservareis a vossa força nativa, as vossas faculdades virgens, as vossas inspirações originaes; não tereis passado pelo cadinho commum, o cadinho por onde todo a gente passa, o cadinho da moda, do capricho, da phantasia. Ahi, vergado, torcido, moido, o genio cahe, arrasta-se na lama, cança-se, desespera. Depois, um mal se declara, a febre do luxo, a febre dos prazeres; um mal que desafia a sêde, a sêde epidemica, a sêde mortal, a sêde do ouro.

Todo o foco de corrupção que faz da arte sublime uma vil mercancia é um cancro no seio da humanidade: logar maldito! fosse elle, embora, a minha patria, fosse elle, embora, o meu lar, eu diria a toda a terra: não vos deixeis attrahir para o abysmo, ou antes correi, correi, armados de tochas flammejantes e dirigi o ferro e o fogo á chaga!

A. Viertiz.

entraram para Leça (cerca de 1118), primeiro quasi como hospedes, depois como unicos senhores, entendendo que podiam dispensar os frades, visto serem *freires*, que além de rezar, sabiam batalhar.

Resumindo: Não vejo meio de descobrir qualquer reliquia da reconstrucção do seculo XI; acho apenas um lanço de claustro, levantado talvez no meado do seculo XII, e o fragmento de uma casa capitular (?) de cerca de 1250 (janella geminada).

Os cavalleiros importaram-se tanto com as antigas construcções dos frades benedictinos, que nem sequer ligaram o novo templo militar do seculo XIV, organicamente, aos edificios antigos, herdados; a unica communicação é exterior, descendo pela abside, por uma escada de pedra!

Offerece pouco interesse indagar das obras d'architectura, executadas nos seculos XV e seguintes até á extincção das ordens religiosas, monachaes e militares. Foram muitas, mas são incaracteristicas, pois não alteraram a construcção principal. Dentro da egreja, ha reliquias d'arte de muito valor, que por serem já conhecidas e estarem descriptas em artigos anteriores nossos, apenas apontaremos.

São: 1.º O quadro ou inscripção em bronze, que recorda a biographia do Prior Pimentel, fundador do templo actual, fallecido a 14 de Maio de 1336. E'uma preciosidade, mas de factura franceza. A sepultura do Prior está no chão, coberta com uma lapide moderna.

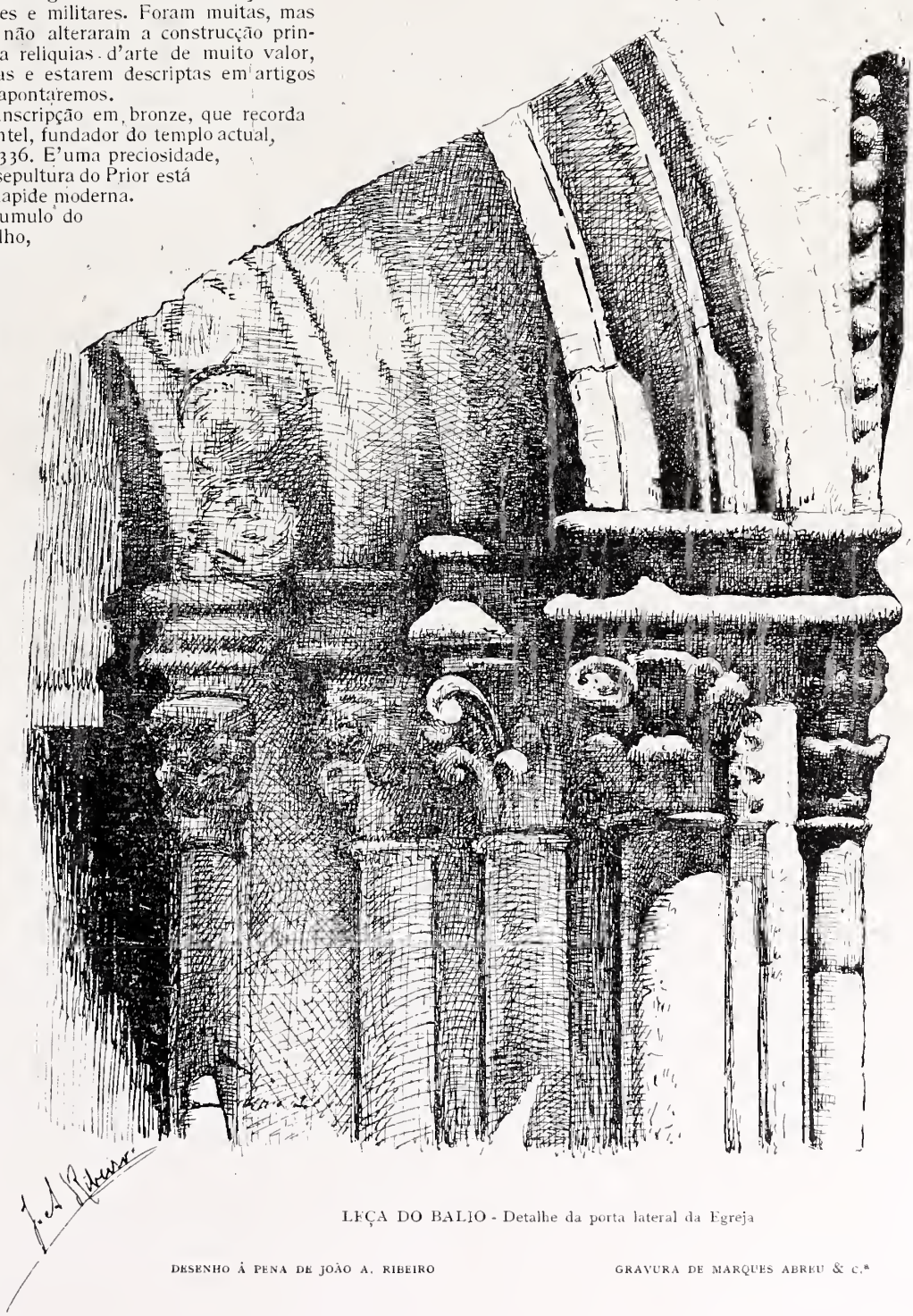
Numeros 2 a 4. O Tumulo do Prior Dom Frei João Coelho, fallecido a 26 de Novembro de 1515. E' uma obra em pedra de Ançã, (calcareo) assignada por *Diogo Pires, o moço*, esculptor, que lavrou provavelmente tambem a Pia baptismal, manoelina, e o Cruzeiro (1514) não menos notavel, talhado no mesmo estylo. O lavor d'estas tres obras, dadivas do mesmo cavalleiro, denuncia um artista muito perito da escola de Coimbra, localidade onde ha esculpturas muito parecidas, nas egrejas (pias, tambem manoelinas) e no Museu do Instituto. O sarcophago, a pia e o cruzeiro, tres peças talhadas em fino calcáreo, mostram bem pelo contraste da mão de obra, quanto vale para a formação de uma boa escola, a facilidade de obter uma materia prima bem plastica, em favoraveis condições. Em Leça, onde quasi tudo é granito, por tanto austero, pesado e sombrio, as tres reliquias da arte gothico-manoelina são as recordações de uma epoca afortunada.

Haveria outras, no thezouro da egreja? E' possivel, a julgar pelos documentos vistos pelo Abbade Barbosa, cuja obra devemos recommendar áquelles que queiram completar estas notas. Elle examinou muitos documentos, hoje perdidos; e se não interpretou ás vezes bem o que está patente ainda hoje nas pedras, foi por causa de uma preoccupação frequente nos paleographos: querer pôr sempre em concordancia os documentos dos archivos com as reliquias da arte, quando estas devem ser julgadas por um confronto analogo, mas com differente criterio e conhecimentos especiaes de archeologia artistica.

E porque lhe faltaram elementos de comparação que só se adquirem correndo os cantos d'este paiz tão pequeno (segundo dizem), mas tão pouco estudado, o seu trabalho tem de ser corrigido n'essa parte e completado com elementos que lhe faltam. A sua obra não tem, além de uma planta rudimentar (pag. 42), um unico elemento da anatomia interna, que o historiador deve exigir.

Porto, Julho de 1907.

Joaquim de Vasconcellos.



LEÇA DO BALIO - Detalhe da porta lateral da Egreja

DESENHO Á PENA DE JOÃO A. RIBEIRO — GRAVURA DE MARQUES ABREU & C.ª

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

EM 23 de Junho ultimo, a convite da *Sociedade de Bellas-Artes,* realisou o illustre e eminente archeologo e critico d'arte snr. Joaquim de Vasconcellos, uma erudita conferencia sobre o artistico e historico monumento de Leça do Balio, no proprio local, para mais completa elucidação.

Pela imprensa periodica ajuizou o publico da importancia do assumpto e da salutar iniciativa da *Sociedade de Bellas-Artes* que vem cumprindo, o melhor que póde, o seu programma de levantamento da arte no nosso meio onde não faltam aptidões que apenas carecem de estimulo — e para isso, principalmente, se fundou a *Sociedade.*

Pena é que artistas de verdadeiro valor não tenham dado ingresso nesta agremiação, confraternisando por amor do progresso, pondo de parte

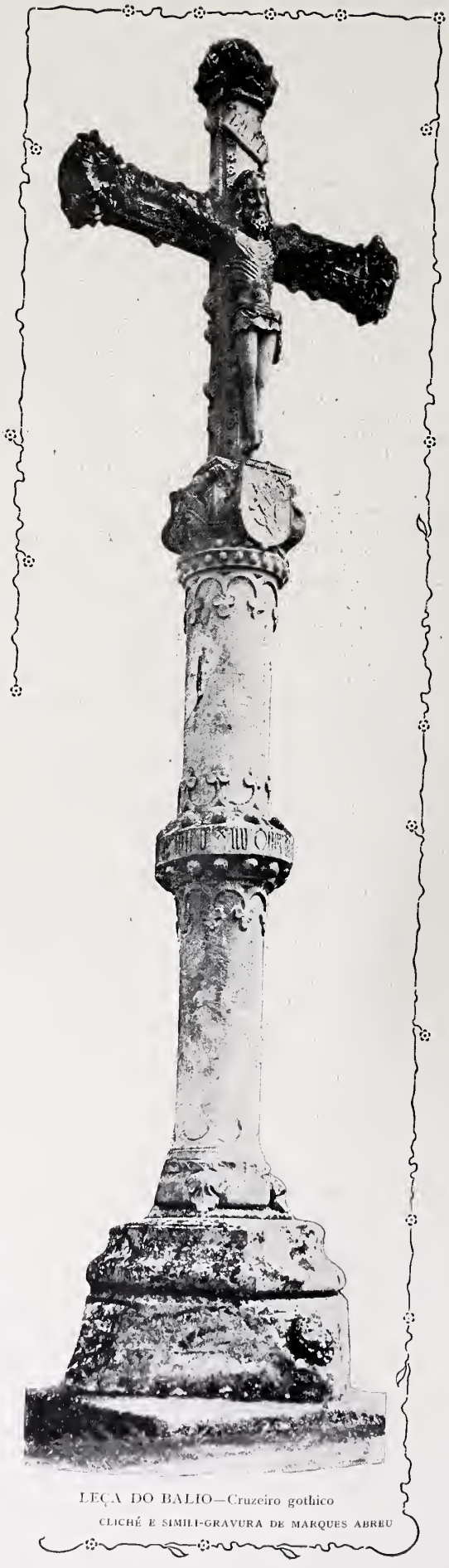
LEÇA DO BALIO - Frente da Egreja

quaesquer resentimentos, que bem pouco se justificam, a favor d'uma causa tão generosa e para o que a cooperação de todos se torna absolutamente indispensável.

O espirito de *coterie* que tanto prejudica os grandes ideaes, deve desapparecer tambem neste caso, instituindo-se um valioso agrupamento de elementos perfeitamente coadunados, no nobilissimo intuito de honrar a nossa terra e de permittir a evidencia de muitos artistas mal conhecidos em consequencia do seu isolamento e da sua exagerada modestia.

Varios alvitres partirão dos associados do referido gremio, que, certamente, merecerão a sympathia de todos não só pelo alcance superiormente artistico como pelo incitamento de faculdades até hoje mal aproveitadas.

Que os seus esforços sejam bem coroados, é o nosso desejo.

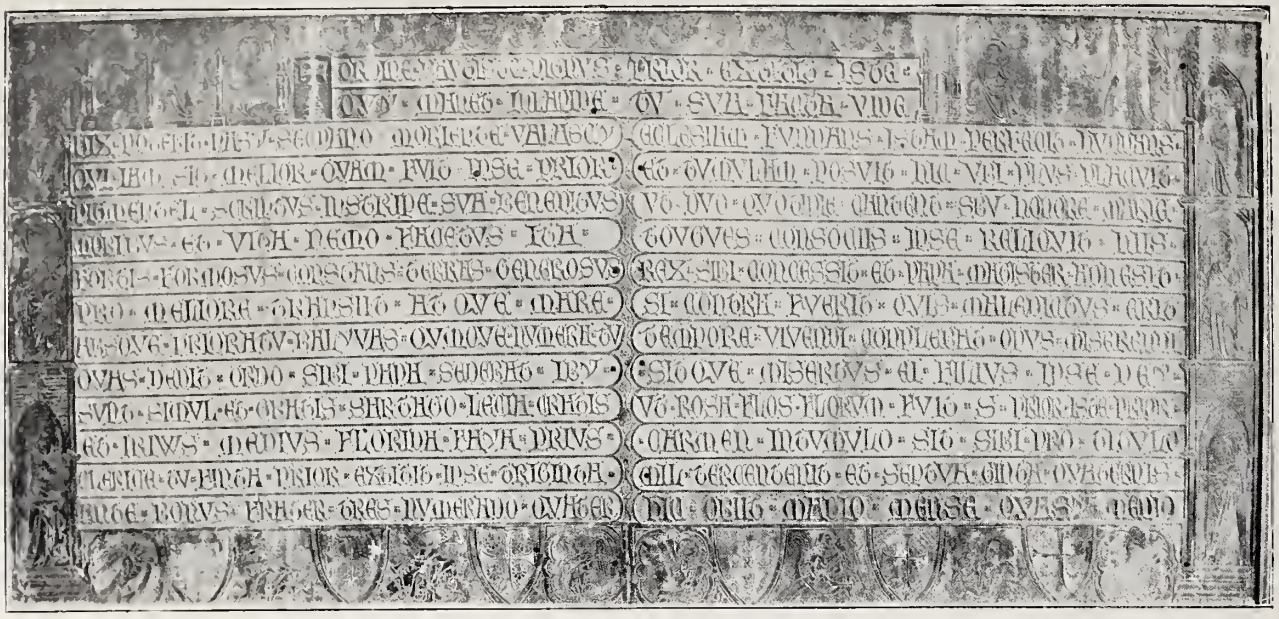


LEÇA DO BALIO—Cruzeiro gothico

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

LEÇA DO BALIO -- Pia Baptismal

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU



LEÇA DO BALIO — Lapide gothica

CLICHÉ DA PHOTOGRAPHIA PEREZ

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

LEÇA DO BALIO — Claustro Romano

CLICHÉ DE MARÇAL BRANDÃO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

COMPOSTO E IMPRESSO NA PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—PRAÇA DA BATALHA, 36—PORTO

ARTE

3.º ANNO — N.os 30 e 31

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO—JULHO DE 1907

Edição Especial 120 Reis

LEÇA DO BALIO—Porta principal da Egreja

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

O conferente Joaquim de Vasconcellos em Leça do Balio

Caricatura do Dr. M. Monterroso

MOSTEIRO DE LEÇA DO BALIO (1)

A RECENTE excursão promovida pela *Sociedade de Bellas-Artes* recordou-nos outra anterior, ha cerca de trinta annos, emprehendida com os mesmos intuitos pelo *Centro Artistico Portuense*.

Quizeram agora os socios que ficasse alguma lembrança do passeio instructivo e pediram ao signatario o commentario que vae lêr-se. Não é uma descripção; nem o espaço de que dispomos, nem a revista em que fixamos a recordação, o permittem.

E' um modesto subsidio para os estudiosos, como o foi a anterior noticia, publicada pela revista *A Arte Portugueza*, que o Centro Artistico creára (1880-1882).

Um estudo mais profundo nunca poderá fazer-se sem o levantamento rigoroso de novas plantas, pois a antiga de Barboza (1852) é deficiente; sem desenhos minuciosos que representem os elementos caracteristicos da construcção, seus córtes e perfis; emfim, sem os alçados e secções correspondentes.

Tomaremos por base a exposição do benemerito Abbade Velho de Barboza, indicando porém os pontos em que discordamos d'elle ou onde ha lacunas, porque devo dizer que o douto ecclesiastico, tendo diante de si um monumento caracteristico do primeiro terço do seculo XIV, não se lembrou de lhe determinar a importancia e a feição individual entre os monumentos contemporaneos, nem o logar que lhe compete na historia da arte portugueza. Comparação não fez nenhuma.

A primeira ideia que occorre ao visitante resume-se n'uma pergunta: a que estylo pertence o mosteiro, torre e egreja, tal como hoje o vêmos? Para responder convenientemente, deixemos em paz, por ora, os restos mais archaicos do antigo mosteiro, occultos nas dependencias da quinta, restos que ninguem vê, de fóra, mas pelos quaes tive de começar a minha singela exposição aos socios, visto que se tratava de lhes explicar *chronologicamente* isto é, pela ordem da sua antiguidade, as differentes construcções.

Pareceu-me esse o melhor meio de esclarecer e de interessar tão numerosas pessoas, entre ellas muitas senhoras, que não tinham nenhuma noção da historia da architectura, pessoas que eu não devia fatigar com pormenores technicos, e que pediam sómente uma ideia geral, historica e esthetica.

Achando-me agora, novamente, em face dos socios, sobretudo d'aquelles que leem esta Revista habitualmente, é natural recordar a pergunta, que a mais de um socio ouvi enunciar em Leça, e será certamente a interrogação favorita da maioria dos meus actuaes leitores. Devo tambem suppôr, com algum fundamento, que n'esta occasião estou fallando a um publico mais interessado, mais instruido em assumptos archeologicos e disposto a comparar o que viu em Leça com as estampas d'este commentario.

Diz-se geralmente, repetindo Barboza e outros, que é um templo de estylo *gothico*. Não é exacta esta classificação.

(1) As fontes de consulta são, além dos nossos artigos na *Arte Portugueza* (Porto 1881-82) a *Memoria historica da antiguidade do mosteiro de Leça, chamada do Balio*. Porto, 1852. 4.º de IV-84 pag. e 5 est., sendo tres exclusivamente do exterior da egreja; as duas restantes representam a pia e o cruzeiro. Uma planta, muito rudimentar, acha-se a pag. 42. Não ha, em toda a obra, um unico desenho de anatomia artitisca, interna. Ainda assim, prouvera a Deus que tivessemos tido uma duzia de monographias de egual valor!

LEÇA DO BALIO—Vista do Mosteiro (lado do Sul)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

LEÇA DO BALIO—Vista do Mosteiro (lado do Norte)

CLICHÉ DA PHOTOGRAPHIA PEREZ — SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

O apparecimento do *arco em ogiva* não caracterisa, por si só, o estylo gothico, em nenhum paiz. A *ogiva*, termo abbreviado e geralmente acceite, é um incidente que apparece muitas vezes como simples elemento decorativo; só quando ella surge claramente, como elemento essencial da construcção, é que poderemos affirmar que estamos em face do estylo gothico. Para isso é preciso provar que o arco gothico está ligado ao systema da abobada; segundo: que o artezoado, a ramificação (nervuras) da abobada está combinada com o enfeixamento dos pilares das naves; terceiro: que as paredes d'estas teem o seu ponto de apoio em botareos e em arcobotantes, pois uns e outros ligam organicamente as naves aos alicerces.

Este simples enunciado indica que deve existir sempre um *systema de construcção*, se quizermos provar que houve um estylo caracteristico e completo; que elementos isolados provam, quando muito, um periodo de transição, passagem de um estylo anterior (n'este caso o *romanico*) para o immediato; finalmente, que elementos decorativos teem uma importancia muito secundaria na classificação dos monumentos christãos da Edade-Media, e sobretudo na dos edificios do estylo gothico, que mais do que nenhum outro representa um *systema* admiravelmente equilibrado.

Ora, systema de construcção só apparece na abside de Leça (capella-mór e capellas lateraes); ali ha ogivas, ha abobadas e gigantes ou botareos; mas ahi mesmo, é incompleto, porque faltam os pilares polystilos. Nas naves, central e lateraes, não ha vestigio de abobada (a cobertura é de madeira, com telhado de duas aguas) por tanto não ha tambem nem pilares enfeixados no interior, nem exteriormente os arco-botantes do systema gothico; as paredes grossas e cerradas carregam com todo o peso; as grandes janellas rendilhadas da arte gothica não encantam a vista com a sua laçaria aeria, nem com as fulgurações das suas vidraças coloridas. Estamos n'uma egreja militar, quasi fortaleza, continuação da alterosa torre quadrangular, que ao lado se ergue como sentinella.

Do estylo anterior, romanico, ficou ao templo a maior parte dos seus elementos decorativos, sobretudo a fauna e a flora que orna numerosos e bellissimos capiteis; ficou ainda a decoração accentuadamente romanica dos arcos das duas entradas; ficou finalmente a construcção dos supportes interiores; a sua secção representa um octogono com quatro meias columnas, embebidas n'elle; nos pilares do cruzeiro, o octogono está desdobrado; é a unica differença. Aqui mesmo ha compromisso, como se vê; a planta polygonal do pilar é uma innovação do estylo gothico; as columnas são redondas, meias columnas, romanicas; n'ellas persiste a tradição.

Seria interessante continuar a demonstração p. ex. comparar o desenho dos capiteis, ora romanicos, ora gothicos; a configuração das janellas e olhaes, etc.; mas isto é o bastante para podermos concluir que estamos em face de um edificio de *estylo de transição:* romanico para o gothico.

Os architectos gastaram em Portugal longo tempo na aprendizagem do novo estylo, favorecido já por D. Diniz (1279-1325), cujos mestres francezes, geralmente ecclesiasticos, sabiam muito bem que a transição começara em França cêrca de 1150 e que em 1200 o systema de construcção gothico estava completo, não havendo já segredos technicos a revelar. Comtudo, em Portugal passaram mais tres reis pelo thrôno; extinguiu-se uma dynastia, e só o fundador da segunda, D. João I, conseguiu realisar a primeira obra gothica completa, homogenea, a egreja da Batalha (1386). Entre este edificio e o de Leça ha apenas uma differença de cincoenta annos! Quem o adivinharia? (1)

Devia ser grande a predileção dos constructores pelo estylo romanico, que graças á sua clara simplicidade, e excepcional resistencia contra a furia dos elementos e contra a destruição dos homens, se defendeu de tal modo que é facil encontrar ainda hoje nas provincias do reino edificios intactos. E não são poucos os que atravessaram assim mais de sete seculos, ao passo que é raro o edificio gothico que não soffreu remodelação mais ou menos profunda.

Firmada a segunda dynastia sobre solida base; liquidada a questão fundamental com o inimigo mais perigoso, podia

(1) Comparem-se as feições gothicas de Leça com a construcção tão caracteristica do velho convento de Santa Clara de Coimbra, que é contemporanea, e foi concluida em 1330, seis annos antes de Leça; não ha problema mais instructivo!

LEÇA DO BALIO — Tumulo de D. Vasques Pimentel e porta lateral da Egreja.

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

o rei adoptar uma nova fórma d'arte para seus paços, castellos e egrejas, sem perigo para a segurança dos vassallos. Essa nova fórma era a consagração de um triumpho definitivo.

Quem ergueu o templo de Leça, o Prior D. Frei Estevão Vasques Pimentel, assistiu ás luctas intestinas do reinado de D. Diniz e D. Affonso IV; olhou para os grossos muros e fortissimas torres que os cavalleiros da Ordem do Hospital haviam accrescentado ao cenobio benedictino, e entendeu que devia ainda fortalecer esse posto de defeza, mantendo a segurança herdada, em vez de a comprometter com lavores escusados.

O Abbade Barboza admitte em Leça tres periodos de construcção. Primeiro, um templo e convento benedictino *duplex* (frades e freiras em habitações separadas), fundado cerca de 900; uma reedificação, cêrca de 1091; e a fórma actual, concluida durante o priorado de Pimentel, 1306-1336.

Da construcção primitiva não ha vestigios, excepto no sub-solo; mas para os revelar seria mister proceder a fundas pesquizas. Da segunda obra, que devia ser puramente romanica, cita uns restos, no extremo do claustro maior. N'uma parede, excellentemente apparelhada está traçada uma janella geminada (hoje tapada, no fundo), de volta redonda, cuja ornamentação muito archaica, dá na vista; ao lado, á esquerda um grande arco ogival, (porta de entrada para um vasto aposento) de lavor egualmente archaico.

O douto abbade não classifica esses restos anteriores ao Prior Pimentel; elle não usa sequer do termo: *estylo romanico;* mas de 1091 não podem ser; nem mesmo serão anterior a 1250. Como admittir maior edade n'uma construcção, onde arcos de volta redonda e a ogiva apparecem simultaneamente?

Haverá outros vestigios de fins do seculo XI (1091)? Citamos ha pouco o claustro maior, porque ha vestigios de *dous*. Barboza falla de um, sómente, que é o das nossas estampas; um lance de quatro arcos magestosos, assentes em possantes fustes cylindricos, coroados de capiteis muito primitivos; isso sim, é bem romanico e contrasta com a fragil elegancia do segundo claustro, que julgando pelo que resta, devia ser gothico, do principio do seculo XIV. O seu irmão mais antigo pode ser do meado do seculo XII, quando muito. E nada ha mais que possa ser classificado como romanico, a não ser dous capiteis que servem de esteio a um banco de pedra, junto do portão da quinta! São muito semelhantes aos do claustro, mas estão mutilados.

Onde ficam, repetimos, as obras do fim do seculo XI (1091)? Desappareceram, ou estão sepultadas, na terra.

Foi durante o segundo periodo da construcção (1091-1306) que os cavalleiros do Hospital (mais tarde Ordem de Malta)

ARTE

3.º ANNO — N.º 32

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO — AGOSTO DE 1907

Edição Especial 60 Reis

DUQUEZA DE PALMELLA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

FIAT LUX (bronze)

Existente no Muzeu Nacional

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

DUQUEZA DE PALMELLA

DEDICAMOS este numero a uma dama illustre pela sua nobillissima jerarchia e não menos illustre, certamente, pelo seu excepcional temperamento de artista, offerecendo-lhe, com verdadeiro jubilo, o incenso da nossa admiração.

Aos certamens mais afamados do mundo intellectual e artistico concorreu outróra a senhora Duqueza de Palmella com obras suas de valor inestimavel em que, a par duma subtil observação e duma execução segura, patenteava muito raciocinio e elevado conceito philosophico.

A's festas do espirito prestou, egualmente, a inclita senhora, o seu preclaro valimento, e ainda os echos não esvaeceram a ponto de olvidarmos a lucidez do seu cerebro e a generosidade da sua alma.

O amor pela Arte!

Maquette da estatua de Diogenes

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Quando da sociedade portugueza, ordinariamente languescida no ocio ou absorta no esterilisante vicio do partidarismo politico, surge uma individualidade de denodado animo para affirmar-se genialmente, o facto constitue uma anormalidade, uma extravagancia que o *bom-senso* nacional vê com desdém e compaixão. . .

O codigo civil portuguez ainda não confere á mulher direitos que a nobilitem humanamente; e manifesto é que a mulher portugueza, em vir-

tude da educação que dum modo geral recebe, denega ensejo a uma legislação que a liberte duma tutela pouco lisonjeira para a sua dignidade.

A civilisação, porém, dos estados demonstra-se pelo maior ou menor impulso dado ás artes. Do aperfeiçoamento intellectual nasceram logicamente as artes plasticas — artes de combinação, de meditação e de intelligencia — estabelecendo consequentemente leis e theorias, e permittindo-nos desvelar mysterios da natureza; condição esta justamente fundada na essencia humana.

Estas verdades, bem reconhecidas pelos povos cultos, não alcançaram ainda ser meditadas pelo espirito lusitano dirigente, que bastante enferma dos preconceitos sociaes da raça latina.

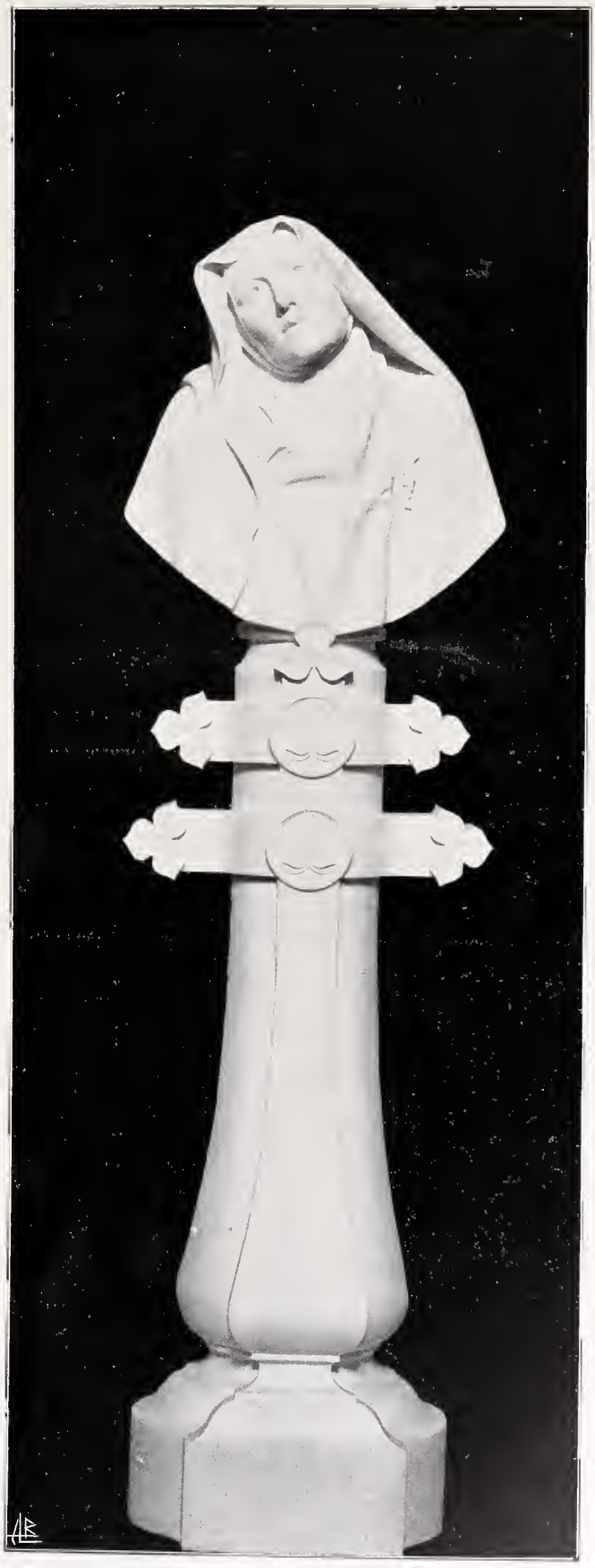
Nossa Senhora e o Menino (marmore)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Somos, no entanto, susceptiveis de inspirações instinctivas, porque a nossa natureza não é rebelde á revelação esthetica; faltam todavia os impulsos da vontade que triumphem sobre as convenções do nosso meio morbido.

Estas considerações, que mereciam ser largamente desenvolvidas, permittem avultar quiçá a figura egregia da eminente senhora a quem dedicamos estas modestissimas linhas.

A senhora Duqueza de Palmella tem, na esculptura, produzido o sufficiente para uma devida consagração. Algumas obras poderam ser pho-



SANTA THEREZA (marmore)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

tographadas, bem frouxamente comtudo, o que deveras lamentamos, por não conseguirmos reproducções bem definidas, na intenção de evidenciar o altissimo merito dos originaes.

Dois bustos apresentamos nas nossas paginas, que obtiveram em tempo no *Salon*, de Paris, menções honrosas; são elles: o de Santa Thereza e o de Diogenes. A imprensa extrangeira louvou amplamente estas obras em artigos firmados por nomes de soberana authoridade, sentindo-se, por essa occasião, bastante lisonjeados o nosso amor patriotico e a arte portugueza.

O nosso muzeu nacional guarda um magnifico bronze decorativo sob o titulo *Fiat Lux*, representando um rapaz, pleno de vida intensa, alçando na dextra, sorridentemente, um facho.

No mesmo sentimento decorativo, mostramos um frontal de fogão de sala, em projecto, profusamente composto e duma concepção attrahente.

Frontal de fogão de sala (projecto)

É justo, em summa, o nosso preito de admiração pelas preciosas faculdades da distinctissima senhora cujo enthusiasmo nunca esmoreceu ao sopro da critica, concentrando-se no seu ideal superiormente orientado pela doutrina dos mestres.

Procurando, pois, nas artes vasto campo para as expansões do seu engenho, a senhora Duqueza conquistou um invejavel logar na historia artistica do seu paiz e offerece o edificante exemplo de actividade, dedicação e de amor pelas sublimidades do pensamento e pela moderna cultura do espirito, cada vez mais ascendente, cada vez mais fecundo.

Nestor.

UM ASPECTO DO ATELIER

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

COMPOSTO E IMPRESSO NA PAPELARIA E TYPOGRAPHIA ACADEMICA—P. DA BATALHA, 36—PORTO

ARTE

3.º ANNO — N.º 33

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO — SETEMBRO DE 1907

Edição Especial 60 Reis

RAUL MARIA

CLICHÉ DA PHOTOGRAPHIA GUEDES

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

VISCONDE DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

Cliché da Photographia Guedes — Simili-Gravura de Marques Abreu

VISCONDE DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

A indole d'esta publicação impõe-nos o inadiavel dever de honrar um dos mais insignes vultos munificentes da Arte nacional que, a pár duma superior mentalidade e duma clara comprehensão dos merecimentos doutrem, reune o attributo da bondade sciente e equilibrada para o espontaneo exercicio da sua virtuosa missão protectora.

Ao nobre titular bastava-lhe já, para obter a justiça d'uma glorificação, o facto providencial do levantamento d'um artista de incontestavel valor como é o de Raul Maria, a quem hoje a «Arte» faz justissimas referencias. Este rapaz, que actualmente se tornou culminante no mundo das artes, estaria irremediavelmente perdido se não fôra o patrocinio efficacissimo do senhor Visconde da Pesqueira.

Raul Maria, cuja rudeza de aspecto e de tracto lhe creou um sem numero de inimigos, era e tem sido no fim de contas, uma alma generosa, um coração sublime e extremamente sensivel aos menores favores, e duma gratidão consoladora. O inclito protector, surdo a todas as inspirações de desaffecto pelo caracter do distinctissimo artista, rompeu fidalgamente na intenção de salvar da obscuridade um talento precioso que havia de ser mas tarde a honra do seu paiz, e... não errou!

Outros factos exemplarissimos, de sua iniciativa deixaremos de apontar, por nos constranger e esmagar o pensamento de que o nobre titular repelle a publicidade dos seus beneficios e do seu fecundo altruismo.

Na esphera intellectiva tambem, temos á vista um dos seus trabalhos, sob o titulo «Palazzola», de patriotico motivo, digno duma alta vulgarisação, brilhantemente documentado, demonstrativo de invulgar erudição e de muito merito litterario.

Que este resumo de considerações exprima bem o nosso caloroso desejo de salientar uma personalidade digna da maxima admiração e da mais sagrada estima!

RAÚL MARIA

Não faço por mênos de uma boa dezena d'annos o tempo já saudoso em que sob a plenitude do meu pezado arcabouço gemêram alguns dos bancos da Academia de Bellas Artes. Eu conhecêra o estabelecimento dos tempos de candura da minha adolescencia, e nesta segunda serôdia frequencia fui encontral-o com a mesma physionomia immutável, pequenas differenças de pormenor apênas, José de Brito na aula de dezenho, Marques d'Oliveira na de pintura, e de résto o mesmo Taddeo com dois dd, o mesmo espêsso Sardinha, o mesmo chronico Firmino, o eterno Francisco de todo o sempre, e sobretudo aquella ausencia clássica de vassoura, que lhe vinha das origens, como um titulo venerando.

A Academia achou sempre digno, e de muita compostura, mantêr pela Tradição o mais devóto dos seus respeitos; e á similhança de certos christãos que crêem em Deus Nosso Senhor só porque seus paes já éram crentes, a Academia conservava-se impenetrável a toda a innovação, porque, tal como se encontrava, assim viéra do antepassado, e cumpria-lhe guardar intacta a herança dos seus maiores. Ia n'isso uma enternecida próva da sua muita piedade filial, e á Academia, que herdára lixo, muitissimo lixo, não era licito desperdiçar numa perdulária varredella o que assim custára a enthesourar, em annos estirados e lentos, e por muitas gerações laboriosas.

Ao tempo em que eu entrava na respeitável escóla para continuar o curso principiádo bons dezoito annos antes, a aula de pintura agitáva-se n'um congestionado movimento de revólta. O espirito innovadôr de alguns académicos heroicos levára-os a solicitar da secretaría omnipotente a permanencia na aula de um lavatório e de uma toalha. A reclamação fôra feita, como se diria no Brazil, em termos cortezes porém firmes; e a secretaría, mais impulsionada que reflectida, cedêra á petição, tanto mais que o sabão ficáva a cargo dos peticionarios. Mas se é licito comparar um lavatório ao astro rutilante que nos aquece e allumia, direi que esse lavatório foi um sol de pouca dura. A secretaria, fiel depositária do bom nome da escóla, reconsiderou que o lavatório era um móvel profano e como tal contrário ao culto e ao ritual da casa. Inadvertidamente andára, cedendo ao pedido dos rapazes, e era urgente reparar o mal, supprimindo o traste. Os estudantes, habituados até então a limpar em despójos de extinctos capachos as botas — á sahida, que continuássem como até ali a limpar as mãos — á parêde. Tal se decretou e tal se fez executar, e escuso dizer a vossas excellencias entre que desvairados e imprecativos clamôres da mocidade revôlta.

Foi no meio da agitação tremenda que este *ukase* determinou que eu conheci Raúl Maria, então terceiranista, mal articulando a palavra espumante da sua indignação, clamando sublevação e resistencia na mais petroleira das convulsões, pedindo destruições contra as iniquidades do Existente, e instrumentando a palavra inflammada com um gesto demolidôr e trágico.

Novo na escóla mas apparatôso no bôjo, eu dei na vista para as sollicitações da solidariedáde; e o caso é que me foi difficil dizer como Pilatos: *d'ahi lavo as mãos*, — pois que a falta do lavatório, causa de toda a celeuma, cortou-me desde logo o recurso escapatório.

Raúl Maria continuáva no entanto a sua revolucionária obra de agitadôr; mas a secretaría fincava-se no intranzi-

gente bordão da auctoridade, e o ousado rapaz teve de suffocar os seus impulsos de rebellião deante de um severo castigo disciplinar, creio mesmo que a pêrda, para toda a eternidade irreparável, de um anno do seu curso.

Este primeiro encontro com Raúl Maria cravou no meu espírito a impressão de que tratava com uma creatura fundamentalmente rebelde. As suas palavras eram systematicamente hostís, e onde quer que a sua opinião fôsse chamada, ella nunca se manifestáva paciente e conciliadôra. De onde vinha esta feição do caracter de Raúl Maria?

O observador physiologista filial-a-ía talvez numa anormalidade funcional da figadeira, causa immediata de muita azêda saccudidela e de muita irritação irreprimível. Mas Raúl Maria dispunha de um equilíbrio gástrico perfeitamente gallináceo e portanto sem nenhum desvio atormentador de secreção biliósa. De onde vinha pois?

Julgo inutil recorrer a observações de uma pathologia esquadrinhadôra e subtil para conseguir um perfeito esclarecimento da proposição. As asperezas da lucta temperavam-lhe as energias da resistencia. Póbre de fundos e millionario de aspirações, seduzido pelos encantos de uma arte que era todo o seu enlêvo, mas grilheteado pelo trambôlho de uma penúria de recursos que era todo o seu flagello, Raúl Maria aprendêra desde muito a reagir e a procurar na tenacidade do esfôrço proprio toda a segurança que provém da decisão e da firmeza. Como o gimnasta augmentando pelo exercicio a sua riqueza musculár, tal Raúl Maria formava a resistencia do seu caracter no combate systematico da inhospitalidade ambiente. Assim, estava sempre na brécha, e era difficil encontral-o desprevenido em face da contrariedade aggressiva; e assim tambem elle conquistava a sua fôrça e com ella o instrumento de uma segura situação na vida.

Foi essa fôrça, mais do que o subsidio providencial do sr. visconde de S. João da Pesqueira, que lhe abriu na Italia as pórtas dos musêus e das escólas. Foi essa fôrça que o destacou n'uma individualisação artistica que já faria a invéja de consagrados. Foi essa fôrça que educando-lhe as faculdades innatas lhe guiou a mão na enternecida reprodução das linhas, e lhe encheu a palêta da riqueza esplendente das tintas. Foi essa fôrça que fazendo d'elle um cavalleiro andante, sempre enamorado das opulencias cantantes da natureza triunfante, o guiou pelo Baedeker dos seus olhos nunca saciados na viajem circulatória da côr e da luz. Com essa moéda e e uma caixa de tintas, de nada mais, jámais, se lembraria, para seguir resoluto na sua jornada incérta. O desamôr do lugar inhóspito, os embaraços de uma língua que nunca se ouviu fallar, a desconfiança dos olháres alheios, a insolente repulsa de tôdos, o amesquinhamento, o abandono, o isolamento, tudo quanto de torturante, de humilhante, de hostilisante se experimenta ao tropeçar no primeiro calháu da térra estranha, tudo isso o encontra imperturbavelmente alheádo, comtanto que um aspecto nôvo lhe detenha os ólhos, uma nóva côr o fascine, e elle póssa firmar em terra o seu cavalête de campo. D'este módo, romeiro impulsionádo pela fé da sua arte, e com ella tendo visitado tôdos os logáres santos da Natureza para observal-a na variedádé infinita das suas fórmas e no deslumbramento do seu maravilhôso chromatismo, Raúl Maria apresenta-nos a óbra de um colorista surprehendente, colhída no extase, realisáda na fébre, e por isso mêsmo sentida, commovida, plêna da devoção de uma alma cheia de fervôr e de encanto.

RAUL MARIA—Um retrato

Um trecho do atelier de Raul Maria, em Roma.

Mas,—perguntará n'esta altura o nosso amigo leitôr—onde está essa obra, faz favor de nos dizer?

Que o sr. visconde de S. João da Pesqueira tenha a bondade de respondêr, pois que á sua guarda carinhósa está confiado quanto baste a enchêr-nos o espírito das impressões deliciosas d'esse caminheiro da palêta.

Porto, nov. 1907.

Guedes d'Oliveira.

AOS NOSSOS LEITORES

Em numeros subsequentes da «Arte» publicaremos mais trabalhos de Raul Maria que não poderam ter logar no presente numero, por falta de espaço.

RAUL MARIA—Trez mulheres.

UM ARTISTA NOVO

Se exemplos tem havido de vontade, de energia e de persistencia na conquista do saber, nenhum, certamente, transcende o de Raul Maria a quem com intimo prazer dedicamos duas palavras de inteira justiça e de profunda admiração.

Demolidas estão agóra as duvidas e as hypotheses desfavoraveis ácerca de Raul Maria perante os claros e evidentes testemunhos da capacidade do seu raro talento fornecidos pelas suas obras bem galardoadas pelo insuspeito e honroso juizo da imprensa estrangeira.

Quem diria que esse modesto rapaz de physionomia apagada e commum chegaria a attingir a invejavel posição que hoje occupa no imperio das artes! Quem diria que um semelhante envolucro de nervos encerrasse um espirito sciente e luminoso, como hoje se patenteia Raul Maria!

Como são illusorias as apparencias!

A sua particular rudeza, que para muitos significava falta de educação e de tino, era, indubitavelmente, uma grande affirmação da sua superior intellectualidade e da sua extraordinaria força moral que o tempo, desvelado ostensor da verdade, não tardou, num formal desmentido, a demonstrar alto e eloquentemente.

Nascido em Sabroza, proximo de Villa Real de Traz-os-Montes, onde passou parte da sua infancia, veio para o Porto e aqui residiu até conclusão do seu curso na Academia de Bellas-Artes, revelando sempre uma vocação notavel, não sem incidentes de muito rumor, devidos exclusivamente ao seu temperamento insoffrido e nada atreito á pacata submissão, infelizmente adoptada por muitos, no proposito de não affastar sympathias, sempre urgentes na pratica do *levar a vida*. A linha recta que marca geometricamente a mais curta distancia entre dois pontos, serviu-lhe tambem de norma para attingir os seus muito licitos e nobres fins, embora isso lhe valesse serios embaraços e tumultuarias resoluções.

Pouco tempo decorreu quando se lhe offerece occasião de concorrer ao logar de pensionista do Estado no estrangeiro, episodio este de que não faremos a historia, por não ser nossa intenção melindrar caracteres, aliás muito respeitaveis, sendo este facto uma determinante providencial e feliz d'uma nova orientação para a realisação do seu sonho constante, deparando-se-lhe, como anjo tutelar, a nobilissima figura do illustre Visconde da Pesqueira que, perscrutando demoradamente o caracter de Raul Maria, não hesitou em exercer o grandioso mister de protector afavel e valioso.

Esta circumstancia redemptora levou-o finalmente ao grande emporio das artes, a esse centro de tantas aspirações, a Roma emfim, onde qualquer que não fosse elle, sósinho e sem relações de amizade, facilmente succumbiria por muito tempo, como pygmeu perante gigantes e sob o pezo d'uma timbrante responsabilidade, em face da guerra que lhe era movida e das esperanças fundamentadas do seu inclito Mecenas.

Não tardou muito que Raul remettesse provas de trabalhador consciente e progressivo; não tardou muito que o novel artista cheio de animo e de confiança entrasse altivamente em projectos d'obras taes que só por ellas reduzisse a pó tantas e tão levianas supposições dos seus implacaveis inimigos.

Percorreu a Italia ávido de conhecimentos e de sensações novas; Paris e Vienna d'Austria desvendaram-lhe novos horisontes para mais largos vôos. Tentou alongar o seu itinerario e alcançou-o passando por Athenas e Constantinopla onde soffreu, com heroica resignação e notavel serenidade, extranhos dissabores por infracção de costumes, tudo em proveito da sua illustração e da arte.

Em Roma exhibe os seus quadros em que a sua personalidade inconfundivel se patenteia excitando espontaneos applausos da imprensa em geral, offerecendo-lhe d'uma das vezes ensejo a que um delegado do governo da Republica do Equador, na missão de contractar professores das trez artes para escola da respectiva capital, o convide a reger a cadeira de pintura historica. Esta relação lucrativa reprezentava ainda uma gloriosa consagração do talento privilegiado e uma resposta triumphante que fulminava tantas duvidas e tão prolongado pessimismo.

Raul Maria hoje, apóz tão accidentada existencia probatoria, tem o ar de quem sabe o que vale este mundo de miserias; perdeu, se alguma vez o teve, o estreito affinco do seu ninho, vendo em toda a parte uma patria acariciadora e de braços abertos para erguer bem alto quem só pelo seu peregrino espirito merece as homenagens apenas devidas ao talento e ao heroismo em todas as suas modalidades, e universalisou-se emfim como prototypo do estoicismo indómito e resoluto para a consecução das mais ardentes e sublimes aspirações.

Nestor.

Composição e Impressão da Papelaria e Typographia Academica
Praça da Batalha, 36 -- Porto

ARTE

3.º ANNO — N.º 34

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO — OUTUBRO DE 1907

Edição Especial 60 Reis

D. PALMYRA TEIXEIRA BASTOS

ESCULPTURA DE TEIXEIRA LOPES

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

D. PALMYRA TEIXEIRA BASTOS

Esculptura de Teixeira Lopes

MAIS uma bellissima esculptura do illustre estatuario Teixeira Lopes que nos vem, depois de muitas, honrar soberbamente as nossas paginas.

Eis um pedaço de marmore convertido numa joia inestimavel, cheio de vida, modelado com especial carinho, e, como retrato, duma flagrante similhança!

Um successo mais alcançado pelo poderoso artista, e mais um motivo de gloria para a nossa arte!

BISPO DE VIZEU

(Esculptura de Teixeira Lopes)

FOI-NOS, pelo illustre esculptor Teixeira Lopes concedida a primazia da reproducção, em gravura, da estatua do eminente estadista extincto, Bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins.

Esta obra, destinada ao monumento que a capital da Beira Alta manda erigir n'uma das suas praças, é mais um triumpho do glorioso artista. A attitude energica, d'uma notavel vivacidade, a verdade physionomica e a execução inultrapassavel dão, da effigie do insigne prelado, a funda impressão d'um verdadeiro resurgimento do seu vulto.

Felicitamos cordealmente a cidade de Vizeu pela magnifica acquisição e cumprimentamos o distinctissimo estatuario pelo seu grandioso trabalho.

O BISPO DE VISEU

D. ANTONIO ALVES MARTINS

A Monsenhor Rito e Cunha,
com subida consideração e estima.

NOBILISSIMA figura, quasi épica, a d'este cidadão por tantos titulos benemerito, em todos os actos da sua vida portuguesissimo, quer na gerencia dos negocios publicos quer no governo da sua diocese, liberal na mais pura accepção da palavra.

A poucos annos de nós, o seu desassombro, a sua energia, o seu amor pela liberdade e pela justiça assumem proporções de lenda, como se sobre as cinzas d'aquelle grande coração tivessem já os seculos andado a tecer uma mortalha luarenta de poesia e de gloria. Outros do seu tempo seriam como elle intelligentes e bons; mas nenhum como elle conseguiu imprimir a sua mascula e rude figura phisica e moral no amago da alma popular, tornando-se como que um ávátar d'aquelles procuradores do povo, dos tempos da primeira dynastia, quando aos reis elles ousavam impôr o seu assisado conselho, usando, se mister se fazia, do ameaçador—«senão . . . não!»

E' que tambem elle se não esquivava a dizer aos reis as verdades mais duras: e o povo, que não sabe historia, recorda, assim mesmo, que o bispo um dia se não temêra, ante o rei D. Luiz, de pôr em confronto a segurança das duas corôas—a d'elle que ninguem lhe poderia arrancar e a do monarcha que, d'uma hora para a outra, poderia rolar-lhe da fronte á lama ensanguentada das ruas em revolução.

E' que elle foi, sobretudo, um forte: pela energia do braço, pelo vigor da intelligencia e pela bondade do coração; que a bondade é tambem uma grande força, talvez de todas a mais capaz de operar prodigios, por muito que o contestem os scepticos e os pessimistas do nosso tempo.

Por isso elle triumphou.

Numa vida larga, como poucas accidentada e em grave risco de, desde os primeiros passos, por mais duma vez ter sido suffocada pelo captiveiro e pela morte, nem uma vez sequer se desmentiu: sem transigencias nem opportunismos, tal qual era se mostrou sempre, seguro de si pelo applauso da sua consciencia; e despido de vaidades e ambições, alcançou as maximas honras, sem que nem estas depois, nem antes os perigos e as luctas, conseguissem abrandar-lhe a inflexivel rijesa do seu diamantino caracter.

Homem dum só parecer,
D'um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar que torcer . . .

Está feito n'estes versos o retrato moral de D. Antonio Alves Martins, Bispo de Viseu.

Religioso franciscano, doutor em theologia, professor de lyceu, conego da Patriarchal, enfermeiro-mòr do Hospital de S. José, jornalista, deputado, bispo, par do reino e ministro,—parece que providencialmente galgou da humildade do seu berço plebeu e provinciano aos arminhos das honras ecclesiasticas e palacianas, para nos provar bem á evidencia que se pode triumphar na vida sem deixar na lucta vencida a verdade, postergada a justiça, trahida a consciencia e a liberdade morta.

Uns ligeiros traços biographicos melhor justificarão este asserto, tanto mais que muitos dos seus actos encerram para todos edificante lição.

*

* *

Nascido na Granja d'Alijó, districto de Villa Real, a 18 de fevereiro de 1808, professou a 21 de maio de 1825, indo para Evora estudar philosophia e no anno immediato para Coimbra a frequentar theologia e mathematicas no Collegio das Artes. Riscado no 3.º anno por affeiçoado ao movimento militar do Porto de 16 de maio de 1828, resultante da acclamação forçada do infante D. Miguel em Lisboa, seguiu, depois de fechada a Universidade, os estudos da sua Congregação, sendo pouco depois nomeado mestre da sua Ordem.

Alves Martins porém, creara-se para a lucta; o seu amor pela liberdade não lhe soffria ver os outros arriscarem-se por ella, sem que a elles se associasse d'alma e coração. Assim, como as tropas rebelladas no Porto evacuassem Coimbra, ei-lo que deixa o collegio acompanhando-as e senta praça no regimento de Voluntarios de Alijo.

Processado, escapou d'esta vez, recolhendo-se ao convento.

Nomeado capellão da armada na fragata *Perola* em 1832, volvidos poucos meses, foi novamente processado e desta vez preso e encerrado nas cadeias de Coimbra e sentenciado com mais tres companheiros na conservatoria da Universidade.

Transferido para as enxovias de Almeida, consegue fugir á morte que o esperava no largo de Santa Christina da cidade de Viseu, accolhendo-se, depois de innumeros e inennarraveis perigos e privações, ao hospital de Leiria, prostrado por um typho que dessa tormentosa fuga lhe sobreviera.

Terminada a guerra civil com a convenção de Evora-Monte em 1834, Alves Martins, agraciado pela lei como estudante perseguido, não quis aproveitar esse beneficio, voltando a frequentar a Universidade, onde se doutorou em theologia a 16 de julho de 1837. Pouco depois, concorria á cadeira de philosophia no lyceu do Porto: annulado porém este concurso para obter despacho um antigo professor, Alves Martins concorre de novo á cadeira de historia e geographia do mesmo lyceu, sendo despachado afinal em 1839.

Tres annos passados, em 1842, foi eleito deputado; e logo em 1843 foi preso por suspeito de entrar em conluios revolucionarios, e em 1844 intimado a recolher-se ao castello da Foz, ordem que, em face das suas francas declarações, foi suspensa, ficando apenas sob a vigilancia da policia.

Com a revolução de 1846, encontramo-lo no seu posto de combatente em que se manteve até á Convenção de Gramido, depois da qual voltou a occupar a sua cadeira de professor no lyceu do Porto, combatendo ainda pela liberdade, mas agora com a penna. Alves Martins tornou-se jornalista, sendo redactor e collaborador de varios jornaes do Porto e de Lisboa: da «Esperança», do «Nacional», do «Primeiro de Janeiro» e ainda, mais tarde, do «Commercio de Lisboa».

Nomeado em 1861 enfermeiro-mór do hospital de S. José, os seus serviços n'este cargo foram-lhe galardoados com a commenda da Conceição por D. Pedro V, que n'este despacho, o ultimo por elle assignado, rematou o seu officio de rei.

E aqui temos agora Alves Martins, com cincoenta e tantos

Esculptura de Teixeira Lopes

BISPO DE VIZEU—D. ANTONIO ALVES MARTINS

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

annos, entrando na carreira das honras que por trinta annos de luctas honrosas e optimos serviços tanto havia merecido.

Em 1862 é nomeado lente da Universidade: como quer porém, que se suscitassem duvidas sobre a antiguidade que lhe competia, ei-lo que renuncia o magisterio, optando pela cadeira de conego da Sé de Lisboa: e logo em julho desse anno é apresentado bispo de Viseu e confirmado por Pio IX a 25 de setembro do mesmo anno. Entre a sua apresentação e confirmação, encarregado do regimento da diocese como vigario apostolico, para debellar o scisma a que dera causa a nomeação do vigario capitular, por um breve de Papa, a que o nuncio dispensava o placito regio, deixou aquelle breve de se cumprir, porque do placito não prescindiu o bispo que, como diz Camillo, antepôs «o respeito da lei portuguesa ao arbitrio romano».

Chegou finalmente a Viseu D. Antonio Alves Martins em 25 de janeiro de 1863, realisando-se a sua entrada solemne em 29 desse mesmo mês. Inaugurada assim a administração da sua diocese sem quebra da dignidade nacional que o nuncio pretendera desrespeitar, até 1867 se manteve o illustre antistite alheio á politica, todo se consagrando aos cuidados pastoraes mais que nunca reclamados pelo scisma a que já se fez referencia. Em junho de 1867 foi elle, com outros prelados portugueses, a Roma, a convite de Pio IX, assistir ás festas commemorativas do 18.º centenario de S. Pedro e S. Paulo. Novo lance foi este, mais notavel ainda, em que a inflexibilidade do seu caracter, posto á prova, se manifestou mais uma vez e por fórma que deu brado não apenas em Portugal mas na Europa toda.

Foi o caso da mensagem dirigida ao Papa por quatrocentos e tantos bispos, saudando-o como rei de Roma—e infallivel.

Não adherira D. Antonio a essa mensagem; apparecia nella porém, o seu nome.

Sem perda de tempo, protestou por intermedio do embaixador português em Roma contra tal abuso e de Roma retirou logo, não o encontrando já uma commissão de tres prelados que, por isso, ao nosso embaixador apresentaram satisfação d'aquelle engano, em que affirmaram não ter havido proposito, pedindo-lhe ao mesmo tempo a sua interferencia, para que o prelado visiense com ellas se desse por satisfeito. Recebendo em Paris um officio do embaixador sobre tal assumpto, assentiu D. Antonio, apenas reclamando que na legação portuguesa em Roma se inscrevesse muito pelo claro que o bispo de Viseu não assignara nem mandara assignar a saudação ao Papa-Rei infallivel.

De volta á sua diocese, quando, abstrahido á politica, de novo se empenhava na sua missão pastoral, preparando-se para visitar o resto do seu bispado, eis que cae o ministerio Avila e o duque de Loulé, encarregado de organisar gabinete, o convida a entrar num ministerio da sua presidencia. Eram maus os tempos: urgiam grandes e difficeis reformas; mas por isso mesmo não se podia elle esquivar. O duque de Loulé não conseguiu porém, realisar o seu intento: e foi então o Bispo chamado ao paço e convidado a organisar elle o ministerio.

O Bispo acceitou. Elle era o homem forte que quarenta annos de lucta não tinham feito fraquejar nem recuar. A 22 de julho começou a funccionar o gabinete com o Bispo de Viseu na pasta do reino e o marquês de Sá na da guerra com a presidencia.

O programma do Bispo era: — augmento de receitas e diminuição de despesas.

Succedeu-lhe, como era de ver, mas mais de prompto ainda, o mesmo que em nossos dias succedeu ao fallecido Dias Ferreira. A breve trecho, os seus proprios collegas estavam contra elle: entretanto duzentos contos tinham já sido alliviados ao onus da despesa...

A braços com todas as hostilidades, o Bispo aguentou-se desassombradamente na lucta, emquanto com honra o poude fazer: quando porém, ao fim de um anno de amarguras e decepções, se encontrou sem appoio numa questão grave, cedeu nobremente o logar á cubiça e á ambição que, de mãos dadas, bramavam espumejantes: demittiu-se.

Essa sua queda foi ainda um triumpho; e talvez que dos, por mais difficeis de obter, mais nobilitadores tambem.

Não decorrido muito tempo, o povo que antes, pela *Janeirinha*, o erguera ás culminancias do poder, de novo a ellas o erguia, d'esta vez pela voz das suas camaras municipaes e juntas geraes, constituindo-se o gabinete Avila-Viseu, ephemero como o anterior, porque as reformas do Bispo eram das que importavam sacrificio para todos, a começar pelos magnates. Desta vez porém, houve ainda um outro motivo mais forte: o rei reclamara dinheiro; e o Bispo... do seu não lh'o podia dar, que o não tinha; e dos cofres do estado entendia elle que o não podia tirar.

Porisso o Bispo cahiu. Outros subiram que dos cofres do Estado deram tudo o que se lhes pedia e mais ainda...

E foi assim que o Bispo de Viseu não voltou mais ao poder.

Os derradeiros annos da sua vida passou-os na humildade do paço de Fontello, cercado das homenagens de proceres e cuberto das bençãos de proletarios.

Foi então que elle a toda a luz se mostrou o Bispo segundo o Evangelho, cuja saudosissima memoria se conserva indelevel no coração dos velhos que o conheceram e dos moços a quem os velhos quasi religiosamente a transmittiram com os primeiros ensinamentos.

Energico como sempre para abater suberbos e corrigir discolos, era para os pobres duma bondade e duma lhanesa inexcediveis. Contam-se aproposito anecdotas edificantes; como tambem andam na bocca de todos alguns dos seus dictos cheios d'agudesa e de quasi presciencia. Mas a caridade foi sem duvida a sua virtude primacial, a caridade discreta, praticada pela mão direita sem que o saiba a esquerda, como recommenda o Evangelho.

Viveu pobre e pobre morreu, a 5 de fevereiro de 1882.

*

* *

Tal foi o inclyto varão, cuja memoria um grupo de visienses se propôs fazer perpetuar pelo bronze. De Viseu ou que a Viseu tenham dado lustre pelos seus feitos, raros se apontam que de tal tão dignos fossem: Viriato, D. Duarte, Grão-Vasco, João de Barros...

D. Antonio Alves Martins, mais proximo de nós, vivendo portanto mais enternecidamente no nosso peito pela saudade que a sua morte, por assim dizer recente, nos causou, comprende-se que a todos fosse anteposto na concretisação artistica do culto que Viseu deve a todos os seus varões illustres. Outro motivo porém, actuou ainda por certo no animo dos promotores do monumento ao Bispo de Viseu. E' que, na crise angustiosa por que passa a nossa querida patria, elles entenderam ser bem preciso apontar ás novas gerações um grande exemplo a seguir, de integridade civica, de patriotismo e de amor pela liberdade...

A figura de Viriato esfumava-se já tanto na sombra de muitos seculos!...

E, a não ser a do pastor dos Herminios, qual a figura a erguer ahi óvante, modelada em marmore ou em bronze?...

A de D. Antonio Alves Martins, indiscutivelmente.

E ei-lo que, redivivo sob as mãos prestigiosas do primacial artista que é Teixeira Lopes, aos nossos olhos se ergue, na rudesa soberana, quasi olympica, de Portugal-Velho, sacerdote e guerreiro, cheio de força e de fé, desassombradamente encarando a Fatalidade que avança... Talvez o seu braço a sustenha: o seu olhar a afugente!

Mesmo depois de morto, já um grande capitão alcançou difficil victoria. Quem sabe que grande victoria estará destinada a realisar essa estatua de Alves Martins, levantada ali, naquelle mesmo largo de Santa Christina, onde ha setenta e seis annos baldadamente o esperaram, para o fuzilarem, os soldados do Absolutismo?!... E se ella conseguisse converter o nosso egoismo e a nossa descrença, que grande, que salutarissima victoria essa fôra!...

Mas ao menos, pois em nossos corações resequidos já mal poderá medrar a divina flôr do Ideal e o sol bemdito da Fé mal poderá alvorecer, que ás gerações futuras ella possa fallar e lhes diga—que é para a Liberdade que devem viver e é pela Liberdade que devem morrer!

E entretanto, se bem que num ponto de vista mais restricto, oxalá que o Bispo de Viseu, ali glorificado pelo genio d'um grande artista e a sagração dum grande povo, se torne como que o Deus-Indigete, sob cujos auspicios breve se iniciem e desveladamente se realisem os progressos materiaes e moraes que a liberal cidade de Viseu de ha muito vem reclamando como imprescindiveis e inadiaveis!

Esses os meus mais fervorosos votos e sem duvida os de todos os membros da commissão promotora, a cujo appello enthusiasticamente adheriu toda esta bôa e generosa terra da Beira.

Viseu: 26 | 10 | 1907.

Carlos de Lemos.

Composição e Impressão da Papelaria e Typographia Academica
Praça da Batalha, 36 -- Porto

ARTE

3.º ANNO — N.º 35

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO — NOVEMBRO DE 1907

Edição Especial 60 Reis

PORTO—IGREJA DE S. FRANCISCO—ABSIDE

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

PORTO—Egreja de S. Francisco, porta principal

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

EGREJA DE S. FRANCISCO

É de 1233 que data a fundação do mosteiro de que S. Gualter foi seu primeiro mestre e D. Sancho II seu declarado protector.

Como se tornasse acanhada a primitiva egreja, edificaram os franciscanos, cento e cincoenta annos depois e sob os auspicios d'el-rei D. Fernando, o templo que actualmente existe, tornado curiosidade notavel do Porto, mercê das referencias elogiosas do Conde de Raczynski.

No largo espaço de cinco seculos, quatro lustros e tres annos, a egreja do convento de S. Francisco soffreu interna e externamente transformações, que lhe alteraram bastante a primeira physionomia de magestosa simplicidade, como convinha ao estylo da sua architectura de transição do romanico para o ogival.

Exteriormente mudaram-lhe o aspecto da frontaria, disfarçando o desataviado e o singelo d'esta com umas columnas torcidas e outros ornatos de deploravel gosto.

Interiormente substituiu-se ao ar simples, grave e sublime do templo gothico a opulencia da decoração, espaventando-se agora a egreja dos franciscanos com uma admiravel talha dourada, que a torna magnificente no seu conjuncto e digna de apreço como obra d'arte interessantissima.

Esta egreja foi restaurada em 1840, depois de ter servido durante alguns annos d'armazem da alfandega!

E n'aquellas naves, onde antes echoava o psalmodiar dos frades e o ar se achava ainda perfumado d'incenso, empilharam-se saccos d'arroz carolim, costaes de bacalhau Noruega, barricas d'assucar pernambucano.

Diante de tal profanação ficou protestando a attitude symbolica da imagem de S. Francisco com os braços cruzados no peito.

Luiz Lobo.

O PULPITO DA IGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

QUANDO D. Manuel deliberou reconstruir a igreja e mosteiro de Santa Cruz fez vir de França uma pleiade brilhante de architectos e esculptores, cheios de originalidade e de talento, com uma larga sciencia da technica d'arte e illuminados pelo bello ideal do Renascimento que ha muito dominava e engrandecia o espirito dos povos cultos.

Esses artistas, Mestre Nicolao Fracez, João de Ruão, Jaquez Loguim e Felipe Vduarte, que assim escriptos, rutilam com nitido fulgor nas paginas floridas das chronicas, depararam em Coimbra com um meio apto, inteiramente preparado com largos recursos para a formação d'uma grande e luminosa escola artistica.

Na verdade ha muito que em Coimbra se cultivava com fervor a esculptura e até já anteriormente, no seculo XV, se contavam na cidade do Mondego artistas de renome como Diogo Pires o *Velho* que o chronista dos franciscanos Fr. Manuel da Esperança na *Historia Seraphica*, denomina *insigne em sua arte*. Seu filho Diogo Pires o *Moço*, educado na escola paterna, floresceu no seculo XVI em Coimbra, onde teve officina, e, entre outras obras, fez em 1512 a linda pia baptismal, em pedra d'Ançã, da igreja do mosteiro de Leça do Balio, de que o incumbiu o balio D. fr. João Coelho, para quem fez tambem em 1514 o bello tumulo com estatua jacente que existe n'aquella igreja, na capella de Nossa Senhora do Rosario, tambem chamada *do ferro* e o lindo e elegante cruzeiro manuelino situado no caminho que se dirige do templo.

Pela sua banda a natureza contribuia tambem poderosamente para o desenvolvimento da esculptura, pondo ao serviço dos artistas os materiaes das pedreiras coimbrãs, d'um calcareo brando, facil de trabalhar pela fraca resistencia que offerece ao cinzel, como é a doce e branca pedra d'Ançã [1] que tantas vezes, infelizmente pela sua fragilidade e pouca duração, incitou fallazmente os artistas a utilisal-a nas suas obras primas.

A vinda dos mestres francezes fez de Coimbra o centro portuguez da arte do Renascimento, pois despontou e floresceu

(1) ... *boa pera laurar n'ella mil folhagens, e lauores e figuras* diz o chronista D. Nicolau de Santa Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes*, Liv. IX, cap. XXXI.

n'ella a mais linda e famosa escola de esculptores que até hoje teem trabalhado a pedra com uma arte cheia de delicadeza e encanto.

Essa escola em que domina, como seu principal fundador a personalidade magnifica de João de Ruão, que n'um livro manuscripto do seculo XVI é denominado *imaginario,* encheu de obras primas todo aquelle seculo e principios do immediato, espalhando-as, a mãos prodigas, não só pelas igrejas e capellas de Coimbra e seu districto (Goes, Cantanhede e S. Silvestre), mas por terras mais distantes, como Vizeu, Guarda, Aveiro, Porto, Cintra, Obidos, Borba, Portalegre, Villa Viçosa, Extremoz, etc.

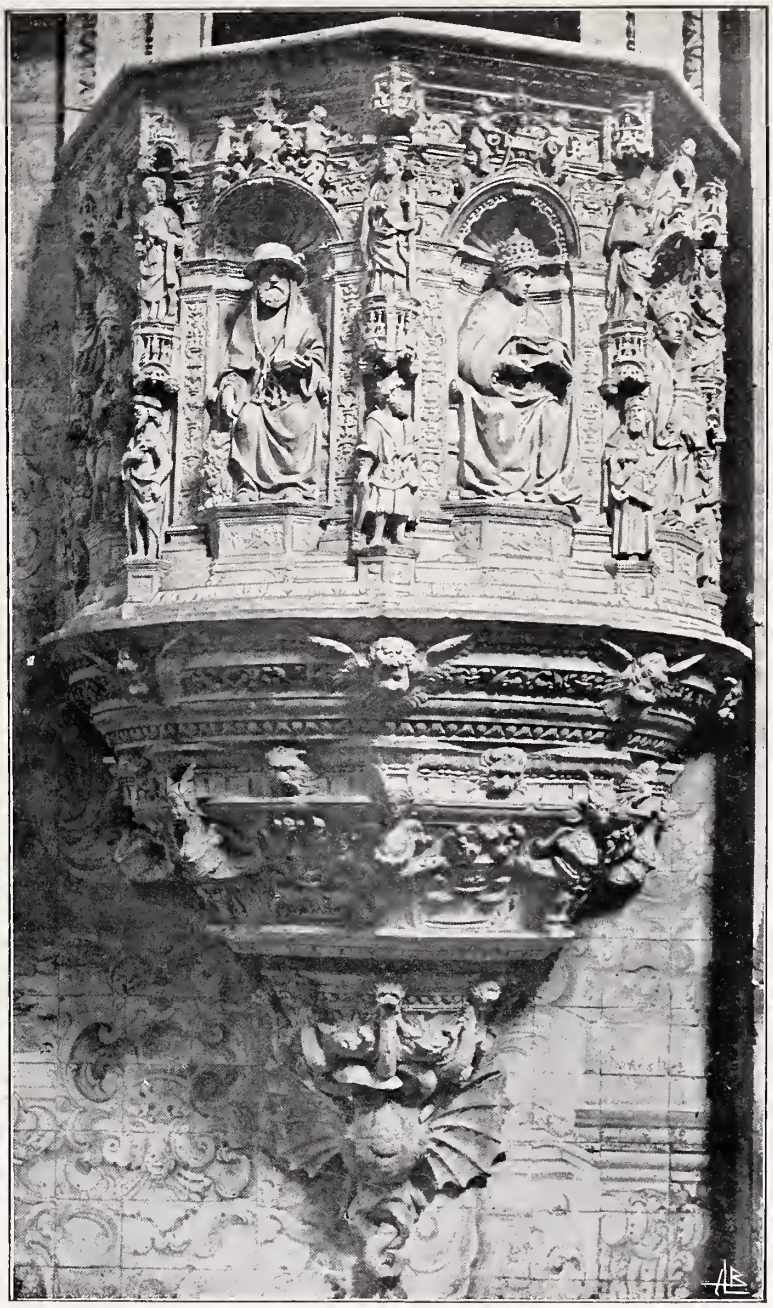
D'entre todas porém brilha, como a mais fulgurante joia, o maravilhoso pulpito de Santa Cruz de Coimbra que é o modelo mais delicado, mais rico e mais perfeito da esculptura da Renascença coimbrã.

Essa obra notabilissima, tão eminentemente bafejada pelo genio, revéla um artista que ao instincto das composições, cheias de rhytmo e de equilibrio, allia um sentimento largo e delicado da linha, uma phantasia exuberantissima e uma verdadeira comprehensão do papel das figuras e dos ornatos, destinados a animar, e accusar a fórma, a embellezar e aligeirar a ossatura do monumento, imprimindo ao pesado e massiço blóco de pedra uma elegancia fina e um ar leve e brincado, d'uma delicadeza rara em monumentos congeneres.

Em toda a arte do Renascimento não ha certamente mais encantadora composição, que tanto deslumbre o olhar pela surprehendente harmonia do conjuncto, pela nobreza das proporções, pela riqueza e variedade dos motivos

E' um verdadeiro poema de estrophes rendilhadas em pedra, um admiravel hymno de grandiosa e commovente belleza, erguido pelo artista em honra e gloria da Igreja, e em que canta e palpita todo o seu amor e enthusiasmo pelos restos da antiguidade classica, estatuas, bustos, camapheus, moedas e outros baixos relevos que inspiraram os artistas da Renascença.

E', póde assegurar-se, uma obra prima da arte de todos os tempos que não tem egual nem similar em esculptura, sendo muito superior em concepção artistica e belleza de detalhes ao lindo pulpito da Igreja de Santa Croce de Florença, trabalho em marmore de Benedetto da Majano, com deliciosos quadros em baixo relevo, que fazem d'elle a obra d'arte mais bella d'Italia (1), e aos que existem no domo de Sienna e no baptisterio de Pisa, devidos ao cinzel de Nicolau d'Apulia ou *Nicola Pisano,* que os decorou de baixos relevos em que tomou por modelo os que ornamentavam os sarcophagos romanos.



COIMBRA—Pulpito da Egreja de Santa Cruz

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Esculpido n'um bloco d'Ançã o pulpito de Santa Cruz tem na parte superior a fórma d'um octogono regular, de que apenas se veem quatro faces e na inferior a de uma misula ou cone, de vertice voltado para baixo e cuja base serve d'apoio ao meio octogno.

Em cada uma das faces abre-se um ediculo, de sobrecéu de concha e d'arcada cintrada que nasce das impostas das pilastras lateraes, formosamente cinzeladas d'estylisações Renascença que graciosamente o emmolduram. Cada ediculo é habitado pela figura poderosa d'um doutor da Igreja, assentado e tendo na cabeça a insignia correspondente á sua dignidade. Dois d'esses doutores levam a mitra, outro o chapeu cardinalicio e outro a thiara pontificia. Todos sustentam um livro nas mãos, á excepção d'um dos mitrados que segura n'ellas um templo.

As figuras dos doutores são d'uma vigorosa expressão e d'um forte realismo, denunciando o naturalismo subtil do artista, o seu conhecimento da fórma humana e da maneira de arranjar as roupagens que amplamente as envolvem e que são tractadas com uma rara perfeição, desde os sebastos que guarnecem as casulas e que ostentam uma deliciosa minucia de lavores até ás largas pregas, bem cinzeladas, e que acompanham e fazem avultar, com uma verdade flagrante, as curvas, ondulações e contornos do corpo.

Estas poderosas figuras, bem como todas as estatuetas que decoram o pulpito, justificam a grande tradição de *imaginario* que anda ligada ao nome de João de Ruão, a quem se attribue com fundamento o lindissimo pulpito.

Na verdade o pulpito proclama bem alto quem seja o seu auctor, dispensando divagações eruditas, pois, sendo os arcos dos ediculos centraes, que avultam na photogravura, sobrepujados, um por um escudo rematado pela cruz de Christo e o outro por um distico que cherubins amparam, divisam-se perfeitamente n'este ultimo, que é encimado pela esphera armilar, as letras I. M. que são positivamente a marca do artista, em lingua latina, sob a fórma breve e carinhosa, por que era conhecido entre os seus discipulos e contemporaneos: *Mestre João.*

Guarnecendo as arestas do semi-octogono ha duas ordens de deliciosas estatuetas representando personagens biblicos, sobrepujadas de rendilhados baldaquinos e que illuminam ricamente o monumento. As que ficam n'um ponto mais

(1) Como o de Santa Cruz de Coimbra, ostenta tambem lindas estatuetas, que representam a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade*, a *Justiça* e a *Força*.

PAISAGEM

Cliché da Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Lemos de Magalhães

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

elevado representam tocantes e piedosas figuras de mulher e as que existem sob estas, cobertas tambem de doceis, representam o Santo Rei David com a harpa, e diversos prophetas, tendo cada um nas mãos rhylaceteras desenrolados.

Estas figurinhas, que por si só constituem um pequeno museu de esculptura, foram modeladas com amoroso enlevo, e cada uma d'ellas tomada á parte resiste a um detalhado exame, podendo emparceirar pela sua fina belleza e pelo encanto enternecido que a ellas nos prende, com essas surprehendentes estatuetas de S. João Baptista e S. Jeronymo, que móram n'um recanto da visinha povoação de S. Silvestre, na capella particular do solar do Dr. Manuel Cabral de Moura Coutinho de Vilhena, o proprietario feliz do sumptuoso *Pantheon dos Silvas*. Os baldaquinos que as protegem são um prodigio de execução, lembrando uma obra d'ourivesaria, um trabalho em filigrana, de fina e delicada cinzeladura, com tal arte o artista trabalhou a pedra excavando-a e fazendo resaltar d'ella galerias com graciosas columnatas e outros lavores que, apezar da finura dos seus detalhes e da fragilidade da pedra d'Ançã, manteem integras todas as suas partes.

João de Ruão caprichou em realisar uma obra rica e variada, eriçada de difficuldades technicas, que deslumbrasse os seus emulos e discipulos, e em que se desenvolvesse o mais livremente o genio da arte da Renascença, introduzindo por toda a parte grande profusão d'ornatos engenhosamente arrendados que alindassem a superficie e linhas do monumento, realçando-lhe a fina belleza e tornando mais opulenta a variedade dos motivos, os graciosos medalhões que tem engastados, as lindas molduragens e finos lavores, detalhados minuciosamente, cheios de imprevisto e de pittoresco e palpitantes todos do grande sentimento pessoal do famoso imaginario.

As peanhas em que poisam as figuras dos doutores são decoradas de delicadissimos quadros em baixo-relevo, em que correm deliciosos grupos de creanças e animaes que revelam a graça e subtileza de João de Roão na representação da infancia, fazendo destacar em poucos centimetros de superficie, sob o influxo magico do seu buril de decorador, fórmas infantis, rechonchudas e frescas, tocadas do mais enternecido encanto.

E, se os examinarmos detidamente, notaremos não a preoccupação do artista em os detalhar até á miniatura, mas o amoroso cuidado de acariciar e animar a pedra, infundindo vida ao arredondado ondulante das figuras por meio de poucos mas seguros golpes, indispensaveis para fazer avultar a fórma.

A parte inferior do pulpito, em fórma de misula, reveste-se duma encantadora decoração em que se multiplicam os motivos caracteristicos do renascimento e que alegram e alindam esta parte do monumento, especialmente os frisos.

Toda ella se anima de graciosas cabeças de cherubins alados estudadas com amor, e de esphinges, de perfil delicado e puro, que prendem o nosso olhar e nos encantam, sendo esta impressão perturbada pelas deploraveis mutilações que algumas teem soffrido, victimas dos mais barbaros attentados e abusos provenientes da ignorancia e selvajaria dos devotos.

A' hydra alada e com a cauda enroscada, que remata esta parte do pulpito, faltam já algumas cabeças e outras apresentam-se de tal modo mutiladas que urge providenciar de fórma a evitar a approximação de quem, em vez de regalar os olhos na contemplação do nosso mais delicado e commovido monumento da Renascença, se entretem a desrespeital-o e a damnifical-o, evidenciando a ausencia de cultura e a fereza de seus instinctos iconoclastas.

Coimbra—Abril de 1907.

Antonio Julio do Valle e Souza

PAISAGEM RUSTICA

Cliché da Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Lemos de Magalhães

UMA simples photographia das mãos duma distinctissima senhora, cujo sentimento artistico se póde comparar com o dos mais eminentes artistas!

Raras vezes temos a satisfação de ver producções desta cathegoria elevarem-se a um tal grau de mestria!

Em posteriores numeros sahirão a publico trechos de grande merecimento, tanto pelo effeito como pelo conjuncto, obtido pela mesma illustre senhora, a quem mais uma vez, agradecemos a preciosa collaboração.

Composto e Impresso na Papelaria e Typographia Academica
Praça da Batalha, 36 -- Porto

ARTE

3.º ANNO — N.º 36

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO — DEZEMBRO DE 1907

Edição especial 60 reis

M.me VIGÉE-LEBRUN COM SUA FILHA — (RETRATO PELA MESMA)

ELICHE E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

COMMISERAÇÃO — Esculptura de Carlos Meirelles

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

AVEIRO — Tumulo da Princeza Santa Joanna

CLICHÈ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUÈS ABREU

M.me VIGÉE-LEBRUN COM SUA FILHA

(RETRATO PELA MESMA)

A NOSSA gravura reproduz um quadro celebre existente no muzeu do Louvre, devido ao pincel d'uma artista notavel, M.me Vigée-Lebrun, que a si propria se retratou com sua filha.

A arte franceza do fim do seculo XVIII está bem synthetisada n'esta obra; Greuse e David mostram, bem claramente, aqui a sua influencia no espirito d'essa illustre pintora que honrou distinctamente a sua patria n'uma epocha de convulsões politicas e de regeneração artistica.

TUMULO DA PRINCESA SANTA JOANNA

(CONVENTO DE JESUS DE AVEIRO)

ENTRE as muitas virtudes que exornavam a formosissima primogénita de D. Affonso V, *o Africano,* a princesa D. Joanna, tantas que a Egreja a inscreveu no catalogo dos seus santos, não era a de somenos valia a elevada cultura do seu espirito e o seu entranhado amor pela arte. Sobrinha e discipula dilecta da Infanta D. Filippa de Lencastre que tão notavel se tornou pelos seus trabalhos de iluminadora, seguiu-lhe os passos e aproveitou-lhe as lições iluminando como ella livros d'horas e de côro. Precocemente roubada aos affectos das suas irmãs dominicas e á admiração dos povos que viam n'ella a immediata successora de seu irmão o Principe Perfeito, foi sepultada sob as lages do então pobre côro do seu querido convento de Jesus de Aveiro. D'essa jazida, demasiado humilde para quem nascendo princesa acabaria rainha se não morresse tão cedo, mandou em 1577, a prioresa do mesmo convento D. Jeronyma de Castro, mudar o seu cadaver para um rico caixão de ebano com guarnições de bronze dourado que mais tarde a duqueza de Caminha, D. Anna Manrique de Lara, fez cobrir com magnificente tapeçaria. Assim se conservaram os preciosos restos da Princesa Santa Joanna até fins do seculo XVII em que expondo o prior do convento de S. Domingos de Aveiro, Fr. Pedro Monteiro, a el-rei D. Pedro II a necessidade de lhes dar sepultura mais condigna e perduravel, este encarregou-o de se entender com o seu architecto João Antunes que delineou e fez executar o tumulo que a gravura reproduz. Levou a obra uns 10 annos a concluir e por ella recebeu o real architecto 4:800$000 reis pagos pelo regio bolsinho.

As cinzas da Santa Princesa foram trasladadas do antigo caixão para o novo tumulo pelo Bispo de Coimbra D. Antonio de Vasconcellos e Souza, em 25 de Outubro de 1711. Foi solemnissimo o acto, o pregador D. Fr. José de Jesus Maria, Bispo de Petara referiu-se então ao grandioso sarcofago por esta forma.

«A sepultura de Christo, he uma sepultura real, & imperial; a corôa, que se vê sobre a sepultura de Santa Joanna, bem nos dá a conhecer, que he real a sua sepultura. A sepultura de Christo era nova, & de pedra, & a côr encarnada, & branca; & a sepultura da Santa Princesa tambem he de pedra, & a côr branca & encarnada. Quem erigiu a sepultura de Christo foi Joseph, aquelle grande barão não só nobre, mas de aspecto regio: *Nobilis aspectu regio;* quem erigiu a sepultura da princesa Santa. Foi o Senhor Rey Dom Pedro II, que Deus tem no Ceu, aquelle grande Rey, & o melhor exemplar de todos os Reys. Emfim, quem trasladou para a sepultura o corpo de Christo, foi um nobre & foi um princepe; & quem traslada para o novo sepulchro as reliquias da princesa Santa são a Magestade de El-Rey Dom João V, que Deus nos guarde, & em seu nome hum Principe Illustrisimo, não só pelas dignidades, com que a Igreja promoveu os seus grandes & incomparaveis merecimentos, mas pelo nobilissimo sangue que perdeu de seus gloriosos antepassados».

Poucos annos depois um outro frade dominico, não bispo como aquelle, mas chronista da sua ordem, fr. Lucas de Santa Catharina, descreveu assim. «E' o tumulo quadrado e alteroso, lavrado de jaspes finissimos com variedade de embutidos primorosos, e em cada remate tem um anjo; sobre o tumulo se vêem as Quinas Portuguezas; e na sua face a corôa de Espinhos, que a Santa escolheu, para gloriosa impreza e teve por estimavel troca. Toda a obra respira magestade e saudosas lembranças».

Não exagerou o chronista monastico, o que rarissimas vezes aconteceu, as excellencias do moimento. Pois este, ainda que pobre de desenho, é riquissimo de execução. Esta é nitidissima, e n'isto está principalmente o seu maior valor, ainda mais que na diversidade dos finissimos marmores n'elle encrustados, e que o tornam o trabalho mais delicado e mais perfeito em mosaico que temos de origem portugueza.

MARQUES GOMES

COMMISERAÇÃO

(ESCULPTURA DE CARLOS MEIRELLES)

Entre as provas, de exame final, apresentadas n'estes ultimos annos pelos alumnos de esculptura da Academia de Bellas-Artes d'esta cidade, algumas já reproduzidas nas anteriores paginas d'esta publicação, temos a salientar o trabalho do snr. Carlos Meirelles, que, com grande aproveitamento, concluiu o seu curso sob a direcção do illustre professor Teixeira Lopes.

O thema, uma rapariguita, movida pela piedade, soccorrendo um cão faminto, simples á primeira vista, contem apreciaveis difficuldades, em virtude das restricções plasticas exclusivas d'uma arte como é a esculptura. O auctor conseguiu concretisar, por uma fórma triumphante, um sentimento vivo de compaixão e de ternura intima.

O conjuncto é d'um lineamento agradabilissimo e intencionalmente decorativo. O modelado mostra um artista de recursos, evidentemente conquistados com ardor n'um, relativamente curto, periodo escolar.

Felicitamos o novel estatuario pela sua brilhantissima estreia.

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

REALISOU-SE, n'este mez, a exposição-bazar a favor do cofre d'esta agremiação, com trabalhos offertados por muitos artistas de Lisboa e Porto, sendo bastante visitada pelo publico que louvou muitas das obras apresentadas; d'estas, bastantes foram adquiridas e de esperar é que o resultado seja absolutamente satisfatorio.

A direcção merece os maiores encomios pelo zelo com que tem correspondido, trabalhando sempre na intenção de sustentar um elemento de força, como é o seu gremio, e de que esta terra tanto carecia desde longa data.

FIM DO 3.º ANNO

Composto e impresso na Typ. Santos
Rua das Flores 62 Porto

FIM DO 3.º ANNO

1907

ARTE

ARCHIVO

DE

OBRAS DE ARTE

DIRECTOR e GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. Lazaro, 310
PORTO

Comp. e imp. na Typ. Universal
54, Travessa de Cedofeita, 56

SUMMARIO DO QUARTO ANNO

N.º 37

ART. — Procissão dos milagres. — Exposição de Bellas-Artes na photographia União. — Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal.

GRAV. — Procissão dos milagres, quadro de José de Brito. — Uma rua do bairro da Sé no Porto. — Travanca: duas vistas do mosteiro e egreja. — Torre militar em Travanca. — Entrada da Torre.

N.º 38

ART. — Caminho da Fonte. — Santa Forma. — Exposição de azulejos. — Exposição d'arte no Atheneu Commercial. — Ensaios sobre a architectura romanica em Portugal.

GRAV. — Caminho da fonte, quadro de Ernesto Condeixa. — Porto — Pateo de Santa Clara. — Santa Forma. — Travanca: Frontaria da egreja conventual. — Claustro. — Entrada principal. — Fragmento da arcaria na entrada principal. — Vista interior de um lance superior do claustro.

N.º 39

ART. — Os borrachos. — Sociedade de Bellas-Artes. — Paisagem alpestre. — Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal.

GRAV. — Os borrachos, quadro de José Malhoa. — Paisagem alpestre. — Balsemão: Vista longitudinal do solar dos Pintos. — Sarcofago do Bispo D. Affonso Pires. — Vista interior, tirada da capella-mór. — Retalhos da ornamentação interior. — Jugo da região de Penafiel. — Jugo — reverso do exemplar de Penafiel.

N.º 40

ART. — Rendição de Breda. — Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal.

GRAV. — Rendição de Breda, quadro de Velasquez. — Planta da egreja de Balsemão. — Dois fragmentos do sarcofago de Egas Moniz, em Paço de Souza. — Vista interior da egreja de Balsemão. — Motivos decorativos da Ermida de Oviedo — Capiteis da egreja de Boelhe. — Duas tabulas sepulchraes em Mertola. — Lapide christã. — Paço do rei Ramiro.

N.º 41

ART. — Madona com o menino e S. João. — Evocando o passado. — Exposição de bronzes. — Conferencias sobre historia da arte nacional — Santo Antonio. — O despontar d'um astro.

GRAV. — Madona com o menino e S. João, baixo relevo de Miguel Angelo. — Evocando o passado. — Margens do rio Agueda. — Busto de ingleza, esculptura de Soares dos Reis. — Retrato de Adelino de Lemos. — Busto de creança, esculptura de Teixeira Lopes. — Santo Antonio, quadro de Murillo.

N.º 42

ART. — Piedade. — Veneza coroada pela gloria. — Excursão da sociedade de Bellas-Artes a Coimbra. — Officinas de reproducções artisticas. — Effeitos de nuvens. — Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal.

GRAV. — Piedade, esculptura de Teixeira Lopes. — Os excursionistas da Sociedade das Bellas-Artes do Porto, no paço episcopal de Coimbra. — Claustro de silencio de Santa Cruz, em Coimbra. — Veneza coroada pela gloria. — Interior do muzeu de S. Lazaro do Porto. — Effeito de nuvens. — No campo.

N.º 43

ART. — Joaquim de Vasconcellos. — Joaquim de Vasconcellos, em Aguas Santas. — O merito galardoado. — Ruinas. — Excursão artistica.

GRAV. — Joaquim de Vasconcellos, em Aguas Santas. — O mesmo e seus netos. — Aspecto da casa da Veia. — D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, sua nora e Joaquim de Vasconcellos. — Os excursionistas na estancia da Torre (Entre os Rios). — Vista geral da egreja de Paços de Souza. — Claustro. — Rio Leça em Milheirós. — Saudade, esculptura de Teixeira Lopes. — Ruinas (serra do Pilar).

N.º 44

ART. — Mistress Siddons. — A ultima da familia. — A primeira a comparecer. — Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal. — Infancia de Jesus. — O convento de Alpendurada.

GRAV. — Mistress Siddons. — A ultima da familia. — A primeira a comparecer, dois quadros de Souza Pinto. — José de Figueiredo. — Infancia de Jesus, lapide de granito no convento de Alpendurada e o claustro do convento. — Uma rua da cerca do mesmo convento.

N.º 45

ART. — Escravo romano succumbindo ao veneno. — Arthur Loureiro. — Guia historico do viajante no Bussaco. — Portugalia. — Manhã em Clamart. — Pateo de Santa Clara. — O que é o gosto. — O ensino da historia de Artes nos lyceus e as excursões escolares.

GRAV. — Escravo romano succumbindo ao veneno, esculptura de Antonio Alves de Souza. — Retrato do autor. — Fragmento do escravo. — Escravo, esculptura do mesmo. — Escravo, esculptura de Rodolfo Pinto do Couto. — Retrato de Ricardo Severo. — Manhã em Clamart, quadro de Carlos Reis. — Pateo de Santa Clara.

N.º 46

A virgem com o filho. — Maternidade. — A virgem e o menino. — Perante o quadro da Virgem (versos). — O velho Castello. — O ensino da historia da arte nos lyceus. — O nosso numero extraordinario do Natal.

GRAV. — A Virgem com o filho. — Maternidade — A Virgem e o menino. — Trecho da aldeia. — Ruinas. — Uma tarde na planicie de Clamart.

N.º 47

ART. — Os irmãos Dario e Mario Villares Barboza. — As Filligranas. — Quadro de Alice Grillo. — Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal.

GRAV. — Interior Bretão. — Costumes portuguezes. — Interior Bretão. — No presepio. — Retrato de A. A. da Rocha Peixoto. — Flores. — Duas plantas architectonicas.

N.º 48

ART. — Tumulo de Juliano Médicis. — Cabeça de estudo. — Aveiro. — Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal. — Trecho de aldeia.

GRAV. — Tumulo de Juliano Médicis. — Cabeça de estudo. — Portico do convento de Jesus em Aveiro. — Interior da egreja do mesmo convento. — Vista interior da egreja em Balsemão. — Capitel. — Cruz de S. Martin de Salas. — Fragmento de lapide. — Pilar d'encontro Balsemão.

ARTE

4.º ANNO — N.º 37

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO, 31 DE JANEIRO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

PROCISSÃO DOS MILAGRES — QUADRO DE JOSÉ DE BRITO

Composto e impresso na Typ. Santos
Rua das Flores, 62—Porto

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU.

PROCISSÃO DOS MILAGRES

A faculdade de encerrar a largueza indeterminada do sentimento e da ideia nos minguados limites da palavra, da pedra, da tela ou d'um punhado de barro; esse poder de insinuar aspectos do infinito e indestructivel na estreiteza das cousas palpaveis e corruptiveis; a transposição do imponderavel para a materia, renovando-a por uma segunda creação, sem que ella perca as energias que são seus attributos na condição natural e espontanea, antes fortalecendo-lh'as, concentrando e por isso acrescentando a intensidade;—essa resurreição de vida animando a poeira esteril, fria e muda, transmudando a inercia em acção e dominio, ha-de definir, nos differentes gráus que alcançar, a grandeza ou mesquinhez do artista, d'aquelle que, consciente ou instinctivamente, tentou infundir nos estranhos a propria commoção, expandindo-a no peito dos que o escutam ou attentam na sua obra.

A vastidão abrangida dirá da sua riqueza, testemunhando até onde penetrou a sensibilidade do auctor; pela vivacidade da impressão que produzir, julgaremos o seu poder de exprimir e communicar; e pela natureza da lembrança que provoca e deixa n'aquelles que lhe experimentarem a influencia, saberemos onde os conduz, se os avilta ou eleva, se os convida á degradação d'um materialismo egoista e grosseiro ou se lhes desvenda reinos abençoados de paz e amor.

Suggere-me estas considerações e justifica-as, a meu vêr, a *Procissão dos Milagres,* do illustre professor sr. José de Brito.

De bem pouco tirou um thesouro. N'esse quadro, ao primeiro relance estreito, que innumeraveis gentes passam cuidadosas e que alto clamor d'ellas se ergueu!

O scenario não é vasto; pelo contrario, fecha-se a pequena distancia de nós em pedaços de paredes escalavradas e n'um retalho cerrado de verduras que o circunscrevem e nos deixam para todo o drama um espaço curto. A multidão não é grande nem violenta; poderiamos contar sem difficuldade quantas pessoas se movem deante de nós, activas, é certo, na devoção religiosa que as reuniu, mas sem a impetuosa agitação de desvairamentos afflictivos; antes na calma caracteristica das fainas cujo exito é seguro. Juntemos a estes parcos elementos alguns emblemas do culto divino e imagens piedosas. E é tudo quanto nos foi dado para accordar visões no nosso espirito.

Pouco a pouco, dilata-se porém o horisonte; ficamos scismando, no enlevo a que nos conduz a fascinação do artista; e ao fim encontramos que nos contou um longo poema. Contou-nos a amargura das vidas de continuo torturadas pela dôr, o pavor da deformidade phisica e o anceio da restituição do enfermo á belleza e á harmonia dos sãos, traduziu-nos os gemidos de consciencias magoadas, chorando culpas e implorando perdão no fervor da penitencia; reanimou-nos com a caridade e esperança que accodem ao desalento e asseguram o resgate da desventura em mundos de luz perpetua; uniu-nos mais intimamente a esta terra que é nosso berço e nossa mãe, lembrando-nos o trajar, os gestos, a physionomia, os usos, a fé, as crenças, as tradições, todo o modo de ser externo e intimo d'aquelles entre os quaes nascemos e vivemos, ensinando-nos d'esta forma a amal-os, recordando-nos o que são e o que lhes devemos, illuminando e glorificando um d'esses «nimbos d'affectos e de ideias», na expressão do poeta, que constituem a atmosphera adequada aos enamorados de pureza e elevação. Gradualmente, a flôr desabrochou pelo calor de quem a respirava, e do calice pequenino soltou-se um perfume intenso que alegrou, inundando-o, um vastissimo ambiente.

Quando se chega a *isto,* quando da confusão d'um punhado de pinceis e da agglomeração desordenada de meia duzia de tintas se tirou o espectaculo d'um drama que nos retempera, desprendendo-nos de cobiças vulgares e erguendo-nos em aspirações de suprema nobreza, é que sobre esses fragmentos heterogeneos, informes, desligados e mortos, passou, — não duvidemos, um alento d'artista. Pelos mysterios de sua energia deu-lhes voz, encanto e capacidade de seduzir e guiar quem de perto ou de longe fôr sujeito ao seu contacto; e, se o induziram ao bem, se deixaram um refrigerio que nos sorri e ao qual sorrimos, como na *Procissão dos Milagres,* é que a graça e a força do impulso creador se fundiram, fecundando-se e resultando n'um só apostolado e beneficio, coroando-se com a corôa de bôas acções — sua consagração e recompensa.

Porque, — não se esqueça, a obra d'arte, sendo activa, tem de ser obra de bondade. D'outro modo, traz comsigo a propria desgraça. E' impossivel louvar na arte a inspiração funesta de qualquer especie, quando em toda a escala da vida a tememos, condemnamos e evitamos.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

PORTO — UMA RUA DO BAIRRO DA SÉ — DESENHO ORIGINAL DE JOÃO MONTEIRO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

NA PHOTOGRAPHIA UNIÃO

UMA exposição d'arte é sempre um acontecimento de perduraveis impressões e por longo tempo relatadas com calor nos centros intellectuaes. A natureza d'esta publicação fórça tambem o cumprimento da nossa missão julgadora, embora no presente caso nos limitemos simplesmente a generalidades sobre aquillo que a nossos olhos se patenteia.

A actual exposição promovida pelo Snr. Pinho Henriques attrahiu, muito justificadamente, o nosso publico cada vez mais sequioso de sensações d'este genero e de cultura esthetica. E' verdadeiramente consolador o interesse que as coisas de arte vão despertando na sociedade portuense. Não resta duvida de que nos socialisamos e nos predispômos para o levantamento do nivel mental. Taes certamens são além d'isso uma magnifica escola de tolerancia desde que nos despreoccupemos d'um vicioso amor-proprio e de certas tendencias exaggeradas de sympathia ou antipathia pessoal. Emquanto a parcialidade se mantiver no espirito do critico, nada se lucra com as pretendidas lições do seu modo de vêr.

Ha no actual certamen, em permissivel promiscuidade, mestres e principiantes; ha aptidões definidas e ha aptidões nascentes, e algumas promettedoras. Umas e outras poderiam ser ponderadas com vagar; esse, porém, não é d'esta vez o nosso fim. Aguardemos uma opportunidade em que mais se saliente o valor de cada um. A nossa apreciação, hoje, não particularisa, porque, para isso, era mister possuir a convicção de que os nossos artistas estão representados na sua plenitude esthetica de maneira a permittir completos juizos e a deduzir-se logicamente o *quantum* da sua capacidade. Leviandade ou imprudencia será ajuizar por tão pouco do effectivo valor de cada qual, e, infelizmente, isso succede por vezes desorientando-se o publico ávido de opiniões authorisadas e levando ao marasmo a iniciativa do artista estudioso e digno de estimulo.

Pena é, pois, que a critica não possa exercer-se neste certamen, pela carencia de obras de extensão ou de verdadeiras obras d'arte, sempre proporcionaes ao merito de cada artista; a discussão seria, no caso viavel, d'um importante interesse para todos — publico e artistas — pela luz derramada nos espiritos; mas discussão sem perversões de sensibilidade nem paixões de qualquer especie, perturbadoras da ordem moral e do fim civilisador.

Para julgar, ainda, em materia d'arte são fundamentaes especiaes conhecimentos e uma certa cultura pouco communs em escriptores que, por simples pericia litteraria, se aventuram a essa missão escabrosa e de serias responsabilidades.

E' banal a affirmação de que a vontade e a perseverança salvam da obscuridade um talento impresentido. A historia está repleta de exemplos neste caso, e, por isso, nos sustentamos num optimismo de esperanças e alheios ao proposito de ferir susceptibilidades ou de desnortear quem fatalmente tem uma estrada a seguir.

Applicou-se á arte o principio de metaphysica intransigente que nos conduz ao abandono de todos os preceitos resultantes da experiencia do passado com o fim de accentuar mais a emoção de cada artista. Nada mais erroneo! Sem tradicções intelligentemente comprehendidas, é absolutamente impossivel ascender nobremente; sem os exemplos fructificadores da historia, bem coordenados e bem impressos no nosso espirito, torna-se irrealisavel o intento da creação e da concretisação de novas fórmas e de novos ideaes.

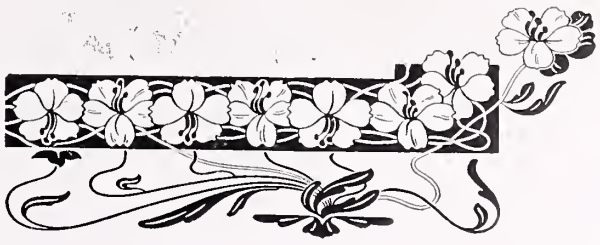
Comprehender a natureza, sempre eloquente á alma do verdadeiro artista, e comparar-se com os outros na sua obra: eis o dever de todo homem digno de renome. Quem nunca viu e nunca se comparou subjeita o seu valor e as suas faculdades a um lamentavel esquecimento pouco digno dos seus dotes privilegiados.

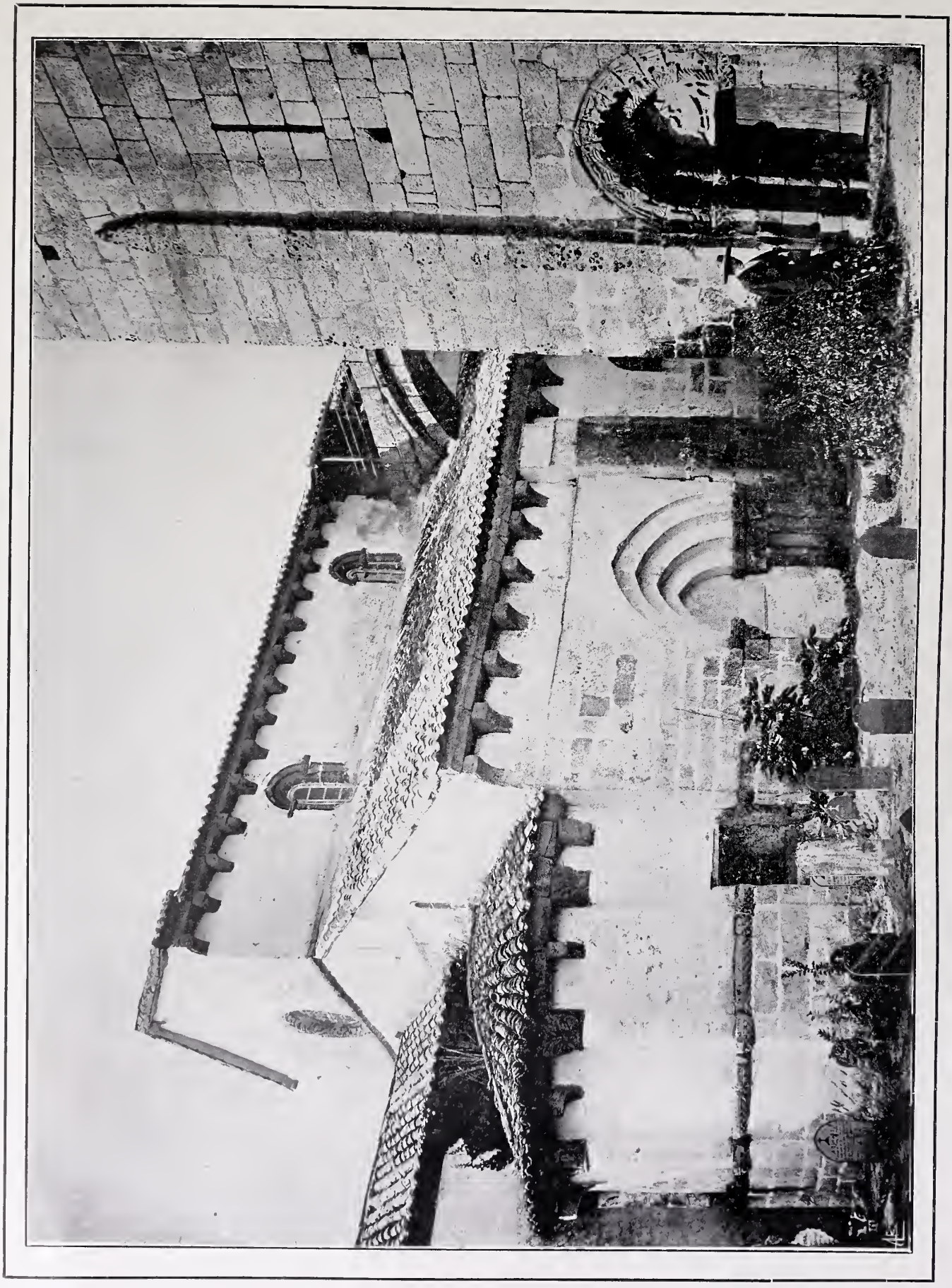
N'esta exposição, por exemplo, confrontam-se os principiantes com os mestres e d'isso lhes resulta, aos primeiros, desde que lhes permitta a consciencia, a comprehensão de que necessitam caminhar muito para chegarem ao termo da sua carreira tão espinhosa e tão difficil, sem tentar servilismos de maneira ou de identidade pessoal.

Com effeito, para que particularisar na actual conjunctura?

Fallar de Souza Pinto, á vista dos seus sempre interessantes trabalhos, aqui onde elle fragmenta a sua importancia como artista de talento, e que um simples acaso motivou a sua presença no salão; fallar de Marques d'Oliveira que, apezar do altissimo merecimento, persiste na mesma phase; fallar de Candido da Cunha de quem cumpre esperar ainda muito; fallar de Carneiro Junior cujas excellentes faculdades ninguem põe em contestação; fallar de Victorino Ribeiro, de Almeida e Silva, de José de Brito, das irmãs Souzas, de Julio Ramos, de Torquato Pinheiro, de Lucilia Aranha, de Huguenin, de Julia Molarinho, de Velloso Salgado, e por ultimo, de Teixeira Lopes, Gonçalves da Silva, Romão Junior, Fernandes de Sá, de Oliveira Ferreira, e d'outros que apenas corresponderam ao convite por mero comprazimento sem obras profundadas e pensadas — é tempo perdido. Cumpre assignalar unicamente o facto pelo que elle póde despertar de futuro na alma de cada um para o explendor da arte portugueza da qual já agora se nos permitte antevêr uma epocha de gloria e de triumpho.

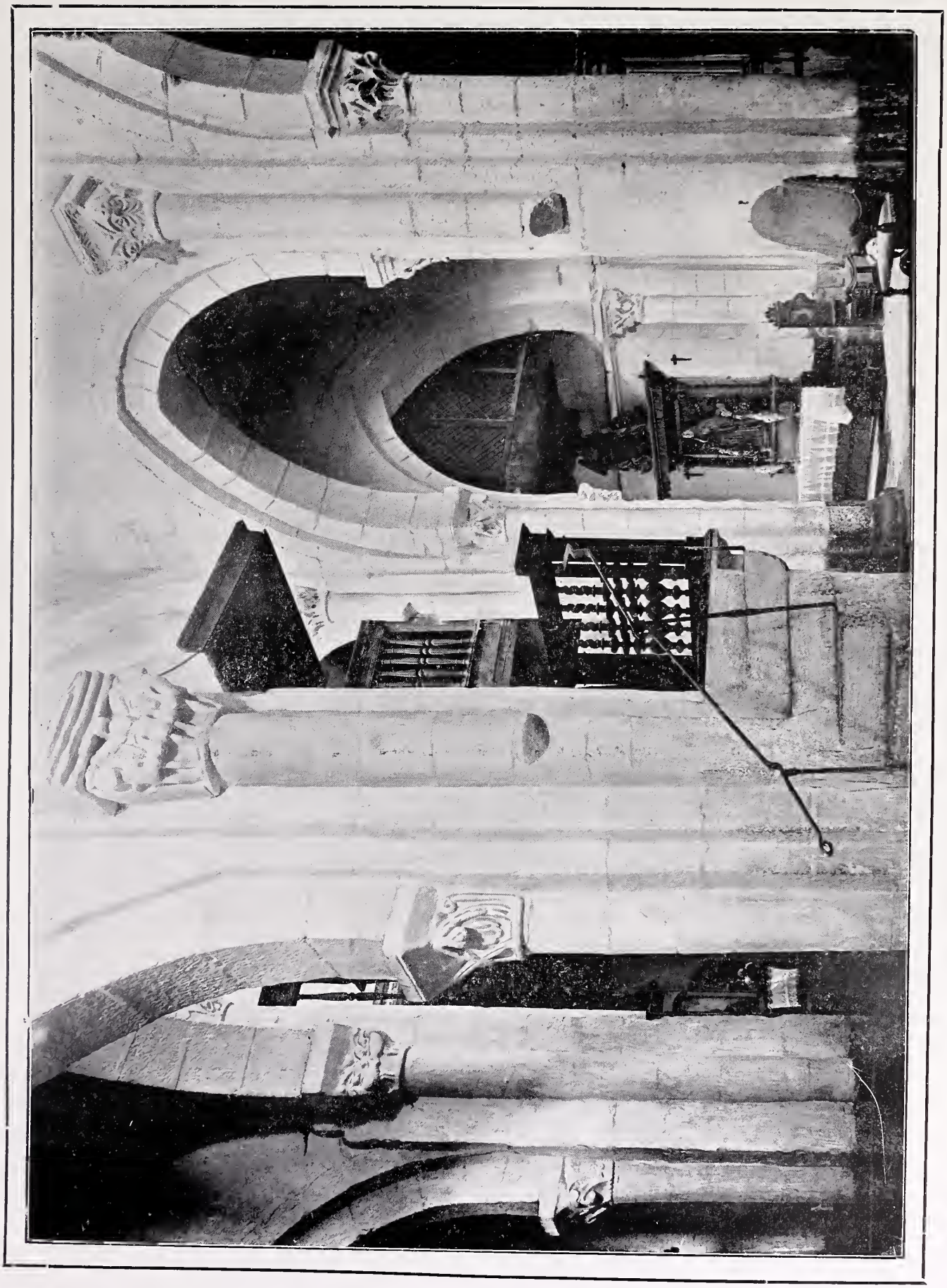
PAULUS.





TRAVANCA—VISTA LONGITUDINAL DO MOSTEIRO (NORTE) E ENTRADA DA TORRE MILITAR, COM UMA DAS CAPELLAS ABSIDAES

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU.



TRAVANCA — VISTA INTERIOR DA EGREJA CONVENTUAL

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

I

MOSTEIRO DE TRAVANCA

(SECULO UNDECIMO)

O mosteiro benedictino que hoje apresentamos em bellas reproducções é uma das muitas novidades que até os mais curiosos investigadores das antiguidades portuguezas desconhecem. Quem recorrer aos textos antigos *(Benedictina lusitana)* encontrará ahi a affirmação de uma mui remota antiguidade. Segundo elles, o mosteiro dedicado ao Divino Salvador (a 14 kilom., de Amarante e a 4 kilom., de Villa Meã ou Cahide, portanto, bem á mão, quasi na linha ferrea duriana, foi fundado no fim do seculo X (cêrca de 970), concorrendo em idade com Paço de Souza, com Cette, com Pombeiro, junto de Vizella, Leça do Balio (1.ª construcção) nos arrabaldes do Porto, Villar de Frades, perto de Barcellos, etc. O agrupamento é nosso, e poderá augmentar consideravelmente, conforme veremos, pois a architectura romanica de Portugal não está estudada, com excepção [1] do pequeno grupo de Coimbra (cidade). Mas, concordando com a affirmação de grande antiguidade, segundo os chronistas, deixaremos, comtudo, em paz as citações mais ou menos authenticas dos antigos e modernos paleographos, que fazem obra quasi exclusivamente pelos cartapacios dos archivos, aliás teriamos de proceder, como no estudo sobre Leça do Balio: declarar quasi inuteis esses papeis, em face do unico documento que faz fé, e vem a ser o corpo, a construcção, as pedras, que temos á vista.

E' de mediocre interesse investigar se foi fundador do cenobio, Dom Garcia Moniz, filho do famoso cavalleiro Dom Moninho Viegas, *o Gasco,* em cuja familia se iniciou e se manteve o padroado do mosteiro. Pertence a esta geração o celebre Egas Moniz, (neto de um irmão do fundador de Travanca), aio do primeiro rei de Portugal, cujos restos descançam em Paço de Souza. Dom Garcia Moniz deixou as obras a seu filho, Dom Gascão, que as concluiu no anno de 1002. Os abbades d'este mosteiro eram Senhores donatarios do logar e exerciam em terras do seu couto as funcções de Capitães-móres. Póde calcular-se, pois, a importancia dos Prelados. Os documentos concordam em affirmar os recursos consideraveis da communidade; e, quando as provas escriptas faltassem, ahi está o monumento, a

TRAVANCA — TORRE MILITAR JUNTO DO MOSTEIRO COM ENTRADA DA TORRE (NASCENTE)

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU.

igreja de trez naves *todas abobadadas*, o que é muito raro na epoca, construidas em grande apparelho e de dimensões consideraveis.

O convento cahiu em ruinas; está sem telhados, inhospito, um torso grandioso do meado do seculo XVII, com remendos do seculo immediato; mas subsiste a torre dos sinos, medievica, alterosa, authentica, apesar das feridas do tempo, perdoaveis. Os restauradores pouparam-na, felizmente.

Estamos ahi, na Torre, e nas naves da igreja em pleno seculo XI, estremecendo ao apalparmos uma reliquia da arte mosarabe, anterior ao primeiro Rei de Portugal! A nossa impressão ao vêl-a, pela primeira vez, (!) ha bons vinte e seis annos, foi que entravamos no primeiro templo romanico do paiz, isto é: no mais antigo, se logo em seguida não visitassemos tambem em 1881 a capella de Balsemão, junto de Lamego (outro monumento inedito!) que depois de medido, desenhado e comparado, na planta e nos detalhes com os monumentos asturianos e leonezes da epoca, nos deixou ainda mais surprehendido, diriamos mesmo: assombrado, pois estava pura e intacta a capella-jazigo dos Pintos!

O templo de Travanca não podia ser desthronado por uma ermida particular; mas ainda n'este caso, não são as dimensões que decidem da preferencia.

O snr. Fuschini esqueceu esta questão fundamental: os *precedentes* dos nossos grandes monumentos romanicos e gothicos, os pequenos modelos provinciaes e os médios (presbyterios e templos conventuaes). Que os estrangeiros, começando por Raczynski e continuado superficialmente pelo architecto snr. A. Haupt, não achassem o methodo de trabalhar sobre o torrão patrio — vá; desculpa-se. Por isso elles (e seus adeptos) entenderam que a Batalha não podia ser obra de mestres portuguezes nem hispanicos — a audacia chegou a este ponto! — Mas, vêr pessoas como o snr. Fuschini, investido em funcções officiaes, como technico, cahir em semelhante labyrinto, cheio de contradicções (V. o grosso volume citado), é caso para fazer scismar as proprias pedras, e os signos salomonicos que na Batalha e algures se vêem... nos frontões.

TRAVANCA — ENTRADA DA TORRE MILITAR COM O «AGNUS DEI» NO TYMPANO

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU.

N'essa qualidade (engenheiro civil) — ou como amador-architecto, ou como ambas as cousas? Os Augures que decidam o caso...

Está o Snr. Fuschini restaurando a seu gosto a Sé de Lisboa, ou antes *reconstruindo-a*. A responsabilidade d'este caso singular pertence ao Ministerio das Obras Publicas (creio) que o collocou lá. O Snr. Fuschini, em parte tem feito serviço bom, bem pensado; em parte, *tout le contraire*.

Não é aqui o logar para uma analyse. Colhemos para esse fim elementos seguros em trez visitas demoradas ás obras, em 1904 e 1905, levando na mão cadernos nossos de apontamentos e desenhos que datam de 1870-1895. O que porém devemos declarar, desde já, é que algumas das affirmações do Snr. Fuschini sobre descobertas feitas por S. Ex.ª na Sé (Vid. a *Illustração Portugueza* de Lisboa, n.º 81 de 22 de Maio de 1905), durante a sua tarefa, são pura phantasia. Estavam á vista em 1870.

Interrompemos aqui esta digressão, aliás obrigada; obrigada, porque em outra occasião (Fevereiro de 1904), escreviamos, a proposito da Batalha, prevendo proximo ensejo de discutir um assumpto de importancia fundamental, a seguinte passagem, cuja intenção é clara:

« Podia um templo como o da *Batalha* ser delineado e construido por artistas exclusivamente nacionaes?

« Ha ou havia precedentes artisticos, monumentos portuguezes, gothicos, anteriores á Batalha, que nos autorizem a affirmar, á falta de documentos insuspeitos, (e não os ha) ser o grande templo producto da inspiração nacional?

« Ha ou havia em Portugal escóla ou escólas de canteiros? as *Bauhütten*, as officinas-escólas da Edade Média europeia, porque a Batalha foi começada, note-se bem, quan-

do o estylo gothico batia em retirada perante a Renascença triumphante, nos paizes que dictavam as leis da Arte e impunham as novidades da phantasia aos discipulos maiores ou menores, tributarios da Italia sempre fecunda?

«A segunda pergunta é, pois, verdadeiramente, a primeira.

«Tenho corrido o meu paiz ha quasi quarenta annos com o lapis na mão — lapis de amador, é certo, mas com os claros olhos e a reflexão paciente de quem aprendeu o methodo de estudar com os mestres da litteratura d'arte, sobretudo com os allemães e francezes. Tenho, como poucos portuguezes, prestado ha mais de trinta annos á Arte hespanhola em todas as suas manifestações a mais seria e leal attenção; tenho tributado o mais sincero e affectuoso estudo ao que escrevem e publicam e traduzem em admiraveis monumentos e não menos admiraveis publicações, os nossos visinhos hespanhoes, a quem devo tambem muita lição proveitosa, a quem admiro no meu gabinete, a quem confesso mais uma vez o mais vivo reconhecimento. Entendi e ainda entendo que devemos estudar juntos a arte peninsular. O meu gabinete não é uma arca de segredos nacionaes; tem portas e janellas e, portanto, algum horisonte. Vi e vejo presentemente como n'um panorama os templos do estylo gothico primario, dispersos pelo paiz; vi e vejo os que marcam em época ainda anterior, o periodo de transição do estylo romanico para o ogival. Pois bem: em qualquer dos cyclos houve boas obras, levantadas por mãos habeis, bem disciplinadas e bem conduzidas. E essas qualidades dos canteiros portuguezes e dos mestres do officio ou da fabrica revelam-se com egual amor e concentrada devoção artistica, tanto nos grandes templos, como nas mais modestas egrejas de desconhecidas freguezias, occultas entre os pinheiraes, onde o gemer da rôla brava ou o grito estridulo do gaio são o unico signal que saúda o antiquario.

«Em qualquer dos periodos encontramos, ora em documentos, ora na pedra — o que vale bem mais — nomes de alveneis, operarios e mestres de obras, tudo misturado fraternamente. São raras as testemunhas, se tivermos em conta o grande numero das edificações; mas lembremo-nos que todos elles trabalhavam sómente para maior honra e gloria de Deus e não para assoalhar vaidades.

ACCENDENDO O FORNO

CLICHÉ DA EX.ma SNR.a D. MARIA DA CONCEIÇÃO LEMOS DE MAGALHÃES — GRAV. DE MARQUES ABREU

(Continúa) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

(1) Vid. Os estudos do Dr. Felipe Simões sobre a architectura romano-byzantina: *Reliquias da arch. r. b. em Portugal* e particularmente na cidade de Coimbra em 1870; e a conferencia feita em Fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra, publicada em 1875, *Da architectura religiosa em Coimbra, durante a Edade média*. O valor da primeira publicação é incontestavel, mas foi muito exaggerado pelos criticos nacionaes, que só sabem divinisar ou vituperar. Fóra de Coimbra, o auctor anda ás apalpadellas, sem nenhuma orientação segura; não conhece o itinerario nacional e ignora até o inventario historico e a chronologia, dentro do estylo que trata; em summa: desconhece em 1870 a obra fundamental de George Edmund Street sobre a architectura gothica em Hespanha, já impressa, em *segunda* edição, em 1869! (London, editor John Murray) e que é egualmente importante para o periodo romanico. A 1.a edição de Street sahira já em 1865. Mas é sina dos archeologos nacionaes, medicos e não medicos, cahirem em dous erros graves: primeiro não comprehenderem que não ha fronteiras entre Portugal e Hespanha, em questões da arte até 1700; segundo, fiarem-se ás cégas nos paleographos, nos amadores da poeira dos archivos, mumificados entre folhas de pergaminho, quasi paralysados, não havendo dado um passo seguro na propria terra, para verem e apalparem innumeros documentos de pedra, que estão á vista. E' certo, e n'isto está a chave do caso, que o exame dos monumentos é um problema complexo, dada a juxtaposição de remendos varios, na maior parte d'elles. A questão paleographica, porém, é um serviço de tabellião, ao menos como elles a entendem, salvo honrosas, mas rarissimas excepções; — é a adoração do *veneravel pergaminho*, segundo a phrase do famulo Dr. Wagner, no Faust de Gœthe.

O snr. Fuschini — no volume *A architectura religiosa na Edade média*. Lisboa, 1904 — n'um bem grosso volume, foi prolixo, para demonstrar que nem mesmo em «*Ensaios de Historia da arte*» se deve improvisar. S. Ex.a não conhece o inventario nacional, nem sequer medianamente e segura-se a cinco amarras, para não se afundar entre quatro coisas conhecidas, que todos sabem (os que leram o *Archivo Pittoresco*). Pelo outro lado dá-nos novidades que assombram, e que ditas por um engenheiro, por um technico, desnorteariam o leitor, se não fosse certo e sabido, ha muito, pelos raros iniciados, que o Engenheiro nacional se revelou architecto intrepido, em todos os estylos, tal como o Conductor de Obras Publicas, seu famulo. O Snr. D. José Pessanha — *A architectura byzantina*. Lisboa, 1904 apenas por incidente (pag. 56 e seg.) toca no problema peninsular, quando este merecia ser o objecto principal da sua dissertação.

(2) Um detalhe deve impressionar logo o leitor attento: é a *ogiva*, das naves interiores, construida dentro do arco em ferradura (mourisco), portanto, ogiva *alteada*. Trace o leitor o seguinte desenho, como contraprova: 1.o um semi-circulo; 2.o tome metade do raio e construa, firmando o compasso nas extremidades do diametro, a ogiva *alteada*, prolongando em seguida o semi-circulo, isto é: fazendo-o descer sobre os capiteis romanicos, que estão á vista na estampa (arco fronteiro ao pulpito de madeira torneada). O triangulo que resulta, traçando as cordas dos arcos da ogiva, é quasi equilatero e dá um aspecto surprehendente de elegancia e força, ao mesmo tempo, a toda a igreja! Eis o segredo de um simples desenho, feito em 1881, nos nossos cadernos de viagem.

ARTE

4.º ANNO — N.º 38

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO, 28 DE FEVEREIRO DE 1903 — Edição em cartão, 120 reis

CAMINHO DA FONTE—QUADRO DE ERNESTO CONDEIXA

Comp. e Imp. Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto.

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

CAMINHO DA FONTE

DAMOS hoje logar a este excellente trabalho do distinctissimo artista Ernesto Condeixa. actualmente um dos professores da Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

Conhecemos, ha annos, aqui no Porto, este illustre pintor, então discipulo do grande paisagista Silva Porto, e mais tarde pensionista do Estado em Paris, onde concluiu com brilho os seus estudos. D'elle temos ainda as melhores recordações! Espirito culto e applicadissimo, Ernesto Condeixa era a bondade personificada avivada por uma real modestia. Prognosticámos-lhe um magnifico successo, e não nos enganámos. Hoje, Ernesto Condeixa é um pintor consideradissimo, d'uma invejavel reputação.

O seu quadro, que gostosamente reprodusimos, é, entre tantos da sua lavra, apesar da singeleza do motivo, d'uma rara comprehensão, pittoresco em extremo, d'um delicadissimo sentimento e d'uma execução poderosa.

SANTA FÓRMA

ESTA notabilissima obra, devida ao pincel do artista portuguez Claudio Coelho, encontra-se em Hespanha, no monumental mosteiro do Escorial.

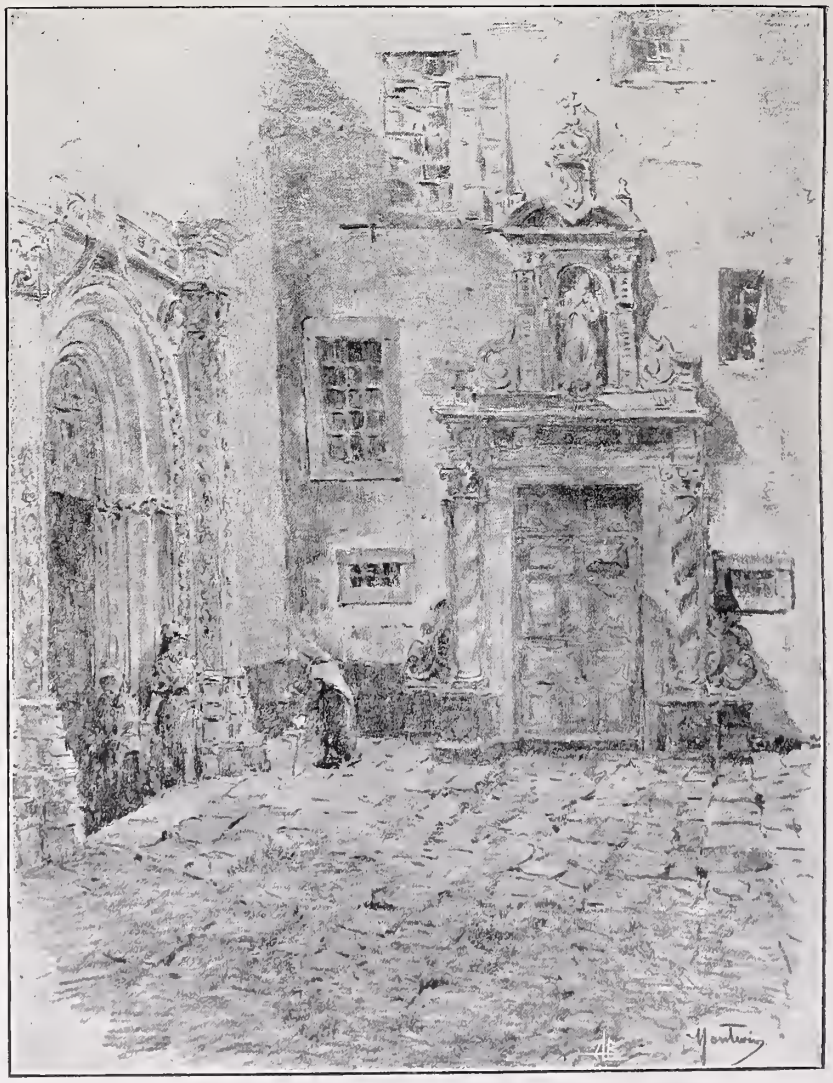
Foi Claudio Coelho discipulo de Francisco Rici, pintor da Camara de Filippe IV, cargo que o nosso eximio artista tambem mais tarde exerceu. Bermudez e Palomino descrevem minuciosamente toda a sua obra, que é importantissima, cumprindo salientar principalmente a tela que hoje reproduzimos, aquella que mais nobilita a memoria do nosso illustre compatriota.

O quadro da *Santa Fórma* tinha sido primeiro confiado aos talentos do seu mestre Rici; a morte porém surprehendeu este nos seus preparativos, sendo então Claudio Coelho incumbido d'essa missão honrosissima. D'este trabalho diz um celebre escriptor francez, J. T. Bourgoing: *Le plus apparent de tous, celui qui fait plus grand effet, est le tableau de l'autel, qui est Claude Coelho, peintre portugais...*

E' vasta a composição e de grande superficie (6,^{m}6 de altura por 3,^{m}3 de largura). Representa a procissão que no Escorial se realisou em 1684 para a collocação da Santa Fórma, milagrosamente salva na cathedral de Gorcamia, na Hollanda, da sacrilega profanação commettida em 1592 pelos zuinglianos; e o momento escolhido pelo artista foi aquelle em que o Preste dá a benção aos circunstantes com a mesma Hostia.

E' uma obra profundamente meditada e de certo modo impeccavel. As figuras são verdadeiros retratos entre os quaes se contam o do celebrante, o do Rei, então Carlos II, o do Duque de Medinaceli e outros membros da côrte de Hespanha. A execução foi morosa, dispendendo tres annos, approximadamente.

A *Santa Fórma* foi reprodusida pelo insigne gravador Francisco Bartolozzi, que por muito tempo residiu em Portugal, e da sua excellente gravura trasladamos o quadro.



PORTO — PATEO DE SANTA CLARA

DESENHO ORIGINAL DO DR. JOÃO MONTEIRO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

EXPOSIÇÃO DE AZULEJOS

Nas salas d'esta prestimosa agremiação acham-se expostos os magnificos azulejos do distincto artista Paulino Gonçalves. Trata-se propriamente d'uma exposição de arte applicada, muito valiosa e digna de attenção.

Paulino Gonçalves é um artista sincero e profundamente modesto; estudou persistentemente os processos da pintura ceramista durante um grande espaço de tempo, sem exhibir francamente provas do seu aturado labor.

Hoje, depois de tantos esforços, surge brilhantemente victorioso numa especialidade de difficil manejo e um tanto rebelde á vontade dum artista inspirado.

Além do effeito decorativo, Paulino Gonçalves ajusta a fórma com um desenho bastante preciso e muito expressivo.

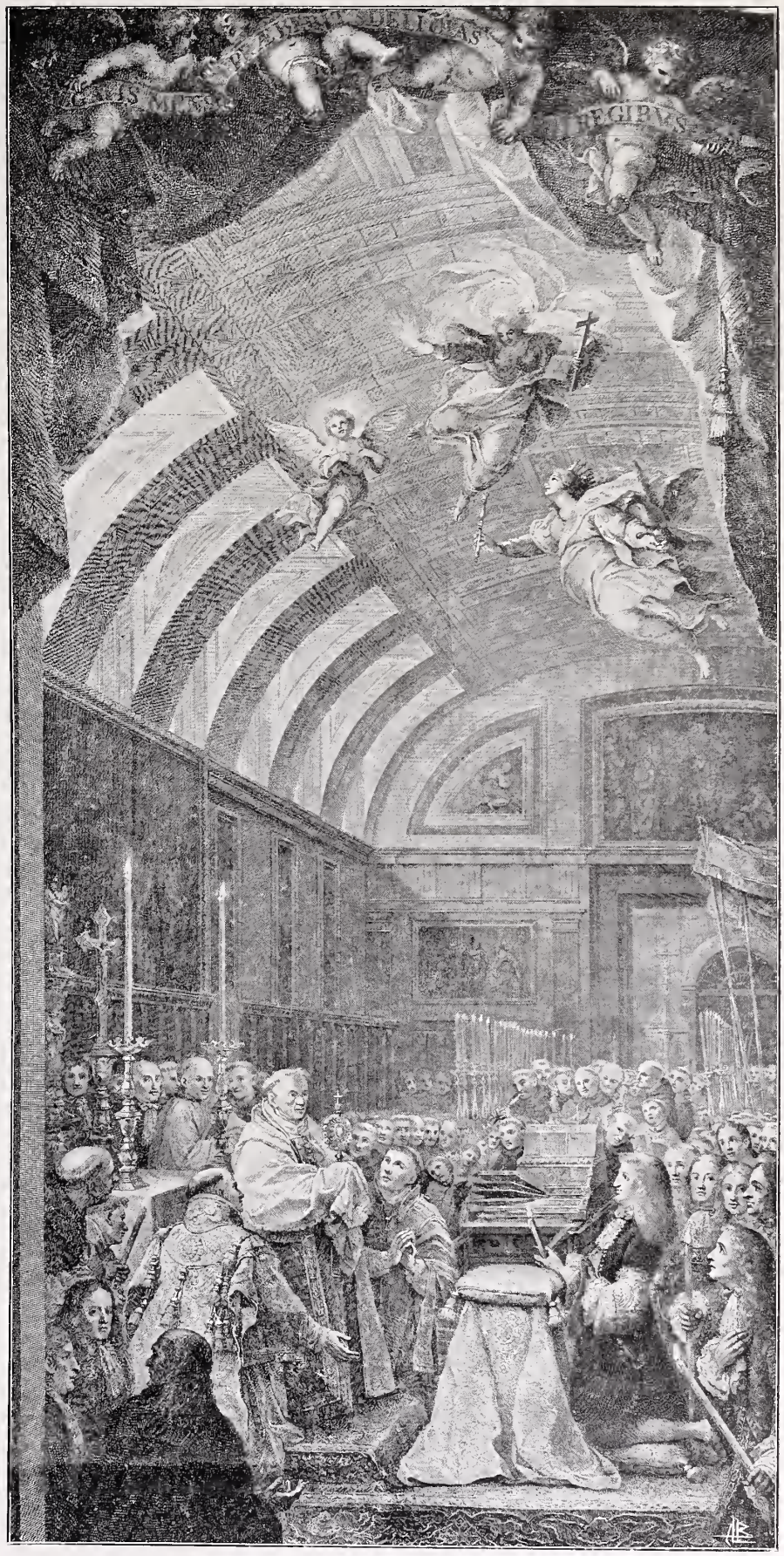
A exposição tem sido concorridissima.

EXPOSIÇÃO D'ARTE

NO ATHENEU COMMERCIAL

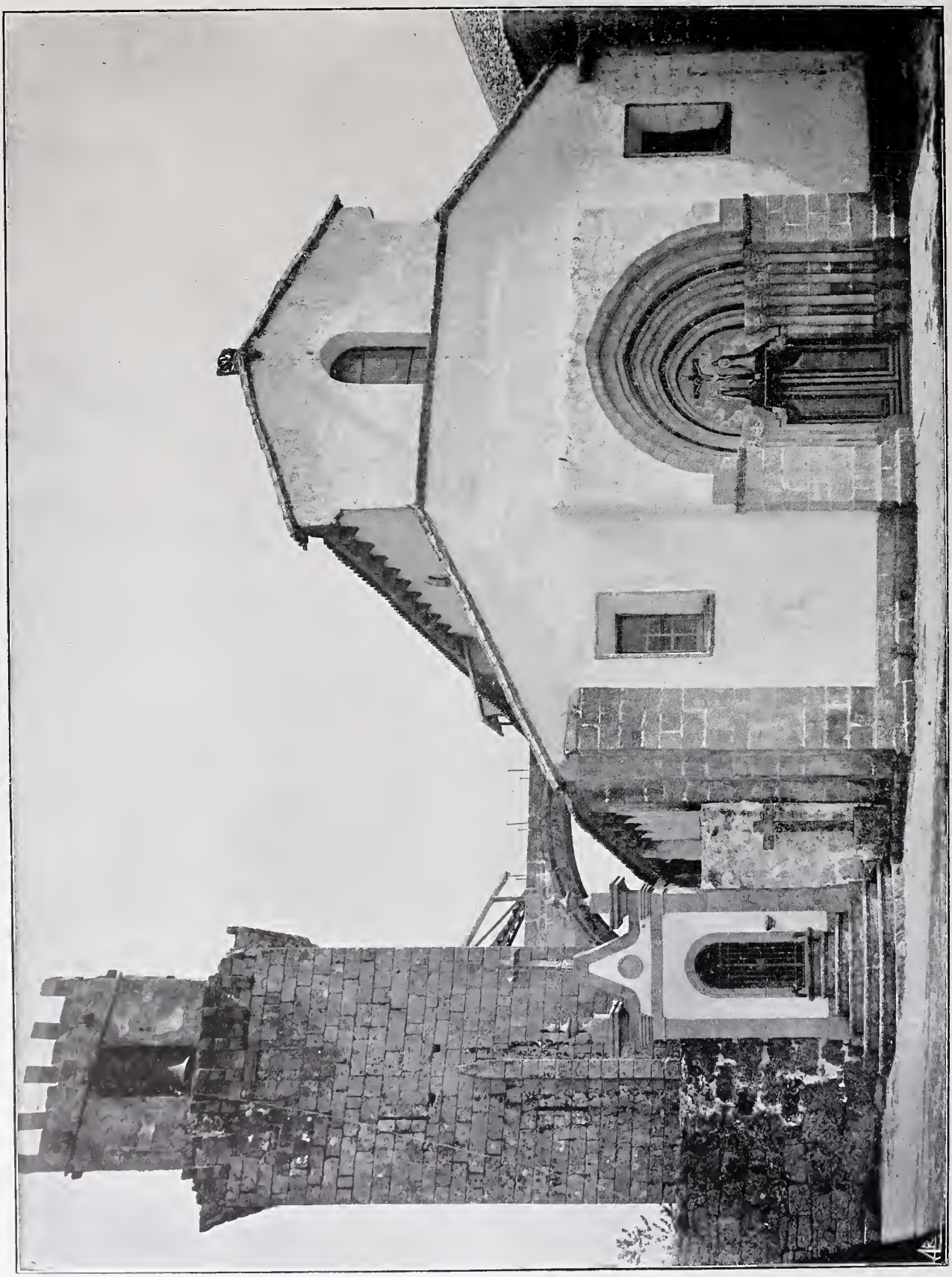
Abriu-se, no corrente mez, a exposição dos trabalhos dos distinctissimos artistas portuenses Antonio José da Costa, Julio Costa, D. Margarida Costa e Romão Junior, no salão nobre do importante edificio do Atheneu Commercial, d'esta cidade.

Antonio José da Costa, artista duma longa experiencia, apresenta telas valiosas, especialisando-se como pintor de flôres, no que tem adquirido uma justa reputação. Os seus trabalhos demonstram um delicado espirito e uma probida-



Santa Fórma — quadro de Claudio Coelho

Simili-gravura de Marques Abreu



TRAVANCA — Frontaria da Egreja conventual — Torre de vigia (atalaia) á esquerda

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

TRAVANCA — Claustro de ordem toscana

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

de pouco commum no modo de realisar as suas creações.

Julio Costa patenteia uma parte da sua obra, já bastante consideravel. E' realmente um distincto retratista, talvez correcto em demasia, mas nem por isso deixa de merecer os maiores louvores, principalmente pela mais essencial das qualidades que é a de fiel interprete da verdade physionomica.

D. Margarida Costa surprehende com os seus quadros, pela sciencia do desenho. E', innegavelmente, uma artista de recursos.

Romão Junior dignifica o seu nome como esculptor de talento, capaz de produzir uma obra de vulto em condições certamente mais desafogadas.

O publico tem correspondido á expectativa dos illustres expositores, honrando assim uma das mais nobres manifestações do espirito.

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

I

MOSTEIRO DE TRAVANCA

(SECULO UNDECIMO)

(Continuação)

«Temos porem hoje obrigação de os tirar da sombra, de os filiar e agrupar. Escriptores pacientes, laboriosos, sabios e de honestas intenções têm desde os tempos do Visconde de Juromenha desenterrado milhares de documentos escriptos, que fallam de artistas e citam nomes sem conta; mas á custa de tanto rebuscarem archivos, esqueceram os paleographos que, além dos velhos pergaminhos, ha sobretudo os proprios monumentos, de que parecem ter receio; ha pedras, symbolos, debuxos que sabem responder a quem os interroga com criterio e essa paixão paciente de que falla um velho proverbio: *amor patiens solus amor est.* Ora, eu não encontro muitos d'esses antiquarios devotos que saibam gastar uma vida laboriosamente, para saldar uma divida de gratidão a essas esphinges de pedra, que resumem os capitulos mais gloriosos da nossa arte nacional e da historia da nação. São productos de combinações de linhas, anteriores a toda a paleographia dos archivos».

Eis a citação de 1904; agora repito uma, duas, e tres vezes, e sempre e a toda a hora: estudemos os cantos da nossa terra, mais rica em Arte do que pensam seus filhos... esquecidos.

Mas não fiquemos moendo e remoendo eternamente, com quatro phrases hyperbolicas, sempre o mesmo claustro dos Jeronymos, a mesma janella capitular do convento de Christo, a mesma portada das Capellas imperfeitas — com os mesmos, velhissimos erros e logares communs, que appareceram no *Panorama* e foram frequentados no *Archivo Pittoresco* e deram ainda para formidaveis empadas na collecção que correu mundo sob o titulo: *Artes e Lettras.*

O que decide não são as *dimensões;* é o valor intrinseco da factura, a originalidade da planta, a significação profundamente nacional dos symbolos artisticos, incomparaveis em Balsemão, porque se podem e devem ligar a toda a arte popular, na sua mais legitima, mais genuina e mais significativa expressão. Porém não antecipemos um juizo, destinado a ser submettido mais tarde ao criterio do leitor, pois Balsemão deve seguir-se a Travanca, com detalhes historicos e technicos, cavados muito mais fundo.

Voltemos ao nosso objecto.

A ordem benedictina entrou na peninsula cerca de 537 e espalhou-se rapidamente no seculo VI e VII. As suas primeiras casas foram, pela ordem chronologica: S. Martinho de Tibães (perto de Braga) — fundação em 562; S. João de Cabanas em 564, a duas leguas de Caminha; Santa Maria de Miranda, junto de Ponte do Lima em 659; S. Miguel de Refoyos em 669; Salvador de Ganfey, termo de Valença em 690; Santo Thyrso de Riba d'Ave em 713 (1.ª fundação); Santa Maria do Carvoeiro, nas visinhanças de Vianna, em 805; emfim, Santa Maria de Pombeiro em 900. Destes oito mosteiros ha vestigios authenticos da epoca da fundação em fragmentos importantes dos edificios;

TRAVANCA — ENTRADA PRINCIPAL

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

TRAVANCA — Fragmento da arcaria na entrada principal

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

mas, ainda assim, apenas na minoria d'elles, procurando o antiquario com cuidado e saber; indagando, não a papellada bolorenta, manuscripta e os chronistas impressos, mas pouco escrupulosos nas pias fraudes de pergaminhos menos authenticos, mas as pedras que estão ainda á vista. E' evidente que não alludimos com o termo *pedra* a inscripções, porque n'essa especialidade os bons frades foram ás vezes tão pouco sinceros como nos cartapacios; as mentiras, que chamaremos *pias frandes,* faziam-se para maior gloria da respectiva Ordem ou do competente Santo padroeiro, ou emfim da invocação local. Cada Santo tinha os seus fieis, cada Santa a sua romaria, cada orago a sua ermida, cada cofre de esmolas a sua receita, cada reliquia, portanto, os seus milagres. Tudo isso é a poesia e a prosa das gerações passadas, que nos podem fazer sorrir hoje ou — fazer chorar, conforme! — porque muitos deploram a fé perdida; outros a fé que se vae perdendo. Somos d'este numero. E como simples antiquario, habituado a escavar ruinas ha bons quarenta annos, por esse reino fóra, tão cheio ainda de thezouros d'arte, não me conformo. Porque, eis a verdade: se francezes e portuguezes roubaram o ouro e a prata, os brocados e as rendas, as pinturas e os esmaltes, não poderam levar as pesadas columnas, os capiteis phantasticos, os frisos rudes, mas eloquentes, as arcas seguras — emfim, os documentos insuspeitos, que não podem ser falsificados. Esses valores imponderaveis, que nenhum ouro, nenhuma prata d'este mundo nos pode restituir, uma vez perdidos, andam pelas freguezias aos tombos, nas mãos dos modernos phariseus. Fazem ramadas com elles, bancos de jardins, quinteiros, pias para porcos, taças onde nadam peixes dourados, vasos para flôres! — Quando são, ao menos cravos e rosas para namorados!.. talvez ainda no purgatorio lhes perdoem.

*

* *

O agrupamento (1) dos edificios romanicos subordina-se a tres centros. Temos o do Minho, onde a Sé de Braga, romanica na sua origem, e inspirando-se de S. Thiago de Compostella, serviu de norma. No Douro serviram de modelo a Sé do Porto, e as egrejas conventuaes que se estendem desde o littoral até Amarante e Lamego. E' este o nucleo mais importante, pois abrange edificios de todas as cathegorias desde as capellas e ermidas mais modestas até aos edificios mais sumptuosos. Existem em grande numero, accumulando-se nos concelhos de Villa do Conde, Maia, Guimarães, Famalicão e Santo Thyrso; Paços de Ferreira e Felgueiras, Louzada, Paredes, e Penafiel, Amarante e Marco de Canavezes.

Descendo á Beira, encontramos terceiro centro typico; é Trancoso, hoje (2); mas foi outr'ora Guarda. Vae até Pinhel e ramifica-se por Covilhã e Belmonte.

De Coimbra já tratei no artigo anterior.

Não pretendo fazer aqui um inventario completo; nem isso tem importancia para a classificação systematica dos edificios, porque as repetições de certos typos são frequentes. N'este caso basta citar o mais saliente de cada familia. Alem d'isso advirto o leitor que estou traçando um Ensaio que poderá vir a ser o guia para as Conferencias livres que vou iniciar, com auctorisação superior, na Escola de Bellas Artes do Porto e que talvez possa transformar successivamente n'um Curso graduado de Historia da Arte nacional (3).

N'esse Curso começarei com a arte e o estylo que a monarchia portugueza e, antes d'ella, os Condes de Portugal encontraram em plena florescencia. (Sec. XI).

Com esse estylo começa tambem a historia da nação.

Não estabeleço as differenças, as variedades que os visinhos hespanhoes — sem duvida os nossos mestres, no referido estylo — caracterisaram com os nomes: *latino-byzantino* (isto é: toledano), *latino-romanico, byzantino-romanico,* e *romanico* (4). Elles são senhores de riquezas ainda prodigiosas n'essa arte e suas variedades, inclusivé de preciosos padrões nas artes industriaes. Nós possuímos apenas um exemplar d'esse estylo architectonico: latino-bizantino. E' a capella da familia dos Pintos em Balsemão, que já citei no primeiro artigo. Tem a invocação de Nossa Senhora da Lage e está situada junto á ribeira de Fafel, a pequena distancia de Lamego. Em compensação salvou-se n'uma industria caseira, na carpinteria de aldeia, nos celebres jugos e cangas dos bois do Minho e Douro uma grande variedade de padrões decorativos, que a nação ainda a mais rica nos invejaria e que são pelo estylo absolutamente, puramente romanicos.

O Jugo, tal como hoje nos apparece, pode ser um antigo frontal de altar (5) ou mesmo a reminiscencia de uma fachada romanica; ou emfim, quando polychromico, a face de um relicario de cobre esmaltado.

Temos encontrado em Hespanha e em Portugal exemplares de relicarios (6) que na fórma, nos ornatos e até na escolha das côres e na sua combinação coincidem com os lavores dos jugueiros, notando-se que os lineamentos dos desenhos apresentam semelhanças flagrantes.

A concordancia dos desenhos leva-nos ainda mais longe. Temos visto jugos que parecem copiados da celebre *pedra formosa* da Citania de Briteiros (7), pedra cujo desenho imita uma figura trapezoidal. Ora o jugo está talhado sempre n'essa fórma geometrica. Serão mero acaso, estas coincidencias? Não o creio, porque a coincidencia está em tudo, na fórma exterior e nos menores detalhes.

Alguns desenhos surgem tão archaicos que podem filiar-se directamente nos modelos latino-byzantinos. Parece que Balsemão foi um archivo para esses desenhadores e entalhadores de jugos, chamados *feitores,* cujas officinas cobrem as villas, aldeias e logares

TRAVANCA — VISTA INTERIOR DE UM LANCE SUPERIOR DO CLAUSTRO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

dos concelhos retro citados. Caminhando de Amarante para o Norte e Oriente, o jugo floreado e polychromico transforma-se em modesta, insignificante canga, sem lavores, sem côr, sem o menor desenho.

Desapparece a preciosa e caracteristica alfaia, e rareiam ou desapparecem tambem as construcções romanicas, ornamentadas.

O mesmo succede avançando para o Sul, além de Ovar.

O facto, ainda não apontado por outrem, parece-nos tão importante que o reduzimos aqui a *tres theses*, que no Curso de historia da arte nacional comparada, acima referido, serão demonstradas em numerosas provas, convincentes:

Primeira These:—A intervenção da arte popular é evidente e importante na decoração dos nossos grandes monumentos historicos, *apesar* e ás vezes contra a intenção do architecto, supplantado pelo mestre d'obras e seus alveneis.

Segunda These:—Prova-se a intima relação do systema decorativo (systema, apesar de toda a sua espontaneidade) das industrias caseiras—n'este caso o do carpinteiro e do entalhador,—com os monumentos maiores e menores da região circumvisinha.

Terceira These:—Demonstra-se a relação d'essa decoração medievica, pelo estylo, com a arte prehistorica do Minho central (Citania e Sabroso).

Nos ultimos tempos (1901 em diante) (expuz a algumas pessoas amigas uma parte d estas ideias, desligadas, em embrião. E' possivel, pois, que appareça algum indiscreto a reclamar prioridades no assumpto, e as queira tratar como cousa sabida... ha muito. N'este caso peço-lhe que se digne assignar as suas reclamações, para nos dar a demonstração das descobertas como o estou fazendo com os documentos e provas (desenhos).

*

* *

A torre militar (atalaia) teve, sem nenhuma duvida mais um corpo, que nascia sobre os modilhões, fazendo estes a função de estribos de uma varanda corrida ou parapeito (*encorbellement*, ou o *saledizo* dos nossos visinhos). Calculando por numerosos modelos leonezes, castelhanos e gallegos, que temos presentes, [8] a torre acabaria com ameias quadradas de ponta pyramidal, feitio mais resistente á acção das chuvas abundantes do littoral.

A varanda ou galeria tinha decerto as aberturas caracteristicas como *barbacã* que era, e que permittiam vigiar e defender a base da atalaia, sem que os defensores fossem vistos e feridos (Vid. Leça do Balio).

Temos motivos para suppôr que essa galeria teria uma repetição em andar superior e em saliencia maior, a calcular pelas proporções da obra, sua altura e largura actual, e ainda pelas medições minuciosas que havemos feito em numerosas torres militares do Reino conventuaes e senhoriaes, partindo sempre da configuração dos terrenos circumvisinhos, que ellas dominam.

Anteriormente á barbacã (*mâchicoulis*) usou-se na peninsula a *matacan* que é o *hourd*, da architectura militar franceza. Como é sabido, houve no reino aldeias e villas inteiras, doadas a cavalleiros francos pelos primeiros reis. A Bretanha, Normandia e a Provença forneceram-nos innumeros modelos litterarios e artisticos, tradições valiosissimas, que inspiraram esses modelos.

(Conclue) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

[1] E' conveniente que o leitor recorra ao n.º 52 da publicação *A Arte e a Natureza*, de onde extrahimos o trecho do Artigo I, porque ao transcrevel-o, cortámos as notas, por falta de espaço.

[2] Isto é referido a 1882 e ainda a 1886. Cercada de cinco egrejas romanicas, que serviam de freguezias, então extinctas em parte, foi Trancoso para mim uma fonte preciosa de estudo. Nos arredores da Guarda encontrámos tres outras egrejas romanicas; mas subindo á Serra da Estrella fomos descobril-as até em Valhelhas!

[3] O programma para a organisação do Curso, graduado em *elementar, complementar* e *comparado* foi entregue na secretaria da Academia Portuense em 11 de Novembro de 1907. Abrange tambem as Artes decorativas nacionaes.

[4] Veja-se: D. José Amader de los Rios *El arte latino-bizantino en España y las Coronas visigodas de Guarrazar*. Ensayo histórico-critico. Madrid, 1861 fol. com numerosos desenhos; a obra correspondente de Mr. de Lasteyrie; Riaño, *The industrial arts in Spain*, London, 1879. Davillier *Recherches sur l'orfèvrerie en Espagne*. Paris, 1879; Borrell *Tratado de Dibujo* em 3 Vol.; Caveda (Don José) *Historia da Architectura em Hespanha*, mas na edição allemã de Franz Kugler. Stuttgart, 1858. Finalmente, os trabalhos especiaes sobre o estylo romanico hespanhol nas celebres publicações allemãs de Junghändel e de Uhde, que completam as investigações da obra *Monumentos architectonicos de España*.

[5] Ha esculpturas em granito polychromicas em pulpitos na região da Serra da Estrella (Valhelhas) que podiam servir perfeitamente para modelos de jugos. Estão em egrejas romanicas.

[6] Collecção antiga de El-Rei D. Luiz, no Paço de Ajuda, Museu da Sociedade Martins Sarmento, Thezouro da Collegiada de N.ª S.ª da Oliveira em Guimarães. Outros figuraram na secção hespanhola da Exposição de Arte Ornamental de Lisboa de 1882. Até na fórma são de desenho trapezoide como os jugos!

[7] E. Cartaillac. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886. A *pedra formosa* encontra-se a pag. 288. Ahi mesmo outros desenhos de antiguidades da Citania, que servem de muito para o estudo dos Jugos pag. 276, 279, 285, 286, 290, 292, 297 etc. Vid. a ceramica prehistorica e as placas de ardosia apontadas por Felipe Simões; emfim, o excellente estudo do Dr. José Fortes. *La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre*. E'tude sur les relations anténistoriques de l'Ibérie avec l'Irlande. Paris 1907. (Extrait de la Rev. préhist.).

[8] Vid. Conde de Cedillo — *Boletin de la Sociedad española de excursiones*. Em todos os volumes (hoje já 16) ha abundantes materiaes. Deve ver-se ainda Adeline, na trad. de Mélida: *Vocabulario de terminos de arte*. Madrid, 1888, vv, *almena, torre*. A obra de Adeline-Mélida não dispensa o exame de outra anterior: *Glorario de algunos antiguos vocablos de arquitectura y de sus artes auxiliares* por D. Eduardo Mariátegui. Madrid, 1876, 8.º gr. O que nós, portuguezes, possuimos é muito pobre ou deficiente: (Lino de Assumpção. *Dicc. dos termos de architectura*. Lisboa s. d. (1895); e antes d'isso o aborto de Assis Rodrigues (Lisboa 1876, á custa do Estado!!!); só por amor de alfarrabista aqui o citamos. Vale muito, mas muito mais a pena recorrer ao *Divertimento erudito* do velho, do bom, do copioso, do benemerito Frei João Pacheco. Lisboa, 1734-1744, que nos favoreceu com quatro preciosos volumes de materia technologica. Dos francezes bastará citar Caumont *Architecture civile et militaire*. Caen, 1870, 3.ª edit; Ch. Normand *L'ami des monuments*. Années 1887—1890; Revue illustrée, Organe du Comité des monuments français. E' publicação de primeira ordem.

Cam. Enlart, *Manuel d'Archeologie Française* Vol. II. Archit. civile et militaire pag. 488 Avignon (anno 1364); pag. 483 Aigues-Mortes (1272-1275) e pag. 513, 516 etc.

ARTE

4.º ANNO — N.º 39

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO, 31 DE MARÇO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

OS BORRACHOS — QUADRO DE JOSÉ MALHÔA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

PRODUZIU este quadro excellente impressão no Salon de 1907. O publico da grande capital franceza acolheu honrosamente esta obra do nosso eminente artista que, entre tantos, se distinguiu d'um modo brilhante.

O que constitue a originalidade d'esta pintura é o complexo de verdade e de estylo. Malhôa é um espirito essencialmente moderno, executando com precisão, não excluindo um certo *entrain* peculiar dos esquissos d'um verdadeiro artista, creados d'um jacto. A composição é bella e os elementos admiravelmente contrastados; as attitudes dos typos, que o vinho prostrou num comico irresistivel, são flagrantissimas. O estudo das physionomias é uma nota que muito especialisa o merito do pintor.

Em resumo: entre muitos e valiosos trabalhos de Malhôa, este deve, inquestionavelmente, merecer, por tantas qualidades reunidas, a justiça d'uma preferencia.

Comp. e Imp. Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto.

PAISAGEM ALPESTRE.—SAAS-FEE. VALAIS. SUISSE

QUADRO DE HENRI E. HUGUENIN

Pertence á galeria do Ex.mo Snr. Dr. João Augusto Marques d'Almeida

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES

AINDA bem que a exposição da Sociedade de Bellas-Artes veio mostrar ao publico portuense que esta collectividade não morreu. Accidentada tem sido, é certo, a sua existencia, mercê de causas varias que o tempo e a boa vontade poderá conjurar.

Tambem nós lá fomos, romeiros em procura de coisas bellas, com os olhos ha tanto sequiosos de se fixarem em alguma obra, que se não resinta de preoccupações mercantilistas, que tanto têm contribuido para amesquinhar o esforço d'aquelles que se alistaram na bemdita cruzada da arte portugueza. Oxalá que este certamen marque o inicio de um renascimento fecundo.

E tudo nos leva a crêr que assim será.

Não quer isto dizer que a exposição se nos afigure impeccavel. Mas não accusemos tambem quem o não merece. A direcção da Sociedade de Bellas-Artes desejaria talvez reunir nas suas salas o maior numero de trabalhos dos melhores artistas portuguezes; mas a verdade é que, tratando-se de uma primeira exposição annual, nem todos aquelles que a ella podiam concorrer se encontravam convenientemente preparados para isso, tendo o certamen de organisar-se, por esse motivo, com certa precipitação, e em parte com exemplares colhidos aqui e álem em collecções particulares.

Isto contribuiu, sem duvida, para tirar á exposição um pouco do seu brilho. Mas, tal como é, ella denuncia um nobre esforço que não podemos deixar de applaudir sinceramente.

Posta de parte, quasi por completo, toda a ideia de uma exploração mercantil, o certamen tinha necessariamente de impôr-se ao observador por uma nota de elevação que no nosso meio não é vulgar. Mas ainda assim, forçoso é reconhecer que houve excessiva tolerancia para com alguns trabalhos que, por forma alguma, deveriam ter sido admittidos. E dizemol-o sem o menor intuito de ferir quem quer que seja.

Posto isto, seria injustiça não accentuar que, a despeito de tudo, o certamen é um dos mais brilhantes que temos visitado ultimamente. Encontram-se alli verdadeiras obras primas.

A religião da belleza recebe uma superior consagração n'aquelle recinto. E' quanto basta para que a direcção da Sociedade de Bellas-Artes deva sentir-se orgulhosa pelo seu triumpho. Mas cumpre-lhe não adormecer á sombra dos louros conquistados. A sua missão é cheia de responsabilidades.

Se puder cumpril-a, enormes beneficios deverão resultar para a arte portugueza, que o mesmo é dizer para o aperfeiçoamento moral e intellectual da nossa raça.

PAISAGEM ALPESTRE
—SAAS-FEE. VALAIS. SUISSE

QUADRO DE HENRI E. HUGUENIN

REPRODUZIMOS um dos melhores quadros do distincto artista Henri Huguenin que se affirma cada vez mais progressivo e incansavel. A tela d'hoje, representando um trecho do seu paiz, em que a natureza differe tão evidentemente da nossa, accusa, como tantas outras da sua lavra, sinceridade e notavel conhecimento da technica do paizagista, e, ao mesmo tempo, um grande sentimento da alma das coisas. O motivo é encantador: uma solidão alpestre onde um eremita viveria feliz, em poetica e mystica contemplação.

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA
ROMANICA EM PORTUGAL

I

MOSTEIRO DE TRAVANCA

(SECULO UNDECIMO)

(Continuação).

Atravez da nomenclatura castelhana, aliás fortemente misturada de termos technicos arabes, nas artes de construcção e industrias decorativas, percebe-se distinctamente a procedencia franceza de dezenas de vocabulos, que temos necessariamente de adoptar. Os documentos portuguezes mais antigos ou são pobrissimos na terminologia, ou obscuros na definição dos vocabulos e nas competentes explicações sobre a applicação technica.

O grande apparelho da torre é muito egual e perfeito; as entradas são as primitivas; os reforços até meia altura (não se podem chamar *gigantes*) são typicos e tornam raro o exemplar; a estampa da pag. 6, combinada com a da pag. 12, dá tres faces da torre; na quarta abriram uma entrada servida por um arco que, partindo da nave central da egreja, communica a parte superior della com a torre, fazendo funcção de arco-botante. Abriram uma grande ferida na parede do templo para mera commodidade do senhor frade sachristão, a quem competia tanger os sinos. Esses sinos não pertencem legitimamente á torre; portanto, é espurio o barrete quadrado com que a mimosearam ahi pelo meado do sec. XVI. O campanario primitivo esteve certamente junto do convento, pegado ao claustro, e teve uma simples *campa;* desappareceu com as profundas e varias construcções do cenobio, alterado, alargado, modernisado, conforme as necessidades de uma assembleia mais numerosa, mais commodista, mais affeiçoada aos regalos da vida n'um valle, que já não era positivamente de lagrimas—no sec. XVII e ainda menos no sec. XVIII.

A entrada da Torre com a dupla arcada reintrante é dos especimens mais archaicos que conheço; o motivo lanceolado dos capiteis sobre pilastras; a ausencia completa de columnas; a fauna muito archaica, em talhe leve, pouco fundo, quasi heraldica no estylo; o motivo das cabeças de animaes, sobrepostas a um desenho, simulando losangos; emfim o *Agnus Dei*, o cordeirinho que sustenta graciosamente a cruz processional, talvez pesada para suas frageis pernas; ellas dobram ao mesmo tempo, fazendo reverencia á cruz do Redemptor, voltada a cabecinha para o sagrado symbolo. Repare-se que as pernas trazeiras estão de pé—; é assim, fina observação psychologica do mestre—canteiro, que o cordeirinho se costuma assentar! Tudo é concorde para affirmar uma mui remota antiguidade.

*

* *

Fixámos para o templo o seculo undecimo só por um criterio provavel, mas fundamentado.

BALSEMÃO—VISTA LONGITUDINAL (E ANGULO DO SOLAR DOS PINTOS)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Para a torre, na sua parte mais archaica, mantemos a mesma data.

E dizemos criterio provavel, porque o primeiro elemento vital, a considerar, n'um edificio d'esses, asylo sagrado, era a ideia da protecção e da defeza. Do anno 1000 em diante a 1300 a classificação é relativamente facil, entre nós; o estylo pouco variou. A dificuldade consiste em classificar o que é anterior, (sec. VIII a X) p. ex. Balsemão. E' o problema que os nossos visinhos tinham a estudar e já resolveram parcialmente, para uma serie de monumentos religiosos; a riqueza e a abundancia de exemplares é sómente o que os embaraça n'uma classificação definitiva.

Elles devem de ser os nossos guias.

Os seus notabilissimos escriptores teem sido os meus conductores ha quarenta annos, mas a prosapia lusitana não quer saber dos visinhos.

«De Hespanha nem bom vento, nem bom casamento» — dizem os nossos, parodiando uma verdade politica. Não percebem que, applicando «el cuento» ás cousas do espirito, aos problemas da sciencia e da arte, provam apenas que vivem voluntariosamente dentro de uma muralha da China e em peor condição do que a do proprio D. Quixote, correndo as tabernas da Mancha.

Nós não temos, como elles, a desculpa de vivermos no meio de uma riqueza que confunde, affronta e assombra o estudioso. Repetimos:

Balsemão é uma excepção.

Mas deveremos recuar Balsemão em antiguidade até á data correspondente ao estylo *latino-byzantino* da egreja? Não me parece isso plausivel. Creio que se imitou por retrocesso (mal póde dizer-se por atavismo) no sec. X uma feição archaica de seculos anteriores (VIII e IX).

Voltemos ao mosteiro de Travanca e entremos na egreja.

. . . . . .

. . . . . .

(Continúa).

Attendendo ás dimensões do terceiro artigo sobre Travanca, temos de reservar a conclusão do estudo

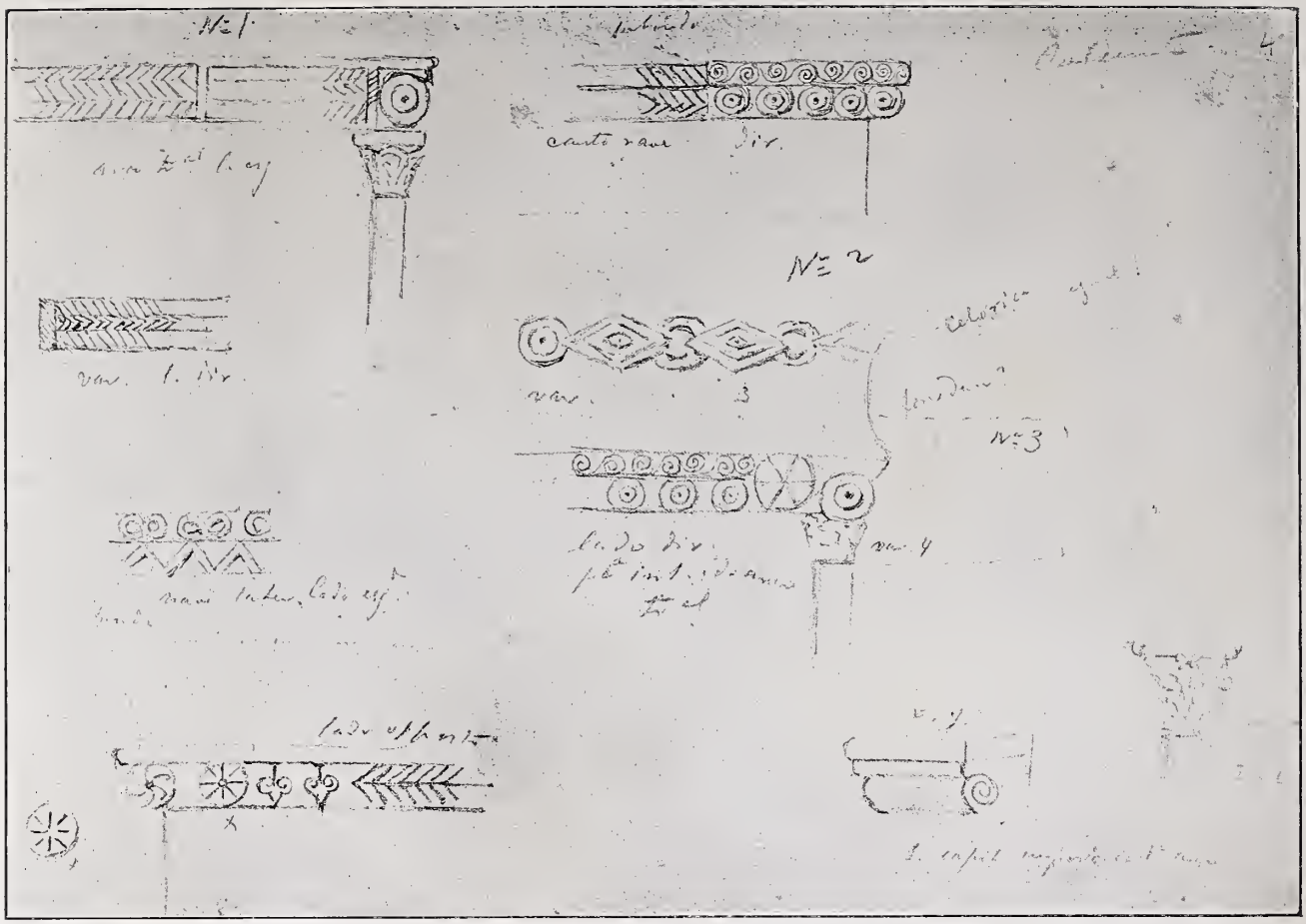
BALSEMÃO — SARCOPHAGO DE GRANITO DO BISPO D. AFFONSO PIRES

MEADO DO SEC. XIV

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

BALSEMÃO — Vista interior, tirada da Capella-mór

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU



BALSEMÃO — RETALHOS DA ORNAMENTAÇÃO INTERIOR

DESENHO DE J. DE V. (1881)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

para outro numero da *Arte* (1). Passamos para o Monumento n.º 2 do nosso Ensaio sobre a Architectura romanica em Portugal, que é

II

EGREJA DE BALSEMÃO

A) O CAMINHO. — A PAISAGEM

Uma jornada a esta pequena egreja é hoje tão trabalhosa, como o fôra em 1881, quando pela primeira vez a visitei. Seguindo de Lamego pela margem direita do caudaloso rio, que dá o nome ao templo e ao logarejo onde elle domina, chega-se após hora e meia por um caminho de cabras ao logar, escondido no meio da penedia, como que envergonhado da sua pobreza, que é grande, na verdade.

Caminho de cabras lhe chamei e pouco importa que n'elle andem bois, que o percorram carros; pois esses vehiculos são do pequeno modelo duriense, com animaes de pontas curtas. O boisinho, o nosso incomparavel boisinho, sereno, soffredor, paciente, faz o milagre, torcendo-se e retorcendo-se offegante, por sitios onde mal cabem duas pessoas de frente.

Chamo a especial attenção da *Sociedade protectora de animaes* para aquelle martyrio que se renova invariavelmente todos os annos. 3

Agora, em fins de Fevereiro, após as chuvas torrenciaes do inverno, d'este inverno frigidissimo, inclemente, de 1907-1908 — um nevão estupendo que durou trinta minutos, ás 5 horas da tarde do dia 1 de Março, cobria Lamego com um deslumbrante lençol de neve — agora, especialmente, o caminho para Balsemão é uma simples vereda sómente; *foi* calçado com calhaus de silex e quartzo, oblongos, enterrados em fieiras irregulares e contrapostas, que desenham um curioso zig-zag, em pequenos degraus d'escada, assim expressamente construido para offerecer maior resistencia ás aguas pluviaes, transformadas em torrentes perigosas, e evitar o total desnudamento das terras do caminho.

Por ahi puxa o animal aos saltos, aos tombos, uma pipa que não pezará menos de 500 a 600 kilos, o peso do carro e o seu proprio corpo.

Vejam isso, apalpem bem o terreno, indo a pé, como eu fiz, e o meu dedicado companheiro de viagem, snr. Marques de Abreu, e digam se exagero, ao chamar-lhe *caminho de cabras* e ao animal que por lá súa e soffre, sem um queixume: o nosso *santo boisinho*.

A paisagem merece um exame demorado e attento. De um lado montes a pique, os socalcos gigantescos que dão ás serras interminaveis do Douro o aspecto de fortalezas improvisadas, de *castros prehistoricos!*. Do outro, um precipicio em cujo fundo o rio Balsemão corre apressado, envolto em ondas côr de esmeralda, orladas de neve. Um passo em falso seria a morte, por um precipicio de 300 metros de altura, mórmente nos sitios em que, o romeiro, largando o caminho de bois, ou de cabras entra em veredas apertadissimas, forradas de uma lama viscosa, composta de margas cinzentas e barros vermelhos, salpicada de grossas lascas de schisto, quasi pulverisadas; — um passo em falso e o viajante só terá talvez um salvaterio, agarrando-se, na queda, ás sarças de salgueiro ou ás fileiras de castanheiros bravos, que povoam as quebradas, defendendo aprumadas, solemnes,

(1) Já está na redacção tanto o ms. do quarto artigo sobre Travanca, como o do segundo sobre Balsemão. (Not. da Red.).

quasi ameaçadoras, o accesso aos apertados lameiros que, uberrimos, acompanham a torrente n'uma cinta avelludada, sempre verde; mas que verde! — de um esmalte que não é certamente mais bello na viridente Erin.

Por muito tempo, por longo tempo, talvez durante meia hora, voltando o viandante as costas, de quando em quando, avista-se o Castello de Lamego, e o bairro alto circumvisinho, em todos os aspectos possiveis e imaginaveis, virando-lhe a torre de menagem as suas faces e esquinas em quadros sempre novos, como quem diz: — *ainda cá estou!* Posição estrategica admiravelmente escolhida sobre a casaria escalonada em terraços, da freguezia de Nossa Senhora do Desterro, é o burgo acastellado uma composição bella, como as mais bellas de Rheno.

O valle do rio Balsemão até ás quedas d'agua do Varosa, onde a nova empreza electrica da Regoa e Lamego construe agora a sua estação central, no meio de um scenario que recorda os *Cântaros* da Serra da Estrella, daria para uma galeria de quadros. A companhia illuminará as duas cidades e ligá-las-ha por um caminho de ferro electrico. Então me dirá o leitor, correndo por alli mais descançado, se exagero: se o Rheno e seus affluentes, que visitei frequentes vezes, poderão offerecer superior belleza?

O maravilhoso scenario começa logo á sahida da cidade, ao atravessar a ponte sobre o Balsemão. A cavalleiro fica a capella de Nossa Senhora do Desterro, com obra de talha riquissima, do meado do seculo XVII (a frontaria é anterior, de 1610); e logo em seguida dispersas pela encosta meridional novas capellinhas, ermidas, cruzeiros e alpendres, varandas enramadas e eiras cheias de sol, abrindo manchas brancas e verdes, vermelhas e azuladas; a ardósia alternando com a telha rustica, o schisto amarellado com o granito musgoso, o alvo quartzo em contraste com o basalto — uma singular mistura de materiaes geologicos, amontoados n'um tumulto pittoresco, sem sombra de alinhamento, inclinadas as casas aldeãs em todas as direcções, fazendo mesuras umas ás outras, como se estivessem dançando. O aspecto architectonico lembrou-me as aldeias do Alto-Aragão, Jaca e outras, aos pés dos Pyrineus hespanhoes, taboleiro *azul-gris,* irregular, de ardosia e granito que contemplei em 1875. Esse formigueiro de casas velhissimas repete em innumeras variantes um typo regional, no meio de laranjaes que são um encanto. Convém estudá-lo, por ser muito antigo, a despedir-se de nós.

No verão moureja o povoado sob um sol abrazador, que não deve ser mais clemente do que a neve gelada do inverno; mas os pomares, salpicados de pomos de oiro, que fulguram rubros por entre a folhagem escura, sorriem até no meio da neve, que as aves nem em Fevereiro tomam a sério.

Cantavam ellas no Passeio Publico de Lamego, no dia 1 de Março, recolhendo-se ás 5 e meia da tarde, no meio do grande nevão! Entenderão ellas que o sol é grande madrugador e triumphador do frio da nossa terra? Esses laranjaes de Lamego, na freguezia da Senhora do Desterro, entremeados de cyprestes, que acompanham capellas tão lindas, evocam a paisagem do planalto italiano dos Apeninos, recordam um pequeno paraiso. Devem ter sido o refugio do Deus Pan, no tempo de Ulysses, fundador de Lisboa. Esses laranjaes tornam ainda mais encantadores os perfis architectonicos, já de si distinctos, no meio da pobreza apparente dos inquilinos. Uma das ermidas tem a poetica invocação: *Nossa Senhora dos Meninos,* i. e. dos recemnascidos. Que nome, que sentimentalismo tão nacional?

Desenhou-as um mestre de obras sem duvida ajuizado, em proporções tão harmonicas, em concordancia tal com a paisagem, que não ha perspectivas mais surprehendentes, com menores recursos; poz as obras em realce, com tanta graça de alpendres umbrosos e campanarios esbeltos, que não sei senão admira-los e recommenda-los como modelos. Creou esse bom mestre, como dissemos, um typo local distincto, no meio de uma verdura, que é o mais encantador de todos os caixilhos. A capella de Balsemão, só pela sua situação e raro perfil é um adoravel idyllio, a que não faltará no verão a frauta do pastor Nemoroso e o canto de seus primos e saudosos companheiros Aleixo, zagal, Juan Pastor, Antonio Toribio e Pelaio.

Mas porque ansi me accordé
De aquel dia i aquel cantar,
Quiero lo ora aqui cantar,
I el tiempo me passaré;
Dias ha que no canté:
Con el corazon no puédo.
Antonces cantára ledo,
Ora, como cantaré?

(Sá de Miranda, *Ecloga,* I).

*

* *

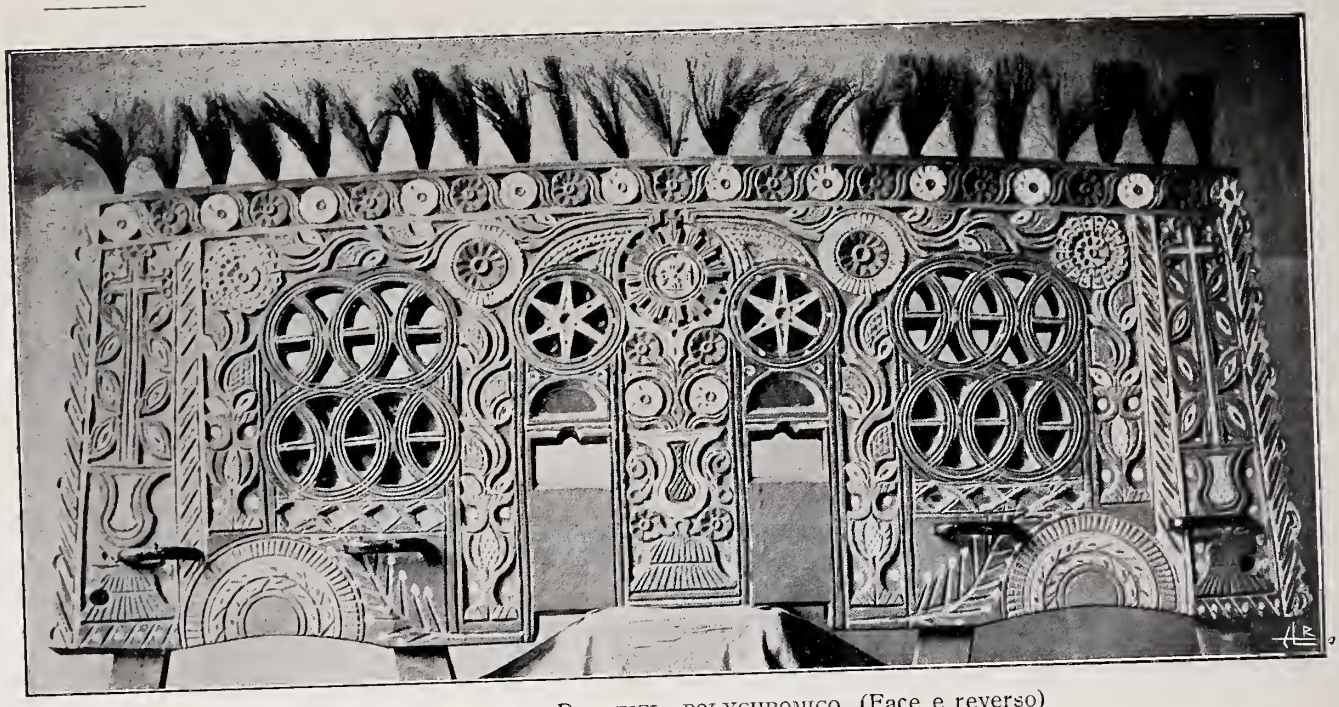
E poderei eu dizer aqui fielmente o que senti, ao pizar novamente aquelle solo, ao traspor os umbraes da capella após 27 annos? Uns olhos côr de pervenca, meigo o rosto, uma pobre, ingenua rapariguinha de doze annos, carregando enorme molho de herva lustrosa, foi, na volta, o nosso guia. Caminhando, pés nús, airosa e lesta, com a sua franzina figura movida n'uma suave, segura cadencia, por trilhos, onde nós marchavamos a custo, pensando no grave risco da ascensão, ella não parava nunca, mal coberta com uma chita velha, mas limpa, contra o frio e a nevoa humida que ascendia do vale. Em resposta a uma pergunta: «Quanto ganhas?» disse: «um tostão, nas obras novas do Varosa — a sêcco — e é dar graças a Deus! — canalha (i. é crianças) como nós, meu senhor, nunca ganha mais» — «Não tens medo de cahir» — «Medo? Ando assim todos os dias». E lá ficou, no meio do monte, caminhando para Sande, jubilosa, com trinta reis, envolvida no crepusculo, sem nenhum medo aos lobos roazes de varia especie, sob a guarda de Nossa Senhora.

Deixando a Rosinha Delovina — este era o seu nome — fomos subindo, subindo sempre, suando apesar do frio, escalando a aspera encosta fronteira á Capella. Não aconselho a ninguem semelhante empreza na estação de Março, depois das chuvas e neves de Fevereiro. em terreno alagadico, mal seguro. Antes houvessemos regressado pela mesma *via das cabras,* da margem direita:

Buelve acá pastor cansado,
Buelve! a que peligro vás?
Corres tan desatinado!
Sabe que te perderás.

Esse regresso, com o assalto ao severo monte de 300 metros de altura, foi caso mui sério; não me sairá mais da lembrança. Não querendo voltar pelo mesmo caminho, como fiz em 1881, transpuz agora o rio Balsemão n'uma ponte typica, original — conhecemol-as assim nos Pyreneus da Hespanha. — Nem ponte deve chamar-se; formada por dous troncos roliços, atados nas extremidades com fortes baraços de salgueiro e presos á rocha marginal com grossas cadeias de ferro, podem retirar-se para a encosta quando ha enchentes, e — fica cortada a retirada ao inimigo. Comprehende-se o risco de um banho na corrente gelada e impetuosa do Balsemão; nem elle, nem o Varosa, onde morre, terminando ambos no Douro — são para graças. Custou a subida do monte mais de huma hora (durou mais do que todo o percurso, na ida) em lances arriscados, pois não ha por alli nem sombra de caminho, nem vereda regular; ha sómente a obra das — chuvas, do acaso, calculada para uma gymnastica campestre, propria de zagaes e pastores de musculos de aço, ou para Rosinhas que andam de pés nús e vão guiadas pela Virgem. Não é para gente, calçada á moda da cidade. Fomos vencendo, eu e o sr. Marques d'Abreu, a memoravel empreza em varias posições mais ou menos pittorescas, com os pés e as mãos, ora erguidos, ora resvalando, sentados; e algumas vezes até — de gatinhas.

Só respiramos, dando graças a Deus, ao chegarmos exhaustos de forças á estrada Real da Regoa a Lamego, pois foi só a perspectiva e a lembrança d'essa excellente via, seguida pela diligencia, que nos seduziu a escalar o monte fronteiro á egreja. A's sete



JUGO DA REGIÃO DE PENAFIEL, POLYCHROMICO. (Face e reverso)

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

e um quarto da noite entrávamos em Lamego, de onde haviamos partido ás 10 e meia da manhã.

. . . . . .

Assim tive de Balsemão duas visões, a do verão ardente, em Setembro, e a do inverno nevado, em Março. No verão, o trajecto a cavallo é preferivel; ha o pó e o calor, mas a cavalgadura pode firmar o passo, em terreno sêcco; no inverno, em veredas ensopadas, e sobre terra lamacenta que prende os pés dos cavallos nas innumeras cóvas de uma via radicalmente arruinada pelas torrentes impetuosas, o trajecto a pé é mais rapido e muito menos perigoso [1].

[1] O artigo seguinte comprehende B) *O Monumento*. Começa pela analyse da *Planta* da egreja, desenho inedito e rigoroso, com todas as medições. Contém novas estampas e detalhes, e bem assim a comparação com os monumentos asturianos da provincia de Oviedo (SEC. IX-XI) e com as egrejas gallegas e leonezas.

A Balsemão seguir-se-ha a egreja vetusta de Boelhe, *inedita*, como as precedentes.

(Continúa) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

JUGO — REVERSO DO EXEMPLAR DE PENAFIEL

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

ARTE

4.º ANNO

N.º 40

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO 310—PORTO

PORTO, 30 DE ABRIL DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

RENDIÇÃO DE BREDA—QUADRO DE VELASQUEZ, NO MUZEU DO PRADO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

É ESTA a tela capital de Velasquez, mais conhecida em Hespanha pelo titulo de «*Quadro das Lanças*». N'ella é tudo admiravel: conjuncto soberbo, detalhes prodigiosos d'arte e de realidade!

É, finalmente, uma obra em que o genial pintor mostrou ter comprehendido a verdadeira grandeza!

Comp. e Imp. Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto.

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

II

EGREJA DE BALSEMÃO

B) O MONUMENTO

Primeiro que tudo eis a planta da pequena egreja. Dou-a sem pretensões a rigor iconographico. Todavia, garanto a exactidão de todas as medições e de todos os desenhos da parte decorativa.

A egreja está orientada (Nascente a Poente). Não tem hoje entrada principal, que desappareceu, infelizmente, em qualquer das reconstrucções do solar que a envolve e que deve ser talvez do meado do seculo XVIII, porque me repugna crer que o reedificador de 1643, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, conservando escrupulosamente a feição interna do templo, fosse destruir um elemento capital e tão saliente de qualquer construcção religiosa, como é sempre a entrada principal de uma egreja.

Conservou elle duas entradas lateraes, Norte e Sul, fronteiras uma á outra. N'um recanto ao lado da entrada Sul, brasonada, que hoje substitue a principal, lê-se a seguinte inscripção, em bellos caracteres da Renascença. Desdobro algumas abreviaturas:

> LVIZ. PINTO. DE. SOVZA. COVT.º
> FIDALGO. DA. CASA. DE. S. MGDE.
> MORGADO. DE. BALSAMÃO. E. SVA
> MOLHER. DONA. C.ª DE. CARVA
> LHO. REDEFICARÃO. ESTA. IGR.ª
> POR. S. DEVASÃO. ERA. DE. 1643.

E' claro que este termo *era* não tem a significação usual da era de Cesar: está simplesmente por era de Christo. Sobre a tal entrada Sul, brasonada, a que se ascende por uma larga escadaria, está um escudo moderno esquartelado, com o seguinte desenho: 1.º quartel cinco luas em aspa dos Pintos; 2.º cinco estrellas em aspa dos Coutinhos; 3.º uma quaderna de luas dos Carvalhos; 4.º as cinco estrellas em aspa dos Fonsecas. A' direita d'este escudo, o brazão antigo, da familia do Bispo Affonso Pires, á esquerda o mesmo brazão mais simples, só bi-partido (1).

Um simples, mas elegante campanario do seculo XVII serve de remate e corôa a porta da entrada. A existencia da escadaria, larga e bem lançada, que realça sobremodo a posição da egreja, e a collocação do campanario supradito significam claramente que esta entrada é devida ao morgado, reedificador de 1643. O escudo de D. Catharina de Carvalho, sua mulher, lá apparece no 3.º quartel do brazão central.

Por ora, ainda não sahi do seculo XVII. Vejamos, porém, o que os differentes possuidores do raro monumento fizeram antes.

Nos livros impressos e nos documentos manuscriptos leem-se coisas singulares a respeito da capella. Uns dão-n'a como o primeiro assento da cidade de Lamego; e visto que o primeiro Bispo, Sardinario de nome, governou pelos annos de 572, da era de Christo, recuamos a uma mui remota antiguidade. As inscripções romanas que ornam a frontaria não se referem á capella, mas denotam as grandes e antiquissimas tradições do logar e o zelo esclarecido de Luiz Pinto que, reformando a capella, respeitou as reliquias que já alli estariam, herdadas de qualquer construcção anterior á actual.

Qual seria ella? O fidalgo attendeu, sem duvida, com raro criterio ao que era essencial, na reliquia do seu solar. Pouco, muito pouco ha alli do seculo XVII, a não ser o aspecto exterior, severo e simples, mas não desairoso, da entrada actual. As inscripções romanas despertam a attenção, e se não fossem ellas, o viajante passaria talvez indifferente pelo edificio Na disposição interior quasi não tocou. Bem haja por isso.

Merecerá sempre o illustre ascendente do Visconde de Balsemão o mais rasgado louvor! Uma intenção evidente de respeitar a arte, a physiognomia do passado, é manifesta; porque seria irrisorio suppôr que a fortuna de um morgado no meado do seculo XVII não

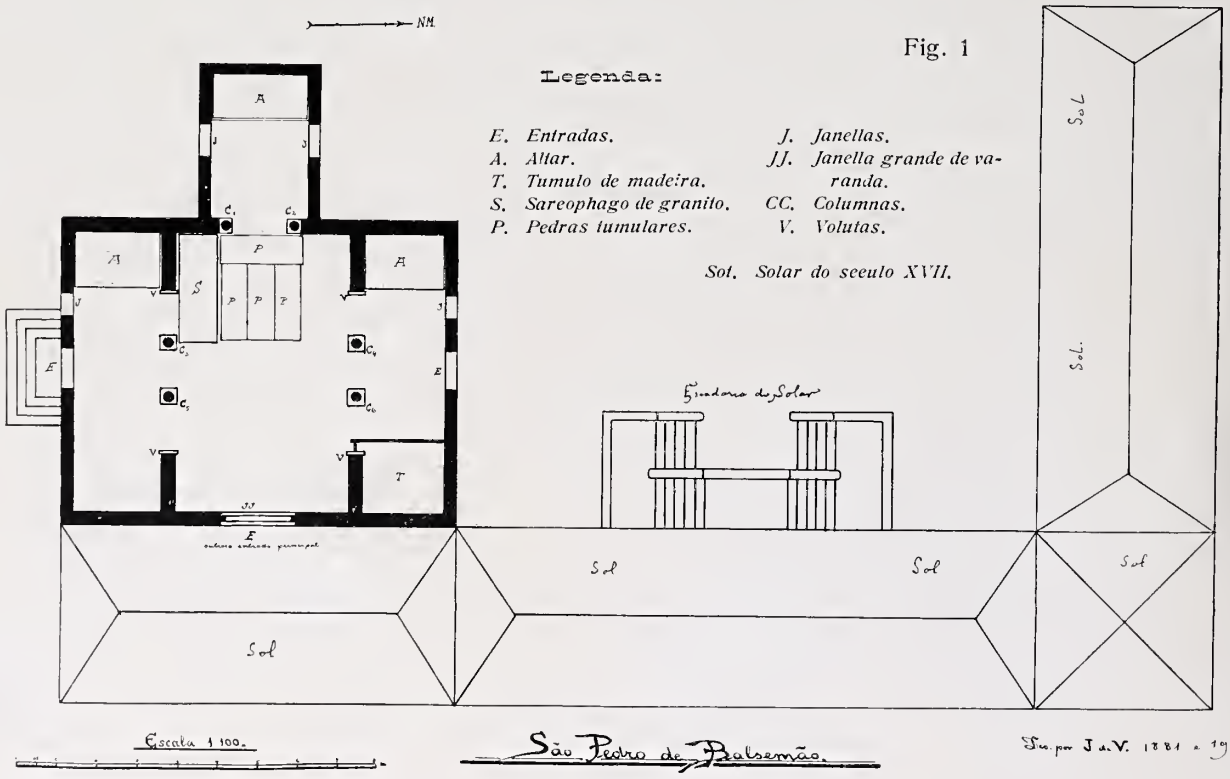


Fig. 1

Fig. 2—MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA—Fragmento decorativo do sarcophago de Egas Moniz

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

chegaria para uma restauração espectaculosa, como fizeram outros n essa epoca, em que as victorias da guerra da Restauração inspiraram tanto heroismo e tanta justa basofia. Uma nova nobreza, creada pelo Duque de Bragança, transformado em Rei, lançou por terra os fumos, as prosapias dos antigos grandes senhores, vendidos aos Felipes. Uma parte foi para Castella e por lá ficou, tal como succedêra no fim do seculo XIV com os sectarios dos filhos de D. Ignez de Castro e de D. João de Castella, sahidos a campo contra o bastardo de Portugal, D. João, mestre de Aviz.

Dizem ainda os documentos que o Bispo do Porto, D. Affonso Pires, creatura de D. Pedro I, o Justiceiro, que alli jaz em monumental sarcophago (havendo fallecido na era de 1362) reedificou o sanctuario. Uma inscripção em caractéres goticos do fim do seculo XIV louva as suas obras na egreja (2). Encontra-se na testa do arco triumphal, do lado da Epistola. O material que escolheram para ella (calcareo brando) denota que não é da região. Sem desmentir este testemunho, ousamos propôr a seguinte chronologia:

1.º Fundação de um logar romano que supprimiu um antigo *castro* fortificado, aproveitando-lhe a posição, que dava e dá ainda na vista.

2.º Construcção de um templo christão, no estylo da arte visigoda do seculo IX.

3.º Reforma da egreja pelo Bispo D. Affonso Pires, na segunda metade do seculo XIV.

4.º Segunda reforma pelo morgado Luiz Pinto em 1643, que se intitula *reedificador* d'ella. Já vimos que a sua intervenção foi muito discreta. Convém não perder de vista esta circumstancia rara. Nunca será de mais louvar o seu respeito pela arte, a sua isenção. Não foi elle que destruiu a entrada principal. O casarão, solar extenso, que a custo se mantém de pé em mãos particulares (os fidalgos de Balsemão venderam tudo ha muitos annos; bens e casa-solar andaram desde então em bolandas) é obra do meado do seculo XVIII. A minha planta indica a forma pela qual os dois edificios, egreja e paço estão hoje ligados. O actual proprietario do segundo, que é tambem o das terras, pretendeu apossar-se manhosamente da capella e de outras serventias, mas a freguezia amotinou-se. Apesar das suas ameaças e actos de força o povo, alli tão humilde, levantou-se com furia, defendeu a sua egreja e ia dando cabo do intruso, que se dispunha a deitar tudo por terra para alargar uma chan de montado. Recolhemos estes factos no proprio local; e se não pomos aqui o seu odiado nome, é para respeitar a magnanimidade de quem lhe poupou generosamente a vida!

Diante d'esse povo me descubro.

. . . . . .

As medidas da capella apresentam anomalias muito interessantes. Ha irregularidades e verdadeiras originalidades por toda a parte. Dá logo na vista a differença de dimensões das duas metades de cada um dos quatro arcos, dispostos nas extremidades da nave. A differença de cada metade do arco é de $0^{m},02$ a $0^{m},03$, que descem abaixo da corda do arco, ou do diametro do semi-circulo. Esta differença podia resultar de abaixamento do terreno; mas como é que ella é sempre a mesma e se repete em todos os quatro arcos, do mesmo modo? E' para mim evidente que esses quatro arcos tiveram a forma de *ferradura*, na primitiva construcção, como ainda é de ferradura, embora muito deformada por restauros, o arco triumphal ou da capella-mór. Na estampa dos deta-

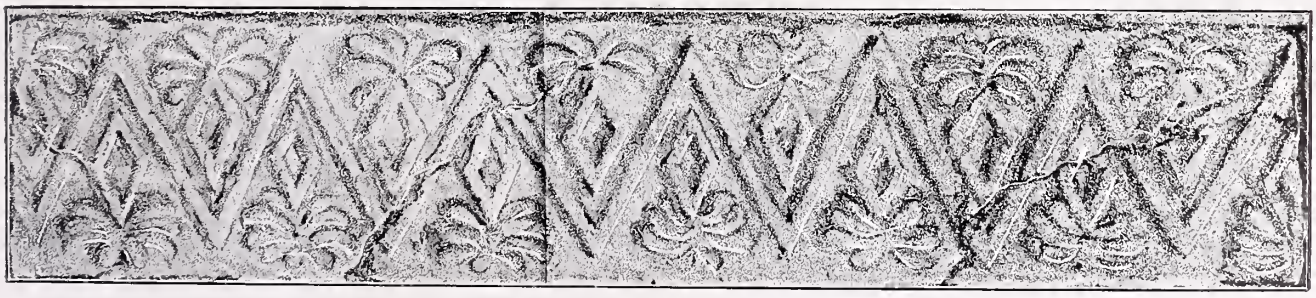


Fig. 3—MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA—Fragmento decorativo do sarcophago de Egas Moniz

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Fig. n.º 4 — BALSEMÃO — Vista interior, tirada da capella lateral (Evangelho)

Vê-se a capella opposta, e o arco em ferradura, da capella-mór.
Compare-se com a outra vista interior da pag. 21.

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

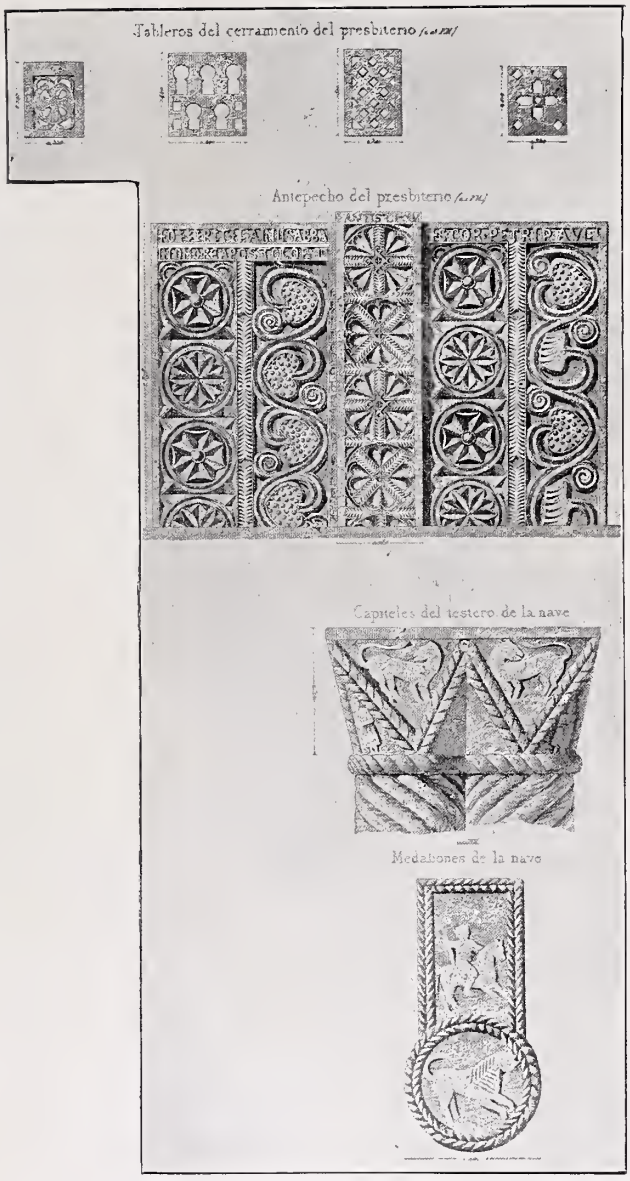


Fig. 5 — Motivos decorativos da ermida de Santa Cristina de Lena (Oviedo)

culares; nenhum dos tres de cada lado, é egual na largura da base, nem no comprimento da corda do arco. Temos:

Primeiro Arco, lado da Epistola	$1^m,06$	de largura
Segundo » (central) . . .	1^m	» »
Terceiro »	$1^m,15$	» »

Nos tres arcos do lado opposto tambem ha differenças similhantes.

E' desegual tambem a largura das naves late-

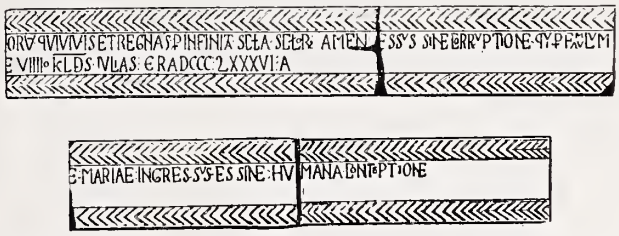


Fig. 6 — OVIEDO — Santa Maria de Naranco; motivo da lapide do altar. Anno 848 p. c.

raes: lado do Evangelho, $2^m,30$ e lado da Epistola $2^m,08$. A somma das parcellas representa o seguinte:

Comprimento:

A nave central até á entrada da capella-mór	$7^m,10$
Capella-mór	$2^m,56$
Degrau d'accesso	$0^m,85$
Altar-mór e Vão por detraz d'elle (approximadamente)	$0^m,50 = 11^m,00$

Largura: Primeira medição:

Nave lateral (Evang.) . . .	$2^m,30$
» central	$4^m,67$
» lateral (Epist.) . . .	$2^m,35 = 9^m,32$

Largura: Segunda medição:

Nave lateral (Epist.) . . .	$2^m,08$
» central	$4^m,67$
Outra nave (Evang.) . . .	$2^m,30 = 9^m,05$

Differença das duas medições — $0^m,27$, porque na

lhes decorativos facilmente se conhece o arco de ferradura, que não foi exagerado no desenho; é tanto mais visivel, quanto maior fôr a distancia na posição do espectador, que o contemplar.

Os dois arcos centraes são porém semi-cir-

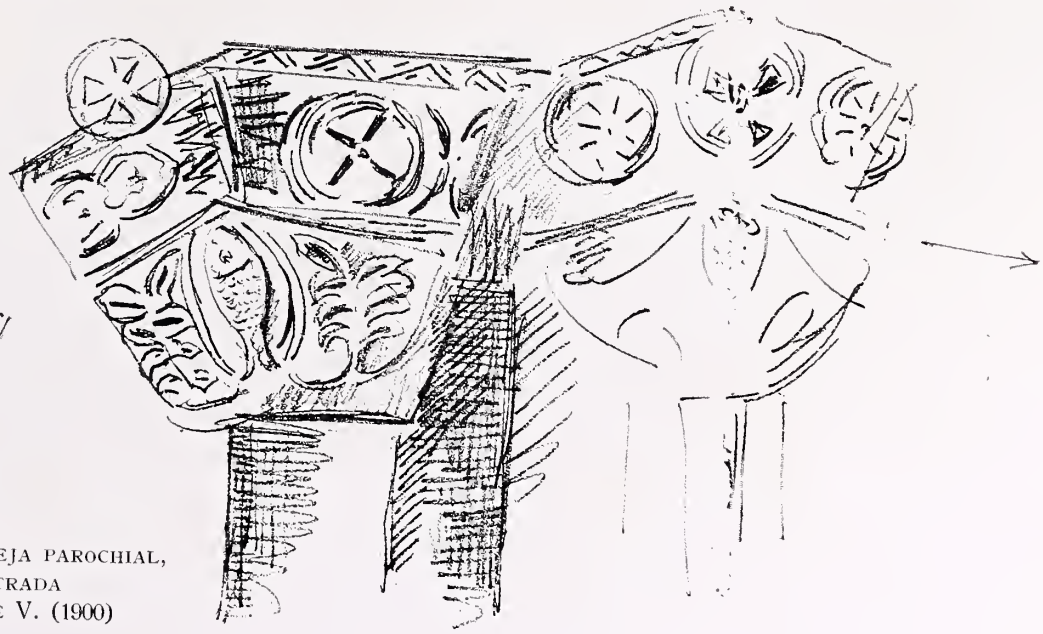


Fig. 7 — BOELHE — Egreja parochial, capiteis da entrada
Desenho de J. de V. (1900)

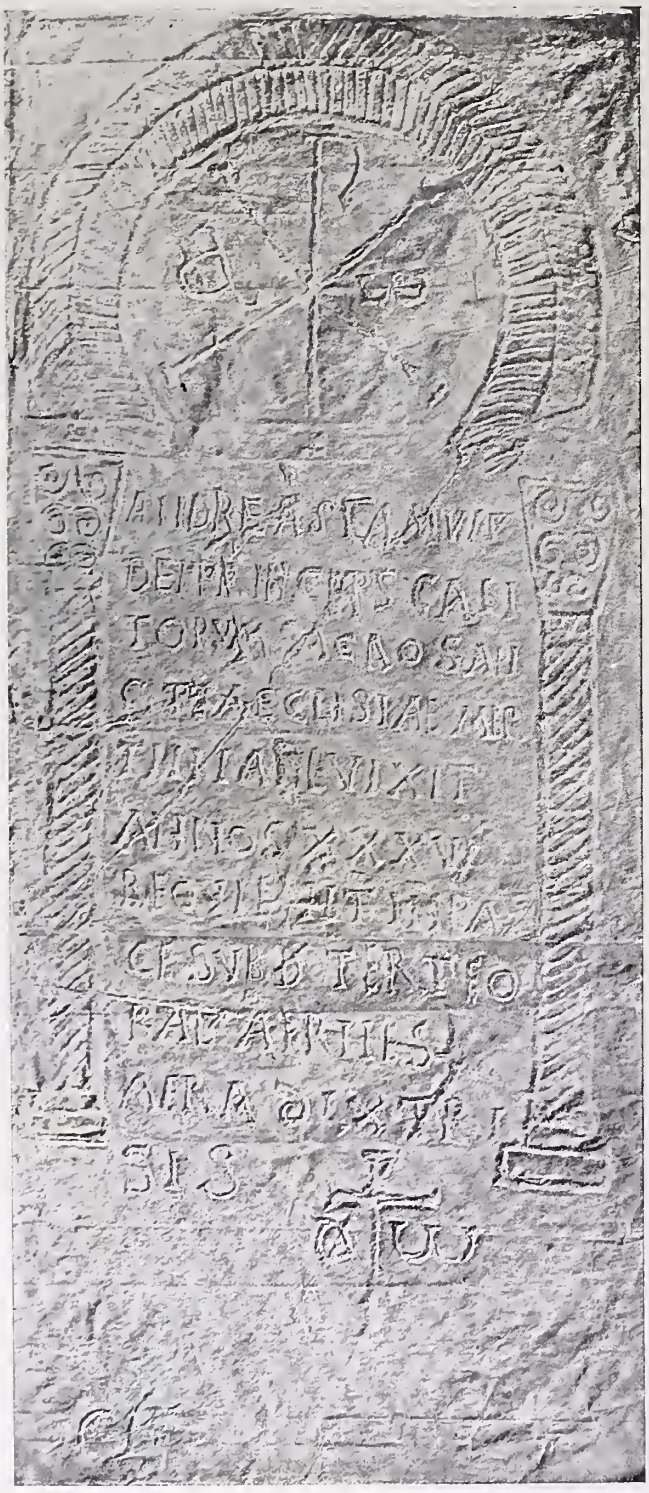


Fig. 8 — MERTOLA — ALEMTEJO — Tabula sepulchral. Anno 525 p. c.

primeira medição contei a grossura da parede do lado Norte e toda a largura da base da columna.

Outras desegualdades apparecem nas medidas das columnas e seus elementos.

Altura do fuste e base . .	$1^m,70$
Idem do capitel	$0^m,33 = 2^m,03$
Altura do pilar de encontro, ligado á divisão das naves	2^m
Differença da altura, depois de traçada a corda do arco (Indicação do primitivo arco de terradura)	$0^m,03$
Altura dos arcos, contando desde o sólo	$2^m,00$
Fuste e capitel	$1^m,68$
Portanto, a altura ou raio do semi-circulo	$0^m,92$

Nenhum dos capiteis tem abaco, o que denota grande antiguidade; só um d'elles C^6 apresenta estreita góla, muito rudimentar, que o liga ao fuste. E' o da nossa photographia. Dois são de ordem corinthia composita, moderna C^3-C^5; a sua ornamentação denuncia o meado do seculo XVII, sem nenhuma duvida; pertencem á restauração de 1643, mas imitam bem os modelos antigos. Os exemplares mais archaicos são os da entrada da capella-mór C^1-C^2. Seguem-se os dois do lado da Epistola C^4-C^6, um dos quaes, mais bem

Fig. 9 — Martos (Conventus Gaditanus) — Lapide christã *apud*. Hübner p. 56

conservado C^6, mereceu as honras da reproducção. São typos do maior interesse estes capiteis e auctorisam-me, com outros caractéres (3) existentes, a classificar a egreja de Balsemão como pertencente ao typo visigodo-romanico, que os nossos visinhos, meus guias, classificam de *latino-byzantino,* o mais antigo estylo christão do Reino das Asturias. Ainda assim, para byzantino ainda lhe falta um certo exotismo, na planta e na decoração, de modo que deveria chamar-se antes *romão-archaico,* com accentuada feição regional, popular. Na parte decorativa é, já o dissemos, um archivo para a arte do *Jugueiro,* do feitor de jugos.

A originalidade nacional subsiste, portanto! Esses caractéres citados, são:

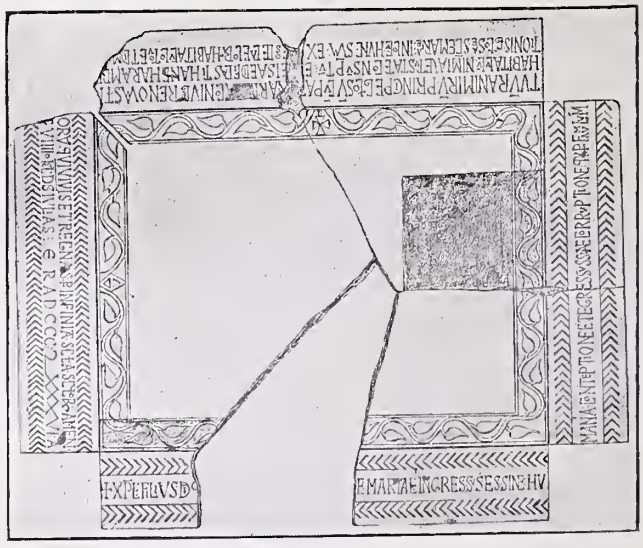


Fig 10 — Paço do Rei Ramiro (cêrca de 850) hoje Parochial de Santa Maria de Naranco — ASTURIAS

1.° A disposição da planta, considerada como *halle,* coberta talvez de abobada, na fórma primitivo. O actual tecto é de madeira, em caixotões, finginda abobada (vid. adiante).

Fig. 11 — MERTOLA — ALEMTEJO — TABULA SEPULCHRAL. ANNO 544 P. C.

2.º A disposição rudimentar das tres naves *iniciadas* apenas, por uma divisão rudimentar, como cousa nova, que era.

3.º Os arcos em *ferradura*, assentes directamente sobre o capitel, com falta de *abaco* em todos.

4.º A falta de ligação do capitel com o fuste, porque só um tem uma góla rudimentar.

O desaparecimento de todos os arcos da entrada primitiva, com as suas columnas, capiteis, arcaria e tympano respectivo, é perda muito para sentir. O tecto, hoje existente, é de madeira, em caixotões pintados, no gosto do meado do seculo XVII, estylo de *grutescos*, que foram de bom estylo, oriental, aves e flores, copiadas de alguma colcha de seda da India. No centro o brazão da familia, com variantes que, decifradas, vistas em melhor luz, de que a que tivemos (eram cinco horas da tarde, em dia chuvoso, quando acabámos o exame) devem descobrir o promotor da reforma do tecto de madeira, que me parece ser bastante posterior á obra de Luiz Pinto (1643).

As photographias tiradas nas condições mais difficeis de luz, de falta de espaço e de recursos technicos, sendo até preciso desmanchar a grade (que foi depois recomposta) que circumda o tumulo do Bispo — merecem incondicional louvor. Denotam uma pericia consummada, na utilisação dos menores recursos, que somente uma experiencia rara, junto a uma tenacidade excepcional foi capaz de combinar. Trabalhou-se n'um jogo constante de portas, janellas e postigos, para se obter os golpes de luz mais favoraveis; trabalhamos sem descanso da 1 h. ás 5 $^1/_4$ da tarde.

A egreja está limpa por dentro, isto é: á *moda da aldeia*, horrivelmente caiada. Os capiteis teem cal de seculos, sobreposta na grossura de 3-4 centim. Os fustes das columnas estão serapintados nos dois terços superiores da sua altura; o effeito que faria o granito nú, na sua vetustez, póde avaliar-se pelo bello tom do primeiro terço inferior, que não está *pintalgado!* No pavimento alterna uma especie de lavor mixto: *opus tesselatum* e lages de granito com um mosaico de pequenos seixos colhidos no rio Balsemão.

Repare-se nas bases das columnas: o que ha de mais caprichoso, original, rude, as folhas angulares n'umas C^3 e C^5; uns rôlos curiosos na fronteira C^3 (a inversão dos rôlos dos pilares!) Repare-se na belleza e seguro talhe das seis pedras em cunha, que formam o arco que liga as columnas C^3 a C^5, sobretudo nas duas pedras de córte pentagonal, de onde partem os tres arcos que separam a nave central da nave do lado do Evangelho. Note-se a magestade, a imponencia do arco triumphal, ou melhor do seu *arranque* ou inicio em ferradura, tomado em luz reflexa na estampa... n'aquelle rôlo sobre o capitel, escapados ambos a um millenio! Esse mesmo fragmento do arco triumphal avista-se, com mais luz, na estampa;... em ambas as vistas o córte em arco de ferradura é evidente. O Bispo austero está bem, no meio d'este concerto heroico de um velho Canto de Orgão architectonico. Sôa idealmente o *Te-Deum Laudamus* de outras eras, após a batalha mortifera, onde os rios eram de sangue e as armas jaziam por terra, embotadas ou partidas, os broqueis desfeitos — mas os christãos invenciveis.

Moro Alcayde, Moro Alcayde;
el de la bellide barba,
el Rey te manda prender
por la perdida de Alhama.
Y cortarte la cabeza,
y ponerla en el Alhambra;
porque â ti sea castigo,
y otros tiemblen en mirarla...

(Guerras Civiles de Granada, p. 342) (4).

. . . . . .

Oh rio Balsemão, rio verde esmeralda, como corres frio e apressado, em perpetuo movimento! Bem guardas no teu marulhar mysterioso os segredos teus — tudo o que viste — tudo o que procuro em vão, saber: o nome, a geração do ingenuo mestre-alvenel, que riscou isso que contemplo, mudo, absorto, estremecendo ligeiramente ao frio vento Norte que passa, á neblina que desce sobre o valle, como a sombra poetica do Passado. Como fostes heroicas, visões antigas — fieis ao ideal patrio, ao ideal humano: *Non sibi sed mundo*...

Que dizem os teus brazões antigos, tres (5), na frente, sobre uma longa lapide, *em branco?*

Para que as pedras romanas dos Cesares? (6) cinco memorias sobre tão pequeno côrpo!

Como andamos esquecidos! Que dizes tu? Não queres parar? Não me ouves?

. . . . . .

Por quê assim abandonaram a capella, seus ingratos donos? (7)

. . . . . .

Foi só o povo, o povo unicamente, que te salvou.

EXPLICAÇÕES SUPPLEMENTARES ÁS ESTAMPAS

Devemos aditar aos rótulos das estampas as seguintes informações:

a) Ao numero precedente: pag. 21. Vista interior, tirada quasi em diagonal. Repare-se no canto esquerdo, no arco triumphal da Capella-mór, traçado em ferradura; no archaico capitel (!) sem góla; no rôlo, em logar do ábaco; na ornamentação interior do friso, que envolve o rôlo e é um motivo dos jugos, etc.

b) O sarcophago de pag. 20 tem de ser descripto minuciosamente; apontamos, por isso, aqui, só as dimensões. Comprimento, $2^m,20$; Largura, $0^m,74$; Altura, $1^m,05$; O granito é bastante rude, fortemente granulado; gastou-se muito; estaria na primitiva talvez exposto ao ar, n'um alpendre (?).

NO PRESENTE NUMERO:

Fig. 1 A planta de Balsemão é inedita. Reservo todos os direitos de reprodução parcial ou total. J. de V.

Fig. 2 O sarcophago do aio de D. Affonso Henriques é, apesar de mutilado, um documento precioso para demonstrar a reciprocidade de relações intimas entre a arte ornamental do architecto e esculptor em pedra da

epocha romanica e o feitio popular do entalhador em madeira principalmente do feitor de jugos.

Vid. retro: Theses 1.ª, 2.ª e 3.ª da pag. 16 e exposição anterior a pag. 15, sobre Travanca. Compare-se o desenho ou motivo da *arcaria* com a ornamentação dos jugos de Penafiel a pag. 24.

Fig. 3 Mesma observação anterior; compare-se o motivo ornamental com os desenhos de Balsemão, *croquis* de 1881, do auctor pag. 22.

Fig. 4 Esta vista interior foi tirada, *antes* de supprimida a grade que circunda o tumulo do Bispo do Porto D. Affonso Pires, o qual apparece nitido a pag. 20.

Fig. 5 Esta estampa, que teve de ser muito reduzida, infelizmente, compõe-se de quatro partes 1.ª os quatro motivos dos *Tableros del cerramiento del presbiterio;* 2.ª *antepecho del presbiterio;* 3.ª *Capiteles del testero de la nave;* 4.ª *medallones de la nave.* Tudo extrahido dos *Monumentos architectonicos de España.* Estylo *latino-byzantino* dos seculos IX e X; o 2.º motivo, arcadas em ferradura, é de uso trivial nos nossos jugos do Minho e Douro e nos relicarios medievicos da peninsula, seculo X-XIII.

Havemos de recorrer ainda á comparação com outros templos das Asturias e Navarra.

Fig. 6. Grande lapide calcaria sobre o altar de Santa Maria de Naranco (1,05×0,19) em Oviedo; epoca Anno 848 P. C. Compare-se com os meus desenhos de 1881, em Balsemão pag. 22. O motivo (espinha de peixe) é da arte peninsular prehistorica.

Fig. 7. Boelhe. Um dos capiteis está incorrectamente desenhado, de proposito, para se puder desdobrar a decoração d'aquelle que tem o peixe, symbolo do Salvador.

A relação com os jugos é evidente.

Fig. 8. Repare-se nas *espiraes,* que enfeitam os capiteis; no arco mourisco, applicado a uma sepultura christã; e no symbolo transcendente, mystico, dentro do arco e de uma crença condemnada, inimiga.

As *espiraes* são as de Citania e Sabroso e dos jugos de hoje, etc. Vid. a valiosa monographia do Snr. Conselheiro J. Fortes sobre as espiraes *La spirale préhistorique.* Paris, 1907. Figuras 1 a 9.

Fig. 9. A mesma observação sobre a *espiral* (desenho da primeira linha) transformada em *onda* do mar —motivo ainda dos nossos jugos, trivial; é o que envolve as rosetas no jugo de Penafiel, pag. 24.

O desenho está em Hübner *Inscriptionum hispaniae christianarum supplementum* Berolini MCM.

Fig. 10. Ara de Santa Maria, com inscripção votiva do Rei Ramiro I, IX Kal. Julias era DCCCLXXXVI. Junto á egreja, o paço do monarcha. Vid. a monographia de J. Amador de los Rios em *Monumentos arquitetónicos de España* fasc. 44, pag. 17-33. O palacio é anterior á egreja (cêrca de 850). Sobre o estylo vid. nota á fig. 5.

Fig. 11. O desenho decorativo, anno 544 p. c. podia dizer-se cópia de um jugo moderno! Extrahido de Hübner, op. cit.

(Continúa)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

(1) Vid. os fac-sim. no artigo que tratará do sarcophago.

(2) Esta inscripção irá em fac-simile no artigo sobre o sarcophago do Bispo.

(3) Temos finalmente a accrescentar a esta caracterização artistica, bastante completa, a altura das naves: a central com 5m,40; a lateral com 4m,40.

(4) Moro, llamado Abenhamin. *Historia de los Vandos de los Zegries y Abencerrages,* Cavalleros Moros de Granada, y las civiles guerras que huvo entre ellos... etc., hasta que el Rey D. Fernando el Quinto la ganó. Aora nuevamente sacada de un libro Arabigo etc.... traducida em castellano por Gines Perez de Hyta. Em Sevilla por Joseph Diaz, 1732.

(5) No centro o de Luiz Pinto de Souza Coutinho, alliado a Carvalhos (geração de sua mulher Dona Catharina, 1643); entre dous escudos dos Pires, sendo um o proprio, do Bispo do Porto D. Affonso, tal como se encontra na parede, aos pés do sarcophago, que não tem escudo. Talvez esteja na face opposta ao taboleiro da frente (Coroação de Nossa Senhora). Na estampa de pag. 20 está visivel metade do escudo archaico da parede. O mesmo escudo dos Pires caracterisa as quatro sepulturas, á entrada da Capella-Mór; na lapide transversal ha dous escudos: os Pires, á direita; Pachecos, á esquerda. Do moimento do Visconde de Balsemão (1804) fallamos em a nota n.º 7.

(6)

CLAVDIO. CAESARE. A
GERM. PONT. MAX. TRIB
POTEST. II. IMP. P. P. CO
III CEN...

Censuram enim Claudio ab anno 47 indicari constat. Hübner Corpus Inscript. Hispan. Latinar. Suppl. n.º 6199.

Leia-se: Catur (us et) | nepos ex | Camal (o) an (ni I) | h (ic) s (iti) s (unt); s (it) v (obis) t (erra I (evis). (Op. cit. n.º 5256).

CATVR
NEPOS. EX
CAML. AN
H. S. S. S. V. T. L

CELTIVS. M
AELONIVS
HIC SITVS
EST

Op. cit. n.º 5257 Hübner ref. «Puto male descriptum esse et potius in lapide fuisse CELTIVS MAELONI. F. cet».

Aos manes do auctor, mestre de todos nós, em assumptos epigraphicos, ao fallecido professor Emil Hübner agradeço a honrosa referencia que de meu nome quiz fazer n'este volume do *Supplementum.* Berolini. MDCCCXCII. Praemo nitum editores, fol. LXI; por communicações epigraphicas bem modestas, incluindo duas de Balsemão, lidas em 1881.

(7) Não ha maior contraste do que aquelle que resulta do seguinte epitaphio que um filho poz a seu pae, na capella. Que os netos se mirem n'esse espelho!...

Queimar e callar, como disse o grande capitão da India, ainda que o coração esteja ardendo em chammas. D. João II já o dissera, antes, ainda mais laconicamente, n'uma divisa pouco conhecida: *se tere* (se taire).

1831

Entre lagrimas de eterna saudade

O Visconde de Balsemão

Luiz Maximo Alfredo Pinto de Souza Coutinho

n'este funebre monumento encerrou os inanimados restos do seu defuncto Pai o Ill.mo e Exc.mo Snr.

Visconde de Balsemão

do Cons. de S. M. F. e do de Estado, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, Tenente General dos Reaes Exercitos, Grã-Cruz de S. Bento d'Aviz, Commendador e Alcaide-mór da villa do Cano, na mesma Ordem, Senhor Donatario dos Concelhos de Ferreiros e Tendaes, Cavalheiro * da insigne Ordem do Tosão de Ouro em Hespanha e na Sagrada Ordem de S. João de Jerusalem, Professo na de Christo que passou a milhor vida no sitio de Belem na Côrte e Cidade de Lisboa aos 14 de Abril de 1804.

* (sic) Cavalheiro.

Esta inscripção é inedita, creio eu.

O moimento, estylo Luiz XVI, em *madeira de pinho,* (!) pintado de preto e branco tem, de cada lado, uma tabula votiva, com disticos encomiasticos. Duas urnas de madeira coroam as tabulas. Grandeza mesquinha, para um Tosão de Ouro...

Recapitulemos: tres brazões sobre a entrada; uma lapide em *branco;* tres pedras romanas; a lapide de 1643 de Luiz Pinto; dentro da egreja ha, alem do sarcophago, quatro lapides sepulchraes dos Pires. Vejam que archivo, em tão estreito recinto!

A documentação é tão abundante que cortamos uma serie de desenhos; ficam para o ultimo artigo. Attendendo á extensão d'este estudo e ás numerosas estampas sobre Balsemão, a Redacção teve de retirar parte da composição do presente numero, o que motivou algum atrazo na impressão. Tambem retiramos o final do estudo sobre Travanca, pelo mesmo motivo. *Nota da redacção.*

ARTE

4.º ANNO N.º 41

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO, 31 DE MAIO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

MADONNA COM O MENINO E S. JOÃO — Baixo relevo de Miguel Angelo

Comp. e Imp.—Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto

MADONNA COM O MENINO E S. JOÃO

Baixo-relevo de Miguel Angelo

Vê-se no Muzeu Nacional de Florença este precioso baixo-relevo de Miguel Angelo, tendo por assumpto uma Madonna com o Menino e S. João. Não foi concluido; todavia não deixa de ser uma lição proveitosissima pela casual indiscreção de meios technicos nas diversas phases de elaboração, dispendidos por esse assombroso luminar do Renascimento.

Como se descobre, n'esta simples obra, a impaciencia e a impetuosidade com que elle sempre atacava o marmore que lhe occultava, no amago, as creações da sua extraordinaria intellectualidade!

A nossa gravura póde, felizmente, cremo-lo, pela sua clareza, interessar ao verdadeiro amador e ao artista estudioso.

EVOCANDO O PASSADO — Quadro de Abel Cardoso

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

EVOCANDO O PASSADO

Quadro de Abel Cardoso

Com muito prazer inserimos, no presente numero, esta bella composição do nosso amigo e distinctissimo artista Abel Cardoso, caracter de eleição e talento brilhantissimo.

No meio de reliquias architectonicas, de uma eloquente mudez, mostra-se, em attitude absorta e cogitabunda, um grave ancião, evocando remotas eras e vultuosos factos do periodo medieval, tão fertil em aventuras rudes, mas em que o pundonor d'alma do fiel vassalo timbrava com bravura e heroismo!

A tela merece ser vista, pelo sentimento admiravelmente expresso, e pela vibrante e animada virtuosidade do pincel.

MARGENS DO RIO AGUEDA — Car[illegible] de Candido da Cunha

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

BUSTO DE INGLEZA — ESCULPTURA DE SOARES DOS REIS

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Nas salas da «Sociedade de Bellas-Artes» installou-se, no corrente mez, uma magnifica exposição de esculpturas fundidas pelo snr. Adelino Lemos. Encarecer a importancia dos seus trabalhos torna-se uma redundancia, depois da opinião da imprensa periodica, que alludiu largamente a este facto que deve encher de orgulho a nossa terra que assim mostra progredir e concorrer para o seu bom nome.

Em boa verdade se diga que se não nos envaidece o triumpho obtido por aquelles que consagram o melhor da sua vida aos progressos da Arte, enche-nos, comtudo, a alma de jubilo o vêr que esses progressos, que representam muita persistencia, muito estudo e muito amor ao trabalho, teem da critica justa e imparcial o galardão que merecem.

Adelino Lemos, laborioso e intelligente, deve sentir-se satisfeito pelo soberbo resultado dos seus insistentes esforços, contando ter alcançado, como realmente alcançou, uma brilhante victoria industrial!

EXPOSIÇÃO DE BRONZES D'ARTE DE ADELINO LEMOS

TEEM os esculptores valiosos collaboradores para assegurarem ás suas obras uma definitiva conservação, uma perennidade que os deve immortalisar. Entre esses collaboradores, citaremos o de mais vulto: o fundidor de bronzes artisticos.

O publico, ordinariamente, não calcula a importancia, multiplicidade e responsabilidade das operações necessarias, nesta especialidade em que poucos se intromettem, e d'ahi um limitado apreço e um reduzido enthusiasmo por estas manifestações do engenho e da intelligencia humanos.

ADELINO DE LEMOS

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

BUSTO DE CREANÇA — ESCULPTURA DE TEIXEIRA LOPES

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

CONFERENCIAS SOBRE HISTORIA DA ARTE NACIONAL

Recebemos a seguinte communicação do nosso Illustre collega Ex.mo Snr. Joaquim de Vasconcellos:

«Meu prezado Amigo.

«Parece-me de algum interesse para os seus leitores o programma das *Quatro Conferencias* sobre a arte peninsular dos sec. IX a XII, que espero fazer no decurso do mez de Junho. Trata-se especialmente do norte da peninsula: *Galicia* e *Portugal, Leon* e *Castilla*. Com essas quatro Conferencias abrirei o Curso livre de *Historia da arte peninsular* que, com auctorisação superior, vou reger, gratuitamente, na Academia Portuense de Bellas-Artes para os alumnos mais adiantados. Já alludi ao proposito na sua Revista; adiante repito a passagem, sentindo que circumstancias imprevistas me obriguem a iniciar o estudo na forma de um *torso*, como fragmento. A recente viagem official que fiz na provincia de Traz os-Montes obrigou-me a adiar a inauguração dos trabalhos; agora, o tempo é escasso, pois o anno lectivo está a findar. Tratei pois de reduzir o assumpto, talhado primeiramente para 12 Conferencias, extrahindo d'elle um dos capitulos mais interessantes. O programma deverá ser alargado nos futuros annos lectivos.

«O material illustrativo do Curso é, em grande parte inedito, no que diz respeito a Portugal; e como o meu amigo teve a coragem de me abrir as portas da sua Revista para uma tentativa dispendiosa, não é muito que eu lhe offereça as primicias, o programma inicial, resumido, que vae ler-se.

«Creia-me seu amigo m.to aff.do e grato

Joaquim de Vasconcellos.

Porto, 25 de Maio de 1908.

P. S. No proximo numero continuarei os estudos sobre os monumentos de Travanca e Balsemão.

O que escrevi ha mezes n'esta revista, foi o seguinte:

Numero de 28 de Fevereiro pag. 15:

«Alem d'isso advirto o leitor que estou traçando um Ensaio, que poderá vir a ser o guia para as Conferencias livres que vou iniciar, com auctorisação superior, na Escola de Bellas Artes do Porto e que talvez possa transformar successivamente n'um Curso graduado de Historia da Arte nacional (1).

Começarei com a arte e o estylo que a monarchia portugueza e, antes d'ella, os Condes de Portugal encontraram em plena florescencia. (Sec. XI).

Com esse estylo começa tambem a historia da nação».

E um pouco mais adiante, no mesmo numero de Fevereiro, a pag. 16:

«O facto, ainda não apontado por outrem, parece-nos tão importante que o reduzimos aqui a *tres theses*, que no Curso de historia da arte nacional comparada, acima referido, serão demonstradas em numerosas provas, convincentes:

Primeira These: — A intervenção da arte popular é evidente e importante na decoração dos nossos grandes monumentos historicos, *apesar* e ás vezes contra a intenção do architecto, supplantado pelo mestre d'obras e seus alveneis.

Segunda These: — Prova-se a intima relação do systema decorativo (systema, apesar de toda a sua espontaneidade) das industrias caseiras — n'este caso o do pedreiro, carpinteiro e do entalhador, — com a decoração dos monumentos maiores e menores da região circumvisinha.

Terceira These: — Demonstra-se a relação

(1) O programma para a organisação do Curso, graduado em *elementar, complementar* e *comparado* foi entregue na secretaria da Academia Portuense em 11 de Novembro de 1907. Abrange tambem as Artes decorativas nacionaes.

d'essa decoração medievica dos monumentos com a arte pre-historica do Minho central (Citania e Sabroso).

«Nos ultimos tempos (1901 em diante) (expuz a algumas pessoas amigas uma parte d'estas ideias, desligadas, em embrião. E' possivel, pois, que appareça algum indiscreto a reclamar prioridades no assumpto, e as queira tratar como cousa sabida... ha muito. N'este caso peço-lhe que se digne assignar as suas reclamações, para dar ao publico a demonstração das descobertas, como o estou fazendo, com os meus documentos e provas graphicas (desenhos).

PROGRAMMA DAS CONFERENCIAS

1.ª Conferencia

Seculos decimo e undecimo.

A arte nos Condados da Galliza e de Portugal, com um relance sobre a intima fraternidade dos dous paizes, desde a epoca pre-romana. O que significa o estylo *Latino-byzantino*. Investigações de Don José Amador de los Rios desde 1845.

O que são as grandes construcções do estylo *Latino-byzantino* nas Asturias, Oviedo, nos reinos de Leon, Castilla e Toledo. O que valeram os artistas de Guarrazar. Estado social de Castilla e Leon e suas relações com Portugal. Grandezas dos centros Zamora e Toledo.

Desenvolvimento notavel da arte visigothica.

2.ª Conferencia

Seculo nono a decimo-primeiro.

Concepção da figura humana.

Sua relação com a construcção architectonica. As imagens religiosas. O culto visigothico. Os ritos da egreja e o symbolismo, reflectido na Arte. Sobre a Arte decorativa em geral nos sec. IX-XII, dentro da peninsula. A persistencia d'essa arte até nossos dias, revelada nas industrias caseiras das provincias do Minho e Douro. O que vale esta descoberta para o estudo da arte pre-historica dos centros que se chamam na Archeologia: *Citania, Sabroso* etc.

3.ª Conferencia

Seculo nono a decimo-primeiro (Continuação).

As officinas de ourivesaria nos sec. IX-XII. A technica dos esmaltes. Arte importada, greco-phenicia, greco-romana e a arte indigena. As ultimas e importantissimas descobertas feitas em Portugal de thesouros de estylo mycenico. As escolas dos conventos. Fontes da erudição ecclesiastica. A escripta e a illuminura. Tres codices fundamentaes: O *codice vigilano* da Bibliotheca do Escurial sec. XI-XII; a Biblia de Avila sec. XII; o *Libro de los Testamientos* da Cathedral de Oviedo, principio do sec. XII. Compare-se com o Evangeliario da Sé de Vizeu (sec. XI a XII)—decalcos do Conferente, feitos sobre este ultimo codice.

4.ª Conferencia

Seculo decimo e undecimo.

Primeiras egrejas archaicas do Condado de Portugal—Desenhos do Conferente: Balsemão, Travanca S. Salvador de Montelhos e outros templos. Demonstra-se que a primeira é, verdadeiramente, producto da inspiração popular. O estilo decorativo dos jugos, considerado como reflexo da decoração romanica dos templos. A' egreja, á religião christã confiou o artifice popular a guarda das suas ideias, os seus motivos de decoração, quando o christianismo o chamou a vida nova. Esses motivos recebeu-os enriquecidos com novos symbolos, que perduram.

E' um dever nacional, sagrado, respeitar cultivar, engrandecer essa arte popular, em todos os episodios da vida intima da familia portugueza. Representa ella um elemento esthetico e educativo, inapreciavel; e valores economicos consideraveis.

A ornamentação popular applicada á madeira, ao metal e ao barro. Elementos com que póde contribuir para a determinação de um estylo nacional. Desenhos ineditos do conferente.

SANTO ANTONIO

QUADRO DE MURILLO

QUADRO soberbo! O grande poeta da pintura, Murillo, traçou-o em um momento de inspiração divina. Ha nelle o encanto de forma e de côr, os jogos da luz e das sombras. Tudo nos fala ao pensamento, tudo nos provoca uma emoção.

O pintor quiz associar os anjos á alegria e á gloria do triumpho de Santo Antonio. Transverbera do quadro um sentimento de admiração e de extasis religioso.

E o seu primor resulta do effeito natural da doçura, da santidade de todas as fisionomias, formando, cada uma, uma obra prima.

O rosto do Santo é de magestosa doçura, verdadeiramente arcangelico, nas suas linhas de adoravel harmonia e da expressão de arroubo religioso esparso por todo o conjuncto.

O DESPONTAR DUM ASTRO

(EXCERTO)

Amanhecêra suavemente. Lisboa, ainda pequena, tortuosa, delgada como uma fita, como uma cobra que se tivesse enroscado, contida pelas muralhas dentadas, emergia, pouco a pouco, egual a uma visão panoramica, á luz, vacillante a principio, mas cada vez mais sanguinea, mais viva, mais purpurea. E a alvorada, afogueando-se de momento a momento, destacava a cidade toda, parecendo inflamá-la e recortá-la.

E então as aguas brancas do Tejo amaciavam-se, tomavam a preguiça cantante das bonanças dôces e múrmuras, e enchiam-se de rubins miudos — que pareciam cahir do azul, lentamente mais puro, mais transparente, mais calmo.

O silencio, todavia, era pleno ainda, como o das noites sagradas, cheias de mysterios e cicios timidos. Lisbôa, adormecida como os catalepticos, não exhalava um susurro, talvez fatigada de mil batalhas de sangue com os exercitos do Islam. Parecia uma viuva succumbida, de cabellos negros sobre os olhos cerrados, indifferente á claridade triumphante, cada vez mais canicular, mais africana. Poderia dizer-se que estacára de mágua pela falta do grande pelejador que, relampagueando em Ourique, já se decompunha no seio gelado do seu tumulo de Santa Cruz de Coimbra. Poderia julgar-se ainda, que já antesonhava a investida gigante de Ceuta, as scintillações mordentes das ancoras de Vasco da Gama, o fogo offuscante da limpida espada de Affonso de Albuquerque.

Mas, entretanto, o sol ascendia e campeava de vez. Faúlha subtil, fizera-se chamma e depois incendio, como d'um ai se faz um grito e do grito um côro. E aves e brisas, numa progressão ardente de echos, casavam harmonias á superficie da Terra, como as ondas fazem enlaces de crystal para darem psalmos profundos ao Mar.

E, pouco depois, era dia, dia de sol peninsular, dia de vida, dia de fecundidade. Lisbôa despertava lentamente, como uma sonhadora, beijada pelos labios de fogo duma realidade esplendida. Levantava-se, pouco a pouco, primeiro bocejando e, depois, cantando com as ondinas do rio que se espreguiçavam, constelladas de espuma, até ao primeiro impeto absorvente do Atlantico que as seduzía, pomposo de crystaes sonóros, rugindo e marulhando.

E então, na linha negra das muralhas de Lisboa, douradas pelo sol caustico, gradualmente implacavel, alvejaram os troncos semi-nús de muitos homens. Eram membrudos, morenos, de braços arregaçados e musculosos. Tinham os ólhos vivos e negros e longas barbas despenteadas, como os pastores legendarios dos Hermínios. Asseteados pelo sol, que os propureava cegantemente, pareciam feitos dum bronze, tingido de sangue. Acurvados, a erguerem blocos, suggeriam os velhos pais da Humanidade, afogueados nos dorsos pela espada do Archanjo, a mourejarem, a suarem, a penárem. E estes homens, gigantescos, válidos como titans, argamassavam e cimentavam as pedras desbastadas nos fossos, mas sempre cantando. Cantavam nostalgias doloridas da vida das batalhas contra os sarracenos com Affonso Henriques, com os cruzados, com o bem-amado pendão das quinas. E porisso, se cantavam, choravam, porque lhes era mais amargo o suór de operarios do que o sangue vertido de pelejadores e soldados.

Impozéra-lhes a faina D. Sancho I, o Povoador. Aguerridamente formidavel em Silves, voltara dos Algarves com a visão plana e amorosa da paz e, embotando a espada de ferro, fizera resurgir lares, granjas, castellos, reductos e cidades.

No barranco, onde se canalisára o sangue humano, fizera correr o suor e a agua generosa da Terra, convertendo o que era brecha da assolação das batalhas em sulco profundo da germinação dos fructos. E, assim, nos baldios asperos, recamados sinistramente de ossadas e, ás vezes, de caveiras dispersas, erguiam-se agora as flores deliciosas, as vegetações esplendidas, as cearas e os jardins.

E os operarios obedeciam, ora empunhando o alvião, ora a enxada, ora o martello, mas, saudosos do ar vivo e excitante das refregas, desabafavam sempre as almas em canções tremulas de melancolia intensa, que iam desferindo num idioma ainda barbaro, cheio de tonalidades gothicas e arabes, levemente perfumadas de melodia latina.

Comtudo, nos luzidos aposentos do thesoureiro-mór de D. Sancho, não fluctuava, áquella hora matinal, menos jubilo do que o da Natureza, apojada de calor e luz, de vida.

Torrentes de festa desbordavam pelos corredores, repercutindo-se nas abobadas de todo o paço. Damas de peregrina belleza, feiticeiras de galhardia honesta, rumorejavam esperanças estranhas junto de herculeos cavaleiros, descahidos, do seu aprumo, todo marcial, numa galanteria singela e affectuosa.

E, assim, o sol que diluviava os corredores parecia espelhado em muitos astros irrequietos. Havia frescas rosas de Saron em todas as faces femininas e chammas duma ardente pureza nos olhos rasgados de todos os cavalleiros.

Mas aquelle coro vivo de Alegria, de Fé, e tambem de Esperança, attingiu, de subito, a grandiosa harmonia dum *Te-Deum*, entoado por almas eleitas, opulentissimas de claridade espiritual.

E' que, electrisado de ternura augusta, surdira um bello varão de aspecto grave e simples, trazendo nos braços, vestido de ferro luzente, um formosissimo menino.

E, apenas assomou, ergueu a creança á luz intensa do sol pleno, e ficou-se a contemplá-la, como o velho sacerdóte á hostia pura que encerra toda a sua fé sublime.

Depois, sorrindo a todos, apertou dôcemente contra o peito o menino estremecido e ficou-se de fronte baixa, a esconder as lágrimas de felicidade que já lhe perlavam a negridão lustosa das barbas fortes e densas.

E todos acorreram a vêr a creança. Recemnascida, tinha já prodigiosamente accentuadas as feições. Era alva como a neve das escarpas da Arrábida, mimosa, como as myosotis pequeninas dum canteiro de archanjos. Tinha grandes e muito

SANTO ANTONIO—QUADRO DE MURILLO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

escuros os ólhos e, sem vagir, sorrindo meigamente, já fitava a claridade brutal do sol poderoso, cada vez mais vivo, mais crú, mais lampejante.

A fronte, recta, alabastrina, encantadora, parecia a dum bello jóven, já extasiado de sonhos, já enlevado em poesia, já visionário de miragens ineffaveis. E, assim, o que devia de ser imperfeição ainda, já era mais do que belleza, porque era auréola.

O pai era o fidalgo Martinho de Bolhões, ufano do sangue real das casas das Asturias, de Castello e de Lorena e recebêra aquelle filho, como a dadiva mais querida do amor de sua esposa D. Thereza Taveira, egual a elle em belleza e linhagem.

Na verdade, a formosa dama, recostada no leito patricio, entrajado de hollandas preciosas, lembrava menos a dorída parturiente do que a gentil portadora dum anjo á gleba ensanguentada da Patria. Levemente fatigada, o seu perfil egualava o da haste flexivel, que verga radiosa ao peso dum fructo d'ouro. A febre tenue do seu olhar veludino era como o phosphorejar longinquo duma constellação amorosa. A voz, um tanto apagada, intermittente, difficil, tinha tonalidades novas, todavia—as tonalidades dum hymno estridente que só póde dirigir-se a Deus.

Lembrava Maria de Nazareth depois da sagrada meia-noite de Bethlem—extasis a fazer-lhe dos ólhos estrellas; dos labios, uma fonte de beijos divinos; dos cabellos fluctuantes, a palpitação triumphal dum estandarte d'astros.

Mas não cessava Martinho de Bolhões de acariciar e mostrar o seu filho aos ardidos cavalleiros, que logo adoçavam as cataduras ásperas e ás damas que desentranhavam, com os sorrisos mais puros, um indizivel enthusiasmo enlevante.

Alvoroçado de contentamento, até já suppria a voz, entrecortada de nervosos espasmos, com a commoção dos gestos e do olhar. Beijava e rebeijava a creança com a soffreguidão terna dum sequioso de mel puro e, naquelles transportes, a sua estatura, assim amollecida pelo carinho, parecia afinal agigantar-se estranhamente, dominando as frontes radiantes dos demais cavalleiros de D. Sancho.

E foi então que uma voz, poderosamente máscula, lhe disse:

—O nosso segundo filho, Martinho de Bolhão?

O nobre fidalgo estremeceu, esgazeou muito os ólhos jubilosos, que quedando-se todo a reconhecer o interlocutor inesperado e viu deante de si um cavalleiro de formas atleticas, lustroso de barbas, moreno, quási tisnado, apoiando a mão grande e musculosa nos chispantes cópos duma tremenda espada que, mesmo dentro da bainha, parecia scintillar como um incendio de guerra.

E este cavalleiro, sorrindo-lhe ao espanto, ameigava, quanto possivel, as feições imperiosas e repetia benévolamente a pergunta, pousando-lhe a mão de ferro na solidez do longo hombro:

—O vosso segundo filho, leal cavalleiro?

—Eu antes diria o primeiro, senhor... balbuciou Martinho de Bolhões, curvando-se.

—Sim, tendes razão. O primeiro, na belleza estranha...

E, proferidas commovidamente estas palavras, o hercúles interlocutor abaixou-se, rosado de alegria e pousou os labios sanguineos na fronte assetinada da creança.

Depois, soerguendo-se, suspirando com inesperada ternura profunda, encarou com grande affecto o thesoureiro-mór e continuou em tom de sincera cordealidade:

—Os meus emhoras, Martinho de Bolhões. Nasce-vos o segundo filho no dia em que eu nasci para a vida das batalhas!...

—Como, senhor?...

—E' que fui armado cavalleiro em Coimbra por D. Affonso Henriques, meu pai, no dia 15 de Agosto de 1170.

E D. Sancho refitando amorosamente a creança, exhalou novo suspiro melancolico, apertou nervosamente a mão confusa do fidalgo e seguiu pelo corredor, batendo de rijo as grandes espóras de ferro.

—Bom agouro! disse então, do lado, um formidavel lidador, já cheio de cãs, todo banhado de gilvazes, ameigando o semblante incendiado cujo sorriso era sempre cheio da feroz soberba dos combatentes. Mas o menino, que parecia escutar, alevantou, nisto, os braços nevados e, com elles, os grandes ólhos ao céo, encarando-lhe prodigiosamente a brutalidade luminosa, suspirou flebilmente como os hálitos mysteriosos que enchem as florestas sagradas e verteu duas grossas lagrimas brancas, tão brancas, que velho lidador julgou ver as primeiras gôttas duma fonte de immaculadas açucenas.

E, naquelle mesmo instante, todos ouviram, pungentemente amargo, o canto doloroso dos operarios das muralhas de Lisbôa, canto que lembrava o gemedouro de muitos proscriptos, á tona das ondas dum mar de sangue e lagrimas, a naufragarem, a morrerem, a afundirem-se despedaçados pelas saudades da Pátria.

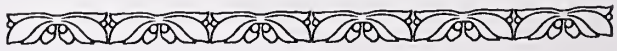
E' que a creança sublime já chorava aos primeiros echos da triste miseria humana!

Oito dias depois do nascimento, recebia o segundo-genito de Martinho de Bolhões o nome de Fernando no velho baptisterio do grande templo de Santa Maria Maior.

Foi uma festa simples, tocante, aquentada deliciosamente pelos ultimos clarões da canícula que parecia diluir-se, como um espasmo de fogo, ás primeiras e timidas bafagens do outomno, hálitos de melancolia crescente que despejam as primeiras folhas amarellentas.

Depois, a creança, embalou os primeiros annos de innocencia na dôce ternura apaixonada dos pais, como uma linda alga vivendo á flôr das torrentes cariciosas e limpidas que rólam crystaes, como se rólam beijos aos pés dum sonho fulgente, candido, ineffavel de perfumes estranhos.

José Agostinho.



ARTE

4.º ANNO N.º 42?

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO, 30 DE JUNHO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

PIEDADE — ESCULPTURA DE TEIXEIRA LOPES

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Comp. e Imp.—Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto

PIEDADE

Esculptura de Teixeira Lopes

Inspirou este assumpto os maiores genios do periodo gothico e do renascimento, profundamente movidos pelo sentimento religioso.

Os artistas dos primeiros alvores do periodo giottesco, sacrificando a correcção plastica á expressão, a verdade á poesia, banindo a immobilidade e o caracter decorativo das creações bysantinas, fizeram, com as suas producções sublimes, vibrar perduravelmente a imaginação dos crentes e dos ascetas.

Miguel Angelo, tambem, legou á posteridade a *Madonna della Pietá,* existente em S. Pedro de Roma, obedecendo o nosso illustre artista Teixeira Lopes ao mesmo espirito de concepção de fórma e de religiosidade, como bem demonstra a presente gravura.

VENEZA COROADA PELA GLORIA

«Plafond» de Paulo Veronez

Damos á estampa um dos *plafonds* do grande mestre da Escola Veneziana Paulo Veronez, obra de grande belleza, revelando bem a imaginação fecunda e o caracter intrépido do genial pintor.

A sciencia perspectiva, o conjuncto harmonioso dos grupos cheios de expressão e de magestade, a pompa architectonica e a magnificencia dos pannejamentos, tudo se patenteia n'esta admiravel tela de uma perfeição absoluta, que compendia todas as suas melhores creações.

EXCURSÃO DA SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES A COIMBRA

Sessenta amadores de Arte e artistas de subido valor da Sociedade de Bellas-Artes do Porto foram a Coimbra visitar os admiraveis monumentos d'Arte da formosissima cidade do Mondego.

Raras vezes temos tido uma alegria tão viva, como no-la deu a espiritual excursão, em que a nota alacre das senhoras imprimia uma ineffavel frescura e encanto. Mas que é Coimbra? pergunta José Agostinho no *Homem em Portugal.*

Os excursionistas da Sociedade de Bellas-Artes do Porto no Paço Episcopal de Coimbra

Cliché de Marçal Brandão — Simili-gravura de Marques Abreu

COIMBRA — Claustro do Silencio de Santa Cruz

CLICHÉ DE MARÇAL BRANDÃO — SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

E nesse radioso livro, responde logo: «Imaginem um throno de neve com golpes de verdura e tendo o docel dum azul, tão puro como o do ceo de Napoles e Lisboa. Depois dêem-lhe como base uma alcatifa de esmeralda, cortada por um golpe de cristal — o Mondego, o rio mais enternecido que conheço.

Emoldurem este rio de choupos e salgueiros, e façam-no espreguiçar em braços d'agua tão limpida, que deixe vêr as areias; e suponham que este rio, o qual no inverno faz do leito um campo de batalha, onde se atropelam verdadeiras ondas, a innundarem tudo — até parte da cidade — é, agora, uma bonita rede de corregos, mansos e cristallinos, murmurantes como ais de idyllios dispersos, dando aos barquinhos um baloiço tão como espiritual, que a gente não julga cortar aguas, mas sim beijos, muitos e enternecidos beijos.

Depois, alonguem a vista em espirito e su-

VENEZA COROADA PELA GLORIA — «PLAFOND» DE PAULO VERONEZ

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

PORTO — INTERIOR DO MUSEU DE S. LAZARO

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

EFFEITO DE NUVENS — Cliché da Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Lemos de Magalhães

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

ponham ondas de verdura em volta do amphitheatro da cidade, e imaginem, se isto é facilmente imaginavel, a mais tocante melancolia nos aspectos e nos visos, na propria luz que parece maguada e sonhadora.

E' Coimbra talvez isto na physionomia; por assim dizer, no olhar e no sorriso.

No interior é um archaismo triste que dá certo desalento, porque nelle tudo é sombrio, tortuoso e acanhado.

Muitas ruellas. Alfama com pretensões a Mouraria, mas sem a nota accentuada da primeira — nota mourisca — e sem o movimento curioso da segunda, pelo menos na sua principal arteria.

Mas os monumentos alevantam-se a protestar, em nome da Alma Portugueza, contra aquelle organismo de veias tão torcidas e pobres de sangue».

Effectivamente assim é. Após a carinhosa recepção que tivemos, de individualidades de alto relevo, como os srs. drs. Joaquim Martins de Carvalho, Eugenio de Castro e Antonio Gonçalves, os nossos illustres guias, achavamo-nos defrontado a Sé Velha, Santa Cruz, Santa Clara, ouvindo o verbo profundo do nosso companheiro snr. Joaquim de Vasconcellos que com uma erudição inegualavel, destacava um diluvio de bellezas artisticas.

A Sé Velha acusa tantos estylos como reconstruções. E' curiosa a parte da cathedral que tem duas inscripções de D. Sesnando, do anno de 1604. Um trecho soberbo, puro e grandioso. Ha sentimento e pensamento naquelles restos. O altar-mór, de puro estylo gotico, e o tecto da sacristia, obra dos fins do seculo XVI, são dignos de admiração.

O retrato de Santa Izabel é de alto valor e tem duzentos annos. O templo de Santa Cruz, fundado por D. Affonso Henriques e reconstruido por D. Manoel é uma obra harmonica e bella, tendo o frontespicio soffrido a influencia do estylo manuelino que alvorava quando se reconstruiu. Os estuques manuelinos da abobada, os bellos azulejos das paredes e o pulpito que o conde de Raczynski capitulou de joia, com uma só pedra, toda com alto relevo, sendo um dos melhores trechos d'arte quinhentista, absorvem-nos a attenção.

Santa Cruz é um mosteiro assombroso com a *Casa do Capitulo,* a capella de S. Theotonio, a sacristia, o coro com as suas 32 cadeiras bellas,

e com o seu orgão, do anno de 1724 decerto o melhor de Portugal.

Emfim, os monumentos d'arte de Coimbra são soberbos e surprehendentes.

O espaço que dispomos não nos permitte alongar uma noticia que bem desejavamos fosse completa.

E deixamos Coimbra, com as suas lindas mulheres tão pitorescas de trajo e o seu povo urbano, agradavel e gentil. Deixamos o Penedo da Saudade, o Penedo da Meditação, o Choupal, Olivaes, Quinta das lagrimas, Lapa dos Esteios, Jardim Botanico, esses logares edenicos tão suggestivos de originalidade monotona, mas tão encantadores ao mesmo tempo.

OFFICINA DE REPRODUCÇÕES ARTISTICAS

É INCONTESTAVEL que o illustre professor e critico d'arte, sr. Joaquim de Vasconcellos, presta extraordinarios serviços á Academia Portuense de Bellas-Artes, com as conferencias que alli iniciou recentemente sobre a Historia da Arte Portugueza.

Já que o desleixo dos governos por tudo quanto se refere a assuntos d'arte não consentiu ainda que a reforma d'aquelle estabelecimento se fizesse, não podemos deixar de enaltecer o esforço e a dedicação de quem põe o seu talento e o seu saber ao serviço de uma causa tão nobre, como é a do levantamento artistico da nossa terra.

O procedimento do sr. Joaquim de Vasconcellos, em contraste flagrante com o d'aquelles que votaram ao mais completo abandono a humilde e pobre Academia de S. Lazaro, é bastante para os encher de vergonha. E ao passo que, no norte do paiz, a Arte toma um incremento enorme, notando-se, especialmente no Porto, um enthusiasmo crescente pelas exposições e ainda pelas excursões que a Sociedade de Bellas-Artes tem promovido aos lugares onde a Arte deixou perduraveis vestigios, a escola d'onde sahiram Soares dos Reis e Silva Porto não possue um curso de Esthetica e da Historia da Arte nem uma cadeira de paysagem, e vive com uma dotação mesquinha. E, comtudo, ainda não ha muito que, na camara alta, um dos nossos mais eminentes parlamentares, fazendo notar o extraordinario desenvolvimento artistico de todos os paizes, especialmente da Inglaterra, onde se instituiu já uma *Associação de Arte para as escolas*, da Allemanha e dos Estados-Unidos da America do Norte, — onde melhor do que em parte alguma se reconhece a influencia dos sentimentos que a obra d'arte desperta sobre o caracter, — lembrava a necessidade de se remodelarem as nossas escolas de Bellas-Artes. Pois bem: esse illustre parlamentar, que vive em Lisboa, provavelmente desconhece ainda o estado de abandono a que os governantes votaram a Escola do Porto, onde a Historia da Arte é ensinada gratuitamente, em cursos livres, por um homem de letras, que nem sequer tem ao seu dispôr o material necessario para esse ensino. Por isso, não podemos deixar de applaudir calorosamente as justas palavras do sr. Joaquim de Vasconcellos, que, em uma das suas lições, exhortou o conselho escolar e o digno inspector da Academia a esforçarem-se por conseguir do governo o estabelecimento de uma officina de reproducções artisticas.

No Trocadero e na Escola de Bellas-Artes de Paris essas officinas prestam serviços inestimaveis. E entre nós uma existe tambem na Academia de Lisboa. Valerá, proventura, menos a arte do norte do que a arte do sul? Ou não sabem os governos que a Academia Portuense de Bellas-Artes possue gloriosas tradicções, que tem o dever de respeitar e honrar?

Vamos, senhores da governança, deixem-se de politica, e façam alguma cousa de nobre. Os cofres publicos nunca se arruinam quando se gasta algum dinheiro para servir os interesses do espirito.

J. C.

EFFEITO DE NUVENS

PHOTOGRAPHIA DA EX.ma SNR.a D. MARIA DA CONCEIÇÃO LEMOS DE MAGALHÃES

A MAGNIFICA publicação ingleza *The Studio*, em o numero correspondente ao mez de abril do corrente anno, reproduziu este bellissimo trabalho da distinctissima amadora Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Lemos de Magalhães com a nota de primeiro premio no concurso mensal promovido pela empreza da mesma publicação.

Felicitamos calorosamente a illustre senhora pela honra recebida, indiscutivelmente um grande acto de justiça da parte do jury, composto de artistas e criticos auctorisadissimos.

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

O NOSSO illustre collaborador Snr. Joaquim de Vasconcellos promette continuar, no proximo numero, o seu interessante e valioso estudo sobre a architectura romanica em Portugal.

NO CAMPO

PHOTOGRAVURA DE MARQUES ABREU & C.ª

ARTE

4.º ANNO

N.º 43

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO, 31 DE JULHO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

JOAQUIM DE VASCONCELLOS (EM AGUAS SANTAS)

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Comp. e imp. — Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto

JOAQUIM DE VASCONCELLOS
EM AGUAS SANTAS

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

JOAQUIM DE VASCONCELLOS é um archivo da historia, das tradicções, da Arte, da ethnographia da raça portugueza. Seja qual fôr o assumpto referente ao povo portuguez sobre que o interroguem, encontrarão sempre uma informação segura e sapiente.

Só quem estude constantemente, quem incessantemente viva sujeito aos livros poderá apreciar a vastidão de uma erudição omnimoda como essa que Joaquim de Vasconcellos denuncia nas suas obras, nas suas conferencias, nas suas mais singelas palestras.

O que lhe deve a Arte portugueza seria sufficiente para o tornar um benemerito da sua Patria, se elle não tivesse conquistado ha muito o titulo de verdadeiro patriota, pela dedicação e pelo amor ás coisas portuguezas.

Joaquim de Vasconcellos não ama apenas Portugal na Arte que o sobredoira. Temos visto amal-o, desde o enthusiasmo ardente como defende a integridade da Patria, até ao carinho extremo com que estuda as inclinações e as faculdades do seu povo.

Quando foi do *ultimatum,* Joaquim de Vasconcellos não protestou com bravatas, mais ou menos espectaculosas; nada d'isso. Mandou emoldurar o mais recente mappa da Africa, inscreveu na moldura algumas datas memoraveis da Historia de Portugal, coroou o mappa com uma palma e offereceu-o ás escolas do Porto, para ser affixado ao alcance dos seus alumnos. Pretendia d'est'arte animar a mocidade a amar essa Africa que, tendo-nos levantado ao apogeu da gloria, serviu um dia para cevar contra nós a ambição de estranhos.

Como publicista e como vulgarisador, Joaquim de Vasconcellos occupa um logar primacial entre os homens cultos do seu paiz. A sua obra é uma larguissima extensão.

Desde os *Musicos portuguezes,* pela historia da *Renascença Portugueza,* alem; investigando o alcance economico e politico da *Feitoria de Portugal em Flandres,* escrevendo artigos sem conta em revistas, levando para o Museu Industrial e Commercial do Porto, que installou com grande amor, especimens, alguns bem raros, do que viu, por esse paiz fóra, a respeito das industrias populares; fazendo conferencias, acompanhando excursões de Arte, ensinando linguas — em toda essa ampla e febril actividade se accentuam as suas raras faculdades de intelligencia e de trabalho e, sobretudo, o grande amor pela sua terra.

Quem tanto lidou para mostrar a nacionaes e estrangeiros os meritos da nossa Patria era bem digno de encontrar nas venturas do seu lar a paz e a tranquilidade que aos grandes combatentes são dadas. Encontrou-as, com effeito, na intelligencia cultissima e nas virtudes aprimoradas da esposa, a illustre philologa D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e nos netinhos, que estão constituindo as delicias dos seus dias.

Quando lhe fôr dado retirar-se da refrega em que constantemente tem andado, empenhado, poderá dizer como o poeta:

«A minha terra amei, a minha gente».

1908.

BENTO CARQUEJA.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS E SEUS NETOS
EM AGUAS SANTAS

JOAQUIM DE VASCONCELLOS
EM AGUAS SANTAS

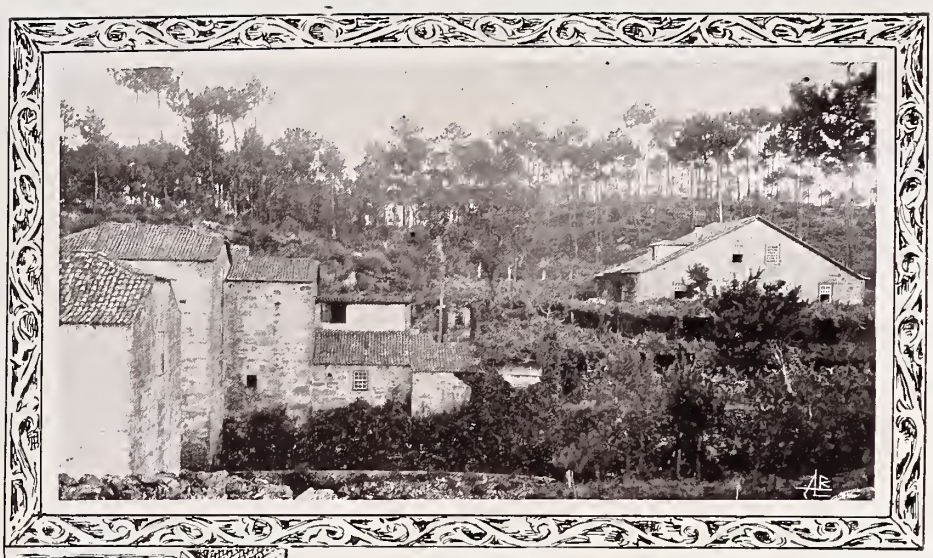
NA apreciação e critica philosophica dos grandes escriptores e dos grandes artistas ha hoje uma *maneira* e um processo de exame muito diverso da analyse de outros tempos.

Os antigos criticos serviam-se apenas da sua obra externa, o poema ou a estatua, o quadro ou o livro, o desenho ou a opera, para n ella e sobre ella procurarem arrancar o perfil moral do auctor.

Mas a obra dos grandes artistas é quasi sempre nervosa, filha d um grande amor ou d'uma paixão intensa; é como que um relampago de genio que não deixa adivinhar aos que a leem ou aos que deante d ella se curvam de admiração, — a labareda que lhes queimava a alma ou a magua que lhes cruciava o coração, ao compôl-a, ao enfloral-a, se é estatua dando-lhe vida, se é poema ou livro, ou tela, dando-lhe expressão e sentimento.

Para arrancar, por isso, fiel, *photographado,* o perfil moral dos grandes artistas e dos grandes escriptores é necessario conhecel-os na sua intimidade, no seu meio familial, na sua correspondencia, nos seus habitos, até nos seus amores e nas suas excentricidades.

A mascara exterior, a da face e a da obra, é muitas veses uma mascara falsa.



ASPECTO DA CASA DE VEIA (1)
freguezia de Aguas Santas

A casa, sim, essa demonstra e põe em fóco a alma de quem a habita As mais pequenas cousas reflectem os seus pensamentos, os seus gôstos e as suas affeições, e dão-nos como que a imagem do seu proprio sentir.

Vêde o illustre archeologo e professor snr. Joaquim de Vasconcellos na aula, nas conferencias, na rua, só, sem o elemento intimo de que vive e para que vive, — a familia.

Tem a mascara severa do homem de sciencia.

Não é rude; mas é serio, concentrado.

Parece que n'aquella cabeça e n aquelle cerebro só se agitam os grandes problemas da sciencia e que em mais nada pensa, que nada mais o commove.

Pois, muito bem. Vêde-o agora no aconchego do seu lar, no meio dos seus, ao lado de sua extremosa esposa, a distinctissima senhora que é uma das nossas legitimas glorias litterarias, a snr.ª D. Michaëlis de Vasconcellos; vêde-o com os seus netos — e a sua feição é outra.

E' doce, amoravel, risonha. Parece que a familia o transforma. D um homem que só pensa em coisas antigas, que só se prende com sciencias archeologicas, sahe outro, o homem do sentimento, delicado como a haste d'um vime, brando e sensivel aos sentimentos mais ternos.

Foi em Aguas Santas, na sua bella vivenda de verão, que assim o fixamos.

Lindo trecho de natureza aquelle recanto da sua quinta!

Ao fundo dum valle opulento onde os milharaes põem a côr d'um verde glauco; junto ao pequeno Leça que soluça endeixas por entre salgueiraes onde melros cantam e pequenas aves pipilam; d'um lado a vegetação variada e soberba, e do outro a urze e o matto e os pinhaes gemendo... aquelle recanto é bem delicioso e bem proprio para descanço e ferias d'um espirito que trabalha incessantemente, ininterrompidamente.

*

Mas alli mesmo, na sua linda casa de campo, o distincto archeologo exteriorisa o culto mais sincero da sua alma, as predilecções do seu espirito. Mobiliario, estatuetas, bibelots, adornos, *gueridons,* quadros, molduras... tudo tem uma nota antiga. Ou na certidão de idade, ou no trabalho de de-

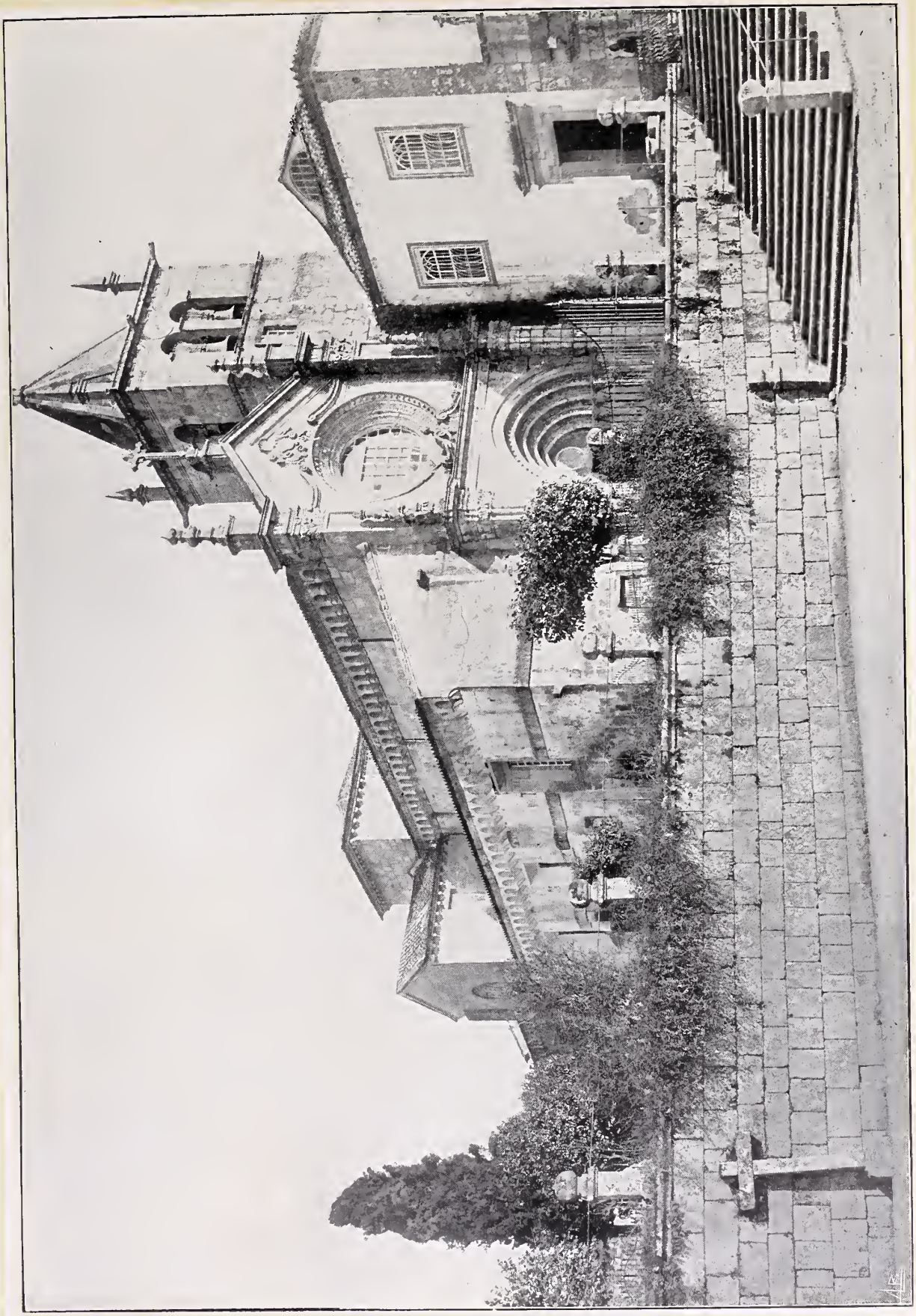
D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS,
SUA NORA D. LOTTE LAUTENSACH DE VASCONCELLOS
E JOAQUIM DE VASCONCELLOS

(1) Tirada do lado de Nascente; a parte extensa são as trazeiras da casa; á esquerda os moinhos de Veia, que foram da Commenda da Ordem de Malta, e são do Snr. Joaquim de Vasconcellos. O Rio Leça corre entre os dois moinhos.

Os excursionistas na Estancia da Torre (Entre-os-Rios)

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

CLICHÉ DE AURELIO DA PAZ DOS REIS



PAÇO DE SOUSA — VISTA GERAL DA EGREJA

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

CLAUSTRO DO PAÇO DE SOUSA

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

coração imitativa. Alli mesmo, a estante predilecta offerece, nas prateleiras, velhos codices e pergaminhos.

No entanto, apesar dos in-folios em que o seu espirito perscruta, por veses, os segredos dos velhos monumentos, aquella casa não tem a poeira do passado.

Ha alli o riso argentino de duas galantes creanças, que são como dois lyrios a emergir á flor d um lago, — seus netos, — ar reconfortante dos pinhaes, uma quietitude suave. Por isso, o illustre professor e escriptor perde o rictus severo da face, e fica bem, alegre, sorridente, generoso e bom.

SILVA ESTEVES.

O MERITO GALARDOADO

Poucos escriptores portuguêses teem uma obra tão larga e documentada sobre a nossa historia litteraria, sobre as nossas industrias, sobre a nossa arte e os nossos monumentos, como o snr. Joaquim de Vasconcellos.

O seu trabalho é devéras notavel e fecundo. O catalogo das suas obras enchia as paginas d'esta Revista.

Não o publicamos, por isso, mas queremos deixar aqui archivados os principaes titulos honorificos que possue e que lhe foram conferidos como galardão ao merito e ao trabalho.

O illustre escriptor e archeologo, é:

Socio effectivo da Gessellschft für Mosikforsschung de Berlim; da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses; socio protector da S. de Soccorros dos operarios fabricantes do Porto; socio correspondente do Instituto Imperial Germanico de Archeologia; da Academia Real de Bellas Artes de Madrid (S. Fernando); do Gabinete de Leitura de Pernambuco; socio honorario do Atheneu Commercial do Porto; socio fundador e ex-secretario geral da Sociedade de Instrucção do Porto; membro associé de l'Association Litteraire Internationale de Paris; socio honorario da Escola Livre das Artes do desenho de Coimbra; da Academia Real de Musica de Florença; da Sociedade Martins Sarmento de Guimarães; da Associação Benefica dos Ourives do Porto; correspondente da Academia de Archeologia da Belgica; socio benemerito da Associação Industrial Portuguêsa de Lisboa; vogal da commissão dos Monumentos Nacionaes; socio correspondente da Academia Real da Historia de Madrid; da Academia Real das Sciencias de Lisboa; do Instituto de Coimbra; socio consultivo da Associação Industrial Portuense; membro correspondente da Academia Real d'Archeologia da Belgica; Academico de merito da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa; socio correspondente da Sociedade Luigi Camões (Italia); Academico de merito da Academia Portuense de Bellas Artes, etc., etc., etc.

RUINAS

Atravez das velhas grades do convento, a dentro das solitarias cellas em ruinas, por onde entram as heras e as silvas tecem festões de verdura, houve já uma agitada vida, viveu já uma sociedade que a geração de hoje não conhece, mas que os coevos nos

descrevem com côres sufficientes para despertar no nosso espirito — quando não mais, quanto o tempo destróe, como tudo se transforma, ideias, religiões, sociedades! Sahiram d'alli, talvez chorando de saudade, pelos seus claustros, pelo seu retiro, pela sua clausura, algumas dezenas de homens.

E o convento, que até alli foi cuidado e aceiado, deixou-se minar do tempo.

Cahiram os primeiros beiraes; derruiram as primeiras paredes. Partiram-se os vidros das grandes janellas e torceram-se os varões de ferro que as resguardavam.

E, como as sandalias dos antigos habitantes não pisavam aquelle chão, surgiram as hervas ruins e medraram os cardos.

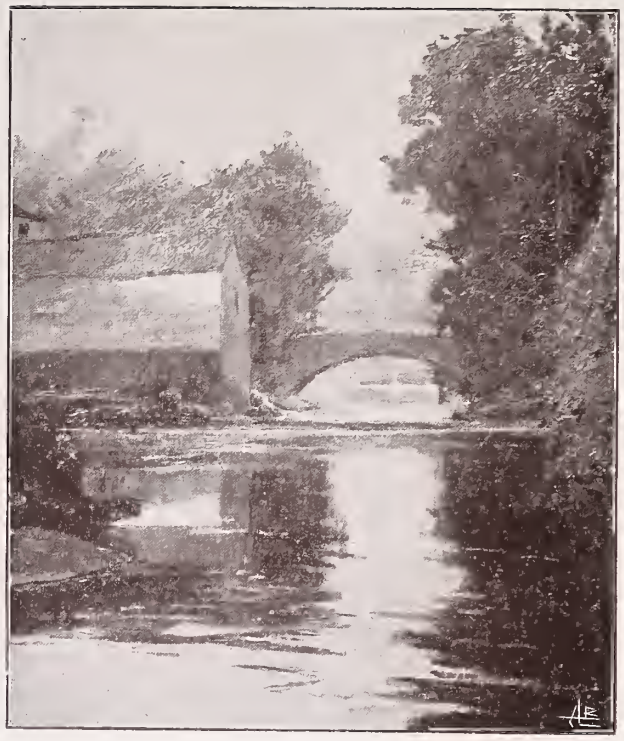
Tudo se transformou. Onde soavam matitinas e tangiam campainhas, pia hoje o môcho e crucitam os corvos.

Apenas, em manhãs de primavera, o melro negro assobia canticos de saudade, e as andorinhas, no verão, fazem os seus ninhos de terra amollecida de lagrimas e criam os seus filhos.

Como tudo isto nos desperta uma poesia especial, como tudo isto fala ao nosso espirito e á nossa imaginação!

Ruinas, ruinas...

S. E.



RIO LEÇA EM MILHEIRÓS — QUADRO DE CANDIDO DA CUNHA

EXCURSÃO ARTISTICA

REALISOU-SE ultimamente uma excursão artistitica, de exame, ao antiquissimo monumento romanico do Paço de Sousa.

Ha alli, entre muitos detalhes interessantes, o tumulo de Egas Moniz, que é de um trabalho e motivos symbolicos, de que, como de todo o monumento, deu larga e minuciosa informação aos congressistas o distincto archeologo e nosso amigo snr. Joaquim de Vasconcellos.

A *Arte* ha de occupar-se opportunamente, com larguesa, do monumento de Paço de Sousa em todos os seus aspectos.

Os congressistas, em que se contavam alguns dos nossos intellectuaes, artistas, homens de letras e muitas senhoras, almoçaram alli, ao ar livre, e seguiram, depois, para a linda estancia de Entre-os-Rios, sendo recebidos no Grande Hotel da Torre com aquella briosa e fidalga hospitalidade que é o timbre do snr. Candido Ramos, gerente d'aquelle importante, moderno e elegantissimo estabelecimento e com os melhores primores de distincção pelo notavel medico da Estancia, snr. dr. Albino Baptista.

Visitaram todas as dependencias do Estabelecimento Thermal, que fica adjunto ao Hotel, e dirigiram-se em seguida á Quinta das Granjas, onde jantaram, voltando, á noite, para esta cidade, com gratas e perduraveis recordações.

O cliché do Grupo de excursionistas em Entre-os-Rios foi-nos cedido pelo sr. Aurelio da Paz dos Reis.

SAUDADE — ESCULPTURA DE TEIXEIRA LOPES

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

RUINAS (Serra do Pilar)

CLICHÉ E SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

ARTE

4.º ANNO — Nº. 44

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO, 31 DE AGOSTO DE 1908 — Edição em cartão, 120 reis

MISTRESS SIDDONS — QUADRO DE LAWRENCE

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Comp. e imp. — Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto

MISTRESS SIDDONS

(Quadro de Lawrence)

Sir Thomas Lawrence nasceu em Bristol, em 1769. Foi, principalmente, um pintor da mulher elegante e distincta; teve o culto da *toilette*, dos veiludos, das sêdas e dos penteados.

O grande pintor francez Delacroix, numa carta dirigida ao seu amigo Th. Silvestre, e escripta em 1858, diz de Lawrence, com quem tratou pessoalmente, o seguinte, que bem resume largos juizos:

«As minhas impressões naquelle tempo talvez fossem hoje um pouco modificadas; talvez notasse uma exageração de meios de effeito que se resentem um pouco da escola de Reynolds; mas a sua prodigiosa finura de desenho, a vida que elle imprime ás suas mulheres que dão a sensação de que nos fallam, tornam-o, como pintor de retratos, um tanto superior ao proprio Vandyck, cujas admiraveis figuras pousam tranquillamente. O brilho dos olhos, as boccas entreabertas são por Lawrence admiravelmente expressos. Acolheu-me com muita amabilidade; era, por excellencia, um homem agradavel, excepto, porém, quando lhe criticavam os seus quadros».

A ULTIMA da FAMILIA — Quadro de J. J. Souza Pinto

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

A ULTIMA da FAMILIA

(Quadro de J. J. Souza Pinto)

No *Salon* de 1907, tivemos a satisfação de observar este singelo quadrinho, assumpto extractado dos nossos costumes portuguezes do norte. Não sendo das melhores producções do glorioso artista, é todavia uma obra digna de figurar na serie brilhante dos seus apreciados trabalhos.

A PRIMEIRA a COMPARECER

(Quadro de J. J. de Souza Pinto)

Uma figura aristocratica de mulher esbelta e flexivel, aguardando no jardim o momento talvez d'uma entrevista amorosa, eis o assumpto d'outro interessante trabalho do nosso illustre conterraneo Souza Pinto, exposto no *Salon* de 1904.

Sempre as mesmas qualidades de observação arguta e de execução magistral e primorosa, e tão pessoal e inconfundivel que bem dispensaria uma assignatura.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A EVOLUÇÃO DA ARTE EM PORTUGAL.

POR JOSÉ DE FIGUEIREDO

ESTÁ publicada esta importante monographia do illustre critico d'arte Dr. José de Figueiredo, que incluida foi no catalogo da secção d'arte portugueza da Exposição do Rio de Janeiro. E' um patriotico e substancioso trabalho, que todo o portuguez de coração e de espirito deveria lêr attentamente.

Logrou o Dr. José de Figueiredo uma merecida consagração pelas suas excepcionaes faculdades de julgador eminente, em materia d'arte; a sua authoridade soberana é hoje acatada e respeitadissima. Deve-lhe a arte nacional consideraveis serviços, tambem, como vulgarisador infatigavel e como educador do nosso publico. E'-nos grato proclamar o seu nome como um dos que mais honram as letras portuguezas. O seu livro de hoje versa um assumpto dum alto interesse historico, contendo preciosas informações e uma lição proveitosa.

A sua theoria da evolução da arte portugueza, tão bem documentada, cancella definitivamente bastantes hypotheses formuladas, muito controvertidas, acêrca da nossa arte e dos nossos artistas, precisando claramente os factos que mais concorreram para a nossa revelação esthetica, provida de caracteres ethnicos inconfundiveis, a que uma catastrophe nacional poz desgraçadamente termo... O desastre de Alcacer-Quibir, compromettendo a nossa independencia politica, produziu, poucos annos depois, o exodo dos nossos artistas e a desnacionalisação dos nossos homens mais illustres.

A PRIMEIRA A COMPARECER — QUADRO DE J. J. DE SOUZA PINTO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

Pelo trecho seguinte se avalia o merito do livro de que tão singelamente nos occupamos:

Portugal ia assim, na sua verdadeira corrente, avançando segura e progressivamente, emquanto que a Hespanha ainda se perdia sob influencias diversas e por isso mal assimiladas. E, como nos affirmavamos na pintura, iamos coordenando, na architectura e nas outras artes, os nossos esforços, tirando, da combinação livre de differentes elementos, o esboço de um estylo que, ainda indefinido, pela sua excessiva riqueza, havia de ser de futuro, achado o seu *canon*, a exteriorisação plastica perfeita da nossa vitalidade affirmada victoriosamente sob tantas outras fórmas. Os resultados eram seguros porque a base o era tambem. Ricos como já então eramos de tradições populares, os nossos grandes artistas não desprezavam esse elemento, procurando, sobretudo, n'elle a sua fonte de inspiração. E esta orientação era tão geral e fortemente vincada que, ao receber um representante do Papa, D. Sebastião mandava servir para beber, preferindo-o ás mais maravilhosas peças das suas ricas baixellas, um pucaro de barro de Extremoz. Este facto, contado pelo grande mestre historiador d'arte, sr. Joaquim de Vasconcellos, falla mais alto do que todo e qualquer outro argumento.

Mas, esta marcha ascensional que, na pintura, teve a sua mais accentuada manifestação em Sanches Coelho, devia ser, em breve, cortada. A arte só prospéra com a paz. E se a guerra póde ainda, a seu modo, ser fecunda e creadora, o que de fórma alguma o podia ser era a situação de provincia conquistada a que nos levou a derrota de Alcacer-Quibir, depois de nos ter roubado o melhor das nossas forças. A nossa pintura tão florescente morreu, então, quasi repentinamente. E, até ao começo do seculo XVIII, póde dizer-se que não ha arte em Portugal. A não ser na esculptura e na pintura, em que ainda alguns nomes apparecem, o que se produz durante esse interregno nem merece tal nome. Sem compradores, o artista, ou não chega a revelar-se, ou, se, como o esculptor Pereira, se affirma mais valiosamente, transpõe a fronteira, e vive e produz como um hespanhol. A Hespanha tem então, para muitos portuguezes, um grande poder de attracção, e é assim que o futuro pae e os futuros avós de Ve-

lasquez, fidalgos naturaes do Porto. se vão tambem estabelecer em Sevilha nos fins do seculo XVI, onde, poucos annos depois, do casamento d'aquelle com uma senhora hespanhola, devia nascer o grande e celebre pintor de «Las Lanzas», das «Meninas» e de tantas outras maravilhas.

A chamada escola de Madrid, cujo verdadeiro precursor é o portuguez Sanches Coelho, ia, por este facto, abrir com um pintor de origem portugueza: Velasquez e fechar com outro, filho tambem de portuguezes, se não elle proprio portuguez, Claudio Coelho.

A força de todos tres foi o naturalismo, poderoso no primeiro, triumphante em absoluto no segundo e mais fraco, mas ainda com uma certa vida, no terceiro, — esse mesmo naturalismo dominante em Portugal até á grande catastrophe de 1580, epocha em que a pintura hespanhola, ja ha muito presa do convencionalismo italiano, ia a caminho da decadencia em que cahiria, fatalmente, sem o genio d'estes artistas.

A' excepção de Ribera, educado fóra de Hespanha, na corrente brutal, mas um pouco sádia de Caravaggio, e, por assim dizer, revelado aos hespanhoes por Velasquez, todos, incluindo Murillo, devem a Sanches Coelho e ao auctor de «los Borrachos», a melhor parte da sua força. E Claudio Coelho, o unico que, mais tarde, continua ainda luctando pela boa causa, esse vem a morrer sacrificado á arte italiana que, com Giordano, leva definitivamente á ruina a tão superior arte hespanhola do seculo XVII.

Consiga este trabalho, d'uma synthese admiravel e duma logica tão sã, servir de incitamento a todos os que, pelo seu valor civico e pelo seu talento, possam concorrer para o resurgimento da nossa patria, bastante angustiada no actual momento.

R.

JOSÉ DE FIGUEIREDO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

INFANCIA DE JESUS — ESCULPTURA DE D. ADA DA CUNHA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

INFANCIA DE JESUS — ESCULPTURA DE D. ALICE CELESTINA DA FONSECA AZEVEDO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

INFANCIA DE JESUS

(PROVAS DE UM CONCURSO) (1)

ALMA fiel, mira y contempla
que el peso de cruz tan grave
Dios, que tu flaqueza sabe,
arbitro summo, lo templa.

Medir as forças de cada um, á risca, só Deus, segundo diz a sentença antiga *(Prov.* XVI, *11)*. Embora, com receio, julga-se em companhia dos melhores guias, e cumpre-se um dever, officialmente. Assim fizemos. Apreciar pela primeira vez, como — *Academico de merito,* os trabalhos dos alumnos da Escola de Bellas Artes foi para mim gratissimo encargo pelo conhecimento que tomei de tantas aptidões nascentes e, mais ainda, talentos promettedores. No meio de uma grande exposição de trabalhos escolares, muito variada, muito instructiva e perfeitamente disposta; após um exame minucioso que durou cêrca de tres horas nas aulas de desenho, esculptura, pintura e architectura — escolhi, como recordação, para dialogo intimo, no meu gabinete, essas provas de duas senhoras, alumnas de Teixeira Lopes, no 5.º anno do curso de esculptura.

São concepções totalmente diversas — uma, figura elegiaca, predestinada, quasi vidente, que interroga o madeiro e adevinha o seu destino.

Ella pensa como o poeta sacro: «Muitas são as tribulações dos justos *(Psalm.* XXXI, *10)*, mas se algum de vós quizer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e — siga-me» (Luc. IX, 23; Marc. VIII, 34).

Los que Cruz pequeña huyeron
Con Cruz mayor se cargaron:
Tanto mas peso tomaron,
Quanto mas lo aborrecieron.

A outra, mais nova, solta um grito jubiloso, que acompanha o vôo da cotovia, prestes a fugir, libertada da prisão.

Diz-se que Leonardo da Vinci, genio encyclopedico do sec. XV, cuja fama e gloria prodigiosa tem crescido continuamente, até hoje, cujo saber não foi ainda medido em toda a sua extensão! — mostrava a sua ingenita bondade, comprando quantas aves captivas podia haver á mão, para as soltar: symbolo da *charitas* cingida ao amor, no sentido dos *Antigos*, que se alimenta da bondade inexgotavel, para todos egual e a toda a hora presente e activa.

O problema, sob o ponto de vista da esthetica, ganha no primeiro caso; a figura — modelo feminino, sem duvida, o que póde discutir-se — de expressão já muito mais pronunciada, sentiu a voz interior da vocação, estremeceu, mas conteve-se, segurando a cruz como se fôra uma ancora; pois, sendo o madeiro tão pequeno, apparentemente, carrega symbolicamente com todo o pezo da martyr quasi prostrada, cahida sobre um lado; figura nobre na eurhytmia das proporções, segredo da *natura* em vultos populares nossos, que tantas vezes me obrigam a parar na rua, encantado! Esbelta, finamente lançada nos seus lineamentos, não a constrangem vestes convencionaes. Dão na vista os primores revelados na feitura das mãos e dos pés, dos braços, do pescoço, dos hombros, de todo o busto.

A outra, de pé, completamente vestida, com roupagens bem estudadas, mas o vulto, um tanto curto, avança para soltar as aves e acompanhar o cantico jubiloso da liberdade. O rosto, radiante de alegria, fita o sol, a luz, para todos egual,

como elle mesmo é egual na acção, pois a todos acalenta sem differença:

> Los pampanos alegres, y las flores,
> Terso el cristal de la risueña fuente,
> Brillantes de los lilios los candores,
> Lucido el Cielo, el campo floreciente
> Al zefiro que mece sus olores,
> Hacen del Mayo la estacion luciente;
> Y com trompas de pluma bien sonoras
> Publican Primaveras aves canoras.
>
> (Cicero I *Tusc.* Virg. 2. *Georg.*).

Na parte núa do corpo, pouco visivel, rivalisa a execução com o exemplar descripto.

A differença da edade entre as duas figuras é evidente—; é grande mesmo, e ajudou esta concorrente a aproximar-se muito mais do problema proposto, pois que em taes annos infantis não ha desegualdade no aspecto exterior dos dous sexos. Jesus não deve ser senão um menino. E no segundo caso póde sel-o ([2]); no outro, não. Vestindo mui parcamente a figura feminina, a primeira concorrente desvendou e venceu difficuldades technicas de superior valia. A outra alumna fez um bello estudo de pannejamentos; e brilha ao mesmo tempo na apurada observação do nu, reduzido, aliás, ao indispensavel. Não é receio de abordar o difficil, pois que para vestir bem qualquer figura é forçoso despil-a, modelal-a núa, primeiramente. Isto é notorio. Temos portanto em elevada conta a arte e a sujeição obediente da segunda ao programma dado. Estou convencido que não sabe menos do que a sua concorrente e que não póde menos, technicamente fallando; logo, a um vogal extranho ao corpo docente, como eu, só restava, para dar o voto, interrogar o mestre de ambas as alumnas sobre o valor da frequencia escolar, sobre a *applicação*. Mas elle, sorridente perante um triumpho francamente confessado pelo jury—por todo o jury, *una voce* (o curso do Snr. Teixeira Lopes é excepcional em toda a linha, no anno lectivo findo)—encolhia os hombros, declinando uma sentença definitiva. Quem a daria? Hesitou-se longo tempo.

Quem faria a melhor?... Os valores foram eguaes (17), pois egualmente dignas são de premio no seu dedicado labor, em honra do mestre illustre que as guia; egualmente dignas pela sua evidente e intensa devoção pela Arte, que muito espera de ambas, no futuro.

Em 9 de setembro de 1908.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CONVENTO DE ALPENDURADA—LAPIDE EM GRANITO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

CONVENTO DE ALPENDURADA — CLAUSTRO

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

P. S. O Sr. Marques Abreu, a pedido do signatario, logo acudiu, gentilmente, reproduzindo os dous bellos trabalhos, sem a menor compensação. Aqui lh'o agradecemos em nome do Jury, da Academia e das alumnas. Salva assim o fragil barro, não cosido. A moldagem em gesso foi orçada em cêrca de 30$000 e a Academia não tem recursos para tanto. Talvez appareça algum protector generoso...

(1) Foram concorrentes as Ex.mas Snr.as:

D. Ada da Cunha, filha do Snr. Jorge da Cunha. Edade 21 annos; discipula dos Professores José de Brito e Teixeira Lopes.

e D. Alice Celestina da Fonseca Azevedo, filha do Snr. João Pinto d'Azevedo. Edade 21 annos; discipula dos Professores José de Brito, Teixeira Lopes e Marques d'Oliveira.

(2) O modelo foi tambem uma menina, confissão sincera, feita ao Jury.

O CONVENTO DE ALPENDURADA

SEGUNDO a tradição contada por Frei Leão de S. Thomaz, na sua «Benedictina Lusitana», ainda decorria o seculo XI quando, em plena brenha, na margem direita do rio Douro, ao lado do monte Arados, sete leguas distante do Porto e «hua do logar de Entrambolos Rios», se deu o milagre que levou o padre Velino á construcção da primitiva capella que foi origem do, ao deante, mosteiro de Alpendurada, ou de Pendorada.

Como era natural, dada a sua situação á beira d'um rio tão navegavel, a fama da sua origem divina irradiou com facilidade, e assim, successivamente, essa pequena fabrica foi augmentando com doações e privilegios de toda a ordem, em que avultam os que lhe concederam e doaram D. Thereza, seu filho D. Affonso Henriques e D. Moninho Viegas. D'essas epochas distantes nada, porém, resta já. Como sempre, a mão dos homens antecipou-se, nos seus vandalismos, ao estrago menos implacavel do tempo. E, por isso, somos forçados a recuar até ao seculo XV da era hespanhola (XIV da era de Christo) para, na lapide, cuja reproducção acompanha este pequeno artigo, termos um documento positivo do que poderia ter sido, então, esta velha casa de S. Bento. Essa descripção diz-nos muito na sua singeleza, devendo o claustro que João Garcia de Toledo, «mestre e vedor das obras de El-Rei D. Fernando», fez por ordem do abbade D. Affonso Martins, amigo de El-Rei D. João I, ser em tudo digno do poder d'aquelle e do valor do constructor de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, pois, segundo o cardeal Saraiva, foi este mesmo architecto quem ergueu aquella construcção, em cumprimento do voto feito pelo mestre d'Aviz.

A lapide, em caracteres gothicos e em que o artista esculpiu, á direita, com grande simplicidade e vigor, a figura do abbade D. Afonso Martins e, á esquerda, provavelmente, a sua, é em granito e diz o seguinte:

CONVENTO DE ALPENDURADA — UMA RUA DA CÊRCA

SIMILI-GRAVURA DE MARQUES ABREU

«ERA. DE. MIL. E. CCCC. E XX ANOS. DOM. AFONSO. MARTINS. ABADE. DESTE. MOSTEIRO. MANDOV. FAZER. A. OBRA. DESTA. CRAASTAA. POR. ESTAR. MA. E FOI. FEITA. POR. MÃAO. DE JOHAN. GARCIA. DE. TOLEDO. MESTRE. E. VEDOR. DAS OBRAS. DELREI. DOM. FERNANDO. PATER. NOSTER. AVE. MARIA.

Assim, pelo menos, a lemos, e assim tambem foi transcripta por Raczynski, no seu «Diccionaire-historico-artistique», a pag. 107, segundo communicação do fallecido Visconde de Juromenha.

* * *

A fabrica actual do convento é do seculo XVII, e deve ser posterior a 1649, anno em que foi, pela segunda vez, eleito o abbade Frei Simão Borges, pois, conforme a já citada «Benedictina Lusitana», foi este abbade, no seu segundo governo, quem «deu principio a um dormitorio novo que fica com a vista sobre o Rio para a parte do meio dia, em que já os religiosos com maior commodidade vivem». E isto é logico, por ser a consequencia natural da influencia que, sobre os padres d'este mosteiro, devia ter exercido a nova casa do Porto levantada em 1578, e em que elles tinham estado desde 1599, anno em que, com todos os retabulos, orgão, sinos, etc., abandonaram Alpendurada, até 1611, anno em que, com as mesmas alfaias, para lá voltaram. O classicismo archeologico de Vignola, embora nobre de proporções na casa de S. Bento do Porto (Victoria), devia ter agradado em absoluto a espiritos para quem a vida moral e material obedecia a uma invariavel medida, tanto mais quanto, n'essa epocha, ainda mesmo fóra d'esse meio, a escola secca e acanhada d'esses engenheiros da arte dominava por completo, sendo por isso improprio o nome de jesuitico dado a este estylo a que só póde caber esse epitheto pela adopção que d'elle fez, na Europa e fóra d'ella, aquella ordem.

No seculo XVII, e depois no XVIII, o estylo ogival, como tudo o que sahia fóra da estreiteza das regras da arte d'essa epocha, não podia ser comprehendido. E, n'essa corrente, as egrejas deixaram de, como até ahi, ser templos em que a Biblia era estereotypada em toda a maravilhosa riqueza da sua linguagem livre, de sonho, para se reduzirem a mesquinhos cathecismos em que a Egreja, seccamente, escrevia as suas rigidas e severas maximas. A arte religiosa dos seculos XVII e XVIII condemnava assim a dos seculos XV e anteriores e, n'esta corrente, não parava ahi, condemnando até ás proprias obras dos grandes mestres da renascença, que chegaram a estar, por vezes, ameaçadas de morte. Basta lembrar, por exemplo, o «Juizo final», de Miguel Angelo, que, por duas vezes, esteve para ser destruido.

Assim, tendo sido accrescentado e reconstruido depois de 1649, tudo no mosteiro de Alpendurada está vasado n'essa fórma geralmente inesthetica conhecida pelo estylo jesuitico, e isso desde «o dormitorio novo», em cuja fachada o architecto se permittiu ainda certas liberdades, até á egreja cuja frontaria é, infelizmente, typica em absoluto.

O claustro esse é, segundo o costume, da ordem toscana, mas não deixa de ter uma certa grandeza, sendo manifesto o bom gosto dos snrs. condes de Alpendurada que obtiveram, com o seu ajardinamento, um effeito de pittoresco muito agradavel. Externamente, esse mesmo bom gosto é evidente, conservando a cêrca e o seu «recreio» o antigo caracter rustico que tão bem fica no scenario grandioso da paysagem em que o mosteiro se ergue.

Graças, portanto, ao bom criterio dos seus proprietarios, o convento de Alpendurada, se não tem já hoje o valor artistico que deve ter revestido no fim do seculo XV, continua, entretanto, felizmente tal qual no meado do seculo XVII, depois de vandalisado mas accrescentado de volume, a destacar-se, acima do planalto em que se levanta, como um remate digno da escarpada e accidentada riba que lhe serve de supporte, impondo-se, como então, pelo grandioso da sua fabrica e pelo admiravel e pittoresco da sua situação privilegiada.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

ARTE

4.º ANNO — Nº. 45

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO, 30 DE SETEMBRO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

ESCRAVO ROMANO SUCCUMBINDO AO VENENO—Esculptura de ANTONIO ALVES DE SOUZA

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e imp.—Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto

ANTONIO ALVES DE SOUSA

Simili-gravura de Marques Abreu

ESCRAVO ROMANO SUCCUMBINDO AO VENENO

REALIZOU-SE ha pouco a exposição das provas apresentadas pelos candidatos ao logar de pensionista do Estado, na classe d'esculptura, para conclusão dos seus estudos no estrangeiro.

Teve esta exposição as honras duma larga visita por parte do publico, que não ficou indifferente a este acontecimento artistico digno de registo na nossa terra.

Concorrentes foram apenas dois: os srs. Antonio Alves de Souza e Rodolfo Pinto do Couto; ambos se mostraram dignos discipulos de Teixeira Lopes, artista illustre, que aos seus meritos de estatuario eminente, reune os de professor zeloso que diffunde com excepcional capacidade todo o seu saber em proveito dos seus discipulos sem esoterismos nem reservas.

Deu o jury preferencia ao primeiro dos candidatos, o snr. Antonio Alves de Souza, e nisso procedeu com a maxima justiça e d'harmonia com a opinião geral perfeitamente definida a este respeito.

O assumpto sorteado pelo jury era de molde a fazer vibrar a alma dum artista, na plena accepção do termo, exprimindo plasticamente uma ideia e suggerindo uma viva emoção. Nisto foi completo o snr. Souza que se mostrou evocador de pensamentos e sonhador de fórmas.

O seu escravo, victima dalguma sinistra Locusta que especulasse em *anima vilis* os effeitos d'um terrivel veneno cynicamente propinado, é uma bella obra d'arte. A figura, sem desvios de construcção, é modelada com sentimento e a sciencia anatomica dum Miguel Angelo em quem o artista parece haver-se inspirado, humanisando a sua arte heroicamente, como procedeu esse gigante da Renascença.

Os musculos crispam-se nervosamente, num erethismo accentuado; a mascara convulsionada, dum facies pavoroso, exprime poderosamente os ultimos espasmos dum moribundo. Tem movimento e força este energico pedaço d'esculptura que lembra a obra robusta do genial Puget, duma superioridade esthetica estra-

ESCRAVO ROMANO SUCCUMBINDO AO VENENO — Fragmento

Simili-gravura de Marques Abreu — Esculptura de ANTONIO ALVES DE SOUZA

ESCRAVO ROMANO SUCCUMBINDO AO VENENO

Simili-grav. de M. Abreu Esculptura de ANTONIO ALVES DE SOUZA

nhavel no nosso meio onde rareiam os bons modelos. Ha côr, ha caracter em tudo aquillo! Não é a obra dum discipulo, é a obra dum mestre feito que se assignala na fileira dos artistas psychologos que imprimem á materia todas as modalidades do espirito a par duma technica equilibrada e extensa.

Antonio Alves de Souza não honrou apenas o seu nome: notabilisou a nossa Escola de Bellas-Artes, fazendo convergir nella as attenções de todos os que perseveram no progresso da nossa cultura esthetica.

Cumpre-nos aguardar d'este artista obras de verdadeiro alcance após a sua permanencia temporaria nos centros estrangeiros onde a Arte sasentou principalmente os seus arraiaes.

ARTHUR LOUREIRO

No *atelier*-escola d'este illustre e distinctissimo professor, encontram-se actualmente em exposição os trabalhos dos seus alumnos, muitos delles dignos de mençáo e que mais uma vez comprovam os meritos pedagogicos do eminente artista, incontestavelmente um dos pintores que mais honram o nosso paiz.

O seu methodo de ensino é verdadeiramente racional e fecundo. É extraordinario que certos discipulos, que apenas dispõem de vontade mal segura, consigam progredir n'um sentido pronunciadamente artistico!

E' hoje opinião assente que o desenho deveria ser tão familiar como a escripta. Com elle exprimimos rapidamente e com mais clareza as imagens dos objectos cuja descripção exigiria uma infinidade de palavras.

Tem este ensino, por isso, de occupar um logar importante na educação geral, não só para a justa comprehensão das maravilhas d'arte que nelle se baseiam, como tambem, verdadeiro *volapuk,* para communicarmos universalmente os nossos pensamentos e interpretarmos fielmente os dos outros.

Neste intuito dirige tambem Arthur Loureiro os seus discipulos.

A Arthur Loureiro, pois, as nossas felicitações.

ARTE

EXPEDIENTE

As importantes reformas a que tivemos de proceder nos nossos atelieres de photogravura, atrazou-nos bastante a sahida do presente numero da *Arte* que pertence ao mez de setembro.

Por estes dias sahirá tambem o numero correspondente ao mez de outubro, que já está em preparação na typographia.

Aos nossos presados assignantes pedimos desculpa d'esta falta commettida bem contra a nossa vontade.

GUIA HISTORICO DO VIAJANTE NO BUSSACO

Está publicada a quarta edição do *Guia historica do Bussaco,* illustrado com estampas e um mappa, de que é auctor o sr. Dr. Augusto Mendes Simões de Castro.

E' um livro eminentemente recommendavel, utilissimo ao viajante que intente visitar esta aprazivel e biblica estancia. Não se tracta d'uma obra vulgar: o trabalho do Dr. Simões de Castro, já devidamente apreciado, demonstra muito esforço, diligente investigação e uma somma de conhecimentos pouco commum.

Ao illustre auctor agradecemos a offerta dum exemplar.

ESCRAVO ROMANO SUCCUMBINDO AO VENENO — Esculptura de RODOLPHO PINTO DO COUTO

Simili-gravura de Marques Abreu

PORTUGALIA

PRESTES a sahir o n.º 4 do segundo volume d'esta esplendida revista europeia. A apparição de cada fasciculo d'este extraordinario repositorio e Archivo dos *Materiaes para o estudo do Povo Português,* constitue, na verdade, como já o disse um insigne espirito da nossa terra, um verdadeiro acontecimento nacional, ante o que a *Arte* não podia ficar silenciosa e deixar de fazer o seu devido registro, sem que faltasse immediatamente ao seu programma e, por consequencia, ao seu dever.

Parece, á primeira vista, que a *Portugalia* está fóra do ambito de apreciação a que é obrigada a *Arte:* outros fins, outros intuitos, campo diverso d'investigação e acção. E todavia não é assim.

A *Portugalia* subordina-se a um programma complexo e vastissimo que tende ao conhecimento do homem, que formou esta patria, desde as suas origens até aos tempos d'hoje e em todas as suas manifestações. Sendo assim, como effectivamente é, num dos seus grandes capitulos, em especial, inquire com a maxima latitude das faculdades estheticas do povo portuguez e ahi surge toda a sua arte, não a erudita e culta, derivada das escólas como producto d'altos factores da civilisação, mas a popular, ingenita e expontanea, que patenteia, á maravilha, a sua capacidade inventiva, o poder da sua imaginação, a força do seu sentimento.

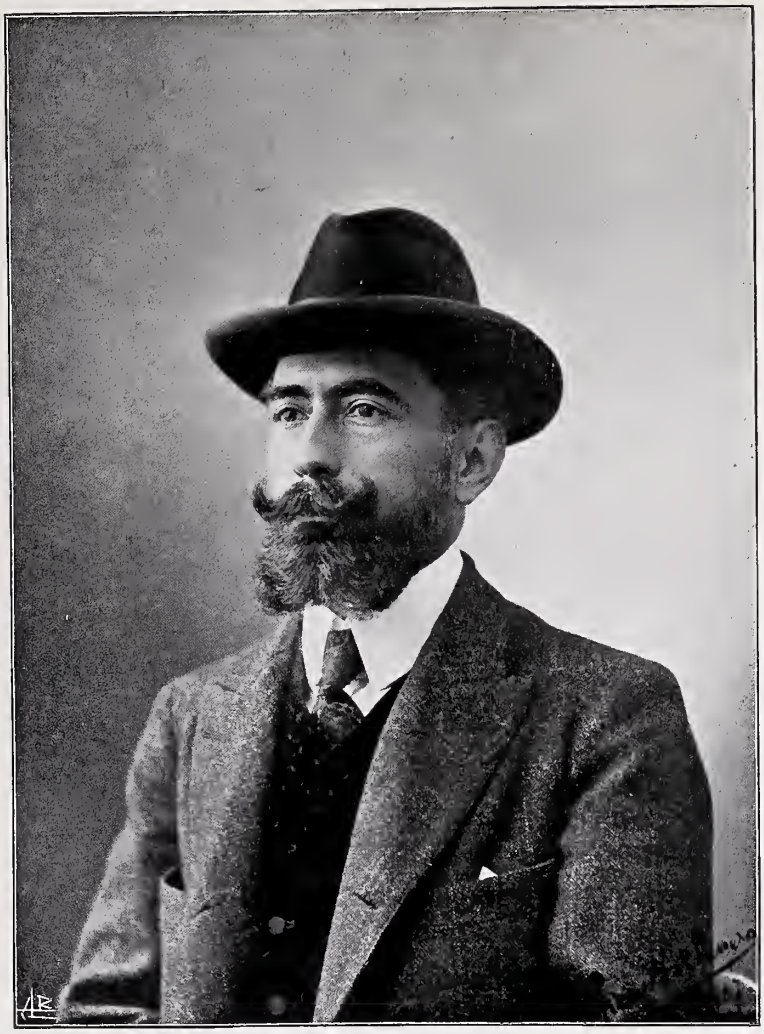
Ora a uma publicação como a *Arte* visceralmente interessam a historia e a critica da esthetica popular do nosso paiz que, com proficiencia extranha e honestidade rara, são versadas nas paginas da revista monumental.

Eis porque não se desvia da indole e do caracter da *Arte* a noticia do apparecimento da *Portugalia,* a qual não podia omittir nem olvidar, ainda que mais não fosse, por mero patriotismo.

Com effeito, se alguma documentação do saber luso ha que mereça os foros de cidade entre a mais digna e severa sciencia mundial é a *Portugalia.* E este facto que a nós portuguezes, consoladoramente, desvanece, tem sido, dia a dia, confirmado pela opinião soberana de congressos internacionaes e pela penna auctorisada das mentalidades mais em destaque de todos os centros cultos do universo. Tambem é a unica recompensa que recebem os fautores d'esse extraordinario emprehendimento que constitue, ao mesmo tempo, uma inegualavel benemerencia, pois nenhuma protecção official acompanha o desinteresse, a abnegação e o sacrificio d'essa brilhante pleiade de homens de saber.

Sob este ponto de vista assume especial destaque a illustre figura de sabio e a nobilissima alma de patriota que é Ricardo Severo, o consagrado Director da *Portugalia,* cuja magnanimidade, mesmo longe da patria, continua velando, protectora e amoravel, para que prosiga triumphalmente a sua Obra em que ha tanto do seu elevado espirito e muitissimo do seu generoso coração.

M. M.



RICARDO SEVERO — Director da *Portugalia*

Simili-gravura de Marques Abreu

Ama a luz e a vida plastica ardentemente. O seu lapis é franco e nervoso e assombrosamente expressivo.

O seu trabalho de hoje representa o pateo do extincto convento de Santa Clara e denota, como sempre, um objectivo pittoresco.

O QUE É O GOSTO?

O GOSTO é, propriamente, um dos nossos sentidos que, pela lingua ,nos faz perceber e apreciar os sabores.

Esta faculdade de percepção e de apreciação chama-se tambem *gosto* quando se exerce pelos olhos. O caso é analogo ao da palavra *harmonia,* que transpõe, ainda em beneficio dos olhos, a percepção especial do ouvido.

E' apenas, pois, por extensão, e esta extensão é consideravel, que a palavra *gosto* se emprega nas artes.

Aqui, concerta elle a apreciaçao, qualifica a escolha, julga as obras, determina as vocações, assignala as tendencias dum individuo, duma geração, dum povo; dirige as concepções, especifica uma attracção instinctiva, supre, nas suas relações de circulação, os termos estylo, moda, sciencia, etc. E todos estes privilegios, deve-os á unica, mas seductora hypothese dum dom natural, num sentido particularmente applicavel ás artes. Muitas vezes toca-se nelle como num instrumento que permitte effectuar todas as variações e applaudir hoje o que se condemnou hontem.

BRACQUEMOND.

MANHÃ EM CLAMART

(QUADRO DE CARLOS REIS)

NA exposição ha annos realisada, nas salas da Photographia Guedes, teve o publico portuense occasião de contemplar esta valiosa tela do distincto professor da Escola de Bellas-Artes de Lisboa. A nossa gravura reproduz apenas o estudo preparatorio do quadro a que alludimos, e pertence ao Ex.mo colleccionador snr. Calem Junior.

PATEO DE SANTA CLARA

(DESENHO A LAPIS DO DR. JOÃO MONTEIRO)

EIS um artista que deve apenas á natureza tudo quanto sabe. E' o Dr. João Monteiro um excepcional temperamento de artista. Espirito fogoso, incansavel, duma vontade decidida, com um notavel poder de visão.

O ENSINO DA HISTORIA DE ARTES NOS LYCEUS E AS EXCURSÕES ESCOLARES

OS DOCUMENTOS que vão ler-se prendem-se com um problema que julgo de immediato interesse e da maior influencia educativa. A circular de 25 de Outubro de 1906 é a que recommenda a organisação das *excursões escolares,* como elemento pedagogico de capital importancia.

Não é de agora o empenho com que me occupo do assumpto. Ha mais de trinta annos (1877) que em artigos avulsos da imprensa, conferencias publicas, opusculos e volumes, ando propondo a solução racional, e mais economica, dentro dos nossos usos e costumes, isto é: conforme as boas tradições da arte e da economia nacional.

O assumpto vae ser debatido muito brevemente pelo Conselho do Lyceu central El-Rei D. Manuel II. Os documentos são ineditos.

Porto, 25 de Outubro de 1908.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

MANHÃ EM CLAMART — Quadro de CARLOS REIS

Simili-gravura de Marques Abreu

DOCUMENTO I

Ill.mo e Ex.mo Snr. Reitor do Lyceu Central do Porto—El-Rei D. Manuel II.

Já em sessão do Conselho do Lyceu [1], agradeci a honra de me haverem convidado para collaborar no programma que convém organisar no intuito de satisfazer os varios fins do problema educativo que a Circular de 25 de outubro de 1906 da Direcção Geral de Instrucção Publica recommenda á attenção do corpo docente dos Lyceus.— Hoje renovo o meu agradecimento e repito que apenas sobre um dos pontos do programma da circular me posso pronunciar com conhecimento de causa, o que se refere á visita dos alumnos aos nossos *monumentos nacionaes*.

Não pertenço ao grupo dos professores que leccionam sciencias physicas e naturaes, nem ao grupo que ensina geographia e historia. A esses especialmente compete responder. Como adjunto me considero pois, sómente, como vogal supplementar a quem os seus estudos especiaes sobre a historia da arte e das industrias portuguezas, feitos ha dezenas de annos, dão voto no problema educativo. E' unicamente como escriptor e pedagogo, que tenho sido n'esses assumptos de educação artistica, que posso prestar algum serviço; como professor do Lyceu não poderia ter competencia n'uma materia que em nenhum Lyceu do reino é ensinada.

Devo dizer, a proposito, que semelhante materia— *estudo dos Monumentos Nacionaes*—portanto estudo da Arte, em geral e das suas varias manifestações decorativas—é hoje ensinada unicamente na Escola de Bellas-Artes de Lisboa, em tres cadeiras, segundo a ultima organisação (Reforma de 13 de novembro de 1901 [2]. A Escola irmã do Porto não tem esse ensino, nem sombra d'elle. Estão no mesmo caso as duas Escolas ou Academias polytechnicas de Lisboa e Porto, os dois Institutos industriaes das mesmas cidades e ainda todas as Escolas Industriaes do Reino, apesar de serem de fundação recente (1883-84).

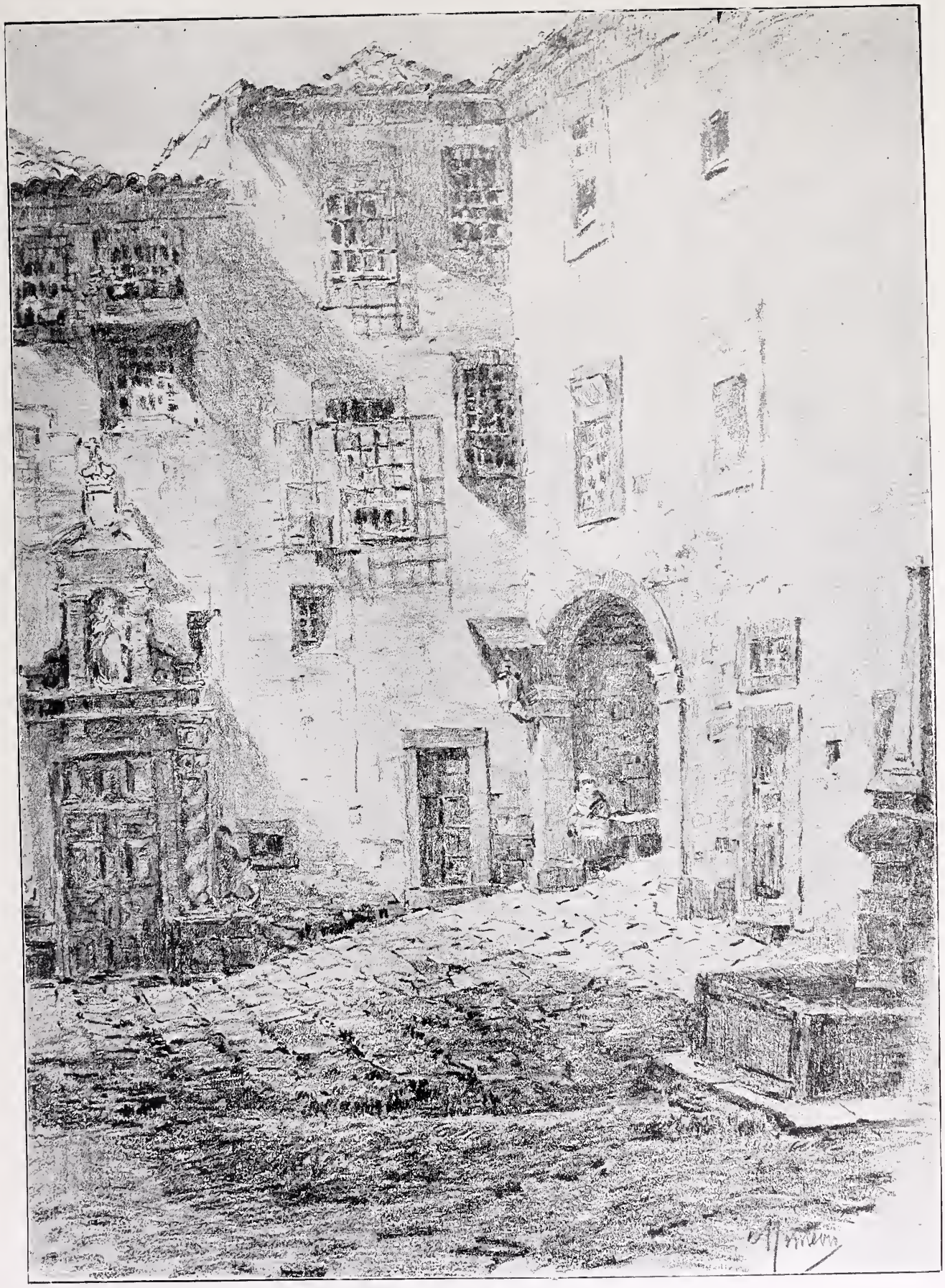
Comtudo, em todos esses estabelecimentos de ensino (e inclusivé na propria Universidade de Coimbra, cadeira de Desenho annexa á faculdade de Philosophia), o ensino das formas da arte entra, com mais ou menos desenvolvimento, como disciplina obrigada. Esqueceu-se porém o legislador, esqueceram-se os pedagogos officiaes de nos dizerem como é que o ensino das formas, quer pelo desenho (lapis ou pincel), quer pela esculptura (escopro ou cinzel), quer pelo esquadro em linhas architectonicas - se pode realisar, quando alumnos e professores ignoram por completo a genese historica d'essas formas e a esthetica que d'ellas se deriva, em ultima instancia!

Sublinho muito de proposito esta anomalia para que ninguem supponha que é problema facil ensinar a alumnos de qualquer Lyceu, mesmo nas classes superiores (6.ª e 7.ª) o methodo pelo qual se chega a uma apreciação, embora muito summaria, mas sensata de qualquer monumento, quer sob o aspecto esthetico, quer sobre o ponto de vista historico. Esses alumnos têm comtudo sempre noções sufficientes das outras disciplinas (Sciencias physicas e naturaes — Geographia e Historia) que poderão inutilisar praticamente nas excursões escolares. Da arte, porém, e mórmente da architectura, não possuem a minima noção. E não se diga que se trata de especialisar, de proceder a estudos technicos, dentro de um programma que pertence só ás escolas especiaes. Mesmo reduzindo a exposição ao mais elementar, dando á Arte apenas o papel de companheira da Historia, ainda fica margem para serios estudos, ainda são graves as difficuldades que encontro.

A inclusão do ensino da Historia da Arte no programma dos Lyceus centraes seria evidentemente o meio mais efficaz de interessar o alumno no estudo dos monumentos nacionaes e, por meio d'elles, no estudo de todas as tradições patrias, no estudo do nosso solo, dos nossos costumes, da historia intima da familia portugueza. Não é uma utopia.

O decreto de 14 de novembro de 1901 já diz no preambulo textualmente: «Lá fóra, cadeiras de historia da

[1] No mez de maio de 1907.
[2] Vid. *Boletim da Dir. Geral de Inst. Publ.*—Anno I, 1902, fasc. 1-5, pag. 70-88.



PATEO DE SANTA CLARA — Desenho a lapis do Dr. João Monteiro

Simili-gravura de Marques Abreu

arte estão appensas ao ensino secundario, como explicação, ora causal, ora integrante dos successos da historia social e politica». (L. cit., pag. 70). Poderei, se fôr preciso, apresentar a V. Ex.ª e ao Conselho do Lyceu numerosos volumes nas linguas allemã e franceza que servem de compendios de Historia da Arte nas varias classes do ensino lyceal da Allemanha e França, tanto para o sexo masculino, como para o feminino. Limito-me aqui a citar apenas as obras magistraes do Prof. Wilhelm Lübke de Stuttgart, não as grandes monographias sobre a historia da architectura, esculptura, pintura, etc., mas sómente os resumos methodicos com o caracter de vulgarisação e de propaganda em grande escala, para intelligencias medianas, resumos que têm sido traduzidos em quasi todas as linguas vivas europeias.

O estudo da historia da arte e o modo como ella é divulgada no ensino secundario, influiu até no ensino da historia, propriamente dito, transformando-o, ampliando-o. Vejamos:

Ha mais de 25 annos que o ensino da historia começou a ser facultado na Allemanha aos dous sexos, de modo a ligar os factos politicos com as tradições, as manifestações da arte, e com os costumes sociaes. O que foi historia, segundo a idéa limitada do *chronista*, transformou-se na pintura da civilisação de um paiz. Os allemães crearam o termo: *Culturgeschichte* para caracterisar esse novo processo de escrever e de ensinar a historia. Assim vemos, por exemplo, já n'uma obra notavel de E. Döring: *Lehrbuch der Geschichte der alten Welt für höhere Schulen* (Manual da historia do Mundo antigo para escolas secundarias. Frankfurt ª/M. ed. M. Diesterweg, 1880) a historia politica dos povos orientaes, dos gregos e dos romanos, ligada á mythologia, á historia da arte e ao quadro da civilisação antiga. Illustram os volumes gravuras dos mais famosos monumentos, reproducções das mais celebres estatuas e pinturas muraes; são chamados a depôr os productos afamados da arte ceramica e da glyptica, que tão fielmente nos descrevem as scenas da vida intima dos antigos. Os trajes, os utensilios domesticos, a vida do palco e da officina, nada falta n'esse compendio de historia. O estudo da architectura vae, por exemplo, até á analyse das plantas dos edificios) templos, theatros) e dos seus elementos constructivos (systema das tres ordens). E, comtudo, esta obra nunca deixa de ser um compendio de historia, com o caracter de texto para o ensino secundario *(für höhere Schulen)*.

Já em 1891 um auctor inglez (Morse Stephens) tentou n'uma *Historia de Portugal* [1] um processo parecido, illustrando o texto com grande abundancia de imagens, sem comtudo pretender imitar, nem de longe, o methodo pedagogico, transcendente, do auctor allemão citado.

Os novos modelos estrangeiros não passaram desapercebidos em Portugal a um ou outro amigo da instrucção. O benemerito escriptor Trindade Coelho no seu volume intitulado *Pão Nosso*—Leituras elementares e encyclopedicas para uso do povo (Lisboa, Aillaud, 1904) inclue um capitulo *Arte* (pag. (245-256), que abrange a *Architectura, Esculptura* e *Pintura* e por fim *Monumentos de Portugal*, com 14 grav., entrando na ultima secção vistas do mosteiro dos Jeronymos e da Batalha. O unico reparo que devemos fazer a esta tentativa corajosa e benemerita, é a reducção extrema do assumpto a 15 pag., quando em tão limitado espaço apenas caberia uma menção resumida dos edificios notaveis portuguezes sómente, e da sua significação historica.

E' sob este ponto de vista, n'esta intima relação que deve ser recommendado o estudo dos nossos principaes monumentos aos alumnos dos Lyceus. O professor de historia deve entender-se sempre com o especialista que houver de fazer a exposição propriamente technica e esthetica. E quando digo *especialista*, sublinho o termo, porque excluindo do terreno o erudito que póde cançar o alumno com uma tarefa excessiva, ponho tambem de parte o *curioso*, que o enfastiará com banalidades. Só quem conhece um assumpto a fundo é que póde gradual-o em harmonia com o sentir e pensar de um auditorio, cuja capacidade, no caso sujeito—o dos Lyceus—deve variar muito.

Os Mosteiros de Belem e da Batalha, a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, os templos de Alcobaça e Leça do Balio, as Sés de Lisboa, Porto e Coimbra, as creações polymorphas de Thomar e Cintra e muitas outras, estão tão intimamente ligadas á vida historica da nação portugueza, que não é possivel ao moderno prelector separar o elemento arte da narrativa do chronista, tanto menos que os antigos escriptores foram quasi sempre de um laconismo desesperador em materia d'arte, e devem ser corrigidos e completados a cada passo, dentro da aula e fóra d'ella, durante as excursões. Temos tido occasião de verificar centos de vezes perante os monumentos, que estes e as suas pedras desmentem os chronistas.

Deve exigir-se pois ao professor de historia dos nossos Lyceus o conhecimento da historia da arte e da archeologia, tanto quanto fôr necessario para a informação dos seus respectivos alumnos. Para elle se habilitar com esse ensino, é forçoso crear cursos livres, sufficientemente remunerados, junto dos Lyceus, para os quaes o Governo deverá chamar os especialistas de merito comprovado.

Até então, terá o professor de historia de contentar-se com a sorte que o poderá favorecer com o concurso de um collega ou de pessoa estranha ao Lyceu, bastante habilitada e intelligente para comprehender o modesto cargo de *commentador* technico das excursões que revestirem um caracter artistico; bastante enthusiasta e amante da sua terra para pôr em relevo, n'uma demonstração de esthetica pratica, applicada, o que constitue o sentimento do Bello na Arte e o seu reflexo sobre a alma portugueza.

Esse commentario artistico não é, nem póde ser o que se faz no ensino academico aos alumnos que se encaminham para o estudo das Bellas-Artes. E' uma *iniciação* no estudo elementar das fórmas da arte, mórmente na architectura e nas artes decorativas, que d'ella dependem, iniciação para a qual se exige a collaboração assidua do alumno, que deverá levar sempre debaixo do braço o seu album ou caderno de notas, para aprender a tomar apontamentos e a fazer pequenos esbocetos *in loco*.

Em casa deverá ampliar e completar as notas tomadas, segundo um *Questionario* adequado.

Resumo as minhas conclusões:

1.º O estudo dos Monumentos Nacionaes é necessario no ensino secundario dos Lyceus centraes, pelo menos.

2.º Este estudo não póde realisar-se proficuamente sem um estudo parallelo dos elementos essenciaes da historia da arte.

3.º Este estudo póde e deve ser feito como Commentario ao Curso de Historia, pelos seguintes meios:

a) Excursões escolares dos alumnos das classes mais adeantadas.

b) Commentario technico e esthetico perante o monumento, á altura da capacidade dos alumnos.

c) Notas, esboços e reproducções photographicas, tiradas nas respectivas localidades.

4.º E' necessario crear, desde já, os Cursos livres sobre historia da Arte, especialmente da *Arte nacional*, junto dos Lyceus centraes, emquanto não se incluir o ensino regular das fórmas da Arte no Quadro das disciplinas do Lyceu, para ambos os sexos, conforme existe ha muito nos Lyceus de França e Allemanha.

5.º E' necessario ir juntando, desde já, o material de demonstração, colleccionando estampas, photographias e reproducções em gesso, que sirvam para o estudo, o que póde ser feito, aproveitando os trabalhos dos alumnos e quaesquer publicações nacionaes de valor, por exemplo, a excellente collecção da Casa Biel: *A Arte e a Natureza em Portugal*, que já apresenta um inventario artistico muito variado e muito valioso (73 fasc. a 4 est., total 292, com texto em portuguez e francez, publicação economica que está até ao alcance dos alumnos, porque os fasc. vendem-se separadamente a 500 reis.

P. S. A obra está agora concluida em 8 vol. a 12 fasc. cada um. Cada fasc. a 500 reis, com 4 est. e 8 pag. de texto (Nota accrescentada em outubro de 1908).

[1] Foi traduzida por Oliveira Martins; as gravuras do original inglez apparecem, porém, mal reproduzidas.

ARTE

4.º ANNO — Nº. 46

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO, 30 DE OUTUBRO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

A VIRGEM COM o FILHO — Quadro de ANDRÉ DEL SARTO

Comp. e imp.— Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54—Porto

Simili-gravura de Marques Abreu

MATERNIDADE — Quadro de Roll

Simili-gravura de Marques Abreu

A VIRGEM COM o FILHO

(Quadro de A. del Sarto)

André del Sarto, nascido em 1488, foi um dos mais illustres mestres da escola florentina. Estudou as obras dos primitivos, as de Leonardo de Vinci e de Miguel Angelo, subordinando a mascula energia d'este á graça e suavidade do immortal pintor da *Giaconda,* esse retrato divino, da Galeria do Louvre.

«O palacio Pittí reune, diz Viardot, dezeseis paginas de André del Sarto, muito importantes, na maior parte. Em primeiro logar a *Disputa da Trindade,* assumpto analogo ao da *Disputa da Eucharistia,* um dos mais valiosos frescos do grande Raphael, nas salas do Vaticano. Sem querer estabelecer comparações de qualquer especie entre estas duas obras, que todavia se não assemelham senão pela analogia do nome, direi que a de André del Sarto me parece o seu mais bello titulo de gloria; não vejo, como ali, em parte alguma, nada que possa dar uma ideia mais completa e mais elevada da sua sincera e culta composição, do seu estylo superior, grandioso, da sua vigorosa expressão; em summa: de todas as qualidades de execução que fazem d'elle o primeiro colorista da escola florentina».

Em Florença, entre as obras do palacio Pittí, admira-se a téla que aqui reproduzimos, composição, como todas as outras, d'um estylo severo e nobre e d'um brilhante colorido, bem digno do auctor d'essa maravilha do velho templo da *Annuziata,* a *Madonna del Sacco.*

Lucrecia della Fede, a mulher com quem casou, e que, pelos seus caprichos, tanto concorreu para lhe abreviar os seus dias, typo plastico das suas *madonnas,* foi, mais uma vez, modelo n'este quadro tão distinctamente idealisado e tão ungido de crença religiosa.

MATERNIDADE

(Quadro de Roll)

Roll é um dos mais notaveis artistas da actual escola franceza. E' presidente da *Sociéte Nationale* e um dos pintores mais votados ao estudo da vida moder-

A VIRGEM E O MENINO — Quadro de TIEPOLLO

Simili-gravura de Marques Abreu

na e considerado como um verdadeiro chronista das scenas populares do seu paiz.

A sua *Maternidade* é uma demonstração bem evidente e bem eloquente do quanto, com meios reduzidos, se póde attingir o sublime. E' uma obra attrahente, sincera, cheia de sentimento, de verdade e de vigor, tratada ao ar livre com um *modus faciendi* synthetico e forte, de que nos resulta uma impressão de grandeza genial!

A VIRGEM E O MENINO

(Quadro de Tiepollo)

Publicamos algumas reproducções d'este origilar artista, um dos mais illustres precursores do moderno realismo. Na obra de hoje ha, innegavelmente, incorrecções de fórma; mas quem ousará contestar o brilho e a vivacidade do pincel de Tiepolo, a sua sciencia pictural, o seu genio innovador, sequioso de luz e de verdade!

O caracter expansivo do grande artista manifesta-se sufficientemente tambem n'esta obra tão pessoal, tão fundamente indiscreta, e onde nenhuma das suas explendidas qualidades se disfarça, mesmo atravez da reproducção que hoje exhibimos do seu quadro do Muzeu do Louvre.

PERANTE UM QUADRO DA VIRGEM

Diante dêsse olhar tão puro e tão sublime,
Olhar do Céo — olhar d'Amor e de Perdão —
Encontro a Fé, cantando aqui no coração,
Mártir que bebe Angustia, e come o pão do Crime...

Olhar, que é Luz da Luz, ao vê-lo, só me oprime
Não poder refléti-lo assim no pó do chão;
Não o poder fitar, beijando a tua mão;
Não ser digno do Deus que salva e que redime...

Senhora, o teu olhar — Aurora, Santo Lume —
Iluminando o Abismo, avulta-lhe talvez
A grosseria bruta, as penhas sem perfume...

Que triste é ser quem sou, quando tu és quem és!...
Que duro é sentir Fé, e ter ódio, ciume
Dessa propria Serpente — a que te morde os pés!...

José Agostinho.

O VELHO CASTELLO

Castello de Lisboa, que repousas altivo, mirando o Tejo em que sonhas tu?

Na Alcaçova destruida, nas brechas e nas ruinas das tuas rijas muralhas, em tanta miseria que se esconde ao seu abrigo, tristezas do presente, ou no que a tua memoria guarda de tanta vida e tanta gloria passadas?

Lembras-te de quando orgulhoso seguravas o crescente e, em noites de luar, a moiras lindas de Balatha passeiavam indolentes nos terraços, sorrindo ás linhas prateadas que sulcavam, lá em baixo, o seu rio gentil?

Não deves ter ainda esquecido o terror d'esse dia memoravel em que os leões d'Ibn Errich, apavorando as timidas gazellas do Islam, pobres victimas! implantaram no logar do crescente a cruz.

Ouviste depois as canções dos trovadores de Diniz e de Isabel, a Santa, estremeceste ao som argentino das trompas de Pedro o Cru, viste o pallido e convulso resto da Flor d'Altura quando, morto o Andeiro, fugiu do clamor doestoso da arraya meuda, para os aposentos da tua Alcaçova.

Presenceaste das tuas muralhas tranquillas o incendio do arraial castelhano que illuminava o triumpho do Mestre, assistis-te á partida para Ceuta e ao regresso brilhante das hostes victoriosas, e, mais tarde, ouvis-te o soluçar dos fortes peitos dos filhos de João I em volta do athaude do velho e grande rei.

Sorriste á partida do Gama, prevendo a alegria triumphante da volta dos navegadores audases. Dias felizes da tua vigorosa idade!

Denegriram os seculos tuas muralhas, a velha cabeça de Martim Moniz ia diluindo as rudes feições aos osculos das tempestades.

Um dia avistaste os terços do duque d'Alba, viste desbaratar as hostes do Prior e curvaste a cerviz ao jugo dos leões de Castella, mas, meio seculo passado, saudavas festivo com a tua artilharia a chegada do duque de Bragança rei de Portugal, vendo tremular alegre ao sol da independencia em tuas torres a bandeira das quinas.

Os dias de gloria tinham porem passado, e olhavas tristemente de tuas ameias os amesquinhados herdeiros dos heroes que te haviam feito altivo e grande.

Um dia pavoroso tremeu o solo, a tua alcacova sumiu-se, fenderam-se tuas muralhas, a custo alguma torre ousava resistir, para testemunhas do passado... O teu soffrimento mal te deixava attender ás ancias dos outros; pó, ruinas, incendio, brados de dôr e de morte, era o que restava da tua formosa Lisboa.

Um homem forte e duro, sacudiu-a do torpor, fel-a erguer-se ainda donairosa da catastrophe, mas em breve o estrangeiro veio pisal-a arrogante, e viste ondular em teus muros uma bandeira gloriasa mas que não era a da patria.

Bandeira inimiga! Era necessario abatel-a, e tão mal te sentias á sombra d'ella que o fremito da tua indignação passou á alma do povo inteiro levando-o a erguer-se todo para repellir o opressor.

Agora os tempos são outros. Dorme em paz velho castello se cantos de gloria não podem já acordar-te. Para que enfeitas-te as cãs de falsos adornos, e levas-te a festivaes profanos? Para que despertar-te de sonhar tranquillo?

Não devemos expôr os teus restos á admiração gananciosa, dorme em paz. Se o troar da artilharia não tem de galvanizar-te ainda á sua voz potente, dorme, repousa, que a tua Lisboa d'hoje garrida e bella, no *flirt* do bezerro d'ouro, apenas de ti se lembra como de velha reliquia em poeirento cofre.

Ribeiro Arthur.

TRECHO da ALDEIA

Simili-gravura de Marques Abreu

O ENSINO DA HISTORIA DA ARTE NOS LYCEUS E AS EXCURSÕES ESCOLARES

(Continuado do n.º 45)

DOCUMENTO II

Ill.mo Ex.mo Snr.

Alguns collegas meus do Lyceu, que V. Ex.ª dignamente dirige e ainda outros do Lyceu da 1.ª zona, alguns dos quaes assistiram ás minhas *Conferencias sobre Historia da Arte nacional,* realisadas no Museu da Academia portuense de Bellas-Artes nos mêses de junho e julho —manifestaram-me o desejo de as ouvir novamente, seguidas.

Raros foram os que assistiram a todas as cinco; e aquelles que só ouviram fragmentos transmittiram-me, com o desejo acima formulado, os votos dos collegas que, por dever do officio, não lograram assistir a nenhuma; estes ultimos, com mais razão ainda, pediam e pedem a repetição.

Parece-me, Ex.mo Snr., que neste caso devo ser grato a manifestações tão honrosas e corresponder ao desejo com a offerta de serviço maior e mais effectivo do que aquelle que tentei em julho proximo passado.

Em vez de um Curso de *historia da arte romanica archaica,* da historia de *um* periodo, embora de capital importancia—offereço-me para organisar um Curso graduado e completo de *Historia da Arte comparada,* especialmente da Arte Nacional, em lições semanaes, ás quintas-feiras, e se fôr necessario e a Lei o permittir, poderei reforçar esse Curso com uma prelecção ao domingo, em quanto durar o anno lectivo.

Os meus dignos collegas que em ambos os Lyceus regem proficientemente as cadeiras de Historia geral e especial, foram os primeiros a applaudir a ideia que, em embrião, exponho a V. Ex.ª, para que se digne submettel-a á consideração, ao superior criterio do Conselho do Lyceu, que a poderá corrigir e completar, pois sendo uma innovação poderia parecer excesso de trabalho n'um programma de estudos, já carregado soffrivelmente.

Trata-se, porém, de uma materia que só pede ouvintes *voluntarios* e não obriga a nenhum exame nem despeza —pois todo o material illustrativo é offerecido por mim, (sendo aliás consideravel, raro e dispendioso) sem nenhum encargo para o Estado.

Neste caso parece-me que presto algum serviço no sentido de uma *Proposta* fundamentada sobre o modo de tornar proficuas, para o Estudo da Arte, as excursões escolares, a qual durante o anno lectivo findo apresentei por escripto a V. Ex.ª e mereceu o louvor do Conselho escolar. [1]

Solicito de V. Ex.ª e do Conselho a mesma benevolencia para a offerta, que ora faço, do *Curso graduado.*

Se fôr acceite, apresentarei o programma, sem demora, que de certo modo se ajusta e combina com o Programma official do Curso de Historia. Não é copia de nenhum programma estrangeiro [2]; é uma adaptação rigorosamente nacional, *especialmente para estudo do que é nosso,* embora os lineamentos geraes se baseiem no que traçou magistralmente Mr. de Caumont no seu *Curso de archeologia e historia da arte* (civil, religiosa e militar) Caen, 1870, 5.ª ed., em 3 vol.—e Mr. Ch. Blanc—para a Historia das Artes decorativas *(Grammaire des arts du dessin,* 6.ª edição; e *Grammaire des arts décoratifs).*

Como compensação—se a V. Ex.ª e ao Conselho parecer justo—peço apenas que me sejam contadas as *horas de serviço* desse Curso como serviço normal do horario, e pelo preço da tabella official, sem nenhuma gratificação a mais.

Algumas horas de menos no ensino das linguas, que

---

[1] Está transcripta no Documento I.

[2] A prova já a dei no *Elencho de Quatro Conferencias* (aliás cinco) que fiz nos mezes de junho e julho deste anno, na Academia Portuense de Bellas-Artes. O programma impresso—Porto, 1908, 8 paginas, versa sobre o *Estylo romanico archaico* e o *Romanico dos seculos XI e XII.* Este programma nada tem de commum com o espetaculoso prospecto da 13.ª cadeira da Escola de Bellas-Artes de Lisboa—que trata da Historia geral da arte na Edade Média e envolve Portugal, por incidente, em appendice.

RUINAS — Cliché da Ex.ma Snr.ª D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães

Simili-gravura de Marques Abreu

professo, podem ser preenchidas por outro collega, sem prejuizo algum, creio eu.

Em compensação, offereço um ensino novo, nos Lyceus, que está introduzido nos principaes paizes cultos, para ambos os sexos, no quadro do ensino secundario, desde 1875.

Se a troca de certas lições de linguas, pelas lições de materia nova, não parecer acceitavel, por qualquer motivo ponderoso, então offereço-me para accumular o serviço novo com o antigo, mediante a remuneração da tabella official. E se a peço, é porque a organisação do Curso importa para mim, em todo o caso, a acquisição constante de novo material de estudo, além do que tenho accumulado durante cêrca de quarenta annos.

O material para o ensino da Historia propriamente dita e da Historia da Civilisacão — no sentido em que os allemães a classificam de: *Culturgeschichte,* que vi e examinei demoradamente no Lyceu, ha mêses, é — a bem dizer — inintelligivel, sem uma Exposição parallela da Historia da arte antiga comparada, sobretudo da arte egypcia e greco-romana.

Em face das descobertas capitaes no dominio da arte pre-historica e proto-historica, feitas em Portugal durante os ultimos trinta a quarenta annos, é inadmissivel querer separar as questões ethnologicas, ethnographicas e archeologicas, numa especialisação esteril, que a ninguem aproveita, salvo ao pedantismo de alguns raros eruditos bisonhos.

O ensino da historia deve ser vivo, hoje, palpitante, em face do monumento, da estatua, da téla, da gravura, da photographia, da planta topographica, do desenho e do esboço. O livro illustrado pela Arte invadiu tudo.

Todo o enorme material dos Museus europeus foi posto em movimento ha meio seculo.

O que sabe o alumno dos Lyceus de tudo isso?

O que sabe elle do material accumulado nas collecções nacionaes? — quando uma imagem, um retrato supre, ás vezes, uma lição?

Fui talvez prolixo nesta justificação; mas, confessando o defeito, peço a benevola attenção de V. Ex.ª e do Conselho para os motivos, que são puros e sinceros.

Deus guarde a V. Ex.ª

Porto, 9 de agosto de 1908.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Reitor do Lyceu Central do Porto — 2.ª zona.

O PROFESSOR EFFECTIVO

Joaquim de Vasconcellos.

Entre os Documentos n.º 1 e n.º 2 que estão impressos separadamente, mas não á venda, pois terão de ser julgados primeiramente pelo Conselho escolar do Lyceu El-Rei D. Manuel II, deveria intercallar-se o artigo: *A arte nos livros de ensino,* publicado posteriormente (8 de nov. *Educação Nacional.* Anno XIII, n.º 634).

Ahi tem o leitor um problema, cuja discussão é iniciada agora, e de tal importancia, a meu ver, que ou se trata a serio ou se abandona, pois estamos em risco de perverter, pela raiz, o sentimento artistico das crianças, para as quaes desenhou um Schwind, um Richter na poetica Allemanha; para as quaes move o seu magico lapis uma Kate Greenaway, na previdente Inglaterra, paizes onde vive e florece o *culto da Infancia!*

E' justo confessar que uns raios de luz despontam no horizonte. Duas senhoras, uma filha do pintor Gameiro — Rachel — e uma sobrinha: Hebe Gonçalves, encaminhadas sem duvida pelo superior criterio e raro, abençoado esforço de um verdadeiro artista pela graça de Deus (vid. a edição illustrada das *Pupillas do Snr. Reitor!!*) puzeram a poesia do seu puro coração ao serviço das crianças, nos livros da Sr.ª D. Anna de Castro Osorio *(A boa mãe,* 1908; e as ed. dos *Contos populares,* da mesma autora — editora, residente em Setubal); mas, em contraste, que horrendas illustrações em outros livros! — e que preços de usura!

UMA TARDE NA PLANICIE DE CLAMART (ARREDORES DE PARIS)

Quadro de CANDIDO DA CUNHA — *Simili-gravura de Marques Abreu*

DOCUMENTO III

A ARTE NOS LIVROS DE ENSINO

São já numerosissimos os livros de Ensino em que entrou o elemento *Arte,* como parte integrante dos volumes, indispensavel para despertar o interesse dos leitores. A illustração — a estampa, em reproducção barata, *inundou* (é o termo) os compendios.

Officialmente, os programmas de concurso dos livros para o Ensino primario e secundario exigem até um emprego largo da estampa. Cabe pois á critica d'arte e á pedagogia, em primeiro logar, decidir o que vale, no nosso meio escolar, esse elemento *Arte,* em si e como aproveitamento pedagogico.

Sinto dizer que o valor artistico de grande parte d'essas figuras — *clichés* gastos, obtidos em segunda e terceira mão — é quasi nullo; o merecimento pedagogico avalia-se, dizendo que o texto é *mudo,* geralmente (!!) a respeito das illustrações, as quaes ficam pois reduzidas á cathegoria de simples *bonitos,* pois outra cousa não podem ser, quando escolhidas ao acaso e apresentadas sem a menor explicação. Provocam o riso pela execução rudimentar, má impressão dos *clichés* e falta absoluta de criterio na coordenação; distrahem o alumno e tornam mais caros ainda livros que, por via de regra, pertencem á cathegoria dos volumes dispendiosos.

E' um *preço de luxo,* um absurdo, uma crueldade exigir dois mil reis, e mais ainda, por um volume de aspecto anti-esthetico, mal impresso, semeado de *clichés* empastados, gastos, que o papel ordinario, aspero e granulado não favorece.

Saibam os meus dignos collegas, saiba-o o publico, em geral, que ha no estrangeiro *agencias de clichés,* ha mais de trinta annos, que alugam e vendem reproducções baratissimas e bem feitas para todo o genero de livros, desde o *A-B-C,* concentrando a enorme massa de illustra-

ções, dispersas nas innumeras revistas que exploram os assumptos palpitantes do dia (1). Satisfeita a ancia da curiosidade, esse enorme material de figuras é vendido por preços minimos. Como querem pois convencer o comprador da plausibilidade de preços absurdos?

Nos ultimos dez annos, esses *stoks* ou depositos de clichés transformaram-se, com a multiplicação das revistas baratas, no genero *Branco e Negro,* em um labirintho que só com um guia seguro póde percorrer-se proveitosamente. Em Portugal mesmo, teem-se multiplicado as officinas de reproducção de tal modo que não ha desculpa para os *preços de luxo,* em livros de ensino. Se ao menos os clichés fossem feitos de proposito para a obra, como por exemplo as illustrações da *Cartilha,* ou *A-B-C* de Trindade Coelho, o qual levou o bom gosto, o escrupulo na escolha, o amor ao torrão nacional a um extremo digno da maior admiração! Abençoada iniciativa foi essa que nos legou um generoso coração, alliado a um elevado espirito, comprehendido, amparado por um editor intelligente e honesto, que sabe semear e — esperar pacientemente pela colheita. Essa Cartilha, illustrada com primor, com saber, com arte rara, com luxo até, custa 50 réis!!

Não se diga pois que o assumpto é indifferente, e que um volume com estampas se faz pelo processo com que se combina uma revista, dia a dia: *é o que o acaso fornece.* Ao lado do auctor, homem de lettras ou de sciencia, deve estar o artista, o critico, e, *last not least,* o impressor cuidadoso, fiscalisando, dirigindo, porque *para a escola* **o melhor** *é apenas o sufficiente,* segundo diz um proverbio allemão celebre. (2)

Desde 1895, desde que entrámos no famoso regimen do monopolio, do livro unico — vamos indo por um caminho fatal, a exploracão desalmada da bolsa dos alumnos, com a connivencia de editores e auctores e... do Governo, que tal regimen inventou.

Nem tudo é mau, diga-se a verdade. Temos já livros adoptados para o estudo das linguas estrangeiras que se apresentam com boas illustrações; é certo que são impressos fóra do Reino, por editores estrangeiros, embora alguns se apresentem, fingidamente, como impressões nacionaes. E' certo que n'este ultimo caso, o preço modico desapparece depois do livro se haver nacionalisado! Não é curioso isto? Vejamos, pois o que custam as verdadeiras impressões estrangeiras:

A Selecta ingleza *English reader* (Paris, Armand Colin, 1908) apresenta, com criterio, estampas desdobraveis, *hors texte,* que não são *bonitos;* valem como *quadros* da vida do campo; as colheitas, os divertimentos favoritos das differentes estações do anno, episodios da vida urbana, da caça, da pesca, scenas do mar, etc. — tudo ligado intimamente ao texto. Merece louvor.

Vejamos agora um dos nacionalisados.

A Grammatica elementar de Apell é antes uma *Lesefibel* — uma cartilha para a escola primaria, com figuras para infantes e regras annexas, do que um livro para lyceu; mas foi approvado. A Selecta está rasoavelmente fornecida de gravuras, bem escolhidas e de boa execução e impressão. Os assumptos são exclusivamente allemães, como é natural. Comtudo, nenhum dos tres livros do snr. Apell (ha ainda a grammatica complementar, mas sem estampas) foi impresso em Portugal; podemos proval-o com argumentos technicos. O seu elevado preço não tem justificação possivel, pois é mais que duvidoso que a alfandega nacional onerasse essas edições com qualquer ceitil.

Póde acceitar-se e acceita-se a edição das *Aventures de Télémaque* por R. Pessonneaux. Paris, editor A. Collin, 1905. — 9.ª edição) 450 pag. com bellas vinhetas e excellente impressão, por 2 fr. 50 (450 reis).

O mesmo direi das *Fables de La Fontaine* do mesmo editor (revistas por A. Gazier), 126 pag. com 88 grav. correctas e caracteristicas; custo: 75 centimos ou 120 reis. Por isso a edição de 1907 é a trigesima-terceira!

O *English reader,* acima citado (editor o mesmo Armand Collin). Paris 1908 — 5.ª edição com 28 estampas policromicas e um mappa da Inglaterra, formato 8.º grande com 132 pag. de excellente impressão, tipo perfeito, grande, e em bello papel, custa sómente 2 fr. 50 (630 réis).

A Selecta do snr. Apell impressa em Allemanha (embora diga no titulo: Lisboa) com 359 pag. e 50 vinhetas custa 1$500 reis.

A sua *Grammatica* (aliás *Cartilha*) apenas com 184 pag. e 15 vinhetas (1) custa 1$000 réis.

A 2.ª Parte, sem vinhetas com 96 pag., custa 500 reis. As duas partes, com a Selecta, custam pois **3$000 reis!!!**

Deste modo não vale a pena nacionalisar edições estrangeiras; o presente das vinhetas fica caro em demasia. Adoptemos então, simplesmente, para as linguas europeias os livros modelares dos auctores estrangeiros e suas bellas e baratissimas impressões (2).

Para as edições verdadeiramente portuguêsas seja-se escrupuloso na escolha das illustrações, metodico e claro no commentario artistico, que as deve acompanhar sempre; e rigoroso na applicação d'esse novo elemento pedagogico. Ou então acabem com a estampa, e fique ella onde tem estado, na Escola primaria. Mas ahi mesmo a illustração deve ser modelar, como o proprio texto e do mesmo valor, sem que o preço soffra a alta pressão de uma escandalosa usura!!

Porto, 3 de Novembro de 908.

O Prof. effect. do Lyceu central El-Rei D. Manuel II

Joaquim de Vasconcellos.

(1) Desde 1873 existe em Londres (19 Ludgate Hill) uma grande firma que concentra o negocio dos *clichés: The english and foreign electrotype agency;* tem filiaes em Paris, Leipzig e Boston; e representa a maior parte das revistas illustradas estrangeiras de mais renome.

Ha tudo a reformar ou antes a crear em materia de arte, nos assumptos da educação nacional. Quem suppuzer que exaggero, compare os recursos, os admiraveis recursos que nos offerecem catalogos, como os de Raphael Tuck & Sons Limit. (filiaes em Paris, Berlim, New-York e Montreal); os calendarios artisticos dessa mesma casa Tuck (filial de Paris) que se publicam sob o titulo: *Un tableau par jour,* uma maravilha d'arte; ou os *Kunst-Kalender* allemães de W. Spemann (Berlim e Stuttgart) que custam apenas 4 marcos = 1:000 reis, e não são menor maravilha, com as suas 365 admiraveis estampas. Vide ainda os *Bilderbogen* para o «Estudo da Historia da arte» da casa Seemann de Leipzig, em successivas edições desde 1879, e com texto allemão e francez, baratissimos.

(2) *Für die Schule ist das Beste gerade gut genug!*

(1) Temos entre outros *bonitos:* o elephante, o leão, o gallo, o carneiro, a mão, a garrafa o chapeu de côco, a tinta preta *(die schwarze Tinte)* — o auctor queria pôr talvez: o *tinteiro,* pois é o que lá se vê, a pag. 67, etc. Isto, como alimento para alumnos de um Lyceu, é substancial, e muito essencial, para se poder aprender o *allemão.*

(2) A Grammatica ingleza do editor Chambers *(Educational course)* custa, resumida (ed. de 1885 por R. Armstrong) um shilling = 225 reis; a Grammatica desenvolvida do mesmo editor (Londoandn Edinburgh 1895) um shilling e meio = 337 reis. E são modelos!

O nosso numero extraordinario do Natal

Vai muito adeantado o trabalho typographico deste numero extraordinario da *Arte,* dedicado ás escolas de cegos Branco Rodrigues, de Lisboa e Porto. Collaboram n'elle:

Prosa — Ex.mos Snrs.: Alberto Velloso d'Araujo, Antonio Barroso (D.), Antonio Figueirinhas, Augusto Gonçalves, Branco Rodrigues, Brito Aranha, Carlos Affonso, Conde de Samodães, Costa Goodolfim, Eduardo Pimenta (Dr.), Firmino Pereira, Francisco Patricio (Padre), Guilherme Ennes (Dr.), Henrique de Macedo, J. C. Rodrigues da Costa, João d'Oliveira Ramos, João Grave, Joaquim de Vasconcellos, José Agostinho, José Caldas, José Maria Resurreição (Conego), José de Figueiredo (Dr.), José Sampaio (Bruno), Luiz de Magalhães (Conselheiro), Manuel Monterroso (Dr.), Maria Pinto Figueirinhas, Sebastião de Vasconcellos (D.), Senna Freitas (Conego).

Versos — Ex.mos Snrs.: Alberto Pimentel, Alfredo da Cunha, Angelo Vidal, Antonio Feijó, Antonio Feliciano de Castilho, Berinalta Diniz (D.), Carlos C. de Lemos, Carolina d'Assumpção Lima (D.), Clorinda de Macedo (D.), Eugenio de Castro, Gomes Leal, Henrique Lopes de Mendonça, J. Leite de Vasconcellos, João de Castro (D.), João Diniz, Joaquim Costa (Dr.), José Agostinho, José de Souza Monteiro, Julio Brandão, Mario Monteiro, Prospero Peragallo, Rodrigo Solano, Sebastião de Carvalho, Souza Viterbo, Xavier da Cunha.

Desenhos — Ex.mos Snrs.: Antonio Carneiro, Alfredo José Torquato Pinheiro, Adolph Hausman, Carlos Reis, Ernesto Ferreira Condeixa, Gerard van Kricken, João Augusto Ribeiro, José de Brito, Joseph Bielman, José de Souza Moura Girão, J. V. Salgado, Julio Barros, Lucilia Aranha Grave (D.), Manuel Henrique Pinto, Manuel Monterroso (Dr.), Silvestro Silvestri, Thomaz de Moura.

Pinturas — Ex.mos Snrs.: Alfredo Marçal Brandão, Aurelia de Souza (D.), Joaquim Marinho, Lourenço di Credi, Rubens, Sophia de Souza (D.), A. A. Gomes, J. Monteiro.

Clichés — Ex.mos Snrs.: Fausto S. Sequeira, Alberto Marçal Brandão, Maria da Conceição Lemos de Magalhães (D.), Guedes d'Oliveira, Marques Abreu.

Preço **500 reis.** Para os assignantes da *Arte* **300 reis,** pelo correio **350 reis.** Os assignantes que desejarem adquirir este numero devem participar para a Administração: rua de S. Lazaro, 310, acompanhado da respectiva importancia em estampilhas ou valle do correio.

Os originaes que, por falta de espaço, não puderam ser publicados nesse numero, vão incertos no presente numero da *Arte.*

O nosso agradecimento a todos os illustres collaboradores.

ARTE

4.º ANNO

N.º 47

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

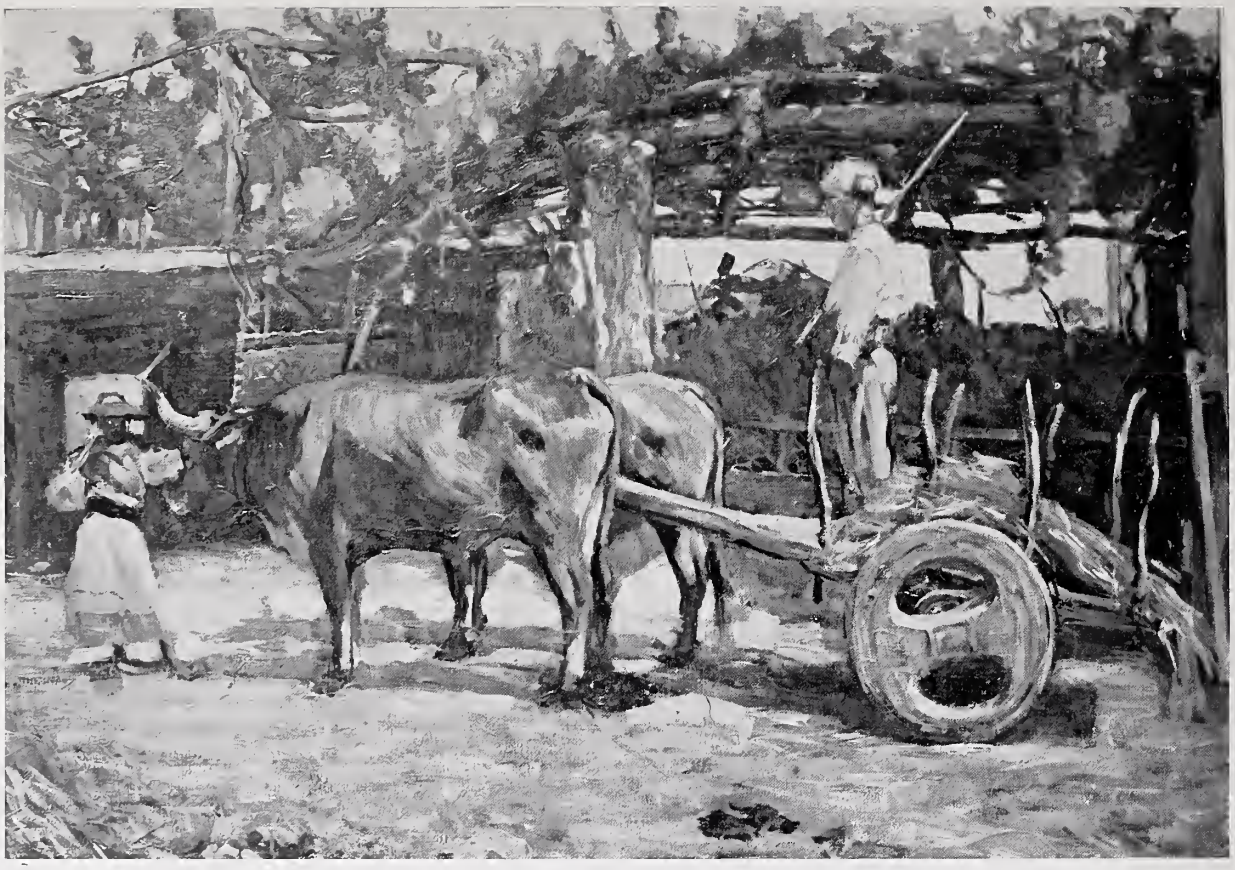
PORTO, 30 DE NOVEMBRO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

INTERIOR BRETÃO — Quadro de MARIO BARBOSA

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54 — Porto



COSTUMES PORTUGUEZES — Scenas dos arredores do Porto — Quadro de Mario Barbosa

INTERIOR BRETÃO — Quadro de Mario Barbosa

Simili-gravuras de Marques Abreu

OS IRMÃOS DARIO
E MARIO VILLARES BARBOSA

Occupamo-nos hoje de dois pintores brazileiros, embóra nascidos em Portugal, que de ha annos vêm conquistando uma grande reputação com as suas obras.

Gemeos, os irmãos Villares Barbosa, encontram-se, pelo espirito, perfeitamente identificados. Desde a sua infancia reveláram excellentes aptidões para as bellas-artes, merecendo no collegio Mackensie, da cidade de S. Paulo (Brazil) referencias elogiosas dos seus professores. Pelo conselho destes, organisáram na mesma cidade uma primeira exposição cujo exito os animou extraordinariamente, seguindo depois para Paris onde entráram na academia Julian, estudando sob a direcção de Robert-Fleury e Julio Lefebvre.

Um anno depois, sempre inseparaveis, os dois irmãos fôram, apoz um brilhante concurso, admittidos á Escola de Bellas-Artes, completando ahi os cursos de perspectiva e anatomia, frequentando, ao mesmo tempo, na academia Julian o curso do modelo vivo e composição.

Em 1906, trazem de Concarneau quatro telas que são recebidas no *Salon* de 1907, muito notadas pela critica.

Entre estas, uma, sob o titulo *Vieille femme*, foi particularmente apreciada pelo senador francez Gustavo Rivet, relator do orçamento das Bellas-Artes, que distinguiu Mario Barbosa com uma calorosa carta de felicitações.

Ao presente, realisam em Paris, nas salas do *Courrier du Brésil*, uma exposição de 70 quadros que devem, mais uma vez, consignar o elevado mérito dos dois distinctos artistas.

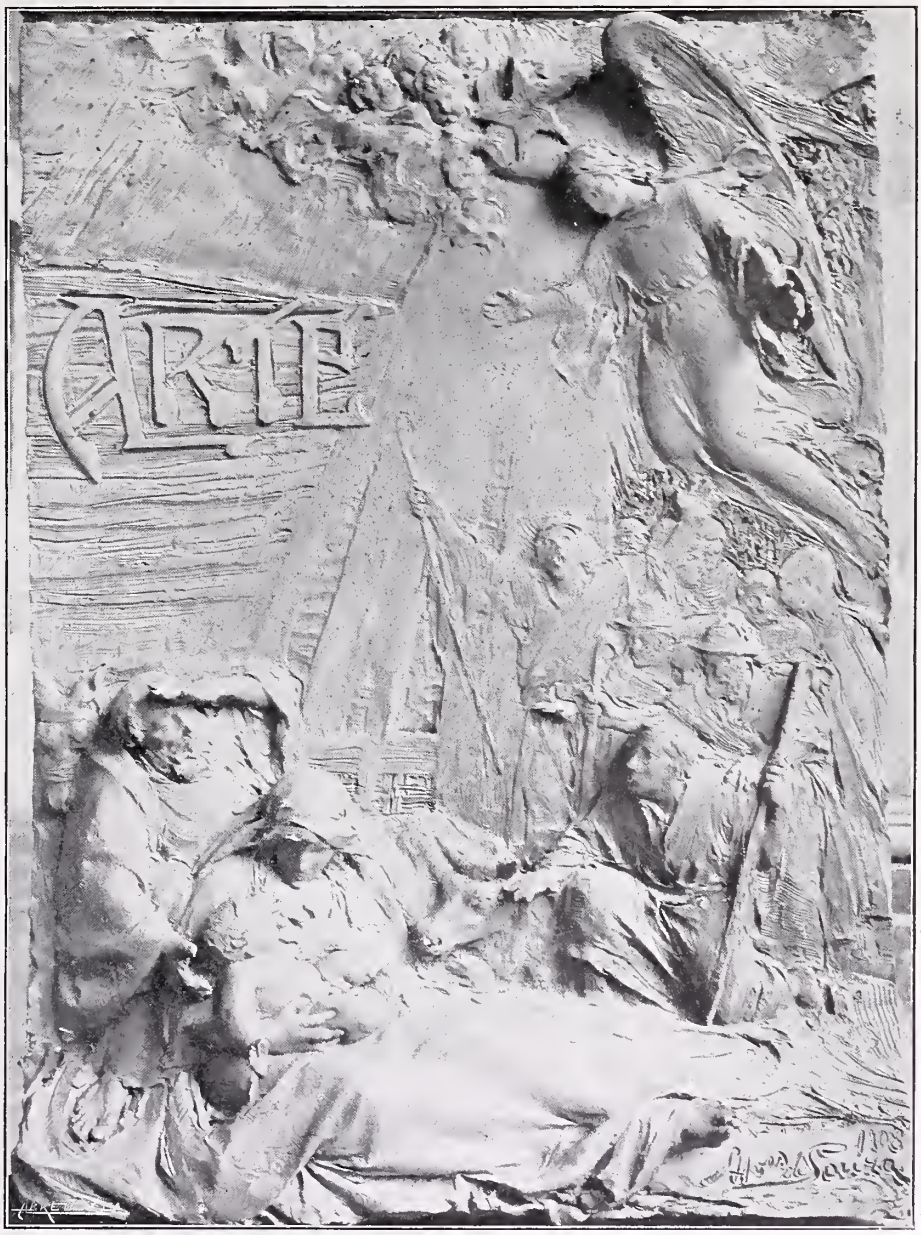
A «Arte» publica hoje reproducções de trez valiosas telas em que, a pár duma observação sincera da natureza, se denota uma technica franca e dominadora, qualidades bem evidentes em todas as obras dos dois eminentes pintores.

NO PRESEPIO

(Baixo-relevo de A. A. de Souza)

A arte, em numero especial da Escola dos Cegos, figurou com este bello trabalho do laureado artista Antonio Alves de Souza, ha pouco nomeado pensionista do Estado em paizes extrangeiros, na classe de esculptura, apoz um brilhante concurso, em que se revelou distinctamente, e do qual, ha pouco, nos occupamos nesta revista.

Não sahiu inteiramente concluida esta obra, executada num momento de ardor, por motivos alheios á sua vontade; tal como ficou, porém, confirma sobejamente os creditos do auctor, de quem cumpre aguardar confiadamente producções valiosas, que honrem dignamente o nome portuguez.



NO PRESEPIO — Baixo relevo de A. A. de Souza

Simili-gravura de Marques Abreu

A. A. DA ROCHA PEIXOTO

AS FILIGRANAS

POR A. A. DA ROCHA PEIXOTO

Do eminente homem de sciencia e illustre archeologo, snr. A. A. da Rocha Peixoto, recebemos, com este titulo, uma importante monographia, separata do tomo II, fasciculo 4, da magnifica publicação a *Portugalia*, que veio preencher uma lacuna, acerca deste ramo de industria ethnographica do nosso paiz.

O insigne investigador descreve em cinco admiraveis capitulos tudo aquillo que respeita a este ramo de ourivesaria de origem remotissima.

Dotado de grandes propriedades, o ouro, como materia prima decorativa, permittiu, sem *tours-de-force*, uma execução extremamente delicada de fórmas, desde as mais extravagantes ás mais racionaes da arte dos periodos cultos. Materia assaz plastica o ouro, de malleabilidade e ductilidade excepcionaes, ousou o artifice de todos os tempos concretisar nelle os mais caprichosos e fulgurantes pensamentos de adornos e de enfeites.

Na parte technica, o auctor pormenorisa nitidamente os processsos de fabrico, intercalando no texto gravuras elucidativas. Este capitulo tão interessante e duma utilidade incalculavel é, como os outros, um trabalho tenso e eruditissimo; nelle se descrevem os meios e as variantes profissionaes por uma fórma captivante, digna de mensão.

Finalmente, esta producção do snr. Rocha Peixoto, sendo um precioso manancial de conhecimentos technicos especiaes, é tambem mais uma prova justificativa do conceito em que é tido um dos nossos homens mais illustres, que mais relevantes serviços tem prestado á nossa instrucção e á sciencia.

QUADRO DE ALICE GRILLO

A PINTURA de flôres tem, entre nós, uma distinctissima cultôra a senhora D. Alice Grillo, que presentemente exhibe, no atrio da Misericordia, com outras senhoras, artistas de nome, outros trabalhos seus, do mesmo genero, muito apreciaveis.

Damos hoje, dum dos seus quadros, em reproducção, aos nossos leitores, uma prova bastante accusada em todos os pormenores, de fórma a permittir um completo juizo das brilhantes faculdades desta artista laureada e digna do maior apreço.

FLORES — Quadro de D. ALICE GRILLO

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

I

MOSTEIRO DE TRAVANCA

SECULO UNDECIMO

(Concluido do n.º 39, pag. 20)

O QUE impressiona desde logo, na egreja, são os esteios poderosos, enormes — para um esqueleto ou cobertura de — madeira!

Levantado o sobrado, vê-se o tambor circular em que assentam as columnas com o formidavel diametro de $1^m,75$ c.

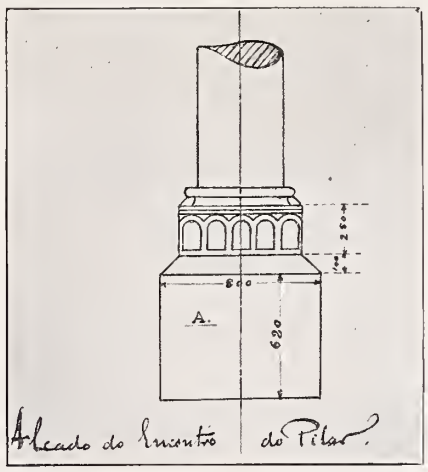
E' evidente que semelhantes esteios n'uma nave que mede no centro apenas $6^m,25$ de largura (lateraes $4^m,50$) indicam claramente que a planta foi delineada para um systema de abobadas de volta redonda, que se cruzam, formando a chamada *abobada de aresta (voûte d'arête) (groined vault,* em inglez) (1).

Comtudo, confesso que não descobri abobadas, positivamente, senão na abside arredondada da capella-mór. Subindo, com difficuldade, os ingremes e apertados degraus de madeira, que dão serventia para o throno do Santissimo, palpei a cobertura e verifiquei, com luz artificial, a existencia da abobada com nervuras muito simples, de córte rectangular; é natural que ella tambem exista nas capellas absidaes. A cobertura em abobada, de volta redonda ou inteira *(plein ceintre)* em toda a capella-mór, até ao arco triumphal, é provavel. Hoje, o revestimento interior é de madeira, e encobre a ossatura original.

O meu desenho (R) é o córte da ultima columna e do ultimo *encontro,* ligado ao stylobato (S), na proximidade da porta da entrada (E).

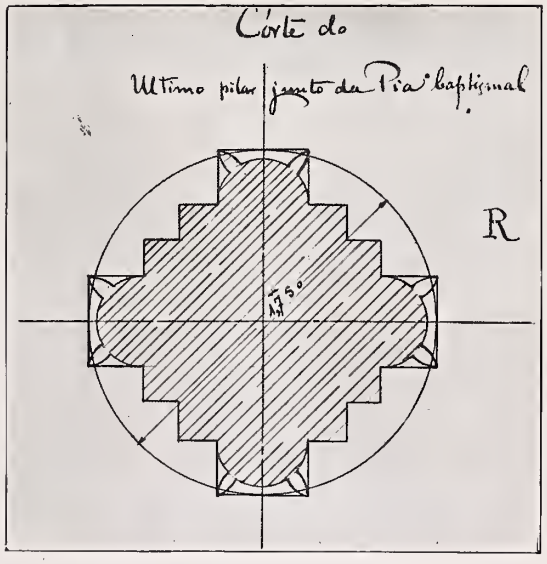
As naves não teem estuque; o madeiramento, forte, mas tosco, de castanho, está á vista; e carrega, alem da coberta, no andar inferior, com todo o peso do côro e do orgão. Este côro abrange dous tramos, após a entrada.

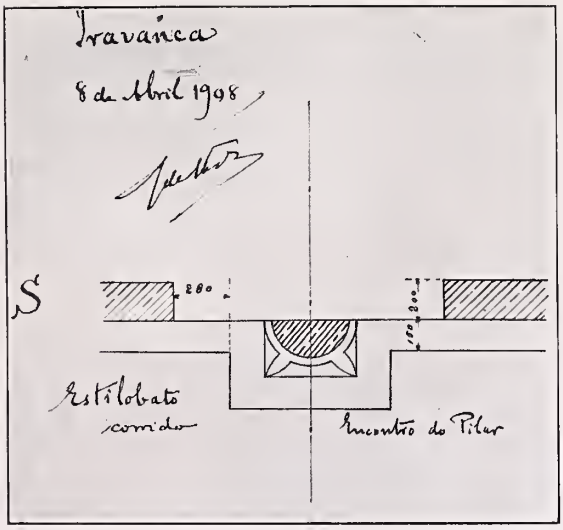
Um friso interior, de grande e energico perfil, que corre a dous terços da altura das naves lateraes, por debaixo das frestas, está intacto, em toda a extensão das naves e produz um effeito grandioso, conjugando-se perfeitamente com o *stylobato,* que corre em baixo, parallelamente, cingindo e ligando todos os encontros das naves lateraes com grande poder e energia (2).

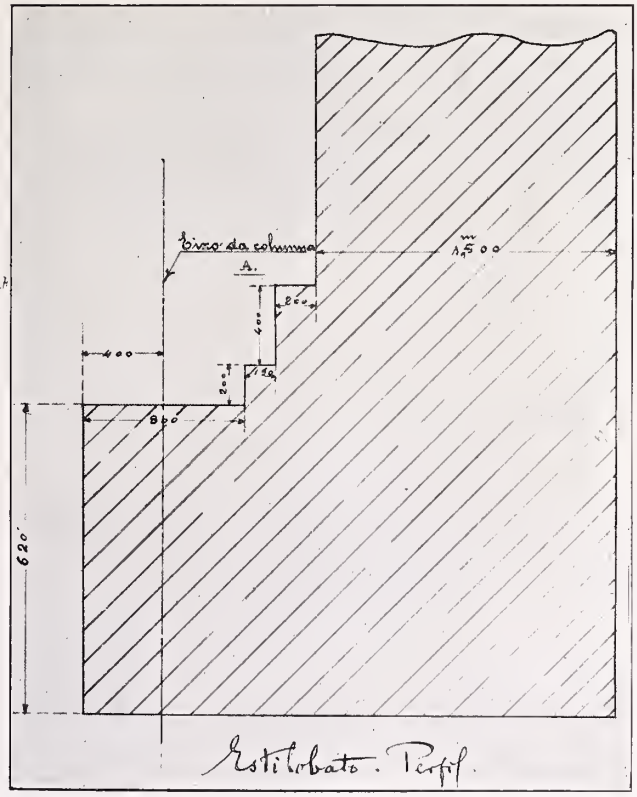


Bem se vê, em Travanca, quanta razão tinha o Sr. Antonio Augusto Gonçalves, restaurador da Sé Velha de Coimbra, em pugnar alli pelo restabelecimento do stylobato, cujos restos afortunadamente descobrira junto do arco triumphal do vetusto templo, e depois restabeleceu em todo o cumprimento das naves lateraes.

Exemplo de uma facha *exterior,* embora modesta, mas intacta, encontra-se no templo romanico de Gandara, *(Cabeça Santa)* junto de Penafiel, e em outros exemplares; mas a funcção d'ella ahi, é outra.







As bases das columnas do arco triumphal ostentam nos angulos duas figuras de leão rompente, contrapostas.

A ausencia de columnelos *(perches,* depois, mais tarde: *colonnes engagées, vaulting—imbedded shafts)* no poderoso massiço dos pilares, prova que a abobada da nave central, quando completa, teria apenas umas faixas transversaes e longitudinaes, formando tramo. No caso de Travanca o interior, até ao arco triumphal, compõe-se de quatro tramos, que lançariam para as naves lateraes sómente uma faixa transversal. (Vid. a planta).

Segue o desenho, com as medidas, tomadas com rigor.

Dimensões:

Nave central. Comprimento da Porta até ao arco triumphal	$20^m,60^c$
Do arco até aos tres degraus que precedem o Altar-mór	$4^m,20$
Dos tres degraus até á base do altar . . .	$4^m,—$
Altar-mór, fundo.	$0^m,80$
Vão por detraz do altar até á parede terminal (abside)	$1^m,40$
Total . . .	$31^m.—$
Nave central. Largura.	$6^m,25$
Naves lateraes. Largura (cada uma) . . .	$4^m,50$

Como typo muito notavel, quadrado, juntamos o desenho e as medições do claustro.

CLAUSTRO DA ORDEM TOSCANA

(cêrca de 1580)

Forma quadrada—Dim. $26^m,30$. Seis columnas por lado; e mais duas meias columnas no joelho dos angulos.

Largura dos lances—$3^m,15$ c.

Intervallo das columnas pelo fuste $2^m,20$ c. (3).

Idem das columnas pela base $1^m,90$ c.

Diametro das columnas $0^m,43$ (pelo fuste).

Idem das columnas $0^m,60$ (pela base).

Altura da columna 3^m; mais $1^m,50$, que é a altura do arco, de volta redonda.

A fonte do meado do seculo XVII tem, como symbolo, dous corações, atravessados por duas settas.

E' o emblema do amor divino e em especial da Ordem de Santo Agostinho. Dim. $3^m \times 2^m,25$.

O claustro é de construcção apuradissima, com solido apparelho, muito egual; madeiramento de castanho, de bello lavor apainelado (visivel na est. de pag. 13).

Na porta de passagem, que communica a egreja com o claustro (lado da Epistola) pudémos medir exactamente a grossura da parede mestra da egreja: $1^m,50$!

Algumas lapides sepulchraes offerecem inscripções, que correm de 1700-1743, com caracteres paleographicos ás vezes rudes, e archaicos, apesar das datas recentes.

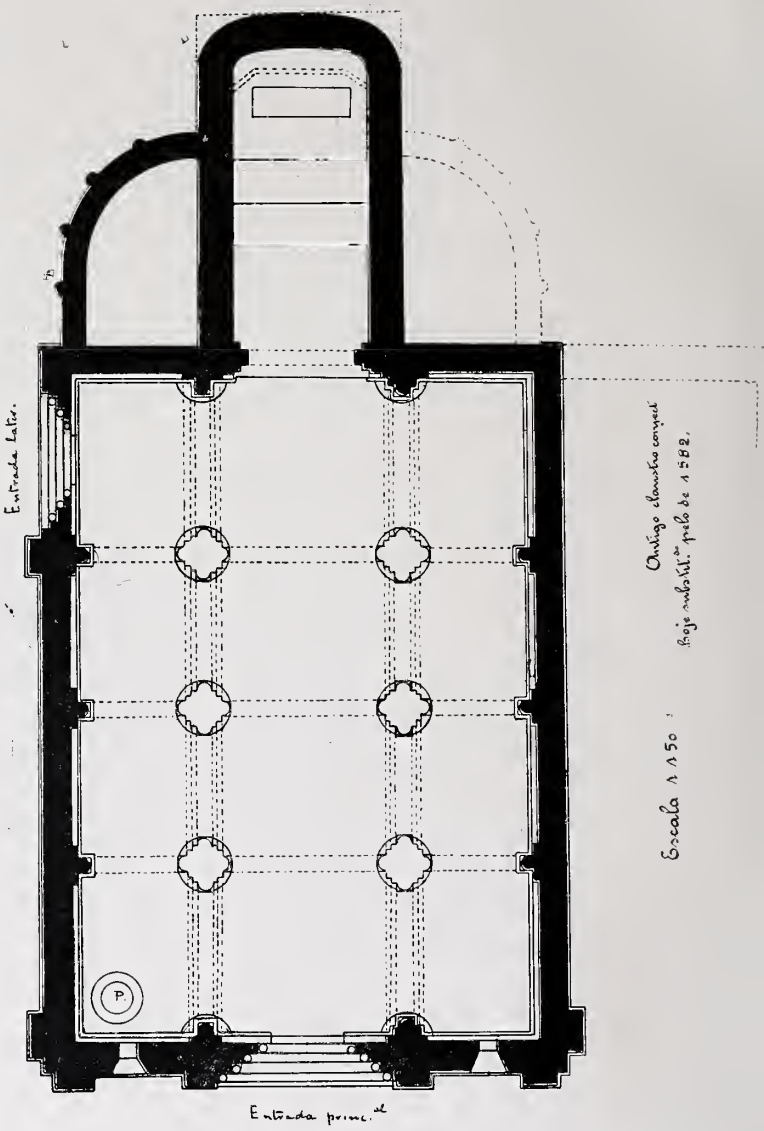
No atrio que liga o claustro á sacristia, lê-se a data: XV CAL. JVLII. ANNO 1582, n'um rótulo redondo (lintel do lado direito) que marca a factura da sacristia, onde ha vestigios de antiga grandeza, p. ex. uns bellissimos arcazes (40 gavetas!) com pintura acharoada, verde e ouro, realçando scenas familiares e campestres do mais bello effeito decorativo (cêrca de 1750); e alem d'isso temperadas de graça e donaire nacional, com recordações patrias, embora o *travesti* seja pseudo-chinez: é quasi pintura para leques—um encanto!!

As vidraças com vidros antigos, monochromicos, que o tempo embaciou e tingiu verde-musgo claro, com reflexos opalinos, conservam parte da sua rêde primitiva de linhas de chumbo, elegantemente combinadas em desenho geometrico; outra delicia para os olhos cançados de um antiquario...

*
* *

Voltando aos poderosos esteios, pois tudo neste templo é typico:

Pode avaliar-se o que são estas desusadas dimensões, pondo em confronto as proporções da Sé Velha de



Coimbra: $1^m,95$, contra $1^m,75$ em Travanca! E' preciso recorrer ao maior e mais perfeito monumento romanico do paiz, para achar uma equivalencia ao mosteiro benedictino (confrontar o desenho R com o 1.º desenho de pag. 88).

N'uma carta do sr. Prof. Antonio Augusto Gonçalves, diz-nos o illustre restaurador da Sé Velha:

«As bases dos pilares da nave regulam umas pelas outras, com differenças de 2, 3 ou 4 centimetros = $1^m,95$.

«Nos pilares terminaes da nave, no *trauseptum*, augmentam um pouco. Regulam por $2^m,56$. A altura do estilobato é desigual».

Devo advertir que o sr. Gonçalves não tem responsabilidade no caso; pertence ao engenheiro Frazão, que interveio, a certa altura, nas obras, com pouca fortuna e nenhuma competencia, como tive occasião de observar, quando fui chamado (com Ramalho Ortigão) a intervir officialmente nas obras da Sé Velha, a pedido da Commissão dos Monumentos Nacionaes (4).

Continúa o sr. Gonçalves:

«Como o pavimento não estava nivelado, segundo elle (Frazão), conseguiu-o d'esta forma.

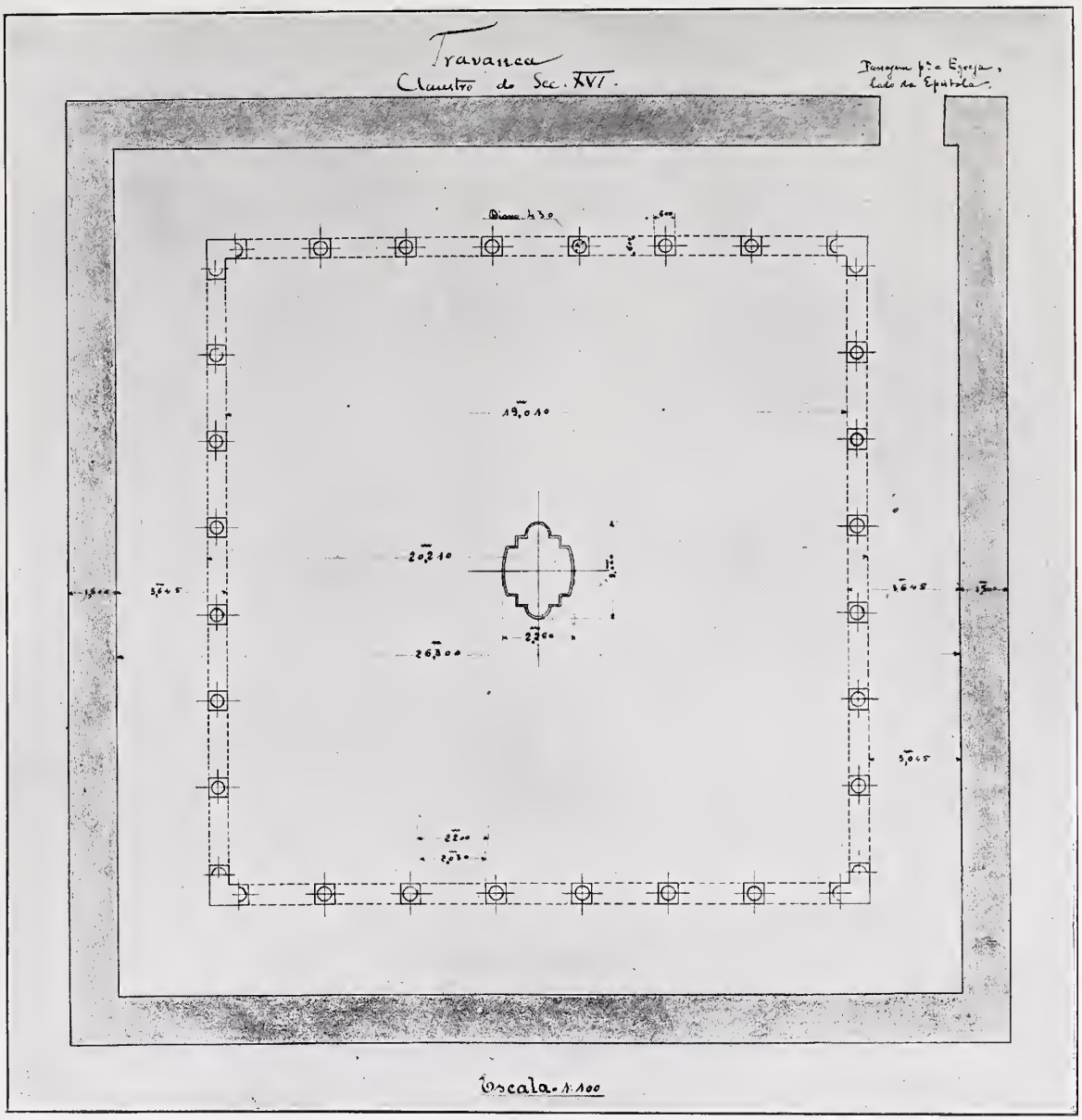
«O perfil e dimensão do estilobato sam estes:

Do lado do Norte a altura A é de $0^m,55$; do lado Sul é de $0^m,60$. (Vid. desenho n.º 2 de pag. 88).

«As columnas adossadas ás paredes assentam sobre o estilobato corrido». (Vid. desenho n.º 3 de pag. 88).

Pelo que deixo exposto, o *stylobato* de Coimbra é mais simples, no seu perfil, do que o de Travanca; na egreja do mosteiro, está intacto, absolutamente.

Como informação complementar juntarei as medições *exteriores* da capela absidal do lado do Evangelho, visivel na estampa de pag. 4. Tem 8^m50 de circumfer.; e assenta sobre tres degraus. O terreno do cemiterio, em frente,



está alterado; tem um nivel de mais $0^m,80$, estando hoje a porta lateral ($3^m,20$) tapada.

E' provavel que a forma seja identica, no lado opposto ([5]).

A forma apparente, interior, da capella-mór, é rectangular; pelo exame minucioso da parede, por detraz do altar-mór, conhece-se, porém, que é arredondada, concordando com a da capella absidal, do lado do Evangelho.

E accrescentaria ainda as medições da Torre militar, que está em más condições de aceio, interiormente, se ella pertencesse organicamente á igreja. A ligação presente é um artificio; já o provei.

*
* *

O que se sabia até hoje tanto de Balsemão, como de Travanca, sob o ponto de vista da arte, era egual a zero. Para as informações historicas é necessario corrigir a cada passo as ultimas notas de Pinho Leal e seu continuador, com os autores antigos, e com o estudo pessoal *in loco*.

Apenas como amostra da exactidão das suas informações, sob o ponto de vista da arte e da archeologia, ahi vae a seguinte nota, phantasticamente visionaria, extrahida do Diccionario de Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*. Vol. IX (Lisboa, 1880) pag. 730:

«E' tradição que a torre dos sinos, já existia antes de se construir a egreja, e era a torre de uma *masejad* (mesquita) mourisca. O que é certo, é ser arabe a sua architectura; não assim a egreja, que é do estylo gothico puro».

De gothico puro, por ter arcos em ogiva?

E agora as seguintes dimensões phantasticas:

«A capella-mór tem $9,^m70$ de comprimento e $14,^m10$ de largo. O corpo da egreja é da mesma largura da capella-mór, mas tem 24 metros de comprimento. As suas naves são divididas por 20 arcos de optimo granito, que chegam ao tecto.» Vinte arcos! em vez de oito. Parece fabula!

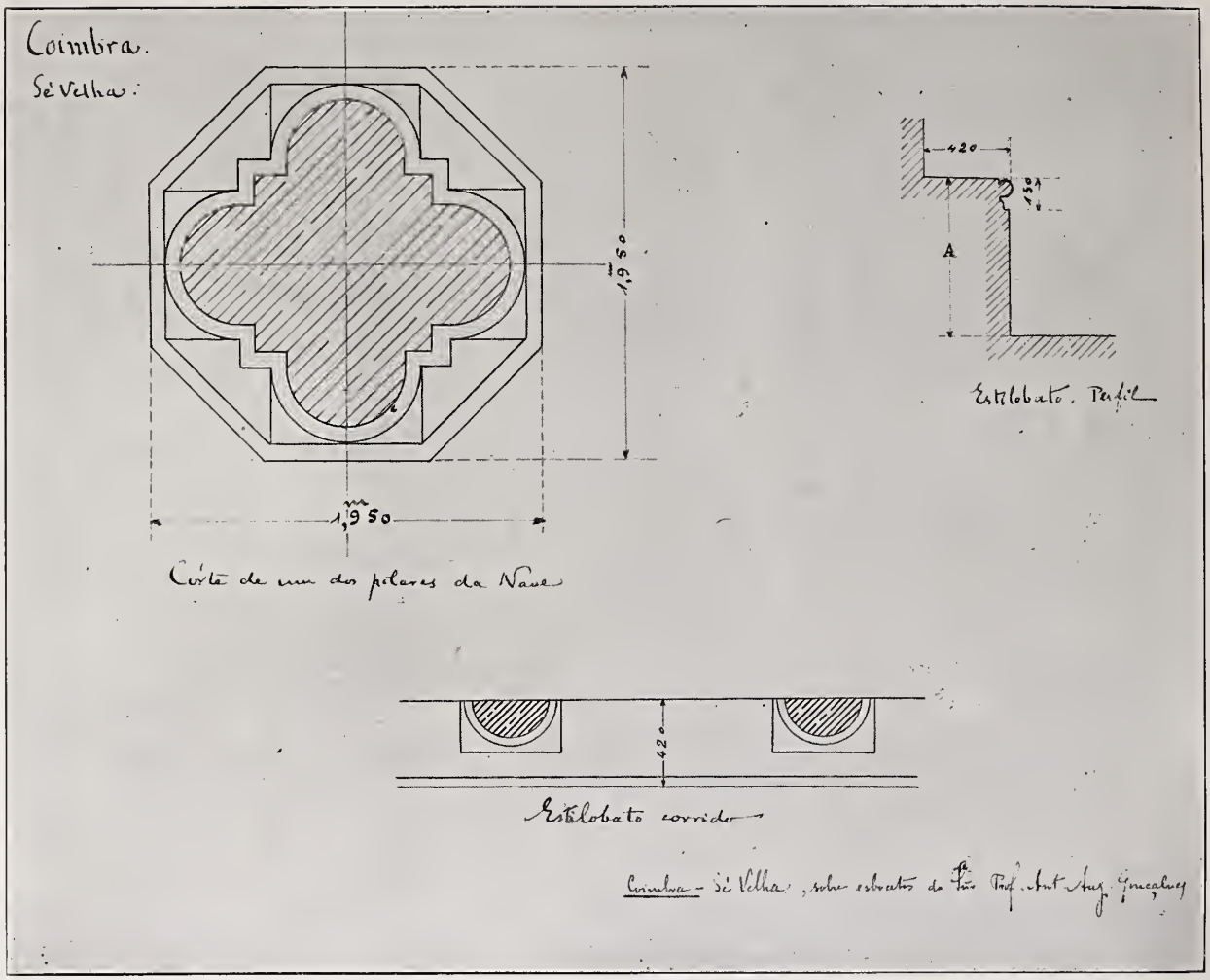
Vou concluir com Travanca; e mais adiante remato o estudo sobre Balsemão.

A um devoto romeiro, que anda ha quarenta e tres annos pelas cantos da sua terra, decifrando lettreiros velhos, poderá ser perdoado o discurso prolixo.

A Santa que se chama *archeologia* ainda não fez ciumes a ninguem, embora o azeite da sua lampada diminua dia a dia...

*
* *

A egreja de Travanca está presentemente entregue a um sacerdote que sabe apreciar o seu valor; não tem, porém, os meios para a tratar melhor, como muito desejava. A sorte favoreceu a sua vizinha (tambem romanica) de Mancellos, onde um parocho muito digno, intelligente e zeloso, encontrou protectores generosos; e tem sido discreto conservador do antigo.



COIMBRA — SÉ VELHA

Representa os desenhos n.os 1, 2 e 3 citados na col. 2.ª da pag. 86; para confronto com os de pag. 85

Vejamos pois o fim de uma peregrinação, de onde voltei a Amarante, profundamente contristado, sem me lembrar que de São João de Tarouca voltára, mezes antes, ainda mais triste a Lamego...

Mas recordar-se, é consolar-se, como já dizia Herculano!

Aqui, no mosteiro de São João, conheci tambem um sacerdote benemerito e umas mulheres pobres do logar, fazendo milagres de aceio e de poetica devoção, com a ajuda de esmolas, que pedem para uma antiga e grande, mas abandonada Casa, que foi Real, e ainda é um bello e rico Museu d'arte. N esse templo que abriga um illustre filho de El-Rei D. Diniz, ia eu causando alvoroço, porque dei tres esmolas de 200 reis cada uma, a tres zeladoras muito pobres, de tres altares da egreja. E ellas andavam descalças, com crianças nos braços, mas contentes e alegres, pedindo para Deus.

Observação: Os artigos anteriores encontram-se nos n.º 37, 38 e 39 d'esta Revista. Trabalhos urgentes, officiaes, impediram-me de completar mais cedo o estudo. Porém, os ouvintes das minhas cinco conferencias sobre a *Architectura romanica archaica* = (Programma no n.º 41 da *Arte*), que abrangeram os mezes de Junho e Julho, tiveram occasião de conhecer a materia e os esboços que apresento n'estes ultimos artigos sobre Travanca e Balsemão.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

(1) E' a que resulta da intersecção de dous meio cylindros. Veja-se o que diz Mélida no v. *bóveda de cruceria* pag. 89; e Otte sub *Kreuzgewölbe* pag. 133.

As designações tecnicas dos meus artigos baseiam-se n'um Diccionario (e *glossario* complementar para os termos antiquados) que tenho organisado lentamente, durante quarenta annos, para as tres artes plasticas e artes decorativas, com o auxilio dos melhores auctores estrangeiros e dos textos mais afamados de escriptores hespanhoes e portuguezes, incluindo muitos documentos ineditos, nacionaes. Emquanto não se publica, entendemos dever protestar, desde já, contra uma nomenclatura phantastica, baseada só no capricho pessoal de seus auctores, que ahi vejo pullular dentro de um estylo — *soi disant* arte nova — que é tudo quanto ha de mais velho, *barôco*, de mais gongórico, de mais *churriguerescо*. Ao menos, estudem o pequeno vocabulario nacional de Lino d'Assumpção, que custa 300 ou 400 reis.

A doença — a confusão — alastra-se do Norte ao Sul do paiz!

Elles não possuem nenhum texto *à l'appui*, para essas invenções, nenhuma justificação historica, quando é evidente que temos restricta obrigação de pôr o nosso glossario em concordancia com o de francezes e hespanhoes, pelo menos. (Ramée, Mariategui, Ramon Mélida e — se querem, com um allemão, o celebre de Otte, em quatro linguas; 2.ª ed., 1883).

(2) Nas minhas conferencias sobre o assumpto já chamei a attenção sobre as medições da egreja de Travanca, que apresentei acompanhadas dos meus esboços originaes, e principalmente sobre a conjugação do *friso* com o *stylobato*, caso unico que conheço. Vid. *Elencho de Quatro Conferencias sobre Historia da Arte Nacional*. Estylo romanico archaico — O romanico dos sec. XI e XII Porto, 1908. Fallei especialmente de Travanca na quinta e ultima Conferencia (pois foram cinco, e não quatro) a 23 de Julho de 1908.

(3) Varía, ás vezes, de 2,20 a 2,25. Ha mais variações na estructura do claustro e da egreja, que tivemos de corrigir nas plantas; as variações são frequentes nos monumentos antigos. Fóra do limitado circulo dos especialistas, isto é desconhecido.

(4) Não foi só nas obras da Sé que o ex-Director das Obras Publicas do districto de Coimbra interveio com desastradas lembranças; no Paço episcopal de Coimbra — uma joia da Renascença portugueza — ha vestigios evidentes, nas *obras novas*, da infeliz ingerencia do sr. Frazão. — *J. de V.*

(5) Não tive tempo de o verificar, pois os esbocetos e as medições na egreja e claustro, feitas duas vezes e só, sem ajuda de ninguem, occuparam-me quatro horas seguidas, até ao escurecer (em Abril). A viagem, a cavallo, de Amarante a Travanca é demorada e fadigosa: um dia inteiro, com a demora.

ARTE

4.º ANNO N.º 48

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO, 31 DE DEZEMBRO DE 1908

Edição em cartão, 120 reis

TUMULO DE JULIANO MEDICIS, por MIGUEL ANGELO

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54 — Porto

TUMULO DE JULIANO MEDICIS

POR MIGUEL ANGELO

Como dependencia da collegial de S. Lourenço de Florença, egreja reconstruida no seculo XV sob a direcção de Brunellesco, encontra-se uma capella, architectura de Miguel Angelo, contendo, interiormente de cada lado, dous tumulos. Nos nichos, por cima daquelles, estão respectivamente as estatuas dos principes Juliano e Lourenço de Medicis. Sobre cada um dos tumulos vêm-se deitadas duas estatuas allegoricas; tudo obra do genial florentino.

O tumulo que hoje reproduzimos, é o de Juliano Medicis. As duas figuras deitadas representam o *Dia* e a *Noite*, significando o tempo que tudo consome. A figura da *Noite*, apezar da sua posição demasiado sinuosa em que o somno é impossivel, é admiravel. Foi por baixo desta estatua que appareceu escripta um dia a seguinte quadra, de auctor desconhecido:

La notte che tu vedi in si dolci atti
Dormir, fu da un Angelo scolpita
In questo sasso, e perchè dorme ha vita;
Destala se nol credi, e parleratti.

Miguel Angelo accrescentou, em resposta, estes versos, que têm alma:

Grato m'è il sonno, e più l'esser di sasso,
Mentre che'l danno, e la vergogna dura,
Non veder non sentir m'è gran ventura,
Però non mi destar! deh parla basso!

CABEÇA DE ESTUDO

CARVÃO DE D. MARIA AMELIA DE LEMOS MAGALHÃES

Não é descabida a inclusão deste excellente trabalho neste archivo d'obras d'arte. A sr.ª D. Maria Amelia de Lemos Magalhães, uma das filhas do sr. conselheiro Luiz de Magalhães, tem já particularmente revelado o seu excepcional talento artistico em tentativas dignas de verdadeiro estimulo. O seu estudo d'hoje consigna publicamente uma promessa cuja realisação muito deve honrar a arte portugueza.

Sob a proficiente direcção do seu distincto professor Candido da Cunha, é de crêr que o seu fino espirito cristallise numa feição inultrapassavel e definida.

As nossas felicitações!

CABEÇA DE ESTUDO — Carvão de D. MARIA AMELIA DE L. MAGALHÃES

AVEIRO

EGREJA E CLAUSTRO DO CONVENTO DE JESUS

Não ha muitos dias, em 27 de novembro, que um dos jornaes de maior circulação no país, *O Seculo*, referindo-se á viagem triumphal d'El-Rei D. Manoel II ao norte, escrevia:

«Pode dizer-se afoutamente que se Braga até agora batera o *record* do enthusiasmo pela visita regia, Aveiro por emquanto é que melhores numeros do programma das festas lhe apresentou». Dois d'estes numeros verificaram-se na egreja e claustro do convento de Jesus, Collegio de St.ª Joanna, que muito apreciados foram, e para que o fossem bastavam as bellesas que já de si encerram, e de que dão claro testemunho as duas esplendidas gravuras que acompanham esta desataviada noticia.

O convento de Jesus teve a mesma origem que quasi todas as casas monasticas de Portugal fundadas nos seculos XV e XVI. Umas senhoras pelos seus sentimentos de piedade, espirito religioso, desapego ou fastio do mundo resolvem-se a formar uma associação devota; outras senhoras no decorrer dos annos se lhe agregam; forma-se o recolhimento, começa a vida em communidade, adapta-se uma regra; mais tarde completa-se a clausura; faz-se profissão solemne, surge completo o mosteiro. Aqui, as primeiras d'aquellas senhoras foram D. Beatriz Leitão, viuva de D. Diogo de Athayde, fidalgo da casa do infante D. Pedro, duque de Coimbra; e D. Mecia Pereira, viuva, de Martinho Mendes Barredo que andara na corte e embaixadas d'el-rei D. Affonso V; e as ultimas duas filhas de D. Beatriz e Violanta Nunes, Guiomar Velho, Catharina Rodrigues, Isabel Pires e Theresa Pereira, isto nos annos de 1458-1460. A regra adaptada foi a dominica, e a vida conventual propriamente dita, a clausura iniciou-se no 1.º de janeiro de 1465.

Em 1472, a 4 d'agosto entrou para este então pobre e humilde cenobio, a princesa D. Joanna, filha primogenita de D. Affonso V, que tomando aqui o habito de religiosa em 25 de janeiro de 1475, e veio a morrer em 11 de maio de 1489, beatificada pela Egreja no seculo XVIII principiou de augmental-o e enriquecel-o, comprando terrenos, adquirindo alfaias e

fasendo obras que a breve trecho lhe mudaram a primitiva traça.

Accrescentos e alterações grandes soffreu ainda depois o edificio, que pouco a pouco se foi enriquecendo com valiosas obras d'arte. Entre estas occupam logar primacial o soberbo tumulo de mosaico que se admira no coro baixo, e, em que se enthesouram as cinsas da Princesa Santa e a formosissima talha que reveste a abobada da capella-mór da egreja.

Levemente abatida, elegantemente artesoada, d'um mimo e perfeição inexcediveis, é um dos mais lindos e bem acabados exemplares de talha dourada que existe no país. Data do ultimo quartel do seculo XVI, e, offerece um verdadeiro contraste com a de todo o resto do templo em cujos altares predominam as columnas salomonicas, com os fustes torneados e guarnecidos de cachos d'uvas, as cornijas e frisos cobertos de ramagens e cherubins, tudo obra dos fins do seculo XVIII.

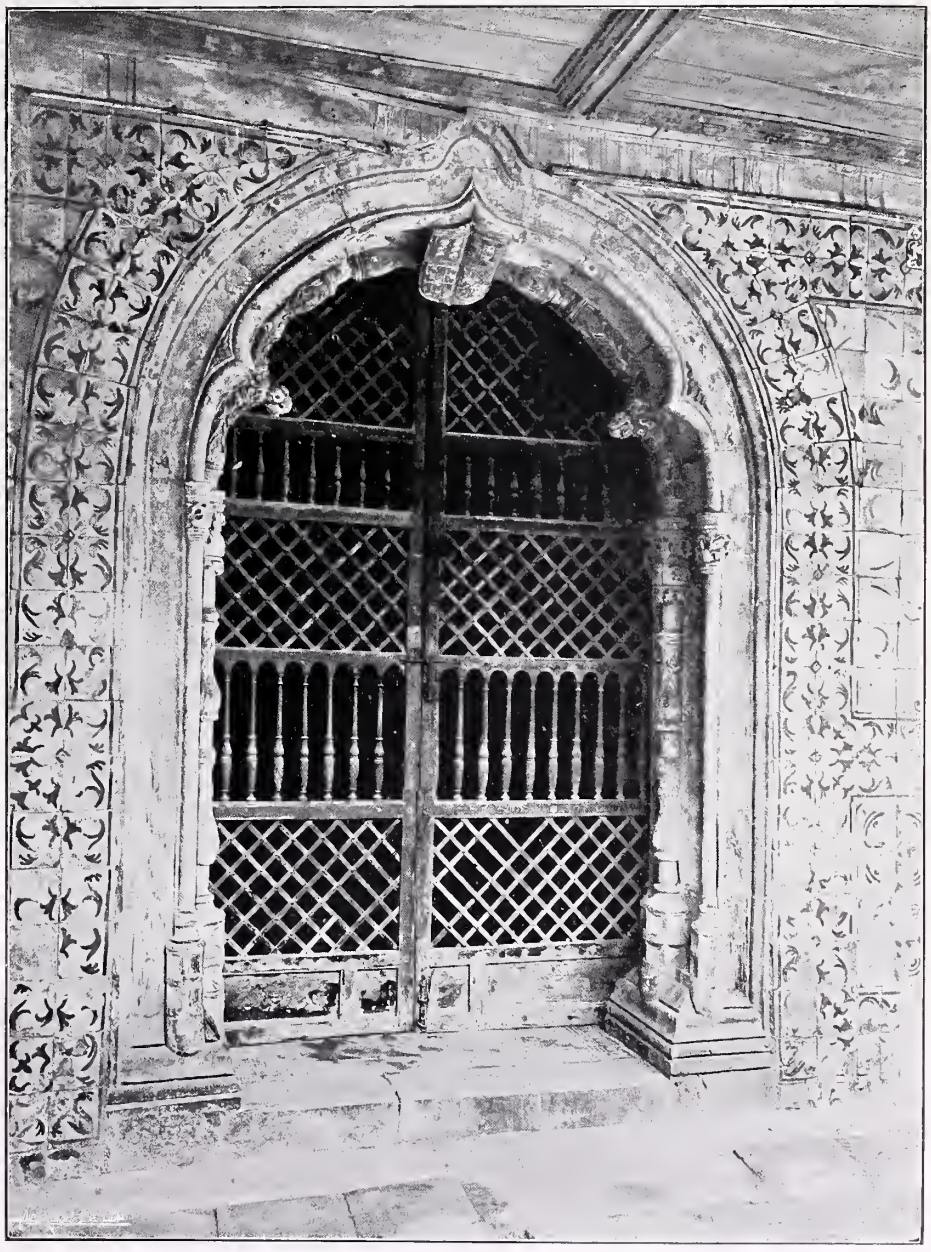
Alem da talha são muito para apreciar, no interior da egreja, a bellesa das imagens, o esmalte e decoração dos azulejos que revestem as paredes até o primeiro terço da sua altura, e sobre tudo uma deliciosa portada manuelina, em meia ogiva, em que as hombreiras são formadas por dois troncos de sobro, revestidos de talhas, rebentões decepados e fructos, formando as hastes superiores o arco e as raizes a base, e que por ser unica no edificio, na cidade, e no districto, se esconde como envergonhada, sem rasão para o estar, ao fundo do templo, dando accesso á capella onde em alteroso tumulo repousa D. Gabriel de Lencastre, 7.º duque d'Aveiro.

A paredes meias com a egreja fica o claustro, de que uma pequena parte está reproduzida na gravura. Em volta correm diferentes capellas, algumas das quaes se aproximam bastante dos primeiros tempos do convento, como é a casa capitular com o seu portal gothico e revestimento de azulejos e meios azulejos, azues e brancos, foramndo xadres, de brilhante esmalte. Relativamente mais moderno, mas do mesmo modo muito interessante é a capella que lhe fica á direita, com um portico renascença rematado por um brazão d'armas, e resguardado por uma grade de dois batentes, de madeira, deliciosa, dos meiados do seculo XVI, com embutidos e caprichoso lavor de intersiatura e obra de torno. Entre as restantes capellas ha algumas notaveis ainda pelos azulejos azues e polichromos, e, obra de talha que as revestem.

O claustro que é uma quadra regular e alegre, com uma fonte ao centro d'onde cae uma penna d'agua comprada á camara, pelo 1.º duque de Aveiro D. João de Lencastre, 1547-1571, e em que as columnas jonicas que sustentam a galeria superior poisam sobre um estylobato forrado de azulejos eguaes aos da casa capitular, foi reconstituido em 1713.

Dezembro, 1809.

MARQUES GOMES.



AVEIRO — Convento de Jesus. Portico

Simili-gravura de Marques Abreu

AVEIRO — Convento de Jesus. Interior da Egreja

Simili-gravura de Marques Abreu

BALSEMÃO — N.º 1. Vista interior, no sentido da largura

Simili-gravura de Marques Abreu

BALSEMÃO — N.º 2. Capitel corinthio de estylo romanico-archaico.
Vid. a nota explicativa, no fim

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

II

EGREJA DE BALSEMÃO

B) O MONUMENTO

(Concluido do n.º 40, pag. 32)

OBSERVAÇÃO: Os artigos anteriores encontram-se nos n.os 39 e 40.

O vulto representado no sarcophago figurou notavelmente na historia portugueza.

A sua biographia está ligada á instituição de um vinculo, e este ao monumento.

D. Affonso Pires é, na ordem chronologica, o 35.º Bispo do Porto, onde antes fôra Conego. Succedeu em 1358 a D. Pedro Affonso, cujo governo foi cortado por questões muito graves, occorridas entre o prelado e El-Rei D. Affonso IV, tendo o bispo de defrontar-se tambem com os burguezes da cidade e seus antigos foros. D. Affonso Pires teve de apagar com o seu prudente e caritativo conselho os vestigios da formidavel lucta sustentada pelo antecessor.

El-Rei D. Pedro I, que não era facil de contentar, como é sabido, teve-o em grande conta e confirmou-lhe a jurisdição civil dos Coutos da Regoa, Paramos, Crestuma e Loriz em 1359. As suas virtudes, como pastor, permittiram um confronto com o seu antecessor, com o qual conviveu na mesma Sé, sendo D. Pedro Bispo e D. Affonso, Conego d'ella. Os nomes dos paes não são conhecidos (diz Cunha) «mas sabemos que o pay jás enterrado na Crasta da Sé de Lamego, com campa, em que está aberto hum escudo de armas, cõ sinaes de Cruzes, e Amieiros; como o mesmo D. Affonso declara em seu testamento, foy sobrinho do Bispo D. Vasco». O chronista Cunha continua:

«O lugar do seu nascimento fica hua legoa de Lamego, e se chama Medelo; aqui era a continua habitação de seus paes, em cuja caza D. Affonso se criou, e viveo athe se ordenar de ordens sacras, sempre com grande honestidade»... Falla em seguida da Conezia que usufruiu em Lamego e poucos annos depois outra, na Sé no Porto.

A's mercês concedidas em 1359 juntou El-Rei D. Pedro outras no anno seguinte, n'uma sentença dada contra os Cunhas, Senhores de Pombeiro. Em 1361 assignou o auto de declaração e juramento do monarcha, em memoria de sua esposa D. Ignez de Castro, que foi lido publicamente no Paço dos Estudos.

Da inscripção commemorativa, collocada no arco da capella-mór (lado da Epistola), consta que visitou a Terra Santa e tambem os sepulchros de S. Pedro e S. Paulo em Roma; ignora-se, porém, os annos d'estas longas viagens.

Havendo feito testamento a 10 de Agosto de 1361, e morrendo em 1362 e estando occupado sempre no paiz desde a sua nomeação em 1358, parece que as suas peregrinações devem ser anteriores á prelazia.

Chegado o anno de 1361 fez testamento a 10 de Agosto, sendo já velho e carregado de enfermidades, cauzadas das grandes penitencias com que sempre tratara seu corpo, no logar mesmo de Balsemão, a uma legoa de Lamego.

«Nelle, depois de ordenar muitas couzas tocantes ao bem de sua alma, instituio hua Capella da invocação de Nossa Senhora, na igreja de S. Pedro de Balsamão, á qual vinculou, e unio muita fazenda, e bens patrimoniaes, que possuhia, avidos os mais delles do que herdara de seu thio o Bispo D. Vasco e de D. Pedro Domingues, Mecia Domingues, e Maria Giraldes, parentes seus, moradores, que havião sido no logar de Balsamão. Nomeou por immediato sucessor a hum sobrinho seu por nome Gonçalo Pires, filho de Vivião Pires, e de D. Juliana Martins, sua prima com-irmã, e ordenou que as missas, e commemorações, que na Capella se dissessem, prestassem pelas almas do Bispo D. Vasco, pela sua, e pelas dos parentes de quem herdara aquelles bens, que lhe vinculava.»... «Ordenou mais no proprio testamento lhe dissessem todos os annos sobre a sepultura de seu pay hum anniversario: faz nelle tambem especial menção de D. Domingos Martins do Sobrado, seu thio, aquelle que instituio a Capella de Santa Margarida da Sé de Lamego».

Da capella instituida no testamento era — (segundo Cunha 2.ª ed. de 1742 pag. 129 da Parte II) possuidor Luis Pinto de Sousa, descendente do primeiro chamado em sua instituição.

Provavelmente, este fidalgo é o mesmo de que falla a lapide de 1643, transcripta fielmente por nós, pela primeira vez, a pag. 26; porque a primeira edição do *Catalogo dos Bispos* de D. Rodrigo da Cunha é de 1623.

O modo como estes fidalgos cuidaram das suas obrigações, nas capellas, está expresso nas seguintes palavras de Pinto Leal (*Portugal antigo e moderno* Vol. IV pag. 40), que se referem a outra capella do mesmo vinculo, creado pelo Bispo D. Affonso Pires (Santuario de Nossa Senhora da Lagem, junto á ribeira de Fafel):

«Eram administradores desta capella os morgados de Balsemão, que, segundo a instituição do vinculo, eram obrigados não só ao reparo e conservação da capella, mas a varias missas em certos dias do anno, e em todos os dias santificados. Elles porém só trataram de receber as rendas obrigadas a estes legados, sem cumprirem nenhum

d'elles, pelo que a capella foi pouco a pouco cahindo em total decadencia».

«Quem instituiu este vinculo, foi D. Affonso, bispo do Porto, nascido no logar de Balsemão; o qual tambem na Sé (?) fundou a capella de S. Pedro, na qual assentou a cabeça do morgado. Aqui foi sepultado em 1400, como consta do seu epitaphio, gravado na sepultura. Este vinculo é o dos Srs. Viscondes de Balsemão».

Ha aqui confusão evidente. A capella de S. Pedro, a da sua sepultura, é em Balsemão, onde está á inscripção e a data, que adiante transcrevo. Na Sé não vi nada d'isso. A capella, que na Sé de Lamego pertencia ao tio do Bispo, era a de Santa Margarida.

E' conveniente confrontar o que Pinho Leal diz em differentes passagens do seu *Dicc.* vid. (Lamego Vol. IV p. 40; Balsemão Vol. I pag. 314; Chacim Vol. II p. 264), para se apurar a verdade.

E' curiosa a seguinte noticia d'elle: a tres kilometros a E. da villa de Chacim (Traz-os-Montes) em um alto, ermo e agreste (chamado Monte do Carrascal) existia de muitos annos uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Balsemão, ou Balsamão... P. Leal recorda que Francisco Nunes Franklin (*Memoria sobre os Foraes.* Lisboa 1816 pag. 221) cita um Foral de Balsemão, dado a 30 de julho de 1265 (Liv. I do Sr. Rei D. Affonso III fol. 79 v. col. 1.ª) «para esta povoação e para os casaes de Eiró e Cabo de Villa, no seu termo. «Não me consta que haja outro Balsemão: seria pois o foral para aqui? Estou certo que o rei não dava foral ao convento de Balsemão (situado no Monte do Carrascal em Chacim (Traz-os-Montes) porque não ha exemplos de que se desse foral a um convento senão quando era coutado».

Ahi fica a interrogação. E voltemos ao monumento do Bispo.

O prelado poucos mezes durou depois de feito o testamento. Continua o Arcebispo Cunha: Morreu no Couto da Regoa. Sepultaram-n'o na egreja de S. Pedro de Balsemão «que elle proprio edificara (??) da parte do Evangelho, em sepultura alta, e com a sua estatua em Pontifical sobre ella. No arco da Capella mór fica hua pedra marmore (é simples pedra d'Ançã), e nella com lettras gothicas, parte latinas, parte portuguezas, aberto o letreiro seguinte — Segue a inscripção que está bem transcripta, e em perfeito estado, em lettra gothica uncial, redonda.

Diz o seguinte:

Hic jacet Domnus Alfonsus Episcopus Portugalensis, qui fecit Ecclesiam istam: & visitavit sepulchrum Domini & Basilicas sanctorum Petri & Pauli & decessit in Era 1400. Aqui jaz D. Affonso Bispo do Porto, o qual fez esta Igreja, e visiton o sepulchro do Senhor, e as Basilicas de S. Pedro e S. Paulo. Morreo na Era de 1400.

Corresponde a data á era de Christo de 1362.

Já dei as dimensões do sarcophago a pag. 31 d'esta Revista (1) accrescentando: O granito é bastante rude, fortemente granulado; gastou-se muito; estaria na primitiva talvez exposto ao ar, n'um alpendre (?).

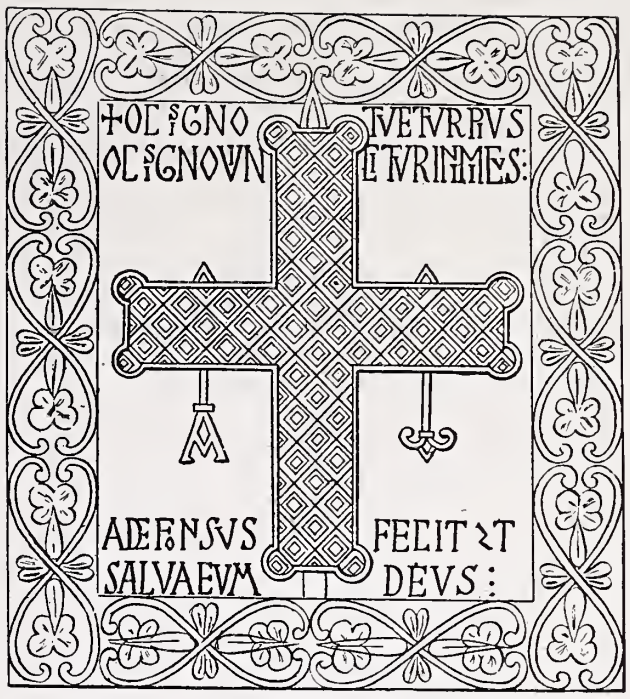
Hoje entendo que é mister sublinhar a dúvida.

As dimensões são excessivas para o limitado ambito da capella! Não ha nenhuma proporção, com a apertada nave, como é facil de ver na planta da pag. 26.

Eis uma descripção summaria:

Na testa do sarcophago: O Salvador com o globo na

N.º 3 — Fragmento de lapide do sec. IV. Torre del Almendral



N.º 4 — Cruz de S. Martin de Salas (sec. X)

mão esquerda, abençoando com a direita a Virgem coroada, a qual ergue a mão esquerda, aberta, em signal de respeito; as figuras estão dentro de uma ogiva abatida, inscripta n'um rectangulo; nos angulos superiores um lavor fenestrado, com lobulos irregulares e asymetricos; o *intrados* da ogiva foi ornado com rosetas de quatro folhas; o friso superior da tampa é de desenho ainda romanico!

Na face voltada para a nave central estende-se a scena da Ultima Ceia de Nosso Senhor: *Amen, dico vobis: quia unus vestrum me tradituras est;* dous apostolos ladeiam o quadro (S. Pedro e S. Paulo) em nichos ogivaes, e tri-lobados. E' uma rude assembleia lavor gasto pelo tempo, mas ainda animado de uma energica e eloquente expressão, fortemente popular; a parte decorativa da architectura foi tratada com intelligencia e carinho, apesar do material ingrato.

O lado opposto á testa da arca está, infelizmente, encoberto pela parede.

Pode ver-se, porém, uma parte do taboleiro grande, opposto ao baixo relevo da Ceia. Temos aqui o seguinte:

Christo pregado na cruz; á direita a Virgem; á esquerda Maria Magdalena e os dous ladrões. Por cima da cruz o monogramma I. H. S. (Jesus) em lettra gothica, posto entre o Sol e e Lua.

O vulto do prelado é de uma feitura grandiosa; os accessorios: mitra, baculo, roupas; os anjinhos que o adoram; os lebréos aos pés do Bispo, enfeitados de guizos de ouro; a discreta e fina polychromia; o douramento ainda bem visivel — tudo indica, bem como as patheticas scenas da arca tumular, como o cenaculo austero dos apostolos: que o esculptor quiz ser sincero e ser respeitoso; ser devoto e ser humano admirador do virtuoso Bispo.

Poucas esculpturas em granito ha no Reino, das muitas que tenho visto, d'este estylo e d esta epoca heroica, que mais nos commovesse, na sua ingenua expressão *popular*. Houve muito melhor na factura, quando se escolheu o calcareo; e os grandes artistas que talharam em Alcobaça os sarcophagos da mesma epocha, de D. Pedro I e D. Ignez de Castro engeitariam a aspera obra em que repousa o Bispo que esse mesmo Rei D. Pedro tanto venerou. Muito embora! O lavor rude do granito é como a veste mais dura do burel nacional. O Prelado que ali repousa, que se vestia de brocado diante do altar, trouxe em vida, sob a casula de seda, a estamenha do penitente.

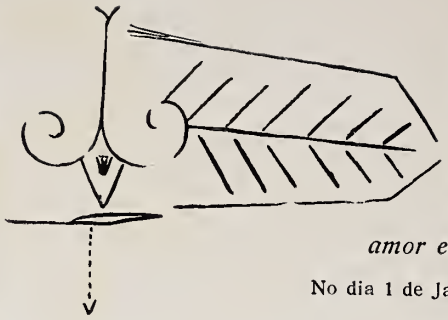
Ainda uma palavra de aviso a esculptores de raça e feitio popular.

Sob o ponto de vista da execução deve deplorar-se que a obra fosse executada no granito, em vez do calcáreo, e se malbaratasse um lavor tão fino n'um material tão ingrato, que não dá, nem pode dar arestas vivas.

O estylo gothico, com os seus delicados lavores, exigia uma pedra branda e docil.

Não conheço nenhum sarcophago de grande lavor, da mesma epocha. que não seja esculpido no calcáreo ou no lioz; e elles apparecem n'essas condições até em edificios, onde o granito é o material dominante.

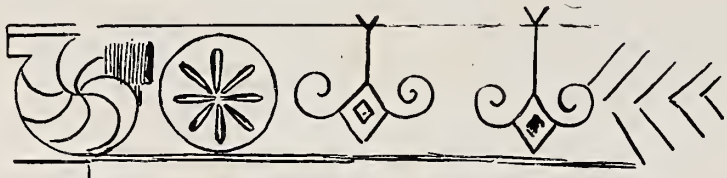
Nos poucos casos em que foi necessario traduzir a architectura gothica de D. João I no granito, a estylisação de todo o lavor decorativo obedece propositadamente a uma prudente reserva e a um sobrio desenho, em harmonia com as condições da materia prima. Já demonstrei a differença, fazendo o confronto de duas construcções da epocha de D. João I: examinando a decoração exterior e interior da Sé da Guarda em face da egreja da Batalha. *(A Arte e a Natureza em Portugal).*



Com saudade me despeço da Capella de Balsemão! Teria ainda muito que contar. Amores de 27 annos não se abandonam nunca, mormente se a elles se liga o affecto ao torrão portuguez: *Amor patiens solus amor est...*

No dia 1 de Janeiro de 1909.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.



BALSEMÃO — N.º 5. Pilar do encontro, lado do Evangelho

Nota explicativa sobre as estampas e aditamento:

N.º 1—Vista interior tirada no sentido da largura. Compare-se com as vistas de pag. 21 e 28.

N.º 2 — O grande capitel é o C[e], cuja photographia foi promettida a pag. 30 col. 2. Verificar na planta da capella.

N.º 4—A cruz é de San Martin de Salas, (Hespanha) na igreja, *en el lienzo exterior del lado de la epistola* (meado do sec. X) apud Hübner, Op. cit. pag. 121.

E' a forma da celebre cruz de Oviedo, que apresentei nas minhas Conferencias, em grande reproducção polychromica. Os motivos da ornamentação reapparecem nos nossos jugos. O mesmo é evidente no desenho menor N.º 3 (sec. IV, região de Olivenza — Badajoz) apud Hübner pag. 35.

Na col. 2 de pag. 31 devem juntar-se duas designações de pagina: pag. 21 e pag. 28 (omittidas).

N.º 5 — Ornamentação do pilar de encontro da nave lateral, lado do Evangelho. E' um dos motivos da est. de pag. 22, ampliado; compare-se com o desenho da cruz (N.º 4). Tudo isso pertence á ornamentação dos jugos.

*

* *

Para liquidar este assumpto de Balsemão e a confusão que Pinho Leal estabeleceu com as capellas da familia do Morgado Pinto da Fonseca, (vinculo creado pelo Bispo D. Affonso Pires) aqui transcrevo o que imprimiu em 1708 o P.[e] Antonio Carvalho da Costa na sua *Corografia portugueza* Vol. II pag. 241. Falla das capellas da Sé de Lamego:

«Junto a esta Capella (a de D. Guiomar de Berredo (2), neta por bastardia de D. Affonso III) está outra, que he cabeça do Morgado de Balsemão, o qual logar dista hu quarto de legoa de Lamego; está situado entre dous montes, de tal modo, que olhando de alto mais parece covil de féras que habitação de homens (3). Nelle está hua Capella da invocação de São Pedro, que he a antiga cabeça d'este Morgado, o qual instituio D. Affonso Bispo do Porto, natural do dito logar de Balsemão, & nella está sepultado em tumulo de pedra ao antigo & seu corpo esculpido em a pedra superior do tumulo...» He este Morgado hum dos principaes que ha em Lamego; os Senhores delle, & descendentes do dito Bispo D. Affonso tem seu enterro na Capella da Sé, que he de abobada de cantaria lavrada, com o escudo das armas dos Pintos, & Fonsecas & nella hua formosa sepultura com este letreyro: Aqui jaz *Alvaro Pinto da Fonseca, Fidalgo da casa del-Rey N. Senhor, & Morgado de Balsemão, & sua mulher Violante Borges de Tavora, & seus paes, & avós; o qual fez esta Capella, & a dotou de Missa quotidiana, an. 1562.*

.....

.....

TRECHO DE ALDEIA

O EXPLENDIDO cliché que no ultimo numero da *Arte* publicamos com o titulo *Trecho de Aldeia*, é do distincto photographo snr. Monteiro, proprietario da Photographia Moderna, a quem agradecemos a gentileza daquela preciosa offerta.

A começar no 1.º numero do 5.º anno a ARTE passará a publicar-se n'uma só edição em papel couché mais encorpado e de melhor qualidade do que o que temos adoptado para a edição economica.

Muitos assignantes nos teem pedido esta modificação em virtude do cartão couché se damnificar facilmente e as collecções ficarem imperfeitas.

Suspende-se portanto a edição economica e como brinde a todos os assignantes serão distribuidas durante a assignatura de 1909 duas bellas estampas impressas em optimo cartão couché no formato 40 — 55.

Só estas duas estampas proprias para adornar salas valerão mais do que a importancia da assignatura da ARTE.

(1) Aqui as repito mais detalhadas:

Comprimento da arca		2m,20 c.
Largura		— 74 c.
Os leões da base (em parte mutilados)	— 38 c.	Altura 1m,43
Altura da arca	0m,60 c.	
Id. da figura da tampa	0m,45 c.	

(2) No testamento de D. Guiomar de Berredo grande bemfeitora da Sé de Lamego (fallecida em 1342) figuram como testamenteiros o Deão de Lamego D. Gonçalo e o Conego do Porto D. Affonso Pires, que é o nosso virtuoso Bispo, que foi tambem grande protector e bemfeitor da Sé de Lamego, *sua patria*, diz o auctor da *Historia ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego*, D. Joaquim de Azevedo. Porto 1878 pag. 282. Isto de patria, tem de corrigir-se pelo que já refere, alem do Arcebispo Cunha, o Conego João Mendes da Fonseca, *Memoria chronolog. dos ... Prelados de Lamego*. Lisboa 1789, que cita o testamento de D. Guiomar e falla do Conego do Porto Affonso Pires, ao depois Bispo «*natural de Amedello*, Instituidor do Morgado de Balcemão».

D. Guiomar foi neta, por bastardia, de D. Affonso III e teve sepultura na Capella do Santissimo da Sé de Lamego, como diz o P.[e] Carvalho na sua *Corografia* (Vol. II pag. 241).

(3) Bem se vê que não fui excessivo na descripção do risco que corri, na ultima expedição á capella.

Quem examinar a vista exterior da pag. 19 vê o auctor do artigo, retratado de costas, tomado de surpreza pelo photographo Sr. Marques d'Abreu. Arripiado de frio, ao cahir de uma tarde fria e chuvosa, decifrava as inscripções romanas, ao lado da entrada, despedindo-me da capella.

Ao lado da oliveira, que se avista no canto direito da estampa, descobre-se o principio do declive do monte; é um precepicio abrupto, que vae dar ao rio Balsemão; do lado opposto ergue-se o severo monte de 300m (contados do leito do rio), cuja curva a estampa ainda accusa; do lado opposto outro grande monte.

Só uma vista que fosse tirada do alto da estrada da Regoa a Lamego daria uma ideia do sitio que o P.[e] Carvalho baptisou como *covil de féras*... e parece tão idyllico na estampa!

FIM DO 4.º ANNO

1908

Ateliers de Photogravura

MARQUES ABREU & C.ª
AVENIDA RODRIGUES DE FREITAS, 310
PORTO

INSTALLAÇÃO MODELAR — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Machinas aperfeiçoadissimas

Materia prima de primeira qualidade

Pessoal habilitadissimo

NINGUEM PODE COMPETIR COM ESTES ATELIERS EM

RAPIDEZ, PERFEIÇÃO E ECONOMIA

ENVIAM-SE SPECIMENS A QUEM NÃO CONHECER OS TRABALHOS D'ESTA CASA

Lithographia Artistica

Manoel Ribeiro da Fonseca

RUA do CAMPINHO, 20 a 26—**PORTO**

EXECUÇÃO ESMERADA EM TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES Á ARTE LITHOGRAPHICA

La Hacienda

REVISTA mensal illustrada sobre agricultura creação de gado e industrias rurais. Editada em portuguez em Buffalo, N. Y., E. U. A., para o beneficio dos Snrs. Agricultores, Commerciantes, Banqueiros e outras pessoas amantes do progresso. Assignatura annual 12$000 moeda brazileira, ou 4$000 moeda portugueza. Para mais informações dirija-se a

LA HACIENDA COMPANY
Dept. N. BUFFALO, N. Y. E. U. A.

GAZETA DAS ALDEIAS

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE PROPAGANDA AGRÍCOLA E VULGARIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

FUNDADO em 1896

Premiado com **medalha de prata** na Exposição Industrial Portuguesa de 1897, **grande diploma de honra** na Exposição da Imprensa de 1898, **medalha de bronze** na Exposição Universal de 1900, **medalha de ouro** na Exposição Hortícola do Palácio de Cristal Portuense de 1900, **medalha de ouro** na Exposição Agrícola do Palácio de Cristal Portuense em 1903, **medalha de bronze** na Exposição Universal de S. Luís (Estados Unidos da América) em 1904 e **medalha de prata** na Exposição do Rio de Janeiro em 1908

DISTRIBUI-SE AO DOMINGO EM TODO O PAÍS

ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO
Rua do Sá da Bandeira, 257-1.º—Pôrto

PROPRIETÁRIO E DIRECTOR—JÚLIO GAMA

ARTE

Redacção e Administração
Rua de S. Lazaro, 310
PORTO

"A ARTE" é uma publicação mensal destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia, e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos differentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

PAGAMENTO ADEANTADO

Anno — Estrangeiro (pelo correio) . . .	1$700
Anno — Provincias (pelo correio) . . .	1$560
Anno — Porto	1$440
Avulso	120

O minimo praso d'assignatura é por um anno

A assignatura póde ser feita em qualquer epocha do anno, sendo desde logo enviados ao assignante todos os numeros que se tiverem publicado no anno em que fôr tomada a assignatura. Enviam-se specimens a quem os requisitar.

COLLECÇÕES (1904 a 1911) quasi esgotadas.

PREÇO DOS ANNUNCIOS

PAGINA	5$500	UM QUARTO DE PAGINA	1$500
MEIA PAGINA	2$500	UM OITAVO DE PAGINA.	1$000

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00455 3190